



Este livro está disponível gratuitamente em:  
<https://we.riseup.net/subta/jaulasvazias>



**tom**  
**REGAN**

**JAU**  
**vazi**

**AS**  
**as**

encarando  
o desafio  
dos direitos  
animais

*tradução*  
Regina Rheda

*revisão técnica*  
Sonia Felipe  
(UFSC)

Rita Paixão  
(UFF)

*Aos relutantes, em todos os lugares*

*O modo de tratar nossos semelhantes  
é só uma forma a mais que  
cada um de nós tem de escrever,  
dia a dia, o próprio epitáfio –  
trazendo ao mundo uma mensagem  
de luz e vida ou apenas mais escuridão  
e morte; aumentando sua alegria  
ou seu desespero.*

**Matthew Scully**

*Tome partido. A neutralidade ajuda o  
opressor, nunca a vítima. O silêncio  
encoraja o algoz, nunca o oprimido.*

**Elie Wiesel**

*Ninguém tem o direito de ficar  
sentado, sentindo-se impotente.  
Há muito trabalho a fazer.*

**Dorothy Day**



PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	
PREFÁCIO À EDIÇÃO AMERICANA <i>Jeffrey Moussaieff Masson</i>	III
PRÓLOGO O Gato	
<b>PARTE I</b>	
<b>Americanos de Norman Rockwell</b>	
1   DEFENSORES DOS DIREITOS ANIMAIS: AFINAL, QUEM SÃO VOCÊS?	11
2   COMO VOCÊS FICARAM ASSIM?	25
<b>PARTE II</b>	
<b>Direitos Morais: O que são e por que são importantes</b>	
3   DIREITOS HUMANOS	45
4   DIREITOS ANIMAIS	65
<b>PARTE III</b>	
<b>Dizendo e fazendo</b>	
5   O QUE APRENDEMOS COM ALICE	93
<b>PARTE IV</b>	
<b>As metamorfoses</b>	
6   TRANSFORMANDO ANIMAIS EM COMIDA	103
7   TRANSFORMANDO ANIMAIS EM ROUPAS	131
8   TRANSFORMANDO ANIMAIS EM ARTISTAS	155
9   TRANSFORMANDO ANIMAIS EM COMPETIDORES	175
10   TRANSFORMANDO ANIMAIS EM INSTRUMENTOS	199
<b>PARTE V</b>	
<b>Muitas mãos em muitos remos</b>	
11   "SIM..., MAS..."	227
<b>EPÍLOGO:</b>	
<b>O Gato</b>	
	249
AGRADECIMENTOS	253
SOBRE O AUTOR	257
ÍNDICE REMISSIVO	259



## Prefácio à edição brasileira

Além dos vários países do mundo, incluindo o Brasil e os Estados Unidos, delimitados geograficamente, existe uma nação diferente. Assim como a Cidade de Deus de Santo Agostinho, essa outra nação, a Nação dos Direitos Animais, não tem uma localização e um fuso horário específicos. Os valores e os compromissos em comum, e não a data e o local de nascimento, são as exigências para a cidadania.

Os valores são os seguintes: os animais têm direitos morais básicos, incluindo o direito à liberdade, à integridade física e à vida. E os compromissos? Que lutemos, não apenas por um mês ou um ano, mas sim pela vida toda, para garantirmos que um dia esses direitos sejam reconhecidos.

Com a publicação desta tradução de *Empty Cages*, estou honrado em conhecer os leitores brasileiros que já fazem parte da Nação dos Direitos Animais assim como aqueles para quem os direitos animais representam um conceito novo. Sou especialmente grato a Regina Rheda, pela tradução, e a Sônia Felipe e a Rita Paixão, pela cuidadosa revisão. Além delas, seria muito relapso de minha parte esquecer de mencionar Ricardo Lugano, já que sem sua visão e seu apoio esta edição não teria sido possível.

Assim como outros países, o Brasil oferece muito pouca proteção aos animais. Por incrível que pareça, a resposta esmagadora à superpopulação de "animais domésticos" é a matança, freqüentemente usando gases letais, dos encontrados nas ruas, sem dono. Cada vez mais, os animais de criação são mantidos em condições desumanas, onde não podem sequer se mover. Sem parar, os rodeios acontecem, alheios ao sofrimento e à privação aos quais os animais são submetidos. De maneira alarmante, os animais continuam a sofrer os piores tipos de abuso físico e psicológico, tudo em nome da "pesquisa científica".

Como as páginas seguintes revelam, o mesmo (e mais) acontece nos Estados Unidos. Quando Gandhi diz que "a grandiosidade de uma nação e o seu progresso moral podem ser medidos pela forma com que seus animais são tratados", o fato mais triste é saber que nenhuma nação pode exigir o título de "grandiosa".

Mas não deixemos de dizer – na verdade, devemos comemorar o progresso que os membros da Nação dos Direitos Animais vêm alcançado.

A proibição das brigas de galo (ainda permitida em alguns estados do meu país).

No Rio de Janeiro, o banimento dos circos e de outras apresentações em que animais sejam usados (algo ainda permitido em Raleigh, onde moro).

A eliminação das práticas de dissecação e vivissecação nas escolas públicas (práticas ainda comuns nos Estados Unidos).

O fim do "entretenimento" com mamíferos marinhos (algo ainda abundante em parques temáticos americanos, como o Sea World de San Diego).

O fim do uso da armadilha dentada (ainda a forma de aprisionamento escolhida pelos captores americanos).

Essas conquistas maravilhosas não teriam sido possíveis sem o esforço de pessoas que, vendo o mal, não permitiram que ele continuasse acontecendo. Pelo compromisso delas, alguns animais no Brasil e todos os brasileiros deveriam ser gratos.

E para o futuro, espero que chegue o dia (e que ele não esteja muito distante) em que minha esposa e eu possamos visitar o país de vocês, aprender sua história, explorar seus infindáveis tesouros naturais e respirar sua cultura. Mas, acima de tudo, espero poder ver a Nação dos Direitos Animais nascida no Brasil e ver vazias, em número sem precedente, as jaulas usadas antigamente para aprisionar animais.

**Tom Regan**

*Raleigh, janeiro de 2005.*

## Prefácio à edição americana

*Jeffrey Moussaieff Masson*

Este livro é, na minha opinião, a melhor introdução ao tópico *Direitos Animais* já escrita. Ninguém fez mais do que Tom Regan para articular o que significam – e deveriam significar – os direitos animais. Reconhecido mundialmente há décadas como o principal porta-voz do movimento pelos direitos animais, Tom Regan sempre teve uma visão radical, no sentido original da palavra: chegar à raiz. É isso que lhe possibilita condenar, em bases puramente morais, *todo e qualquer* experimento com animais, qualquer que seja o chamado "benefício" desses experimentos para os humanos – posição que eu endosso seriamente e que ouvi expressa com mais eloquência primeiro por Tom Regan.

A filosofia sobre animais de Tom Regan é original na própria essência. Não depende de nenhum sistema anterior. Não está vinculada às doutrinas do utilitarismo ou a qualquer outro ponto de vista tradicional. É o produto de uma rara combinação de razão e emoção. Isso é o que faz Tom ser tão admirado por pessoas que se importam com os animais; é também o que faz este livro tão revigorante. Destas páginas transbordam idéias profundas, expostas com clareza e simpli-



cidade. Apesar de escrito por um filósofo, você não precisa ser formado em Filosofia para entender e apreciar este formidável livro.

Tom atualiza o que talvez seja o dito mais famoso (merecidamente) do movimento pelos direitos animais, apresentado há muito tempo por Jeremy Bentham: "A questão não é 'Eles podem raciocinar?' nem 'Eles podem falar?', mas 'Eles podem sofrer?'" E acrescenta uma coisa igualmente importante, porém não reconhecida até então. A questão não é apenas "Os animais podem sofrer?", mas "Eles são sujeitos-de-uma-vida?" Esta é uma daquelas frases que ficam em nossas cabeças depois de muito tempo que a lemos. Conforme ela vai sendo absorvida, você vai notando que foi exposto a uma idéia nova, a um daqueles *insights* com potencial para mudar uma vida. Animais têm passado, uma história, uma biografia. Eles têm histórias. Minks e ursos, elefantes e golfinhos, porcos e galinhas, gatos e cães: cada qual é um ser único, e não algo descartável.

Pense nas várias implicações: animais têm mãe e pai, em geral têm irmãos; têm amigos, uma infância, juventude, maturidade. À semelhança dos humanos, eles passam por ciclos de vida (o psicanalista Erik Erikson construiu sua reputação descrevendo essas fases na vida dos humanos, mas elas têm igual importância na vida dos animais). Além disso, como afirmou Tom – e aqui vai outra daquelas esclarecedoras frases que nunca vão deixar você sossegado (por exemplo, mordendo-lhe a consciência) – a vida dos animais pode ser melhor ou pior para eles, importem-se ou não os outros com isso.

Adversários de Tom costumam dizer que não é possível sabermos o que deixa um animal feliz. Mas, essa afirmação é um absurdo, pois nada pode ser mais fácil de saber. Uma vaca quer viver, amamentar seu bezerro, ficar ao ar livre, num mundo natural com vento, sol e outras coisas naturais. Uma vaca é feliz quando faz o que vacas evoluíram para fazer: ter amigos, família – e uma vida. Não uma morte. É *isso* o que uma vaca quer fazer; *isso* é o que a deixa feliz. Quando você se pergunta qual a pior coisa que pode acontecer na vida de qualquer animal, conclui: uma morte prematura. Então a filosofia de Tom nos diz que precisamos fazer tudo que pudermos para garantir que nenhum animal morra, a menos que a morte seja natural ou necessária (inclusive por motivos de piedade, que é o caso da eutanásia).

Desembarace todas os complexos desdobramentos dessa simples afirmação de Tom, e descubra estar fazendo uma viagem intelectual a lugares que talvez nunca tenha pensado em visitar. Você poderá se deparar com implicações que talvez nunca tenha considerado, como aconteceu comigo logo depois de ler o livro do Tom. Ao fim de muita

pesquisa, minha família achou que a perua Volvo Cross-Country fosse o melhor carro em termos de segurança para as crianças (e nós temos duas crianças pequenas). Onde eu vivo (Nova Zelândia), o estofamento da perua só é feito em couro. Eu não estaria levando a sério os *insights* de Tom Regan se apoiasse a matança de uma dúzia de vacas por causa do meu carro, certo? De jeito nenhum. Fora de cogitação, para mim.

Agora pense um pouco em ovos. Como são tratadas as galinhas que produzem ovos? Quanto crédito eu poderia dar às afirmações daqueles que lucram com a venda de ovos? E de quem são esses ovos, aliás? Se eu levasse as idéias de Tom a sério, mas continuasse a comprar ovos, será que não estaria incentivando práticas em que se mata, rotineiramente, os animais que não botam ovos com a frequência exigida? Para começo de conversa, eu nem preciso de ovos! Como é que alguém pode justificar o ato de aterrorizar e matar animais inocentes? Se galinhas são "sujeitos-de-uma-vida", minha decisão não estaria mostrando respeito por elas. Se a vida delas vai bem ou mal, minha decisão colaboraria para seu bem-estar ou o atrapalharia? Chega de ovos!

Não tenho certeza, mas creio que Tom tenha sido o primeiro a me fazer perceber que tirar a vida de um animal, qualquer um, é uma coisa importante, um momento muito significativo que não deve ser visto com leviandade. Não devemos nos esconder atrás das palavras, nem usar termos obscuros e imprecisos, na tentativa de disfarçar o que fazemos. Agora mesmo, enquanto escrevo, americanos se ocupam exatamente disso, de matar pessoas enquanto falam sobre choque, pavor e recursos militares. Neste livro, Tom explica que devemos usar palavras que todos compreendam e no modo como elas sempre foram usadas e compreendidas. Ele não vai admitir o tipo de enganação que acabo de indicar, especialmente quando praticado por gente que abusa de animais e se esconde atrás da retórica do "tratamento humanitário" e "manejo responsável". Tom nos chama constantemente de volta aos nossos melhores instintos.

Estou convencido de que os animais, todos eles, sentem amor, de uma maneira parecida com a dos humanos. Sei que Tom concorda comigo. E aqui está o livro dele, escrito com amor, pedindo que façamos só uma coisa, mas uma coisa radical: que vivamos de modo a mostrar respeito pelos animais mesmo quando nos esforçamos para viver de modo a mostrar respeito uns pelos outros. Leia este livro e veja se não vai acabar convencido de que esta é a grande esperança para nosso planeta nesse perigoso momento da sua existência.



prólogo

## O GATO

Alguns anos atrás, a rede Home Box Office levou ao ar um programa chamado "Amar ou Matar: Homem X Animais". Fascinante e perturbador ao mesmo tempo, era sobre como diferentes culturas tratam os mesmos animais de diferentes maneiras. Um segmento de dar arrepios mostrou aos telespectadores um jantar num restaurante de uma pequena aldeia chinesa. Vocês sabem que, em alguns restaurantes americanos, o cliente pode escolher uma

lagosta viva ou um peixe vivo de um aquário? E que então o animal é morto e o *chef* prepara o prato pedido? Nesse restaurante chinês acontecia a mesma coisa, só que o cardápio era diferente. Nesse restaurante, os clientes escolhiam gatos e cães vivos.

O vídeo não tem pressa. Primeiro vemos os clientes famintos inspecionando os gatos e os cães, espremidos uns contra os outros em pequenas jaulas de madeira; vemos os clientes conversando, sérios; então, os vemos fazer a escolha; finalmente, vemos um homem (o cozinheiro, eu presumo) arrancando da jaula, com uma pinça comprida de metal, um gato branquinho e felpudo, e correndo para a cozinha. O que vem em seguida não é nada agradável de se ler, portanto sinta-se à vontade para pular o próximo parágrafo.

Enquanto o gato grita e tenta escapar, o cozinheiro lhe acerta algumas pancadas com uma barra de ferro. O gato grita e se debate mais ainda. De repente, é enfiado numa banheira de água escaldante por mais ou menos 10 segundos. Quando é tirado dali, ainda vivo, o cozinheiro lhe arranca a pele da cabeça até o rabo, num puxão rápido. Traumatizado, o animal é jogado num grande tanque de pedra onde (quando a câmera dá um *close*) nós o vemos se afogar aos poucos, respirando com mais e mais dificuldade, os olhos vítreos, até que, num último suspiro, ele afunda. O episódio inteiro, da escolha até o suspiro final, dura muitos minutos. Quando o jantar é servido, os clientes comem com gosto, agradecendo e elogiando o cozinheiro.

Nunca fiquei tão chocado em toda minha vida. Fiquei literalmente sem fala. Como muitos americanos, eu já sabia que algumas pessoas na China, Coréia e outros países comem gatos e cães. O vídeo não me contou nenhum fato novo sobre costumes alimentares. O que foi novo para mim, o que me deixou encolhido na minha cadeira, foi *ver* como a coisa é feita, *ver* o processo. Assistir ao terrível choque e sofrimento do gato foi arrasador. Senti um misto de ódio e descrença fermentar no peito. Eu queria gritar "Parem com isso! O que vocês estão fazendo? Parem!".

Mas o pior, pelo menos para mim, foi o comportamento das pessoas. Elas achavam tudo tão normal, tão corriqueiro. Os clientes do restaurante diziam: "A gente vai comer este gato no jantar" como nós dizemos: "Vou comer este pãozinho com café". E o cozinheiro? O cozinheiro não estava nem aí para o tormento do gato. O pobre animal podia ser um pedaço de madeira que dava na mesma. Eu nunca tinha visto gente se sentir tão confortável e indiferente com relação ao sofrimento e à morte de um animal. Não creio que muitos americanos conseguiriam ver essa cena sem pensarem, como eu pensei: "O que é que está acontecendo com este mundo?".

### **variações**

Nos anos seguintes àquele em que vi "Amar ou Matar" pela primeira vez, imaginei muitas variações do episódio que acabei de descrever. Primeira variação: tudo é como no vídeo original, só que gatos e cães estão, agora, em jaulas grandes, em vez de espremidos uns contra os outros. Eu me pergunto: "Aumentar o tamanho das jaulas faria alguma diferença no meu modo de pensar? Será que eu diria 'Bom, já que o gato está numa jaula maior, não tenho mais nada contra o que aconteceu com ele?'" Minha resposta é sempre a mesma. Eu continuaria sendo contra o que aconteceu.

Segunda variação: além de ficar numa jaula maior, o cozinheiro o pega com delicadeza e acaba com sua vida injetando-lhe pentobarbital sódico, que o faz, aparentemente, morrer em paz. Exceto por essas mudanças, tudo no vídeo continua igual. Eu me faço o mesmo tipo de pergunta: "Essas mudanças fariam uma diferença no meu modo de pensar? Será que eu diria: 'Bom, já que o gato ficou numa jaula maior, foi tratado com delicadeza e morreu em paz, não tenho mais nada contra o que aconteceu com ele?'" Minha resposta é sempre a mesma. Eu ainda seria contra o que aconteceu.

Quer dizer que eu penso que essas variações imaginárias são tão ruins quanto a situação original? Não. Jaulas maiores são melhores do que jaulas menores. Tratamento humanitário é melhor do que tratamento violento. Mas quando aquele gato branquinho e felpudo é morto e sua pele é arrancada para o jantar, mesmo que ele tenha ficado numa jaula maior e tenha sido morto sem sofrimento desnecessário, eu continuo querendo gritar (ou ao menos implorar): "Parem com isso! O que vocês estão fazendo? Parem!" Não posso deixar de pensar que a grande maioria das pessoas no mundo todo, inclusive muitos chineses e coreanos, concordariam comigo.

## **defensores dos direitos animais**

Pelas razões que explico na parte I, pessoas como eu – pessoas que acreditam em direitos animais – sentem, em relação a águias e elefantes e porcos e toninhas, a mesma coisa que a maioria sente em relação a gatos e cães. Não me entenda mal. Nós, defensores dos direitos animais (DDAs ou ativistas), não queremos porcos dormindo nas nossas camas nem elefantes guiando nossos carros. Não queremos fazer desses animais nossos "bichos de estimação". O que nós queremos é mais simples: só queremos que as pessoas parem de fazer coisas terríveis com eles.

Por que os DDAs pensam assim? O que explica nossas crenças e valores? Não dá para falar em nome de todos, com uma única resposta. Os ativistas fazem caminhos diferentes para chegar ao mesmo destino. Para as pessoas que não são ativistas, é importante aprender algo sobre nós: isso aumenta a chance de termos discussões educadas. Por isso, vou contar um pouco sobre a minha jornada e as jornadas de outros.

Meu trajeto teve uma guinada curiosa. Uma das razões pelas quais me tornei um DDA é que estudei Filosofia. Meus professores me ensinaram a valorizar, nas outras pessoas, o pensamento equilibrado, lógico, claro e rigoroso. Também me desafiaram (e como!) a elevar meu próprio pensamento a esse padrão superior. Numa discreta home-

nagem a eles, é isso o que eu tenho tentado fazer nos meus escritos filosóficos, por mais de 30 anos.

Sei que existe um estereótipo dos defensores dos direitos animais que nos pinta como desequilibrados emocionais abraçando coelhinhos e incapazes de identificar um argumento lógico, se nos depararmos com um. Vou tratar da origem deste e de outros mitos sobre os ativistas dos direitos animais no capítulo 1. Aqui, basta expressar minha esperança de que a leitura da minha jornada vá na direção de contribuir, de alguma forma, para o desaparecimento desse estereótipo em particular. Há uma filosofia lógica e rigorosa que sustenta aquilo em que os ativistas acreditam, e que trata com respeito as pessoas com as quais discordamos. Na parte II, faço o máximo que consigo para explicar essa filosofia do modo mais simples e claro possível. Para os que procuram saber mais, via filosofia abstrata, um bom começo é o volume que complementa o presente trabalho, *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy*, no qual defendo os direitos animais ao examinar criticamente teorias morais concorrentes.

Explicar essa filosofia também dá a oportunidade para tratar de outro mito sobre os defensores dos direitos animais: que somos misantrópicos. Podemos amar os animais, mas meu pai do céu, como detestamos seres humanos. Minha jornada em direção aos direitos animais ilustra o quanto isso está longe da verdade. Eu nunca teria me tornado um defensor dos direitos animais se não tivesse sido, primeiro, um defensor dos direitos humanos, especialmente daqueles humanos sem poder ou entendimento para fazer valer seus próprios direitos (as pessoas muito jovens ou muito velhas, por exemplo). Os defensores dos direitos animais não odeiam a humanidade. Como poderíamos? Qualquer sucesso que alcancemos em dias e anos futuros requer a cooperação dos outros seres humanos com os quais compartilhamos nosso frágil planeta. Na luta pelos direitos animais, todos os humanos são potenciais aliados cuja dignidade e direitos os DDAs afirmam sem reservas.

### **mais variações**

Anteriormente eu descrevi duas variações do episódio do gato. Eis mais uma. Terceira variação: o que acontece é igual ao mostrado pelo vídeo, só que agora eu enfrento o cozinheiro e o acuso de crueldade. Ele fica chocado por eu pensar uma coisa dessas a seu respeito. Insiste que trata seus gatos e cães "humanitariamente", com o "devido respeito pelo seu bem-estar". Eu digo: "Você não está falando a sério!", e ele responde: "Estou sim!".

Como deveríamos receber uma divergência como essa? Deveria-

mos dizer que o cozinheiro trata o gato branco e felpudo humanitariamente só porque ele afirma isso? Que ele age com o devido respeito ao bem-estar do gato porque isso é o que ele diz? Acho que não. O que é humanitário não está no olho de quem vê. O cozinheiro age de forma desumana. Trata-se de um fato objetivo, não de uma projeção subjetiva sobre o mundo.

Para ser mais claro, peço que considere o seguinte panorama. Quarta variação: tudo é igual ao vídeo original, com a exceção de que é o *seu* gato que o cozinheiro leva para a cozinha. Nem por um instante você diria: "Sim, claro que o cozinheiro tratou meu gato humanitariamente; afinal de contas, foi isso que ele disse ter feito". Em momento algum você sequer *sonharia* dizer uma coisa dessas. Então, um tratamento desumano não se torna humanitário só porque algum *outro* gato o está recebendo. Se o cozinheiro nos disser que trata os gatos de forma humanitária, estaremos certíssimos ao afirmar: "Não, você não faz isso!".

A razão pela qual incluí esta quarta variação tem pouco a ver com o que um cozinheiro na China poderia dizer, e muito a ver com as palavras usadas pelos representantes das grandes indústrias de exploração animal. (Examino a retórica deles na parte III.) Como o cozinheiro chinês na terceira variação, os representantes da indústria da carne e da corrida de galgos, por exemplo, *dizem* que suas indústrias tratam animais de forma humanitária. Como o chinês, dizem que *sempre* mostram o devido respeito pelo bem-estar dos animais. Entretanto, depois que nós confirmarmos (na parte IV) que essas indústrias tratam os animais tão mal quanto – senão pior ainda do que – o cozinheiro chinês tratou o gato, vai ficar bem difícil continuar acreditando nos porta-vozes dessas indústrias.

Tenho certeza que algumas pessoas vão duvidar da veracidade do que acabo de dizer. Claro que essas indústrias não tratam os animais tão mal quanto (que dirá "pior ainda" do que) o cozinheiro chinês! Claro que devo estar exagerando! Ah, quem dera isso fosse verdade... Conforme veremos, levando em conta o modo como os animais são tratados pelas grandes indústrias de exploração animal, mesmo com todas as afirmações em contrário, tanto dessas indústrias quanto do governo, aquele gato branquinho e felpudo foi um animal de sorte.

## **limitações**

Minha discussão na parte IV limita-se, em grande parte, à cena americana. Por mais que eu tenha desejado ser capaz de incluir discussões sobre como as grandes indústrias de exploração animal operam no mundo inteiro, as limitações de espaço e do

meu conhecimento vieram de encontro às minhas intenções. Mas, em geral, não acho que o modo de essas indústrias tocarem seus negócios em outros países seja muito diferente do modo como o fazem nos Estados Unidos. É verdade que, às vezes, alguns animais, em alguns lugares, podem receber um tratamento melhor, assim como às vezes, em alguns lugares, alguns animais podem receber um tratamento pior. Ainda assim, como regra geral, eu não acho que existam grandes e sistemáticas diferenças de uma nação para outra. Se isto é verdade ou não, os leitores poderão decidir consultando os recursos internacionais relevantes do *website* [www.tomregan-animalrights.com](http://www.tomregan-animalrights.com), que apresenta grande variedade de fontes pertinentes ao tópico discutido neste livro em particular, e aos direitos animais em geral.

Uma segunda limitação tem de ser lembrada aqui. Os seres humanos exploram tantos tipos diferentes de animais, de tantas maneiras diferentes, que é impossível abordar todas as formas de abuso. A briga de cães organizada. A indústria de exploração da baleia. A situação precária dos cavalos selvagens americanos. A preservação do peixe-boi. O anacronismo dos "modernos" zoológicos. As barbaridades das exposições de animais montadas à beira de estradas. O tráfico e o extermínio de animais selvagens africanos. As touradas. Os muitos tormentos suportados pelos animais em nome de práticas e festas religiosas. Não é difícil fazer uma longa lista de omissões.

Em vez de tentar abranger muitas práticas superficialmente, vou descrever umas poucas mais profundamente. Os leitores em busca de mais informações, tanto sobre os problemas abordados nestas páginas quanto sobre os não abordados, poderão encontrá-las no *website* mencionado anteriormente. Outros recursos do *site* incluem fotografias e vídeos mostrando a beleza e a dignidade, a graça e o mistério de outros animais. Outros recursos, ainda (os duros de se ver), apresentam a realidade do tratamento dispensado aos animais nas grandes indústrias de exploração animal. Aviso desde já (você pode escolher ver ou não): essas imagens não tentam disfarçar nem minimizar a trágica realidade. Bilhões de animais vivem suas vidas num sofrimento abjeto, para morrer nas garras insensíveis da crueldade humana. São verdades dolorosas, porém verdades. Um desafio enfrentado pelos DDAs é tornar visível o invisível. De outro modo, as pessoas nunca entenderão completamente a história da carne em seus pratos ou da lã sobre seus corpos, por exemplo. Nesse sentido, as fotografias e os vídeos "duros de se ver" têm um propósito educativo essencial.

## **uma variação final**

Voltamos ao gato uma última vez, no epílogo, onde descrevo uma quinta e última variação.

Antes disso, na parte V, exploro diversos modos com que alguns ativistas afastam as pessoas, em vez de atraí-las, e tento colocar esse impedimento em perspectiva. O futuro para os animais será desanimador se houver poucas pessoas querendo fazer das metas dos direitos animais uma realidade. Como outros defensores da justiça social, nós também cometemos nossa quota de erros. Minha esperança é que as pessoas não deixem que a certeza exagerada da própria virtude, o mau gosto, ou a violência de uma meia dúzia de ativistas as impeçam de se tornarem, elas mesmas, defensoras dos direitos animais.

### **NOTA**

*To Love or Kill: Man vs. Animals*, dirigido por Anthony Thomas, HBO Original Programming/America Undercover Series, 1996.



**Americanos de  
Norman Rockwell**

PARTE I



## capítulo 1

# DEFENSORES DOS DIREITOS ANIMAIS: AFINAL, QUEM SÃO VOCÊS?

Os animais têm direitos? Diversas pessoas dão diversas respostas. Às vezes as respostas são diferentes por causa de uma discordância a respeito dos fatos. Por exemplo: algumas pessoas acreditam que gatos e cães, galinhas e porcos não sentem nada; outras acreditam que sentem. Às vezes, diferentes respostas são dadas por causa de uma discordância a respeito de valores. Por exemplo: algumas pessoas acreditam que

os animais não têm valor nenhum, a não ser enquanto interesse dos humanos; outras acreditam no oposto. Divergências dos dois tipos são certamente importantes e serão exploradas adiante. Mas, mesmo sendo importantes, elas não tocam numa fonte mais básica de divisão de opiniões, que está relacionada exatamente à idéia dos direitos animais.

Algumas pessoas acham essa idéia a mesma coisa que "ser bondoso com os animais". Já que devemos ser bons com os animais, a inferência é óbvia: os animais têm direitos. Ou então elas pensam que direitos animais significam "evitar crueldades". Já que não devemos ser cruéis com os animais, a mesma conclusão procede: os animais têm direitos. Diante desses dois modos de entender os direitos animais, fica difícil explicar por que são tão polêmicos, com seus defensores de

um lado, e opositores, de outro.

Essa controvérsia inflamada, muitas vezes ácida, que incita defensores contra opositores, nos informa que esses modos familiares de pensar (devemos ser bons com os animais; não devemos ser cruéis com eles) não conseguem captar o verdadeiro significado dos direitos animais. Acontece que o verdadeiro significado é, como veremos, ao mesmo tempo simples e profundo.

Direitos animais é uma idéia simples porque, no nível mais básico, significa apenas que os animais têm o direito de serem tratados com respeito. E é uma idéia profunda porque suas implicações têm amplas conseqüências. Quão amplas? Eis alguns exemplos de como o mundo vai ter de mudar, uma vez que aprendamos a tratar os animais com respeito.

Vamos ter de parar de criá-los por causa de sua carne.  
 Vamos ter de parar de matá-los por causa de sua pele.  
 Vamos ter de parar de treiná-los para que nos divirtam.  
 Vamos ter de parar de usá-los em pesquisas científicas.

Cada exemplo ilustra a mesma lógica moral. Quando se trata de como os humanos exploram os animais, o reconhecimento de seus direitos requer abolição, não reforma. Ser bondoso com os animais não é suficiente. Evitar a crueldade não é suficiente. Independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas.

### **a inverdade dos rótulos**

Os opositores acham que direitos animais é uma idéia radical ou extrema, e não raramente rotulam os defensores dos direitos animais de "extremistas". É importante entender de que forma esse rótulo é usado como instrumento retórico para evitar a discussão informada e justa; do contrário, aumentam as chances de não termos uma discussão com esses atributos.

"Extremistas" e "extremismo" são palavras ambíguas. Em um sentido, extremistas são pessoas que fazem qualquer coisa para atingir seus objetivos. Os terroristas que destruíram as torres gêmeas do World Trade Center eram extremistas nesse sentido; estavam determinados a fazer de tudo para conquistarem seus fins, mesmo que isso significasse matar milhares de seres humanos inocentes.

Os defensores dos direitos animais (DDAs ou ativistas) não são extremistas nesse sentido. Vou repetir: os DDAs não são extremistas nesse sentido. Mesmo os mais combativos defensores dos direitos animais (os membros da Frente de Libertação Animal, digamos) acreditam que haja limites morais absolutos para o que pode ser feito em nome da libertação animal: certos atos nunca devem ser cometidos, de tão ruins que são. Por exemplo, a Frente se opõe a ferir ou matar seres humanos.

Em outro sentido, a palavra *extremista* se refere à natureza incondicional daquilo em que as pessoas acreditam. Neste sentido, os defensores dos direitos animais são extremistas. De novo, deixe-me repetir: os DDAs realmente são extremistas, neste sentido. Eles realmente acreditam que é errado treinar animais selvagens a representar atos para o entretenimento humano, por exemplo. Mas, *neste* sentido, *todo mundo* é extremista. Por quê? Porque há algumas coisas às quais todos nós (espero) nos opomos sem restrições.

Por exemplo, todos que estão lendo estas palavras são extremistas, quando se trata de estupro; somos contra o estupro o tempo todo. Cada um de nós é um extremista quando se trata de abuso infantil; somos contra o abuso infantil o tempo todo. De fato, todos nós somos extremistas quando se trata de crueldade com os animais; nunca somos a favor disso.

A verdade pura e simples é que pontos de vista extremos são, às vezes, pontos de vista corretos. Assim, o fato de nós sermos extremistas, no sentido de termos crenças incondicionais a respeito do que seja certo ou errado, não oferece, por si só, razão para se pensar que estejamos errados. Então a questão a ser examinada não é: "Os DDAs são extremistas?" A questão é: "Eles estão certos?" Como veremos, esta pergunta quase nunca é feita, e, menos ainda, respondida adequadamente. Uma conspiração entre a mídia e alguns fortes interesses se encarrega disso.

## **a mídia**

Uma barreira contra a discussão justa sobre os direitos animais é a mídia. Como ocorre com tanta frequência, hoje em dia, nossa percepção do "mundo real" é baseada no que vemos na televisão ou lemos nos jornais. Isso já deveria acionar um alarme logo de cara. Talvez Paul Watson exagere ao afirmar que "a mídia só se preocupa com quatro elementos: sexo, escândalo, violência e celebridades, e se você não tiver um desses elementos em sua matéria, então não tem uma matéria". Mesmo assim, há muita verdade no que

Watson diz. Aterrissagens perfeitas? Difícil conseguir uma cobertura disso. A mídia adora um desastre de avião. Adicione um pouco de sexo, escândalo e duas ou três celebridades, misture tudo e pronto, você já é candidato à primeira página. Se duvidar do que digo, assista às notícias de hoje ou leia os jornais amanhã.

Como a mídia procura o que é sensacional, pode-se contar com ela para cobrir direitos animais quando alguma coisa bizarra ou forada-lei acontece. Membros da Frente de Libertação Animal (ALF, na sigla em inglês) explodem uma bomba num laboratório. Um ativista contra o uso de peles atira uma torta na cara de Calvin Klein. Este é o tipo de matéria que a gente costuma ver ou ler. E quanto ao protesto pacífico de ontem, do lado de fora de uma loja de peles, ou à palestra sobre direitos animais na faculdade de Direito na noite passada? Isso raramente é noticiado. Notícias sobre direitos animais que não sejam sensacionalistas não "sangram" suficientemente para o gosto da mídia. Não admira que o público em geral veja os defensores dos direitos animais como um mero bando de palhaços e de desajustados sociais. Quase sempre, essa é a única mensagem que passa pelos filtros da mídia.

## **a política de interesses específicos**

O fato de o público em geral tender a fazer uma imagem negativa dos ativistas dos direitos animais não resulta apenas do apetite da mídia pelo sensacionalismo; deve-se também ao material de que a mídia se alimenta, fornecido pelas relações públicas das grandes indústrias de exploração animal. Por "grandes indústrias de exploração animal" entenda-se: a indústria da carne, a indústria da pele, a indústria de animais para entretenimento e a indústria de pesquisa biomédica, por exemplo. As pessoas que trabalham nessas indústrias falam com uma só voz, contam a mesma história e usam até as mesmas palavras para denegrir seu inimigo comum: os extremistas dos direitos animais.

A origem do capítulo mais recente dessa história, aqui nos Estados Unidos, não é difícil de encontrar. Foi a publicação, em 1989, de um relatório da Associação Médica Americana (AMA) chamado "O Uso de Animais na Pesquisa Biomédica: O Desafio e a Resposta". Entre as recomendações da AMA: pessoas que acreditam em direitos animais "precisam ser mostradas não só como anticientíficas, mas também como (a) responsáveis por atos violentos e ilegais que colocam em perigo a vida e a propriedade, e (b) uma ameaça à liberdade de escolha do povo".

Os DDAs têm de ser vistos como "radicais", "militantes" e "terroristas" que se "opõem ao bem-estar humano". Em contraste, pessoas sãs, sensatas e decentes devem ser mostradas como favoráveis ao bem-estar animal, entendido como o uso humanitário e responsável de animais por humanos e para humanos.

A estratégia da AMA era simples e inspirada. Se a percepção pública do uso de animais em pesquisas pudesse ser estruturada como uma disputa entre, de um lado, ignorantes extremistas, defensores dos direitos animais, que odeiam humanos e têm um apetite insaciável pela violência, e, do outro lado, inteligentes e moderados cidadãos que são verdadeiros amigos da humanidade e favoráveis ao bem-estar dos animais, então os DDAs seriam repudiados e a ideologia do uso humanitário e responsável haveria de prevalecer.

Desde 1989, uma enxurrada de *press releases*, memorandos, e-mails, entrevistas coletivas à imprensa e *websites* condenando os extremistas dos direitos animais e elogiando os sensatos adeptos do bem-estar animal tem jorrado, direto da AMA e de outros escritórios de relações públicas da indústria de pesquisa biomédica, para as mãos de repórteres, diretores de reportagens e editores. Como isso funciona? Eis um exemplo.

A Fundação de Pesquisa Biomédica (FBR, na sigla em inglês) se descreve como "a maior e mais antiga organização nacional dedicada a melhorar a saúde humana e animal, promovendo o conhecimento público do – e o apoio público ao – uso responsável e humanitário de animais na pesquisa médica e científica". O *website* da Fundação inclui uma página intitulada "Material para jornalistas", que apresenta três *links*. Um é "A opinião do especialista", descrito assim: "A FBR trabalha para que cientistas e jornalistas se associem no sentido de inspirar excepcionais, notáveis e contínuas coberturas jornalísticas que contribuam para que o público entenda e aprecie o uso humanitário e responsável de animais na pesquisa médica e científica. Quando você precisar citar um especialista da comunidade pesquisadora americana, entre em contato conosco primeiro".

"Inspirar excepcionais, notáveis... coberturas jornalísticas". Isso é positivo e atraente. Quem poderia ser contra?

Um segundo *link* é "Dicas jornalísticas da FBR", descrito como "um folheto mensal de dicas para jornalistas que promove idéias para matérias visando aumentar o conhecimento e o respeito do público em relação ao uso humanitário e responsável de animais na pesquisa médica. Fornece um sumário das últimas descobertas médicas, assim como informações de contatos confiáveis. Em todos os casos, a pesquisa

descrita demonstra a necessidade essencial do uso de animais em pesquisas médicas".

"Uso humanitário e responsável de animais na pesquisa médica" que é "essencial". Difícil ser contra isso também.

E o terceiro *link*? É o "Ativismo animal", em que a FBR apresenta "um registro de todas as atividades criminosas cometidas em nome dos 'direitos animais' desde 1981".

Vamos ver, então. "Ativismo animal" é igual a "atividades criminosas cometidas em nome dos 'direitos animais'", que é igual a "atos ilegais e violentos". Se é *isso* que os "direitos animais" envolvem, quem neste mundo (exceto aqueles que apóiam atos criminosos, ilegais e violentos) poderia ser a favor?

Ai temos a situação básica: moderados favoráveis ao bem-estar dos animais X extremistas defensores dos direitos animais. Sábios cientistas que tratam os animais humanitariamente X ignorantes, superemotivos DDAs inclinados à destruição. Esta é a mensagem com que grupos de interesses especiais como a FBR alimentam a mídia. Funciona? Será que a mídia faz coberturas tendenciosas por causa de esforços como os da FBR? Antes de responder, vamos imaginar um pouco. Temos aqui um enérgico repórter, com seus quarenta e poucos anos, com a sorte de ter um emprego fixo; seu salário, junto com o da esposa, está bem longe de cobrir todas as suas despesas, agora que seus dois filhos estão matriculados em faculdades de prestígio. Seu campo inclui pesquisa biomédica. Todo mês ele recebe os folhetos com as dicas da FBR. Todo dia ele recebe a mais recente leva de citações autorizadas de "experts" que apóiam pesquisas usando animais. E em momentos oportunos, ele recebe uma lista atualizada das "atividades criminosas cometidas em nome dos 'direitos animais'".

Então nos perguntamos: quais são as chances de esse repórter fazer uma matéria justa e imparcial sobre "a última descoberta científica usando animais"? Não estariam essas chances um pouquinho mais direcionadas para uma direção do que para outra? Será que deveríamos mencionar que entre os maiores anunciantes do jornal estão grandes indústrias que usam animais, incluindo interesses economicamente fortes (as grandes companhias farmacêuticas, por exemplo) representados pela FBR? Ou que os fundos de pensão do repórter investem pesadamente nessas mesmas indústrias, assim como os de quem publica o jornal e os do pessoal da editoria? Considerando a coisa com objetividade: será que podemos realmente pensar que as chances de uma matéria imparcial sobre "a última descoberta médica usando animais" são de 50%?

Pode haver quem responda que sim, mas minha experiência me diz que é uma minoria. A maioria das pessoas, ao entender como as cartas estão arrançadas, entende também porque as notícias são dadas como são. Lembram do velho ditado, quem paga a orquestra escolhe a música, cuja verdade não mudou mesmo depois que os músicos deixaram de ser ambulantes? O fato é que muita gente tem uma imagem negativa dos direitos animais porque grande parte da mídia mostra os defensores dos direitos animais sob uma luz desfavorável. E grande parte da mídia apresenta os DDAs dessa maneira porque a mídia é incansavelmente alimentada com uma imagem negativa pelos porta-vozes das grandes, financeiramente poderosas e influentes indústrias de exploração animal. Isso não é tão surpreendente quando nos detemos para pensar no assunto.

### **todos a bordo!**

Com um grupo de tanto prestígio como a Associação Médica Americana (AMA) alçando as velas, não demorou muito para que outras grandes indústrias de exploração animal entrassem no barco. A indústria da carne. A indústria de entretenimento. Caçadores "por esporte" e entusiastas de rodeios. É a mesma história em todo lugar. Moderados favoráveis ao bem-estar animal X extremistas defensores dos direitos animais. Cidadãos cumpridores da lei X terroristas fora-da-lei. Como exemplo, considere a discussão a seguir, sobre bem-estar animal e direitos animais, da Fur Information Council of America (FICA).\* Primeiro, temos uma descrição da posição sã e sensata daqueles a favor do bem-estar animal:

*Os animais enriquecem nossas vidas de várias formas. Eles nos fornecem comida, roupas e companhia. Os animais usados em pesquisas médicas possibilitaram avanços importantes na medicina, que salvaram milhões de vidas. Hoje, a maioria das pessoas reconhece que o uso de animais em circunstâncias humanitárias é importante.*

*Organizações que defendem o bem-estar animal também apóiam o uso criterioso de animais em condições humanitárias. A ética do bem-estar animal foi promovida no século passado por muitos grupos, inclusive a indústria de peles. Trabalhando com o governo e a comunidade veterinária, indústrias que envolvem o uso de animais adotaram altos padrões de tratamento. Por exemplo, hoje há regras rigorosas comandando a criação de animais em granjas; foram implementadas diretrizes para o manejo de*

(\* ) Organização sem fins lucrativos que assessora e fomenta a indústria e o comércio de pele, grupos favoráveis ao uso de pele e grupos lobistas em Washington. [nota de edição]

*animais usados em pesquisas médicas;  
e a indústria de peles também adotou padrões humanitários  
para o tratamento dispensado a seus animais.*

Em seguida, temos uma descrição dos extremistas "fora da realidade", que são a favor dos direitos animais:

*Nos últimos anos, entretanto, emergiu um movimento extremista chamado "direitos animais". A filosofia básica desses grupos dita que os seres humanos não têm o direito de usar animais para absolutamente nada. Esses grupos se opõem ao uso de animais para comida, vestimentas, pesquisa médica, e em zoológicos e circos...*

*A maioria dos americanos apóia grupos defensores do bem-estar animal, mas NÃO apóia [nenhum] desses grupos defensores dos direitos animais fora da realidade e obcecados por publicidade... Grupos defensores do bem-estar animal apóiam o tratamento humanitário e o manejo responsável de animais, enquanto a filosofia dos direitos animais não só condena o uso de animais para toda e qualquer finalidade, como também é conhecida pelas suas táticas cada vez mais terroristas. A idéia fixa de praxe do movimento dos direitos animais é "acredite no que eu acredito, ou então..."*

Aqui, conforme o espírito do relatório da AMA, o debate sobre peles está estruturado como uma disputa entre moderados, que defendem o bem-estar animal, apoiando o "tratamento humanitário e o manejo responsável dos animais" e extremistas, defensores dos direitos animais, que, como os criminosos que explodiram as torres gêmeas do World Trade Center, recorrem a "táticas terroristas".

Mas (você bem pode perguntar), isso é verdade com relação a todos os defensores dos direitos animais? Somos todos a favor do terrorismo e da intimidação? É o que a FICA está dizendo. Esta organização toma a liberdade de nos revelar qual é a "idéia fixa de praxe do movimento dos direitos animais", e não o que uma meia dúzia de ativistas pensa. A *idéia fixa do movimento* é "Acredite no que eu acredito, ou então...", em que o "ou então" traz em si a ameaça de uma ou outra "tática terrorista". Os DDAs devem ser mesmo pessoas horríveis.

## **"eles nunca fariam uma coisa dessas, fariam?"**

Tendo adotado a estratégia de agir por antecipação, em que um dos pilares é a descrição dos defensores dos direitos animais como terroristas foras-da-lei, as grandes indústrias de exploração animal têm então à sua frente um desafio assustador. Para que sua estratégia funcione, *precisa haver* atividades ilegais e terroristas atribuídas aos ativistas. E não só uma ou outra. Tem de haver muitas. Não demorou muito para que forças anti-DDAs decidissem que iriam precisar fazer, elas mesmas, um pouquinho de terrorismo *freelance*.

Considere a seguinte possibilidade. Que tal contratar alguém para se infiltrar no movimento dos direitos animais, um agente provocador com um objetivo principal: encontrar uma pessoa maleável no movimento que possa ser "encorajada" (por assim dizer) a tentar fazer algo que realmente difame os ativistas! Tipo... talvez essa pessoa possa ser "encorajada" a assassinar alguém. E não um alguém qualquer. Não, esse "alguém" tem de ser um líder da comunidade, alguém que (estranha coincidência!) seja simplesmente um líder em uma grande indústria de exploração animal; alguém que, aliás, tenha ficado famoso pela franqueza das suas críticas. Um atentado contra sua vida seria perfeito. Mostraria ao público que os ativistas realmente são extremistas que não se deixam deter por nada, na ânsia de atingirem seus objetivos. Não é difícil visualizar a manchete: "Terrorista dos Direitos Animais Tenta Assassinar Líder da Comunidade".

Alguns probleminhas teriam de ser resolvidos. Leva tempo para encontrar a pessoa certa para o serviço. É preciso dinheiro para pagar todos os envolvidos. Quem é que vai entrar com a grana necessária? Bem, suponha que o próprio líder possa pagar pelo atentado à sua vida. Suponha que o próprio líder (tamanho é sua influência) possa fazer uma armação para que a polícia esteja no local e prenda o bandido com a mão na massa. "Não", você diria, "isto é fantasioso demais, conspiratório demais. Acho que ninguém na grande indústria de exploração animal faria uma coisa dessas". Pense bem.

Leon Hirsch, antigo presidente da corporação US Surgical, com sede em Norwalk, Connecticut, representou o papel de líder da comunidade. A companhia fabrica grampos que, em muitas cirurgias, são usados em lugar das suturas comuns. Durante a gestão de Hirsch, no treinamento dos médicos, cães eram submetidos a vivisseção e depois mortos. No final da década de 1980, os DDAs (liderados pela entidade Friends of Animals, que também se localiza em Norwalk) organizaram

uma campanha bem direta e explícita contra Hirsch e sua empresa. A criativa maneira que Hirsch achou de se vingar foi levantar o dinheiro necessário para arranjar um ativista que tentasse assassiná-lo.

Em 11 de novembro de 1989, um homem que constava na folha de pagamentos de uma firma contratada por Hirsch transportou, da cidade de Nova York até Norwalk, uma moça chamada Fran Trutt, que se dizia ativista, e que levava consigo duas bombas recém-compradas. Quando ela pôs as bombas perto do local onde Hirsch costumava estacionar seu carro, amigos que ele tinha no departamento de polícia de Norwalk já estavam a postos, para prendê-la.

O resultado disso (não as bombas, que nunca explodiram) foi realmente bombástico. E ali estava a notícia: "Terrorista dos Direitos Animais Tenta Assassinar Líder de Comunidade". Como observam John C. Stauber e Sheldon Rampton: "é claro que normalmente presidentes de empresas não planejam seu próprio assassinato, mas Hirsch não era louco nem suicida. Estava tentando montar um constrangedor escândalo para desacreditar o movimento dos direitos animais".

O plano de Hirsch teria tido sucesso, não fosse por uma coisa: o julgamento que se seguiu revelou extensas transcrições de fitas que comprometiam todo mundo, de Hirsch para baixo, que tinha planejado a trama para desmoralizar os ativistas. A Friends of Animals moveu uma ação contra Hirsch, que vendeu a US Surgical em 1998; contudo, a ação não teve sucesso, e ele nunca foi responsabilizado criminalmente. Talvez não surpreenda que Fran Trutt tenha sido a única pessoa a cumprir pena (um ano de prisão, seguido de outro em liberdade condicional). Parece que ela acabou abandonando o movimento.

### **cada vez pior**

Este não é o único caso em que o pessoal das grandes indústrias de exploração animal se deu o trabalho de tentar garantir a existência de suficiente "terrorismo dos direitos animais" por aí. Livros – não só pessoas – também podem ser enganadores. O infame líder da Ku Klux Klan, David Duke, sabe disso. Um de seus livros, *African Atto*, é um manual para violentas gangues afro-americanas de ruas, supostamente escrito por um sujeito "de dentro" (ou seja, um membro de alguma gangue). Outro de seus livros (como o primeiro, este também não foi assinado por Duke, por razões óbvias) é um manual de sexo escrito por e para mulheres "liberadas". Você conhece o tipo: "aquelas" que desprezam os "valores familiares", ansiando, lascivas, por aventuras sexuais com qualquer cara que apareça na sua frente.

Nos dois casos, os livros de Duke foram escritos para reforçar estereótipos preconceituosos, do tipo que Duke quer que seu eleitorado tema: o macho predador negro, em um caso, e a mulher liberada (de qualquer raça), no outro. Dado o familiar estereótipo dos defensores dos direitos animais como infratores violentos e misantrópicos que são anticientíficos, anti-rationais, anti-americanos, anti-tudo que qualquer ser humano decente preze, seria previsível encontrar um relato detalhado e fraudulento, escrito por alguém fingindo fazer parte do movimento.

Essa expectativa foi atendida com a publicação de *Uma declaração de guerra: matando gente para salvar animais e o ambiente*, escrito anonimamente por um autor identificado apenas como "O lobo que grita". Muito cativante, cheio de manha, esse "lobo que grita" deixa claro que não há limites para a violência que os verdadeiros DDAs ("libertadores") estão preparados para promover. Não só o pesquisador universitário que usa animais em estudos danosos, o vendedor de peles ou o caçador correm risco de vida, mas também os filhos do pesquisador, o rabino ou o pastor do vendedor de peles, e os amigos do caçador ou seus sócios. Em suma, *qualquer pessoa* pode ser escolhida como vítima legítima e justificável pelo exército de "libertadores" que decidiu que está na hora de começar a matar gente para salvar animais e o ambiente.

As grandes indústrias de exploração animal não vêm dizendo o mesmo? O "lobo que grita" (um "membro" libertador) apenas confirma o que elas sempre disseram a respeito dos DDAs. Se essas indústrias tivessem contratado algum "lobo que grita" fictício para escrever aquele livro para elas, não poderiam ter feito um trabalho melhor para difamar os ativistas.

Pois foi precisamente isso que aconteceu. Pelo menos foi a conclusão a que cheguei quando resenhei o livro, mais de uma década atrás; uma conclusão que, até agora, ninguém refutou com sucesso. *Uma Declaração de Guerra* é nada mais que um trabalho de provocação fraudulento, um trabalho de ficção disfarçado de realidade. E um esperto trabalho de ficção. Porque libertadores, você sabe, raramente assumem suas ações. Em geral, preferem permanecer anônimos.

Considere a incoerência desta lógica. Suponha que o carro de uma pesquisadora exploda. Ou que ela morra ou desapareça misteriosamente. Ou que estranhos estuprem sua filha. Então: ou os libertadores assumirão a responsabilidade pelo que aconteceu ou não. Se assumirem, então são eles os culpados. Se não assumirem, então os culpados provavelmente são eles, de qualquer jeito. Eis uma estratégia

praticamente infalível para criar a aparência de que o terrorismo dos direitos animais está crescendo.

E qual a moral da história? A moral da história é simples. Na próxima vez que a mídia mostrar uma matéria sobre o "terrorismo dos direitos animais", teremos todos que pensar duas vezes antes de acreditar nela. Não sabemos com que frequência os atos violentos e ilegais que a mídia atribui aos ativistas são, na verdade, pagos por alguém tentando fazer o que Leon Hirsch tentou: difamar o movimento dos direitos animais, encorajando os ativistas impressionáveis a desrespeitar a lei. Nem sabemos com que frequência os atos violentos atribuídos pela mídia aos ativistas são, na realidade, cometidos por gente que, paga ou não, não tem nada a ver com o movimento. O que nós sabemos é que tudo isso às vezes acontece, o que já seria motivo suficiente para nos deixar com um pé atrás, quando abrímos o jornal amanhã e lermos que os "Terroristas dos direitos animais" fizeram esta ou aquela coisa errada.

### **americanos de norman rockwell**

Vou falar com toda honestidade. Minha mulher Nancy e eu estamos envolvidos na defesa dos animais há mais de trinta anos. Durante esse tempo, encontramos algumas pessoas nada confiáveis. Pessoas misantrópicas, perversas até o último fio de cabelo. Pessoas que detestam caçadores, detestam açougueiros, detestam toureiros, detestam todo e qualquer ser humano, até a si mesmas. Também encontramos defensores dos direitos animais que poderiam ser descritos (com generosidade) como "umas figuras": esquisitos, loucos. E outros, sem o menor respeito pela razão ou pela ciência. Além disso, conhecemos ativistas que acreditam que atos violentos e criminosos, assim como ameaças a exploradores de animais ou a membros de suas famílias, sejam moralmente justificáveis, quando realizados em nome da libertação animal. Sim, alguns estão mesmo dispostos a chegar a esse ponto.

Por uma série de razões, as atitudes e os valores dos defensores dos direitos animais que acabo de descrever são lamentáveis. Uma razão diz respeito à percepção dos direitos animais por parte do público. O comportamento violento e ilegal de uns poucos e as atitudes detestáveis de uma meia dúzia só servem para fortalecer os opositores dos direitos animais. Representantes das indústrias da carne e da pele, por exemplo, não querem nada mais do que o seguinte: que o público

pense que o estereótipo dos DDAs como misantropos violentos e transgressores esteja espelhando a pura realidade. Felizmente para os porta-vozes das indústrias, alguns deles cooperam, sendo exatamente desse jeito. Eles não precisam ser inventados.

Se aprendi alguma coisa nos meus anos de envolvimento com os direitos animais, é que os ativistas que se encaixam no estereótipo são raras exceções, não a regra. A grande maioria deles é apenas gente normal: vizinhos e sócios; a família que toca a gráfica ou a tinturaria no fim da rua; o cara pedalando ao seu lado na academia de ginástica; os estudantes e os professores nas escolas locais; a mulher que canta solos no coro da igreja; os adolescentes que formaram uma banda de rock; o casal de voluntários na favela; as donas ou os donos-de-casa, enfermeiras e médicos; consultores e assistentes sociais; negros, brancos, marrons, vermelhos, amarelos, todos os tons e matizes; ricos, pobres, classe média; os velhos e os jovens; católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, hare krishnas, espíritas, pessoas de todas as outras fés, inclusive as sem fé; progressistas e conservadores, gente que ama a família e o país, trabalha duro e paga imposto.

Além do mais, se a mensagem que o público recebe é uma mensagem de negatividade (ativistas dos direitos animais são contra o uso de animais em circos, contra a caça esportiva e contra os rodeios, por exemplo), o lado positivo da história quase nunca é contado. Com raras exceções, os ativistas defendem o amor à família e ao país, os direitos humanos e a liberdade, a justiça e a igualdade, a compaixão, a paz e a tolerância, a atenção especial a quem tem necessidades especiais (as crianças, os debilitados e os idosos, entre outros), um ambiente sustentável e limpo, e os direitos dos filhos dos filhos dos nossos filhos – as nossas futuras gerações.

Em poucas palavras, a grande maioria dos defensores dos direitos animais do meu país é formada por americanos de Norman Rockwell, saídos diretamente da famosa capa do velho *Saturday Evening Post* que o artista criou para o Dia de Ação de Graças, mas com uma diferença digna de nota: recusamos o peru, obrigado. Não comemos nossos amigos.

Portanto vamos dar um fim às mentiras que as grandes indústrias de exploração animal espalham sobre os "extremistas dos direitos animais". Nem todos são infratores violentos e a "idéia fixa de praxe do movimento dos direitos animais" não é "acredite no que eu acredito ou então..." Isso é só propaganda feita por alguns grupos de interesse, ou grupos de pressão, para se evitar uma discussão justa e informada. Dito isto, deve-se também reconhecer que nós somos... bem, somos...

diferentes da maioria das pessoas. Se você for um relutante, particularmente, deverá estar imaginando como foi que ficamos assim. Responder a essa pergunta é uma boa maneira de começarmos a nossa discussão.

## NOTAS

*As citações estão dispostas em subseções dentro de cada capítulo. Quando o material citado é retirado de websites, o endereço eletrônico é indicado.*

### **a inverdade dos rótulos**

A Frente de Libertação Animal (ALF) é citada como estando envolvida em "uma campanha não-violenta, com os ativistas tomando todas as precauções para não prejudicar nenhum animal (ser humano ou não)". Veja o site [www.hedweb.com/alffaq.htm](http://www.hedweb.com/alffaq.htm). Eu explico as ações da ALF no capítulo 11. Alguns indivíduos que se dizem DDAs às vezes demonstram uma vontade de atacar as pessoas que exploram os animais, mas esses rebeldes não têm lugar no movimento dos direitos animais, assim como nenhum prestígio nele.

### **a mídia**

A frase de Paul Watson aparece em uma história de Brook Griffin de 12 de fevereiro de 2003: "Paul Watson Uses His Boat As a Method of Stopping Illegal Poachers", *The Collegian* (Fresno: California State University), 2.

### **a política de interesses específicos**

Um relatório da American Medical Association, "Use of Animals in Biomedical Research: The Challenge and the Response", 1992 (edição revisada).

The Foundation for Biomedical Research [www.fbresearch.org/](http://www.fbresearch.org/)

### **todos a bordo!**

The Fur Information Council of America [www.fur.org/](http://www.fur.org/)

### **eles nunca fariam uma coisa dessas, fariam?**

Para obter mais informações sobre o caso Fran Trutt, leia meu texto "Misplaced Trust", *The Animals' Voice Magazine* 3, nº 1:22-26.

John C. Stauber e Sheldon Rampton, *Toxic Sludge Is Good for You* (Monroe, Maine: Common Courage Press, 1995), 62-63.

### **cada vez pior**

Veja o relato de Merritt Clifton acerca das circunstâncias da publicação e da identidade dos editores de *A Declaration of War: Killing Animals to Save Animals and the Environment*, em "A Late April Fool? Or Something Worse?" *The Animals' Agenda* (junho de 1991): 34-35.

Para um relato mais completo sobre o livro do "Lobo que grita", veja minha crítica "Reader Beware: When It Comes to a Declaration, What Is Meant May Not Be What Is Said", *The Animals' Agenda* (outubro de 1991): 24-26.

COMO VOCÊS  
FICARAM  
ASSIM?

No mundo de hoje, defensores dos direitos animais são vistos como uns verdadeiros ETs. Nós não comemos carne. Não tomamos leite, nem comemos queijo e ovos. Usar peles? Esqueça. Nem couro, nem mesmo lã a gente usa. Os defensores dos direitos animais estão tão obviamente fora do compasso da cultura dominante que as pessoas ficam se perguntando se não terá sido um capricho da natureza ou um golpe do destino que os fez ser o que são. Essa é uma pergunta que fiz a mim mesmo, muitas vezes. Não finjo saber todas as respostas. Posso saber algumas. Aqui está o que a experiência me ensinou.

**consciência animal: os vincianos**

Algumas crianças parecem ter nascido com o que eu chamo de consciência animal. Desde cedo, elas têm a habilidade de penetrar no mistério da vida interior dos animais, a vida que acontece "atrás dos olhos deles", por assim dizer. Não é uma coisa que lhes seja ensinada, não é uma coisa que elas tenham de descobrir, nem

uma conclusão a que elas cheguem depois de se envolverem numa complicada cadeia de raciocínio moral ou científico. Não tenho a intenção de sugerir que essas crianças sejam oniscientes. Como as demais pessoas, elas não sabem tudo: não conhecem todos os odores que os cães sentem quando fazem sua farra pela mata, ou o que os golfinhos "enxergam" através do som, por exemplo. Algumas coisas permanecem misteriosas para sempre, para todos nós.

O que eu quero dizer é o seguinte. Ainda bem novinhas, algumas crianças são capazes de ter grande empatia com os animais, de tornarem a vida do "outro" parte da própria vida – tanto assim que elas sentem um verdadeiro parentesco com eles. Sabem quando os animais estão se divertindo, quando estão angustiados, o que eles acham interessante ou estimulante, as coisas que os entediam e as que os amedrontam. Cães, gatos, ursos e leões, baleias e focas: a identificação dessas crianças com outros animais vai além da habilidade delas com as palavras. Elas sabem mais do que conseguem dizer.

Os vínculos destas crianças com os animais são os vínculos de um tipo especial de amizade, uma amizade que se expressa por meio do respeito e da lealdade. A relação entre a criança e o animal (para usar a útil linguagem de Martin Buber) é a do "Eu – Tu", não "Eu – Isso". Os animais conhecidos, assim como os animais imaginados, são seres únicos, e não coisas genéricas.

Como essas crianças precoces sabem o que elas sabem? Eis a melhor analogia que consigo apresentar. Pense nos amigos mais leais que você já teve. Pergunte a si mesmo como sabe que eles são leais. Não é observando seu comportamento leal num dia, depois no dia seguinte, e daí por diante, durante todos os anos do relacionamento, até que uma hora você vislumbra a hipótese: "Talvez meus amigos sejam leais!" Mas sim *conhecendo as pessoas* que são suas amigas, conhecendo *quem elas são*. O mesmo, eu acho, acontece com essas crianças. Elas sabem que o que acontece com outros animais importa para eles porque elas os conhecem.

Esse conhecimento faz uma diferença no comportamento das crianças. Quando elas entendem o que é a carne, de onde ela vem, por exemplo, elas não querem nem saber dela. Matar animais por esporte ou prendê-los em pequenas gaiolas? Absolutamente impensável. Os amigos cuidam uns dos outros. Os amigos são leais uns com os outros. Os amigos tentam defender e proteger uns aos outros. Para essas crianças, os animais são seus amigos. Comer um amigo morto é algo que elas jamais desejariam fazer (o que não significa, necessariamente, que seus pais não as tenham obrigado a fazê-lo, mesmo assim).

Eu chamo a essas crianças de vincianas, por causa de Leonardo da Vinci (1452-1519), o maior cérebro da Renascença Italiana, famoso por alguns dos mais magníficos quadros do mundo, incluindo *A Última Ceia* e *Mona Lisa*, e reconhecido pela vasta abrangência de seu intelecto, que compreendia todo o conhecimento da sua época, da anatomia à astronomia, da matemática à história natural. Menos conhecido, mas altamente relevante no presente contexto, era o amor natural de Leonardo pelos animais. O historiador Edward McCurdy escreve que "a mera idéia de permitir o sofrimento desnecessário e, mais ainda, de matar, era abominável para ele".

Segundo os relatos, ele adotou uma dieta vegetariana na infância, por razões éticas. Sem poupar sarcasmo, Leonardo ataca a vaidade humana com as seguintes palavras: "Rei dos Animais – é como o humano descreve a si mesmo – eu te chamaria Rei das Bestas, sendo tu a maior de todas – porque as ajudas só para que elas te dêem seu filhos, para o bem da tua goela, a qual transformaste num túmulo para todos os animais". Nosso estômago, um túmulo? Uma imagem impressionante, para dizer o mínimo. Mesmo o leite e o queijo eram suspeitos porque envolviam um tipo de roubo. "Dos animais dos quais se consegue o queijo", ele escreve, "o leite será roubado dos filhos pequenos".

A mais famosa citação atribuída a Leonardo é também a que provocou mais controvérsia. Jon Wynne-Tyson faz a atribuição em seu livro *O Círculo Ampliado: Um Livro de Citações e Lugares-Comuns dos Direitos Animais*. De acordo com o autor, Leonardo escreve o seguinte: "Eu repudio o uso da carne desde que era criança, e chegará o dia em que homens como eu julgarão o assassinato dos animais do mesmo modo como eles julgam hoje o assassinato dos homens". Desde a publicação de *O Círculo Ampliado*, tem sido lugar-comum, na comunidade vegetariana, encontrar essas palavras atribuídas a Leonardo.

Mas acontece que essas palavras não estão nem mesmo nos trabalhos reunidos de Leonardo. Elas só se encontram numa obra de ficção, *A História de Amor de Leonardo da Vinci*, de Dimitri Merejkowski. Pode ser verdade, então, que o próprio Leonardo nunca tenha dito o que Wynne-Tyson lhe atribui. Mesmo assim, sabendo o que nós sabemos sobre Leonardo, não é tão maluco acreditar que essas palavras estejam bem perto de expressar suas convicções pessoais.

A consciência animal de Leonardo se estendia para além da sua aversão à carne. Ele era seriamente interessado em entender o voo (seus cadernos contêm desenhos de helicópteros rudimentares, por exemplo) e não podia suportar a visão de pássaros em cativeiro. Conta-se que, em muitas ocasiões, ele comprava pássaros, retirava-os

das gaiolas e então (a gente imagina que ele os segurasse com a maior delicadeza) os libertava.

Não há muitos defensores dos direitos animais que sejam vincianos. Pelo menos é o que outros ativistas me dizem. A maioria de nós não tem a empatia e a harmonia dos vincianos, não tem (parece) seu desejo inato de ajudar e proteger. Para a maioria de nós, nossa compreensão inicial sobre os animais é herdada. Devidamente aculturados, nós internalizamos, sem críticas, o paradigma cultural. Vemos os animais como nossa cultura os vê. Como o paradigma na cultura americana em particular – e na cultura ocidental em geral – vê os outros animais como seres que existem *para nós*, não tendo outro propósito para estar no mundo senão o de atender às necessidades e aos desejos dos humanos, nós também os vemos dessa maneira. Assim, os porcos, por exemplo, mostram sua razão de ser ao se transformar em fatias de presunto entre duas fatias de pão.

### **uma mudança de percepção**

No ano 2000, dois realizadores de filmes independentes, James

La Veck e Jenny Stein, lançaram *A Testemunha*. O filme conta a sugestiva história de Eddie Lama, um nova-iorquino durão que aceitou o paradigma cultural durante a maior parte da sua vida. A jornada de Eddie em direção à consciência animal começou quando alguém lhe pediu que tomasse conta de um gato. Ninguém consegue contar melhor a história do que ele próprio, em *A Testemunha*, e não sou eu que vou tentar. Mas uma coisa que Eddie disse nunca saiu da minha cabeça: por causa do tempo que ele passou com o gato, e do que ele começou a aprender, Eddie experimentou o que ele descreve como "uma mudança de percepção".

Eu comparo essa idéia à experiência que a gente tem quando olha imagens que causam ilusões de ótica: por exemplo, a reproduzida a seguir. À primeira vista, a gente vê a imagem de uma forma; depois (quanto tempo leva, varia de pessoa para pessoa), uma segunda imagem se revela. Primeiro a gente vê o vaso; depois, os rostos. Ou vice-versa.

A mudança de percepção de Eddie não diz respeito a uma ilusão de ótica; diz respeito a um animal vivo. Se antes ele via animais como peças de potencial utilidade para os humanos, como coisas para serem comidas ou usadas em experiências, agora ele começava a vê-los do mesmo modo que os vincianos: como seres únicos, com vidas próprias, e precisando de proteção.





## consciência animal: os damascenos

Diferentes pessoas passam pela "mudança de percepção" de diferentes modos, por diferentes razões, e em tempos diferentes. Algumas pessoas experimentam essa mudança num piscar de olhos. Para continuar a analogia: num momento elas vêem o vaso, no momento seguinte elas vêem os rostos. Chamo a essas pessoas de damascenas, a partir da história bíblica de Saulo na estrada para Damasco.

Saulo (vocês devem se lembrar) tinha sido chamado a Damasco para ajudar a acabar com tudo que se andava falando de bom sobre um homem chamado Jesus, contra quem Saulo e seus amigos sentiam grande animosidade. Quando Saulo estava caminhando pela estrada para Damasco – assim conta a história – Jesus apareceu, num milagre, e conversou diretamente com ele. Isso bastou para mudar a vida de Saulo para sempre. Saulo, o detrator, tornou-se Paulo, o apóstolo, autor de livros do Novo Testamento como os Romanos e o Primeiro e Segundo Coríntios.

Os damascenos participam da consciência animal de um modo parecido. Num momento eles estão aceitando o paradigma cultural; no minuto seguinte, não estão mais. Lembro-me de um ativista alemão contando como um dia, durante a Segunda Guerra Mundial, ao sair de um abrigo antibombas, ele viu uma égua disparar pela rua, ardendo em chamas do focinho ao rabo, resultado da combustão da gasolina que cobria seu corpo. Quando ela passou por ele, encarou-o com olhos acusadores, cheios de terror. Era como se (ele contou) ela estivesse lhe perguntando: "O que eu fiz para merecer isto? Por que você não está me ajudando?"

Daquele momento em diante, o homem ficou pleno de consciência animal. Uma vez abertos sua mente e seu coração, ele se tornou capaz de entrar na vida interior dos animais por meio da empatia e da compaixão, coisa que ele nunca tinha sido capaz de fazer antes. Já que os animais não tinham voz, ele falaria por eles, fazendo às outras pessoas as mesmas perguntas que a égua tinha lhe feito: "O que é que os animais fizeram para merecer o tratamento que recebem? Por que você não os está ajudando?"

Numa outra ocasião, Nancy e eu estávamos jantando perto de uma jovem que comia sozinha. Trocamos umas palavras, uma coisa leva à outra, e aí, sem saber dos nossos pontos de vista, ela começou a contar que tinha crescido numa pequena fazenda onde ela criava um carneirinho. Toda manhã, antes de ir à escola, ela visitava o carneiro, escovava-o, limpava-o e lhe dava comida. E toda tarde, de volta da

escola, ela fazia tudo de novo. Até um dia que, quando ela voltou da escola e foi ao celeiro, o carneiro não estava mais lá, e no jantar foram servidas costeletas de carneiro.

Essa moça (tinha uns vinte e poucos anos) estava quase chorando quando contou sua história. "Até hoje", ela disse, "não perdoei meus pais". Mas daquele dia em diante, sua vida ficou plena de consciência animal. O sofrimento de todos os animais, e não o de um carneiro, tornou-se a passagem pela qual ela adentrou o mundo.

## **consciência animal: os relutantes**

Existem mais defensores dos direitos animais damascenos do que vincianos. É o que diz minha experiência, pelo menos. Quando se trata de como nós vemos outros animais, há mais gente que muda por causa de uma experiência única e transformadora do que gente que nasce com uma empatia natural e nunca mais a perde. Mas, se minha experiência for confiável, a maioria dos defensores dos direitos animais não é composta de vincianos nem de damascenos. Nada nos genes. Nada tão dramático. Em vez disso, a maior parte das pessoas que se torna ativista é composta de relutantes, gente que primeiro aprende uma coisa, depois outra; que experimenta isto, depois aquilo, fazendo perguntas, achando respostas, tomando uma decisão, depois uma segunda, e uma terceira. Homens, ao que me parece, têm um talento especial para levar todo o tempo que acharem necessário para isso. Tendemos a querer mais, por meio de provas racionais, e mais, por meio de demonstrações lógicas. Existem *muitas* coisas sobre as quais nós achamos que devemos "pensar melhor" antes de nos permitir tomar partido e ficar do lado dos animais. Pelo menos foi o que aconteceu no meu caso, conforme vou lhes contar resumidamente.

Qualquer que seja o caminho tomado, e não importa quanto tempo demore, os relutantes (que é como os chamo) avançam para a consciência animal passo a passo, pouco a pouco. Para falar metaforicamente: leva um certo tempo até a gente ver o vaso em vez da face, ou vice-versa. Mesmo assim, a transformação é notável e, uma vez que acontece, é permanente. Na vida do relutante, chega finalmente o dia em que ele olha o espelho e, para sua surpresa, vê refletida a imagem de um defensor dos direitos animais.

Os arquétipos que descrevi (vincianos, damascenos e relutantes) não estão restritos à consciência animal. Tenho visto crianças que

nasceram sem um pingo de maldade. Sua sensibilidade e bondade, sua empatia e sua compaixão por todos à sua volta são visíveis a partir do momento em que elas conseguem interagir com os outros. O bem que elas emanam não tem limites nem discrimina. É como se essas crianças não vissem a cor da pele dos outros, nem quão diferentes algumas pessoas são delas mesmas, no que diz respeito a roupas, idioma ou costumes, por exemplo. Essas crianças são, para outros humanos, o que algumas crianças são para outros animais. E é claro que, de vez em quando, alguma criança extraordinária combina as duas capacidades.

Além disso, algumas pessoas, como os damascenos que descrevi, reconhecem e superam vários preconceitos contra humanos, a partir de uma única experiência transformadora. Outras, entretanto, ficam relutantes, e vão avançando, devagar, mas firmemente, para a sensibilidade com outros humanos e o respeito por eles – as mesmas qualidades que algumas crianças já trazem consigo quando vêm ao mundo, e que, uma vez adquiridas, nunca mais se perdem.

Devo observar também que os três arquétipos descritos não esgotam todas as possibilidades, mesmo no caso da consciência animal. Por exemplo, Kim Bartlett, que, junto com Merritt Clifton e o filho deles, Wolf, publicam *Animal People*, escreve sobre sua experiência assim:

*Creio que a aculturação normal das crianças (pela religião, o sistema educacional, a aceitação de se comer carne ou pelo menos a prevalência da crueldade) tem o efeito de reprimir e retardar qualquer capacidade de percepção com que a criança tenha nascido. Então pode haver uma criança que, apesar de ter nascido num estado iluminado, acaba tendo essa "iluminação" completamente apagada pelo processo de aculturação.*

Em outras palavras, as crianças podem nascer vincianas, mas logo sua consciência animal será enfraquecida ou drenada. Kim sabe do que está falando. Aconteceu com ela:

*Eu sei que entrei num profundo estado de negação depois de descobrir que estava comendo animais lá pelos 5 ou 6 anos; então eu sei o que pode acontecer a uma criança – até mesmo uma sensibilidade emocional extrema a ponto de não se adaptar bem pessoal e socialmente.*

Mas, com o tempo, Kim pôde recuperar sua maneira vinciana de ser – maneira de ser que seu filho Wolf nunca perdeu:

*Wolf nunca foi "desestimulado". Nunca lhe disseram que os animais são simplesmente seus semelhantes; e ele nunca foi doutrinado em nenhuma religião. Quando ele perguntava acerca de assuntos morais ou religiosos, eu lhe dizia o que penso e o que outras pessoas pensam, ou o que várias religiões ensinam, mas sempre encorajando-o a decidir em que acreditar. Depois que ele descobriu que outras pessoas comem animais, conversamos sobre isso durante muito tempo (e às vezes voltamos a conversar), e Wolf concluiu que é errado comer animais "porque os animais não querem ser comidos".*

Espero não ser mal compreendido, portanto, quando recorrer, nas páginas seguintes, às idéias explicadas até agora. Quando se trata de como diferentes pessoas percebem os animais, nem todo mundo é vinciano, ou damasceno, ou relutante. O mundo é mais complicado que isso.

Sendo eu mesmo um relutante, acho que sei algo sobre esse modo de alcançar a consciência animal. De fato, este livro (como afirma a dedicatória) é para os relutantes, em todos os lugares. Vincianos resolvidos não precisam lê-lo. Nascidos com a consciência animal que nunca perdem, eles já têm o que os relutantes estão possivelmente adquirindo. E ainda que todos os escritores esperem que suas palavras tenham algum poder para o bem, eu estaria enganando a mim mesmo se acreditasse que minhas palavras, sozinhas, terão o poder de mudar, num piscar de olhos, o modo de as pessoas verem os animais, tal como acontece com os damascenos.

Não. Se minhas palavras puderem servir para alguém, será para as pessoas que estão avançando lentamente para a consciência animal, talvez até as que estão começando da estaca zero, ou perto dela. Já neste capítulo, passo a compartilhar alguns aspectos relevantes da minha jornada, não porque ela seja tão excepcional, mas porque é... bem, porque é bastante comum.

### **a vida de um relutante**

Durante quase metade da minha vida, tive apenas uma vaguíssima idéia da consciência animal. Havia gatos e cães em casa, quando eu era menino, e Nancy e eu tivemos um cão (nós o chamávamos Gleco) no início do

nosso casamento, antes de as crianças nascerem. Portanto, sim, eu gostava de animais de companhia, mas nada mais que isso.

Como muitos meninos da minha geração, eu adorava pescar e, mesmo que nunca tenha caçado, invejava os rapazes mais velhos da minha vizinhança que o faziam. Eu me lembro de tentar convencer meus pais a me comprarem uma espingarda e a me deixarem caçar com meus amigos no primeiro dia da temporada de caça ao veado. Mas meus pais não quiseram nem saber. No ensino médio e na faculdade, de bom grado dissequei animais em laboratórios de biologia. E não apenas comi, entusiasticamente, carne de tudo quanto é tipo e corte, como também trabalhei como açougueiro durante meus anos na faculdade. Todo dia eu entrava, até os cotovelos, em corpos mortos de vacas, bezerros e porcos. Eu cortava. Fatiava. Picava. Moía. Aparava. Retalhava. Serrava. A carne fria deles se conformava à minha fria determinação. Naquele tempo, eu não considerava meu trabalho sanguíneo; só achava que ele me tirava o sangue... Eu internalizei com tanto sucesso o paradigma cultural que cheguei a comprar para Nancy um elegante chapéu de *mink* como presente de aniversário. Meu único pesar foi não ter tido dinheiro para lhe comprar um longo casaco de peles.

Embora eu tenha escrito muito durante o ensino médio e a faculdade, e mais ainda durante minha pós-graduação em Filosofia, eu não me lembro de ter escrito nenhum texto sobre animais. Mas há uma carta que mandei para Nancy, dois anos antes de nos casarmos, na qual incluí meu ponto de vista sobre animais, usando elefantes como exemplo. Sempre um romântico fervoroso (eu tinha vinte anos na época), escrevi o seguinte:

*Penso que devemos ser cautelosos ao distinguir nosso amor por elefantes do nosso amor por pessoas. Martin Buber discute a diferença radical entre as relações "Eu-elefante" e "Eu-pessoa". Minha relação com um elefante é uma relação Eu-Isso, uma Eu-Coisa. Não exige de mim bondade ou afeição pessoal... nem demanda qualquer pretensão à igualdade, liberdade, etc. Um elefante é uma coisa, e minha relação com "isso" será sempre permeada por esse fato... A relação entre duas pessoas, entretanto, é uma relação Eu-Tu; é uma relação de um Eu, Tom Regan, frente a um Tu, Nancy Tirk [nome de solteira de Nancy]. A relação é permeada de igualdade, liberdade, etc... Tratar pessoas como "coisas" é tratá-las como elefantes, pepinos ou vestidos-sacos. Amá-las como "coisas" é, de fato, não amá-las de modo algum.*

Elefantes são coisas, como pepinos e vestidos-sacos. Nossa relação com outros animais não requer "bondade e afeição... nem... qualquer pretensão de igualdade, liberdade, etc." Isso é que era aculturação bem sucedida!... Eu tinha internalizado o paradigma cultural de maneira tão completa, tão cega, que pensei que aquelas idéias fossem de um pensador original. Se imaginássemos a falta de consideração com os animais como uma caverna grande e escura, poderíamos dizer que, naquele momento da minha vida, minhas costas estavam coladas à parede do fundo dessa caverna. Eu vivia no mesmo planeta dos vicianos, mas nós certamente habitávamos dois universos morais totalmente diferentes.

Depois que nossos filhos nasceram, Nancy e eu fomos os típicos pais americanos. Púnhamos carne na mesa todo dia (senão, como é que nossas crianças conseguiriam sua proteína?). Eu assava salsichas e hambúrgueres na churrasqueira, no feriado de Quatro de Julho. Nancy assava um peru de peito grande, no de Ação de Graças. E a família toda ia ao McDonalds e ao Burger King, a zoológicos e a circos, onde todos se divertiam à beça.

De modo geral, então, minhas crenças e atitudes em relação aos animais foram bem pouco notáveis, desde minha infância até o começo da idade adulta. Na verdade, é possível que eu não tivesse ido adiante, na consciência animal, se os Estados Unidos não tivessem ido à guerra.

### **primeiros passos**

Quando comecei a ensinar Filosofia, os Estados Unidos estavam lutando no Vietnã. A explicação das razões do governo para a guerra recorria à teoria do dominó: se não derrotarmos os comunistas no Vietnã hoje, eles estarão dormindo nas nossas camas amanhã.

Muitas pessoas da minha geração, sem falar no número maior ainda de jovens adultos, opuseram-se ativamente ao papel dos Estados Unidos na guerra. Nancy e eu não éramos exceções. Achávamos que estava errado fazer a guerra, que a violência não podia ser justificada. Dezenas de milhares de civis inocentes, muitos deles crianças, estavam sendo mortos ou mutilados, e suas casas, destruídas. Homens jovens, da idade dos meus alunos, estavam sendo recrutados, treinados e enviados para o exterior, para, conforme tantas vezes aconteceu, retornarem mortos, embrulhados em sacos pretos. Aqueles jovens, acreditávamos, tinham todo direito de se recusar a lutar *naquela* guerra sem ter de acreditar, como os pacifistas Quaker, que *todas* as guerras

são erradas. As pessoas precisavam se manifestar. A perda trágica de vidas humanas tinha que acabar.

Com essa finalidade, Nancy e eu, juntamente com alguns outros, organizamos o Carolinianos do Norte Contra a Guerra, um grupo de base estadual que objetivava o fim do envolvimento americano. Nancy assou um pênfil e serviu uma enorme tigela de salada de batatas, cheia de ovos e maionese, no primeiro encontro do CNCG, que foi na nossa casa. Quando centenas de milhares marcharam em Washington para demonstrar sua oposição à guerra, a família Regan estava representada.

Ocorreu-me, na época, que eu poderia ser capaz de contribuir para o movimento antiguerra como filósofo, não só como organizador e manifestante. Afinal, filósofos são treinados a pensar criticamente e a argumentar rigorosamente. É desse modo que encontramos verdades importantes. Se a guerra era um erro, conforme eu acreditava que fosse, e se homens jovens com idade para serem recrutados tinham o direito de se recusar a servir, conforme eu acreditava que tivessem, isso devia ser uma coisa que eu pudesse provar.

Armado com minha fé na razão, mergulhei na volumosa literatura filosófica sobre a guerra e os direitos humanos. Um dia, em meio às estantes da biblioteca da universidade, peguei de uma prateleira um livro chamado *Uma Autobiografia: A História das Minhas Experiências Com a Verdade*. O autor tinha um nome que eu reconheci e pontos de vista sobre os quais eu sabia um pouco, mas só indiretamente. Na realidade, eu nunca tinha lido nada dele. Seu nome era Mahatma Gandhi.

Que escolha decisiva! O livro ajudou a mudar a direção da minha vida. Eu não concordei com o pacifismo de Gandhi. Eu acreditava (e ainda acredito) que, às vezes, o uso da violência não é errado. *Algumas guerras*, eu acreditava (e ainda acredito) podem ser justificáveis moralmente. Mas não a guerra que envolva violência desnecessária, o que acreditava ser o caso da Guerra do Vietnã. E não a guerra que viole os direitos humanos, inclusive os direitos dos jovens em idade de alistamento.

Fora seu pacifismo, Gandhi me fazia um desafio novo, que falava diretamente aos hábitos da minha vida. Embora escrevesse para todo e qualquer leitor, ele parecia estar falando pessoalmente comigo. Era como se ele quisesse saber como eu, Tom Regan, podia ser contra a violência desnecessária, como a da guerra do Vietnã, quando os seres *humanos* são as vítimas, mas apoiar este mesmo tipo de violência (violência desnecessária) quando as vítimas são os *animais*. "Por favor, me explique, Professor Regan", a voz de Gandhi pedia, da página, "o que aquelas partes de corpos mortos (isto é, 'pedaços de carne') estão

fazendo no seu freezer? Por favor, explique, Professor, como é que o senhor pode reunir ativistas antiguerra na sua casa e lhes servir uma vítima de outro tipo de guerra, a guerra não declarada que os humanos estão empreendendo contra os animais?" Não tenho certeza, mas tive a impressão de detectar um sorriso furtivo e sarcástico no rosto do Mahatma.

Claro que Gandhi estava certo sobre algumas coisas. Comer animais, comer sua carne, como eu fazia, certamente encorajava seu abate, um modo verdadeiramente horrível e violento de morrer, algo que mais tarde eu acabaria conhecendo de perto, quando, mesmo sentindo uma forte aversão ao que estava fazendo, vi porcos, galinhas e vacas encontrarem seu fim sangrento.

Além disso, pelo que eu tinha começado a aprender sobre nutrição, eu sabia que minha boa saúde não precisava de carne, ou de animais mortos, na dieta. Portanto a lógica era absolutamente óbvia: o abate violento para a alimentação era desnecessário. Seria meu garfo, como o napalm, uma arma da violência? Eu deveria me tornar vegetariano, por razões éticas?

Esta não era uma idéia que eu queria abraçar. Uma mudança, especialmente quando significa uma alteração nos hábitos de uma vida inteira, nunca é uma perspectiva bem-vinda. Portanto eu fiz o que qualquer ser humano racional e de sangue quente faria: tentei evitar solucionar a questão que realmente me atormentava. Em vez disso, comecei a fazer perguntas maiores, impessoais – sobre a justiça do capitalismo, o futuro da civilização, a ameaça da aniquilação nuclear. Mas, mesmo enquanto eu tentava encontrar um lugar confortável para o meu incômodo senso de inconsistência moral, embutido no escuro recesso do meu inconsciente, o fantasma de Gandhi não ia embora. A gente nunca resolve conflitos da consciência fingindo que eles não existem.

Acontece que foi durante essa época que Nancy e eu tivemos de lidar com a morte repentina de Gleco. Por treze anos ele tinha sido nosso companheiro constante. Daí, um dia, ele estava morto. Que sofrimento para Nancy e para mim! Como choramos! Ficamos arrasados, tamanho nosso sentimento de perda.

Lendo Gandhi eu aprendi como algumas pessoas na Índia consideram *comer* uma *vaca* algo terrivelmente repulsivo. Eu descobri que sentia o mesmo em relação a gatos e cães: eu jamais poderia *comê-los*. Será que vacas são tão diferentes de gatos e cães que existem dois padrões morais, um que se aplica a vacas, e outro que se aplica a gatos e cães? E porcos, serão tão diferentes? Será que algum dos animais

que eu comia era tão diferente? Estas eram as perguntas que nunca me deixavam. Antes que estivesse pronto para aceitá-las, eu já sabia minhas respostas.

Quanto mais eu pensava no assunto, mais convencido ficava de que precisava tomar uma decisão: *ou* eu tinha de mudar minhas crenças e sentimentos em relação a como os animais de companhia deveriam ser tratados, *ou* eu tinha de mudar minhas crenças e sentimentos em relação ao tratamento dispensado aos animais criados nas fazendas para consumo. Por fim, incapaz de achar um desvio honesto do dilema – e, dado o poder dos velhos hábitos e das tentações gustativas associadas a costeletas de carneiro, galinha frita e hambúrgueres grelhados na churrasqueira, tenho de confessar que tentei desesperadamente encontrar esse desvio – acabei escolhendo a segunda alternativa.

No meu caso, então, foi uma combinação da vida e do pensamento de Gandhi, de um lado, com a vida e a morte do meu quadrúpede amigo canino, de outro – uma combinação clássica de razão e emoção – que me motivou a iniciar minha jornada para uma consciência animal mais ampla. Meus primeiros passos (e Nancy esteve ao meu lado ou na minha frente, a cada passo desse caminho) envolviam fazer perguntas éticas sobre a comida que eu ingeria. As respostas que obtive no início da década de 1970 resultaram na minha decisão de me tornar um ovo-lacto vegetariano. De alguma forma, nessa época, eu fui capaz de me convencer de que, embora fosse errado comer animais, não havia nada de mal em ter ovos e laticínios como parte da minha dieta diária.

### **"há um movimento por aí... algo assim."**

A decisão de me tornar vegetariano foi uma coisa feita privadamente, por assim dizer. Na época, eu não fazia idéia de que o vegetarianismo tivesse uma longa história povoada por gente famosa (Ovídio, Plutarco, Charlotte Bronte, Susan B. Anthony, Weird Al Yankovic, para citar alguns). Além do mais, eu ignorava que existissem organizações e publicações que promoviam um estilo de vida vegetariano, algumas por razões de saúde (a dieta vegetariana faz bem), outras por razões éticas (a dieta vegetariana mostra respeito pelos animais). Para minha grande surpresa, descobri que havia conferências nacionais e internacionais organizadas em torno do vegetarianismo em particular, e da questão da proteção dos animais em geral. Havia alguma coisa parecida

com um "movimento" por aí, ou pelo menos uma coisa que estava tentando se tornar um movimento. Era uma época excitante. A primeira conferência internacional sobre proteção animal de que Nancy e eu participamos ficará gravada para sempre nas dobras envelhecidas da nossa acinzentada memória.

A conferência foi na Universidade de Cambridge no verão de 1978. Sediada numa das veneráveis sociedades animais da Inglaterra, enfocava os laços que unem humanos a outros animais. Dela participaram os principais pensadores do mundo todo. Só o fato de estar na presença deles já era uma honra.

Você pode imaginar nossa surpresa, portanto, quando Nancy e eu fomos ao primeiro jantar e descobrimos que filé à Wellington era o prato principal. A partir daí, as coisas foram de mal a pior. O café da manhã incluía presunto, bacon, arenque e salsichas. Os almoços cheiravam a todos os tipos de carne, alguns dos quais (pâncreas de vitelo e fatias de língua ensangüentada, por exemplo), americano nenhum jamais tinha visto antes, nem veria de novo. Veado selvagem foi servido na segunda noite. Perna de carneiro assada na terceira. E para o banquete de gala da última noite? Vitela *cordón bleu*.

Entre os participantes, havia um punhado de vegetarianos como nós. Reunidos, pedimos, com a maior educação, que nossas necessidades fossem atendidas. Dissemos que já que íamos passar o dia falando sobre nossos deveres para com os animais, preferíamos não passar as refeições comendo-os.

O pedido foi recebido como uma heresia. Que atrevimento, solicitarmos tratamento especial! Se os organizadores tivessem um ferro de marcar à sua disposição, por um momento não duvido sequer que alguns deles imprimiriam a letra V nas nossas testas, como a melhor maneira de nos fazer sentir vergonha da nossa insolência vegetariana. Relegados a uma mesa num canto escuro da sala de jantar, longe dos outros comensais (para que eles não fossem contaminados pela nossa presença), os vegetarianos rebeldes foram tratados como intocáveis morais. E isso por pessoas que diziam preocupar-se com os animais. Foi a primeira vez (mas não a última) que Nancy e eu vimos que diferentes pessoas às vezes entendem a proteção animal de diferentes modos.

Foi uma lição importante. Retornamos de Cambridge mais ousados. Tínhamos uma compreensão mais clara de quem éramos e em que acreditávamos. Nós não iríamos mudar. As pessoas que operavam a venerável sociedade animal inglesa teriam de mudar. E, com o tempo, elas mudaram mesmo. Oito anos mais tarde, quando sediaram

outra conferência internacional sobre proteção animal, não se serviu carne nas refeições. Os vegetarianos já tinham, então, evoluído para veganos, e de novo precisaram que suas necessidades fossem atendidas. Mas esta é outra história.

## **uma consciência animal em expansão**

Em seguida ao nosso primeiro passo para uma consciência animal mais ampla, vieram outros. Nancy e eu aprendemos sobre os produtos livres de crueldade, incluindo cosméticos, produtos de higiene e limpeza que não eram testados em animais. Paramos de ir a zoológicos e circos, e todo meu equipamento de pesca foi relegado ao sótão. Peles se tornaram coisa do passado, embora nós continuássemos a não ver inconsistência em usar cintos, luvas e sapatos de couro, ou em comprar calças, suéteres e casacos de lã.

Quanto ao uso de animais na ciência, esse foi um tópico que abordei com cuidado, e minhas primeiras idéias a respeito ficaram bem aquém das idéias abolicionistas que sustento hoje. Embora eu reivindicasse "uma vasta redução nas pesquisas envolvendo animais", deixava aberta a possibilidade de algumas dessas pesquisas serem justificáveis. Que pesquisas eram essas? Onde eu traçava o limite? Basta dizer que, durante esse período da minha vida (e por mais difícil que seja entender isso, hoje em dia), eu defendi os grandes fabricantes de automóveis, como a General Motors, quando eles matavam babuínos em testes de colisão com o objetivo de obter cintos de segurança mais eficientes. Diferente dos vicianos e damascenos, havia limites para a proteção que eu estava disposto a proporcionar aos animais.

## **terminologia**

Uma coisa que comecei a entender foi o quanto era difícil falar sobre tudo que eu queria, sem ter de tomar fôlego, por assim dizer. Levou um certo tempo, mas finalmente compreendi que você não precisa acreditar em direitos animais, enquanto conceito filosófico, para acreditar que animais não devam ser transformados em comida nem em roupas. Os vicianos crêem nisso, e também os damascenos que atingiram plena consciência animal devido a alguma experiência transformadora. Quando se trata do que é realmente importante, o modo *como* as pessoas formam suas con-

vicções é menos importante do que *quais* as convicções que elas formam. No caso presente, as convicções unificadoras podem ser resumidas usando-se esta imagem simples: os animais estão em jaulas, e não deveriam estar. Ou (alternativamente): não jaulas maiores, mas sim jaulas vazias. Vincianos, damascenos e relutantes (se completarem a jornada) chegam, todos, ao mesmo lugar, por rotas diferentes.

Essas diferenças são tão reais quanto importantes. Por razões de economia lingüística, entretanto, será útil usarmos uma única expressão para nos referir às crenças que unem vincianos, damascenos e relutantes. Dado o estágio evolutivo em que se encontra a nossa cultura, e tendo em vista a terminologia que compõe este debate, continuarei a usar (como venho usando) o termo "Defensores dos Direitos Animais" (DDAs ou ativistas) para designar as convicções abolicionistas compartilhadas por todas as pessoas com plena consciência animal, quaisquer que sejam os caminhos que tenham percorrido para chegar lá.

### **voltando um pouco, antes de ir adiante**

Eu tinha chegado, em resumo, ao seguinte ponto: sendo, ao mesmo tempo, do sexo masculino e um relutante, ainda havia *muita* coisa que eu precisava "resolver". Como a minha consciência animal evoluía, comecei a refletir sobre uma idéia que teria parecido impossível apenas poucos anos antes: a idéia dos direitos animais. Será que essa idéia é pelo menos inteligível? O que ela significa? Por que alguém pensaria nesses termos? Quais são suas implicações? Percebi que não sabia como responder a essas perguntas. Pior: eu percebi que não sabia nem como responder às perguntas mais básicas sobre direitos *humanos*. Então, como é que eu poderia responder às minhas perguntas sobre direitos animais? Para descobrir como, não foi necessário muita sabedoria filosófica de minha parte

Tendo chegado longe assim na minha vida, a ponto de querer explorar a possibilidade dos direitos animais, decidi, com alguma relutância, que deveria voltar para trás, antes de poder seguir em frente. Eu teria de retornar às minhas perguntas sobre direitos humanos. No próximo capítulo, eu conto as coisas mais importantes que aprendi fazendo isso.

## NOTAS

### **consciência animal: os vincianos**

As frases de Leonardo aparecem em David Hurwitz, "Leonardo Da Vinci's Ethical Vegetarianism", disponível no site [www.ivu.org/history/davinci/hurwitz.html](http://www.ivu.org/history/davinci/hurwitz.html); e no *The Extended Circle: A CommonPlace Book of Animal Rights*, organizado por Jon Wynne-Tyson (New York: Paragon Books, 1989), 65.

Martin Buber, *I and Thou*, tradução de Walter Kaufman (New York: Scribner, 1970).

### **uma mudança de percepção**

James LaVeck e Jenny Stein, *The Witness*, 2000. Informações no site [www.tribeofheart.org/](http://www.tribeofheart.org/)

### **consciência animal: os relutantes**

As observações de Kim Barlett a respeito da consciência animal dela e de seu filho, Wolf, estavam nas cartas trocadas com a DDA australiana, Christine Townsend. Agradeço a Kim por dividi-las comigo.

### **primeiros passos**

Mohandas Karamchand Gandhi, *An Autobiography: The Story of My Experiments with Truth* (Boston: Beacon Press, 1957).

### **uma consciência animal em expansão**

Minha antiga opinião a respeito do uso de animais em pesquisas está em "Animal Experimentation: First Thoughts", incluído no meu livro *All That Dwell Therein: Essays on Animal Rights and Environmental Ethics* (Berkeley: University of California Press, 1982), 65-74.

**Direitos Morais:  
O que são e por que são  
importantes**

**PARTE II**



DIREITOS  
HUMANOS

Os direitos humanos moldaram a nossa história. Em sua defesa, legiões de pessoas comuns morreram e cabeças reais rolaram. Os idealizadores da Declaração de Independência Americana certamente acreditavam neles. Eles sustentavam que a única razão para se ter um governo, para começo de conversa, é a proteção dos cidadãos na posse dos direitos que nenhum governo pode lhes dar – o que hoje em dia nós chamamos de nossos direitos humanos, ou direitos morais.

O que valeu no passado continua valendo hoje. A crença nos direitos humanos permeia todas as democracias representativas. Como um defensor dos direitos humanos, eu me posiciono ao lado dos fundadores da América. Os jovens que foram mandados ao Vietnã para lutar tinham direitos morais, incluindo os direitos à vida, à liberdade e à integridade física. O mesmo serve para as crianças vietnamitas que foram mortas ou mutiladas no conflito. E cada uma dessas pessoas tinha esses direitos, quer o governo dos Estados Unidos (ou qualquer outro governo, aliás) reconhecesse esses direitos, quer não.

É claro que, quando as pessoas estão dispostas a dar suas vidas ou a tirar a vida das outras, alguma coisa de imenso valor deve

estar em jogo. O que precisamente (ou mesmo vagamente) é essa coisa? Quanto mais eu aprendia o que outros filósofos ensinavam, mais confuso eu ficava. Decidi buscar uma resposta usando outro método. Em vez de perguntar: "O que são direitos humanos e por que são importantes?", fui até "o grosso" dos piores cenários imagináveis para achar o que estava procurando. Deixe-me explicar.

Na história americana, o que não faltam são períodos durante os quais alguns de nós fizemos coisas horríveis a outros. Os piores cenários imagináveis incluem os programas genocidas executados contra os americanos nativos, a escravidão dos afro-americanos e o internamento forçado de nipo-americanos em campos de concentração. Estes são os cenários que devemos examinar, para achar violações em larga escala dos direitos humanos. Entretanto, a história americana ensina que o mesmo mal ocorre, às vezes, em teatros menores, por assim dizer. O infame estudo de Tuskegee sobre a sífilis é um exemplo característico.

### **o estudo de tuskegee sobre a sífilis**

A época: 1932. O lugar:

Instituto Tuskegee (hoje

Universidade de Tuskegee), em Tuskegee, Alabama, que está entre as mais respeitadas e antigas instituições de ensino superior afro-americanas. O patrocinador do estudo: o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos. Os participantes: 399 homens afro-americanos pobres, que fizeram, como voluntários, e sem precisar pagar, o que lhes disseram ser um "tratamento especial" para seu "sangue ruim", mas sem saberem que, na verdade, sofriam de sífilis, e que o "remédio" que estavam lhes dando não era remédio coisa nenhuma, e não teria efeito terapêutico.

Os participantes também não sabiam qual era a razão para os estudos. Não era para ajudá-los a se recuperar da doença; não era nem mesmo para encontrar uma cura para a sífilis; em vez disso, o estudo foi conduzido para determinar o que aconteceria aos homens se sua doença não fosse tratada. Essa descoberta, pensavam os pesquisadores, ajudaria os médicos a entender os efeitos de longo prazo da sífilis. Armados desse conhecimento, os pacientes com sífilis poderiam receber um tratamento melhor no futuro.

É notável que, num país fundado sobre "os direitos do homem", o estudo tenha sido conduzido às custas desses homens crédulos e desinformados, de 1932 a 1972 – durante *quarenta* anos – com fundos

e apoio do governo norte-americano, que conhecia o verdadeiro objetivo da pesquisa.

Tudo isso já é ruim demais. O que piora as coisas é que, mesmo quando se descobriu, em 1957, que a sífilis pode ser tratada com sucesso por meio da penicilina, os pesquisadores sonegaram a cura. Os resultados? Quando o verdadeiro propósito do estudo foi exposto, vinte e oito homens tinham morrido da doença, outros cem tinham morrido de complicações relacionadas a ela, quarenta esposas tinham sido infectadas e dezenove crianças tinham nascido com sífilis. Este é o trágico legado do estudo de Tuskegee.

Defensores dos direitos humanos do mundo inteiro condenam o que aconteceu em Tuskegee. Se eu pudesse entender porque os direitos das "cobaias" humanas foram violados nesse caso em particular, eu poderia entender os direitos humanos em geral. Essa era minha estratégia. Acho que funcionou. Eis o que aprendi.

### **proteção moral: entrada proibida**

Possuir direitos morais é ter um tipo de proteção

que poderíamos imaginar como um sinal invisível dizendo: "Entrada proibida". O que esse sinal proíbe? Duas coisas. Primeira: os outros não são moralmente livres para nos causar mal; dizer isto é dizer que os outros não são livres para tirar nossas vidas ou ferir nossos corpos como bem quiserem. Segunda: os outros não são moralmente livres para interferir na nossa livre escolha; dizer isto é dizer que os outros não são livres para limitar nossa livre escolha como bem quiserem. Em ambos os casos, o sinal de "Entrada proibida" visa proteger nossos bens mais importantes (nossas vidas, nossos corpos, nossa liberdade), limitando moralmente a liberdade dos outros.

A coisa é diferente quando alguém excede seus próprios direitos, violando os nossos. Quando isso acontece, estaremos agindo dentro dos nossos direitos se respondermos ao agressor, mesmo que isto lhe cause algum dano sério. Entretanto, poder agir em autodefesa não significa ter uma permissão generalizada para prejudicar aqueles que não fizeram nada de errado. Os homens usados no estudo de Tuskegee, por exemplo. Todos eram inocentes, não fizeram nada errado. Nenhum estava ameaçando ninguém. No seu caso, todo dano sofrido, toda morte causada e toda liberdade perdida não ocorreram em resposta a uma violação e foram injustificáveis. Os pesquisadores que conduziram o estudo violaram os bens mais importantes de suas vítimas.

### **status moral: igualdade**

Direitos morais estão imbuídos de igualdade. Eles são os mesmos para todos os que os têm, ainda que todos sejam diferentes uns dos outros, em muitos aspectos. Isto explica por que não se pode negar justificadamente direitos a nenhum ser humano por razões arbitrárias, de preconceito ou moralmente irrelevantes. A raça é uma dessas razões. Tentar determinar quais humanos têm direitos baseando-se na sua raça é como tentar adoçar o chá pondo sal. A raça a que pertencemos não nos diz nada sobre quais direitos temos.

Isso também é verdadeiro para outras diferenças entre nós. Nancy e eu descendemos de pessoas nascidas em países diferentes – ela, Lituânia; eu, Irlanda. Alguns dos nossos amigos são cristãos, alguns judeus, alguns muçulmanos. Outros são agnósticos ou ateus. No mundo, em geral, poucas pessoas são muito ricas, e muitas mais, bastante pobres. E por aí vai. Os seres humanos diferem entre si em muitos aspectos. Não há como negar isso.

Ainda assim, ninguém que acredite em direitos humanos acha que essas diferenças marcam divisões morais fundamentais. O que queremos dizer com a idéia de direitos humanos é que *nós os temos igualmente*. E nós os temos igualmente, não importa qual seja nossa raça, sexo, crença religiosa, riqueza, inteligência, ou data e lugar de nascimento, por exemplo. Os pesquisadores que conduziram o estudo de Tuskegee tinham direitos morais. Assim como os homens sob seus cuidados. E todos tinham esses direitos igualmente. Que alguns pesquisadores pensassem de outra forma só mostra o quanto estavam errados.

### **peso moral: trunfo**

Todo defensor sério dos direitos humanos acredita que nossos direitos têm mais peso moral do que outros valores humanos importantes. Para fazer uma analogia com o jogo de bridge, nossos direitos morais são o trunfo. Eis o que esta analogia significa.

As cartas são dadas. O naipe de copas é o trunfo. As primeiras três cartas jogadas são a dama de espadas, o rei de espadas e o ás de espadas. Você (o último jogador) não tem espadas. Mas tem o dois de copas. Como copas é o trunfo, seu humilde dois de copas ganha da dama de espadas, do rei de espadas e até do ás de espadas. Isto mostra como é poderoso o trunfo no jogo de bridge.

A analogia entre o trunfo no bridge e os direitos individuais na moralidade deve ser razoavelmente clara. Há muitos valores importantes a serem considerados quando tomamos uma decisão moral. Por exemplo: Como é que o resultado da nossa decisão vai nos afetar pessoalmente? E como vai afetar nossa família, amigos, vizinhos, as pessoas do nosso país? Não é difícil fazer uma longa lista. Quando dizemos "direitos são o trunfo", queremos dizer que o respeito pelos direitos dos indivíduos é a mais importante consideração no "jogo da moralidade", por assim dizer. Mais especificamente, queremos dizer que os benefícios que outros obtêm violando os direitos de alguém nunca justificam a violação desses direitos.

Os pesquisadores que conduziram o estudo de Tuskegee pensavam que estivessem fazendo uma coisa boa para a humanidade. Futuros doentes de sífilis, acreditavam eles, se beneficiariam daquilo que os estudos revelassem. Não há motivo para duvidar das suas boas intenções, nem para negá-las. Entretanto, o respeito pelos direitos do indivíduo é o trunfo, prevalecendo sobre essas considerações. O estudo de Tuskegee ilustra o porquê de "bons fins" não justificarem "maus meios". O que os pesquisadores fizeram estava errado, e estava errado porque eles colocaram o bem de muitos acima do respeito pelos direitos de poucos.

### **reivindicações morais: justiça**

Durante quarenta anos, os participantes do estudo de Tuskegee confiaram nos profissionais que cuidavam deles. Quando a verdade foi revelada, eles reivindicaram seus direitos. O que isso significa? O contraste entre reivindicações de direitos e pedidos de generosidade deixa clara a resposta.

Eu quero um carro esporte bacana. Acontece que carros esportes custam mais do que Nancy e eu pagamos pela nossa casa. Bill Gates (como todo mundo sabe) tem tanto dinheiro que nem sabe o que fazer com ele. Eu lhe mando uma carta:

*Caro Bill*

*Quero um cupê esporte Audi TT com 3.2 litros de cilindrada e caixa de câmbio de engate direto. Não posso pagar o preço pedido. Eu sei que você pode. Sendo assim, eu lhe ficaria muito grato se você me mandasse uma ordem de pagamento (pelo correio expresso, se não se importar) para cobrir o custo.*

*Seu amigo,*

*Tom*

Uma coisa é suficientemente clara. Eu não estou na posição de exigir que Bill Gates me compre um Audi TT. Receber um carro dele – qualquer carro – não é algo a que eu tenha direito, não é algo que me seja devido ou que eu possa cobrar. Se meu bom amigo Bill me comprasse o carro dos meus sonhos, esse presente o distinguiria como singularmente generoso (ou singularmente tolo), não singularmente justo.

Quando reivindicamos nossos direitos, não estamos pedindo a generosidade de ninguém. Não estamos dizendo: "Por favor, teria a bondade de me dar uma coisa que eu não mereço?". Ao contrário, quando reivindicamos nossos direitos, estamos exigindo um tratamento justo, estamos exigindo o recebimento daquilo que nos é devido.

Parte da marcante tragédia do estudo de Tuskegee decorre da confiança que os homens empobrecidos tinham em seus pesquisadores. Na sua época, naquele lugar e naquelas circunstâncias, nunca ocorreu, aos homens com o "sangue ruim", reivindicar seus direitos. Por que eles o fariam? Eles pensavam que estivessem recebendo o mais avançado tratamento médico, tratamento que estavam tão longe de poder pagar quanto eu de poder pagar um Audi TT. Como gostaríamos que eles tivessem descoberto a verdade antes! Como gostaríamos que tivessem entendido a injustiça com que estavam sendo tratados, desde o começo! Com o tempo, depois de uma sucessão de mortes e gerações de sofrimento, chegou o dia em que os sobreviventes finalmente entenderam tudo. Quando eles reivindicaram seus direitos, não estavam pedindo nenhum favor.

### **danos morais: assistência**

O estudo de Tuskegee ilustra como as vítimas da injustiça às vezes não compreendem quando ou porque seus direitos estão sendo violados. Membros das populações vulneráveis (as crianças e os pobres, por exemplo) são vítimas freqüentes. Por causa de sua vulnerabilidade, as crianças e as pessoas que vivem na pobreza são presas fáceis de quem procura levar alguma vantagem pessoal ou pública. Quando os vulneráveis são usados como meios para tais fins, as pessoas que entendem o dano causado têm o dever de intervir e de se manifestar em defesa das vítimas. Além do mais, esse dever é, na verdade, uma exigência de que se faça justiça, não um apelo à generosidade. Nós temos a obrigação de dar assistência a essas vítimas; ajuda é uma coisa que lhes é devida, não algo que seria "extremamente gentil" da nossa

parte lhes dar. Quanto menos capazes as pessoas forem de defender seus direitos, maior é nosso dever de defendê-los para elas.

Limitados no nosso poder e influência, não conseguimos fazer tudo para defender todas as vítimas da injustiça. Entretanto, o que podemos fazer é mais do que nada. O fato de não podermos fazer tudo para todas as vítimas da injustiça não significa que devamos nos contentar em não fazer nada por nenhuma delas. Sem a menor dúvida, todo mundo que sabia o que estava sendo feito aos homens no estudo de Tuskegee tinha o dever de tentar parar com aquilo.

### **unidade moral: respeito**

Violar. Igualdade. Trunfo. Estas e as outras idéias que vêm à tona quando revemos o estudo de Tuskegee ajudam a explicar os direitos humanos. Ainda assim, não pude deixar de achar que algo estava faltando. Tinha de haver uma maneira de unificar essas idéias, de simplificá-las. É aqui que entra a idéia do respeito.

Num sentido geral, os direitos discutidos neste capítulo (vida, liberdade e integridade física) são variações de um tema principal, que é o respeito. Eu mostro meu respeito por você respeitando esses direitos na sua vida. Você mostra seu respeito por mim fazendo a mesma coisa. O respeito é o tema principal, porque tratar um ao outro com respeito é *exatamente* tratar um ao outro de modo a respeitar os nossos outros direitos. Nosso direito mais fundamental, então, o direito que unifica todos nossos outros direitos, é nosso direito de sermos tratados com respeito.

Quando aplicamos esse modo de pensar ao estudo de Tuskegee, todas as nossas perguntas têm a mesma resposta. Quem conduziu o estudo mostrou respeito pela integridade física dos homens cuja saúde deteriorava ao longo do tempo? Não. Mostrou respeito pela vida das vítimas que morreram? Não. De uma forma mais geral, os participantes foram tratados com o respeito que lhes era devido, conforme o direito moral? Não. Em 1997, quando o presidente Clinton, falando à nação, pediu desculpas às poucas "cobaias" humanas que sobreviveram ao estudo de Tuskegee, e aos descendentes dos homens que tinham morrido, o pedido de desculpas chegava com mais de 60 anos de atraso.

## **olhando para trás, olhando para frente**

O que são direitos humanos? Por que eles são importantes? Isto era parte do que eu tinha de "resolver" antes de abordar a questão dos direitos animais. Aqui vai um resumo do que aprendi.

Nossos direitos morais são os mesmos, independentemente das nossas muitas diferenças. Eles servem para proteger nossos bens mais importantes: nossas vidas, nossos corpos e nossa liberdade. Além disso, a proteção que eles oferecem não é pouca: é muita. Nossos direitos – os seus e os meus, assim como os dos homens prejudicados no estudo de Tuskegee – deveriam ser respeitados mesmo se outras pessoas pudessem colher grandes benefícios violando-os.

Invocar nossos direitos é diferente de pedir um favor. Tratamento respeitoso é algo que nos é devido. Quando falamos a linguagem dos direitos, estamos exigindo algo, e o que estamos exigindo é justiça, não generosidade; respeito, não favor. Fazemos tais exigências não apenas em nosso próprio nome; nós as fazemos também em nome daqueles que não têm o poder ou o conhecimento para fazê-las por si mesmos. No universo moral, nada é mais importante do que nosso direito de sermos tratados com respeito – o que explica porque as pessoas estão dispostas a dar suas vidas ou a tirar as de outras, em defesa de seus direitos. Sem o respeito pelos direitos de alguém, não há respeito por quem os possui.

Eu estava fazendo progresso. Antes, "direitos morais" era uma idéia à qual eu apelava, mais do que uma idéia que eu compreendia. Agora eu estava começando a compreendê-la. Na verdade, passei a compreender o suficiente para saber o que eu não sabia antes. Havia uma grande lacuna que precisava ser preenchida. Dizer o que são direitos morais e porque eles são importantes não explica porque temos os direitos que temos. Foi embrenhando-me nessa questão que cheguei à próxima.

## **explicando os direitos humanos**

Por que temos os direitos que temos? Mais uma vez, os filósofos vêm tentando responder essa pergunta há séculos. E mais uma vez (de novo!) eu procurava maneiras de simplificar a questão, agora a partir do modelo de uma prova em geometria:

*Dado: Seres humanos têm direitos morais.*

*Dado: Paus e pedras não têm direitos morais.*

*Pergunta: Por quê? O que os seres humanos têm, que paus e pedras não têm, que explica por que nós temos, mas paus e pedras não têm, direitos morais?*

Qualquer que fosse esse "algo", estava claro que teria de ajudar a esclarecer o que nos torna iguais, nos modos que são relevantes aos direitos que temos. Portanto, a pergunta era (e continua sendo): "O que é esse 'algo'?". Pus-me a tentar identificar as alternativas mais influentes. Algumas dependem de convicções religiosas; outras, não. Para ser justo, eu teria de considerar esses dois tipos. Historicamente, eis as respostas que têm atraído o maior número de adeptos.

Os seres humanos têm direitos porque

- 1. Os seres humanos são humanos.*
- 2. Os seres humanos são pessoas.*
- 3. Os seres humanos são autoconscientes.*
- 4. Os seres humanos usam a fala.*
- 5. Os seres humanos vivem em uma comunidade moral.*
- 6. Os seres humanos têm almas.*
- 7. Deus nos deu esses direitos.*

Acho que nenhuma dessas respostas é satisfatória, por várias razões que quero explicar. Mas também quero explicar uma alternativa possível que supera as deficiências dessas respostas.

## **respostas insatisfatórias**

- 1. Os seres humanos têm direitos porque humanos são humanos.*

Aqui temos uma idéia que é verdadeira em parte, mas inteiramente irrelevante. Porque é verdade que os seres humanos são humanos, assim como é verdade que pedras são pedras. O problema é que verdades como estas não têm importância moral. Tudo que elas nos dizem é que uma dada idéia (humano ou pedra) é idêntica a si mesma, e a identidade de uma coisa consigo mesma não é relevante para o entendimento do porquê de termos direitos e pedras, não.

Para deixar isto mais claro, suponha que eu declare: "Pedras

têm direitos". Você (claro) parece perplexo. "Por que diabo você acredita numa coisa dessas?", você pergunta. Eu respondo: "Porque pedras são pedras". Agora você parece mais perplexo ainda. "Não", você diz, "eu quero dizer: o que é que há com as pedras que explique os direitos delas?" "Pedras são pedras", eu falo de novo. "Bem", você diz, "pode acreditar no que quiser, mas você não me deu razão alguma para acreditar que pedras tenham direitos". Exatamente. Assim como não passamos a ter razão para acreditar que os seres humanos tenham direitos, se alguém disser: "Os seres humanos são humanos".

Talvez o que se entenda seja algo diferente. Talvez a idéia seja que os seres humanos têm direitos porque pertencem a uma espécie particular – a espécie humana, a espécie *Homo sapiens*. Interpretada dessa forma, como uma asserção científica (biológica), a resposta 1 continua sendo igualmente verdadeira em parte, além de inteiramente irrelevante. Sim, seres humanos pertencem à espécie *Homo sapiens*. Não, nós não pertencemos à espécie *Canis lupus*. Mas o problema, de novo, é que verdades como estas não nos ajudam a entender o porquê de termos direitos e lobos não – caso eles não tenham mesmo. Tudo que elas nos dizem é que alguns seres (seres humanos) pertencem a uma espécie biológica, enquanto outros seres (seres lupinos) pertencem a outra espécie biológica. Mas quem pertence a qual espécie não é relevante para nossa pergunta. Se pensamos que lobos não têm direitos, não é por pertencerem à espécie *Canis lupus*.

## 2. Os seres humanos têm direitos porque são pessoas.

Se a resposta 2 é verdadeira depende, obviamente, do que se entenda por "pessoas". Entre filósofos, existe uma concordância universal: no sentido relevante, pessoas são indivíduos moralmente responsáveis por seu comportamento, indivíduos em relação aos quais faça sentido dizer "O que eles fizeram era certo e louvável" ou "O que eles fizeram era errado e censurável". Você e eu somos pessoas, assim como todos que participaram do estudo de Tuskegee. O que a resposta 2 significa, portanto, é que as pessoas que eu mencionei têm direitos porque elas são moralmente responsáveis pelo seu comportamento.

Diferente da resposta 1, o que a resposta 2 diz certamente parece relevante. Se algum ser humano tem direitos, só faz sentido pensar que sejam os humanos moralmente responsáveis por seu comportamento. Em outras palavras: se *esses* seres humanos não tiverem direitos, será terrivelmente difícil compreender por que *algum* ser humano os tem.

Mas há um problema. Se, por um lado, podemos compreender por que os seres humanos que são pessoas têm direitos, por outro, a resposta 2 não diz nada sobre os direitos de seres humanos que não são pessoas. E isso exclui centenas de milhões, possivelmente bilhões de seres humanos. Por exemplo: humanos que estão prestes a nascer e crianças nos primeiros anos de vida não são pessoas no sentido explicado. Nenhuma delas é moralmente responsável por seu comportamento. Assim, se por um lado ser uma pessoa pode ser relevante para compreender porque alguns humanos têm os direitos que têm, isso não ajuda a compreender os direitos possuídos por um vasto segmento da população humana.

### 3. *Os seres humanos têm direitos porque são autoconscientes.*

A autoconsciência é uma capacidade que pode ser ilustrada com o seguinte exemplo. Olhamos para o que está na nossa frente. Uma coisa que vemos é um livro. Então somos conscientes de um livro. Entretanto, também somos capazes de ser conscientes de que somos conscientes de um livro. Podemos olhar "de fora" para nós mesmos, por assim dizer. Este nível mais alto de consciência (ser consciente de que somos conscientes de alguma coisa) está no âmago da capacidade para a autoconsciência. Eu entendo isso da seguinte maneira: não apenas somos conscientes *do* mundo, como também somos conscientes de estarmos *nele*.

A autoconsciência é necessária para se ter medo da morte. Se não formos conscientes de estarmos no mundo, fica difícil compreender como é que podemos ter medo de deixá-lo (isto é, ter medo de deixar de estar vivo, ter medo de morrer). Por ser isto verdade, talvez possamos antecipar o próximo passo que os filósofos dão. Eles argumentam que não podem ter direito à vida os seres que não compreendem a própria mortalidade; e já que não se pode compreender a própria mortalidade sem autoconsciência, esses filósofos concluem que somente seres autoconscientes têm direito à vida.

Este modo de pensar sobre direitos humanos não nos levaria muito longe, mesmo se fosse satisfatório em outros aspectos. Por exemplo, fica difícil compreender como a autoconsciência é relevante para a compreensão do nosso direito à integridade física. Tal como está, entretanto, a resposta 3 não é satisfatória em outros aspectos. Os psicólogos nos dizem que as crianças não conscientizam-se de sua própria mortalidade antes dos nove ou dez anos. Isto significa que centenas de milhões, possivelmente bilhões de crianças não satisfazem

a resposta 3. Se satisfazer a resposta 3 for necessário para se ter direito à vida, nenhuma dessas crianças tem esse direito, o que é absurdo. Mesmo que a autoconsciência fosse relevante para se compreender porque alguns humanos têm direito à vida, não ajudaria a compreender os direitos possuídos por todos aqueles seres humanos a quem falta tal capacidade.

*4. Os seres humanos têm direitos porque usam a fala.*

Talvez se note logo de cara que a resposta 4 sofre de algumas das mesmas deficiências das respostas 2 e 3. Muitos seres humanos que não satisfazem as respostas 2 e 3 – bebês, por exemplo – não satisfazem a resposta 4. Portanto, mesmo que a capacidade de usar uma linguagem fosse relevante para se compreender porque alguns seres humanos têm certos direitos, não ajudaria a entender porque os seres humanos que não têm essa habilidade têm os direitos que têm. Mas a coisa ainda é mais séria. Diferentemente das respostas 2 e 3, a resposta 4 propõe uma consideração (a habilidade de usar uma linguagem) que não tem nenhuma relevância óbvia para nenhum dos direitos que estamos explorando (nossos direitos à vida, à integridade física e à liberdade). Tem de haver uma resposta melhor do que essa.

*5. Os seres humanos têm direitos porque vivem em uma comunidade moral.*

Filósofos a favor da resposta 5 entendem "comunidade moral" da seguinte maneira. Uma "comunidade moral" é aquela em que a idéia de direitos morais é invocada e compreendida. Assim, todos os seres humanos são membros de uma comunidade moral porque todos os seres humanos são membros de uma comunidade na qual a idéia de direitos morais é invocada e compreendida.

Não é difícil de descobrir a motivação que leva os filósofos a favorecerem a resposta 5. Como vimos, algumas das respostas apresentadas são deficientes porque não conseguem nos ajudar a entender os direitos dos bebês ou das crianças bem novas. A resposta 5 procura remediar essa deficiência fazendo a posse dos direitos ser independente das capacidades de cada indivíduo humano (a capacidade para a autoconsciência, digamos). O que a resposta 5 sugere é que *todos* os seres humanos têm direitos, quaisquer que sejam suas capacidades individuais, porque *todos* os humanos são membros de uma comunidade moral.

Embora a motivação por trás desse modo de pensar possa ser louvável, o pensamento em si não é. O fato de uma idéia ser invocada e compreendida em uma comunidade não oferece explicação alguma para a veracidade dessa idéia. Considere a idéia de bruxas. Que a gente saiba, essa é uma idéia que brota entre os seres humanos e somente entre eles. Suponha que isto seja verdade. E suponha que nos perguntem se existem bruxas. Nenhum pensador, mesmo um meio descuidado, vai dizer: "A explicação do porquê de existirem bruxas é que a idéia de bruxas é invocada e compreendida na nossa comunidade (humana)". Que tenhamos a *idéia* de bruxas não é minimamente relevante para explicar a existência (ou não-existência) de bruxas. Não há razão nenhuma para se pensar diferente sobre os direitos. Dizer "Podemos entender a razão de todos humanos terem direitos porque a idéia de direitos é invocada e compreendida em nossa comunidade (humana)" não nos ajuda em nada a entender por que temos os direitos que temos.

#### *6. Os seres humanos têm direitos porque têm almas.*

Aqui encontramos a primeira das duas bases religiosas dos direitos humanos que são propostas com mais freqüência. (Idéias religiosas serão discutidas longamente no próximo capítulo). Muitas das religiões mundiais, tanto antigas como modernas, ensinam que os seres humanos têm almas imortais. É verdade que, muitas vezes, as doutrinas diferem. Por exemplo, os hindus acreditam na reencarnação: depois que nosso corpo morre, existe uma probabilidade de nossa alma renascer na forma de algum outro animal. Os cristãos, ao contrário, não acreditam na reencarnação; depois que nosso corpo morre, nunca mais nascemos de novo neste mundo. Apesar dessas diferenças, a raiz da idéia é a mesma. Dizer que temos uma alma imortal é dizer que não perecemos quando nosso corpo morre; em vez disso, continuamos a viver, de uma forma ou outra.

A crença na alma pode ser uma idéia confortadora. Quando nos defrontamos com a morte de um membro da família ou de um grande amigo, nossa tristeza pode ser amenizada se acreditarmos em uma vida no além. É complicado ser contra aquilo que ajuda a diminuir a tristeza nos momentos difíceis, razão pela qual eu sempre fui receptivo à idéia da alma e espero sinceramente que os humanos tenham uma. Ao mesmo tempo, para mim está claro, há muitos anos, que ter uma alma não é relevante para se compreender o porquê de termos os direitos que temos. Aqui está o motivo pelo qual penso assim.



Explicamos a importância de ter os direitos que temos observando que eles servem para proteger nossos bens mais importantes: nossas vidas, nossos corpos e nossa liberdade. Além do mais, a proteção que eles oferecem não é pequena; é grande. Nossos direitos deveriam ser respeitados mesmo que outras pessoas obtivessem grandes benefícios violando-os. No universo moral, como já vimos, nossos direitos são o trunfo: nada é mais importante do que nosso direito de sermos tratados com respeito.

Agora pedimos ajuda para entender porque temos os direitos que temos. Alguém responde: "Temos os direitos que temos porque temos almas imortais". É claro que o fato de termos almas imortais, supondo que as tenhamos, é relevante para a pergunta "Continuaremos a viver depois que nossos corpos morrerem?" Mas não é menos claro que o fato de termos almas imortais não tem um pingão de relevância para a questão "É errado assassinar pessoas, machucar seus corpos ou roubar sua liberdade enquanto elas estiverem vivas *neste* mundo?" Em outras palavras: o que acontece conosco depois da morte não nos ajuda a entender o porquê de termos os direitos que temos enquanto estamos vivos.

### 7. *Deus nos deu esses direitos.*

Esta é a base religiosa mais comum dos direitos humanos. A idéia parece suficientemente simples. Como nossos poderes são limitados, não podemos criar direitos morais. Como o poder de Deus é infinito, Ele pode. De fato, Deus não só pode fazer isso, como também achou que devesse fazê-lo, e é por isso que temos os direitos que temos.

Esse modo de pensar não encontra apoio entre agnósticos e ateus. De acordo com a resposta 7, os seres humanos não teriam direitos se Deus não existisse para nos dar esses direitos. Contudo, pessoas que não acreditam em Deus (ateus), assim como outras que não sabem no que acreditar (agnósticos), acreditam firmemente nos direitos humanos. Temos de dizer que elas devem estar erradas, e que é impossível termos direitos sem que Deus nos dê esses direitos? Isto não é algo que ateus e agnósticos estejam dispostos a aceitar passivamente.

A insatisfação com esse modo de pensar sobre direitos não se restringe, de forma alguma, às pessoas sem crença religiosa. Mesmo os crentes mais devotos têm razões muito bem pensadas para questionar a resposta 7. Isso pode ser explicado usando-se o Cristianismo como nosso exemplo de trabalho.

Alguns cristãos, sem dúvida, acreditam que Deus seja a fonte dos nossos direitos. Afinal de contas, não foram os fundadores da América (alguns dos quais, aliás, não eram cristãos) que disseram que nós somos "dotados pelo nosso Criador de certos direitos inalienáveis"? Se não pudermos confiar nos fundadores, em quem podemos confiar?

Não importa o que seja verdadeiro em outros aspectos; neste, os fundadores da América não são exemplos confiáveis. Lembre-se que eles foram as pessoas cujo Deus distribuiu direitos com um preconceito alarmante. O Deus deles não deu direitos às mulheres, às crianças, às pessoas com problemas mentais, aos escravos, aos americanos nativos, nem aos cidadãos que não tinham propriedades. O Deus deles achou por bem distribuir direitos de forma a conceder vantagens a homens como os fundadores e privar de vantagens todas as outras pessoas. Que conveniente, para os fundadores, ter Deus do seu lado! Se fôssemos solicitados a ilustrar como o preconceito opera, seria difícil encontrar um exemplo melhor – e pior, ao mesmo tempo. Pessoas importantes não estão livres de cometer erros importantes.

O mais elementar senso de prudência nos aconselha a procurar um exemplo de sabedoria em outro lugar. Que melhor lugar (no presente contexto) do que a Bíblia? Quando o fazemos, veja o que achamos; ou melhor, o que *não* achamos. Não encontramos nenhuma passagem da Bíblia na qual Deus dê direito aos seres humanos. Em nenhum capítulo, em nenhum versículo, lemos que Deus tenha dito (por exemplo): "Seres humanos! Atenção! Eu estou lhes dando direitos, inclusive os direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade!" A verdade é que nós simplesmente não encontramos nada remotamente parecido com isso, na Bíblia.

O que encontramos é algo semântica e moralmente diferente. A ética bíblica, especialmente a que encontramos no Novo Testamento, é uma ética de amor (*agápé*), não uma ética de direitos. Nossa existência é um presente do abundante amor divino, e o amor que devemos ter pelo nosso próximo é algo que damos espontaneamente, conforme o modelo do amor de Deus por nós, não algo que nosso próximo esteja autorizado a exigir de nós por uma questão de justiça. Nossa obrigação de amar o próximo não é baseada no direito dele de ser amado. Dentro da concepção bíblica, dizer que "Eu tenho direito ao seu *agápé*!" é tão confuso quanto dizer a Bill Gates que "Eu tenho direito ao seu dinheiro!" Nas palavras de Gandhi, "O amor nunca exige, sempre dá". As pessoas que dão crédito ao Deus da Bíblia enquanto fonte dos nossos direitos são culpadas por lerem na Bíblia o que elas queriam que estivesse escrito ali, em vez de aceitarem o que está escrito de verdade.



Mas suponha que concordemos, para fins de argumentação, que Deus não só existe como também é, de fato, a fonte dos direitos. Em outras palavras: quem quer que tenha direitos os tem porque Deus achou por bem concedê-los. Mesmo que façamos essa grande conjectura, ainda ficaremos sem saber quem tem direitos ou por que os tem (isto é, o que faz com que Deus confira direitos aos que os têm). Além disso, conforme ilustra o exemplo dos fundadores, os seres humanos não só cometem erros às vezes, como também têm errado profundamente nas respostas que dão à pergunta "A quem Deus deu direitos?" Como resultado, introduzir Deus na equação, mesmo fazendo as suposições que fizemos, deixa sem resposta muitas das perguntas mais importantes. (Para ler mais sobre Deus e direitos, veja a discussão no próximo capítulo sobre as objeções 9 e 10.)

### **e a resposta, qual é?**

O que, então – se não é a biologia humana, nem nossa responsabilidade moral, nem a nossa alma, nem Deus, nem qualquer das possibilidades que discutimos – nos ajuda a entender o porquê de termos os direitos que temos? Tinha de haver uma resposta em algum lugar. Resolvi continuar procurando por ela. Quando a encontrei, foi como fazer uma descoberta, de tão novo que aquilo foi para mim.

Nossa discussão anterior neste capítulo observava algumas das muitas formas de os seres humanos serem diferentes uns dos outros – em termos de sexo, raça ou etnia, por exemplo. Apesar das nossas muitas diferenças, existem alguns aspectos sob os quais todos os seres humanos com direitos são iguais. Não é porque pertencemos todos à mesma espécie (o que é verdade, mas não é relevante). E não é porque todos nós somos pessoas (o que talvez seja relevante, mas não é verdade). O que quero dizer é que todos somos iguais em aspectos relevantes, relacionados aos direitos que temos: nossos direitos à vida, à integridade física e à liberdade.

Pense nisso. Não apenas estamos todos no mundo, como também todos somos conscientes do mundo e, ainda, conscientes do que acontece conosco. Além do mais, o que nos acontece – seja aos nossos corpos, à nossa liberdade ou às nossas vidas – importa para nós, porque faz diferença quanto à qualidade e à duração das nossas vidas, conforme experimentadas por nós, quer os outros se importem com isso, quer não. Quaisquer que sejam nossas diferenças, essas são nossas semelhanças fundamentais.

Não existe uma palavra de uso comum que dê nome a essa família de semelhanças. "Ser humano" não serve (um ser humano morto é um ser humano, mas não tem consciência do mundo, por exemplo). "Pessoa" também não serve (crianças nos primeiros anos de vida são conscientes do que lhes acontece, mas não são pessoas). Ainda assim, essas semelhanças são suficientemente importantes para autorizarem uma designação verbal própria. Eu uso a expressão "sujeito-de-uma-vida". De acordo com esse uso, o autor destas palavras, Tom Regan, é um sujeito-de-uma-vida, assim como seus leitores.

Quais seres humanos são sujeitos-de-uma-vida? Todos os seres humanos que têm a família de semelhanças mencionada antes. E quem seriam eles? Bem, todos os aproximadamente *seis bilhões* de nós, independentemente de onde vivamos, da idade que tenhamos, de nossa raça, sexo, classe, crenças religiosas e políticas, nível de inteligência, e daí por diante, através do vasto inventário das nossas diferenças.

Por que ser sujeito-de-uma-vida é uma idéia importante? Porque funciona onde as outras possibilidades que nós consideramos falham. A família de características que definem esta idéia *nos torna todos iguais* de forma que nossa igualdade moral faça sentido. Eis o que eu quero dizer.

Como foi sugerido na discussão precedente, sujeitos-de-uma-vida humanos diferem em muitos aspectos. Por exemplo, alguns são geniais, outros têm sérias deficiências mentais; alguns têm talento para a música, outros não conseguem segurar um tom; alguns podem pular alto, correr rápido, e arremessar uma bola de beisebol a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora, enquanto o resto de nós é (devo dizer?) deficiente em relação a esses talentos. Essas diferenças são reais e importantes. Se o time dos Piratas de Pittsburg estiver procurando por um jogador que arremesse tão rápido que o salve da derrota iminente, vai bater na porta errada se vier à minha.

Mas quando pensamos sobre o mundo em termos de igualdade moral fundamental, essas diferenças não são importantes. Moralmente, um gênio capaz de tocar os Estudos de Chopin com uma mão amarrada nas costas não tem um "*status superior*" ao de uma criança com grave deficiência mental que nunca venha a saber o que é um piano ou quem foi Chopin. Moralmente, não é assim que dividimos o mundo, colocando os Einsteins na categoria "superior", acima dos "inferiores" Homer Simpsons da vida. As pessoas menos capacitadas não existem para servir os interesses dos mais hábeis, nem são meras coisas para ser usadas como meios para os fins deles. Do ponto de vista moral,

cada um de nós é igual porque cada um de nós é igualmente "um alguém", não uma coisa; o sujeito-de-uma-vida, não uma vida sem sujeito.

Então por que a idéia de ser o sujeito-de-uma-vida é importante? Porque ela tem êxito – onde as outras candidatas que discutimos falham – em explicar nossa semelhança moral, nossa igualdade moral.

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque estamos todos no mundo.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque somos todos conscientes do mundo.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque o que acontece conosco é importante para nós.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque o que acontece conosco (com nossos corpos, nossa liberdade ou nossas vidas) é importante para nós, quer os outros se preocupem com isso, quer não.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, não há superior nem inferior, não há melhores nem piores.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos moralmente idênticos.*

*Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos moralmente iguais.*

Então voltamos à pergunta com a qual nossa discussão começou:

*Dado: Seres humanos têm direitos morais.*

*Dado: Paus e pedras não têm direitos morais.*

*Pergunta: Por quê? O que os seres humanos têm, mas paus e pedras não têm, que explica por que nós temos, mas paus e pedras não têm, direitos morais?*

Qualquer que seja essa "coisa", já se observou, ela terá de esclarecer o que nos faz ser idênticos, o que nos torna iguais de modo relevante para os direitos que temos.

E a resposta à nossa pergunta, qual é? É porque nós somos, mas paus e pedras não são, sujeitos-de-uma-vida. No dia em que escrevi estas palavras pela primeira vez e achei que compreendi sua verdade, lembrome de ter imaginado: é assim que outras pessoas devem se sentir quando elas dizem que tiveram uma revelação importante. A sensação da descoberta e do maravilhoso foi realmente intoxicante. Ainda faltava ver se o que eu estava aprendendo sobre direitos humanos podia ser usado para desvendar os mistérios dos direitos animais.

## NOTAS

Meu argumento nesse capítulo pode ser complementado com outros dois trabalhos meus: *The Case for Animal Rights* (Berkeley: University of California Press, 1983), and *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy* (New York: Rowman and Littlefield, 2004). Veja, ainda, minha contribuição ao *The Animal Rights Debate*, com Carl Cohen (New York: Rowman and Littlefield, 2001), e os seguintes textos em *Defending Animal Rights* (Urbana: University of Illinois Press, 2000): "Mapping Human Rights" (66-84) e "Putting People in Their Place" (85-105).

### o estudo de tuskegee sobre a sífilis

Informações úteis sobre o caso estão no site [www.kn.pacbell.com/wired/BHM/tuskegee\\_quest.html](http://www.kn.pacbell.com/wired/BHM/tuskegee_quest.html).

### proteção moral: entrada proibida

Eu devo a analogia da "entrada proibida" a Robert Nozick, *Anarchy, State, and Utopia* (New York: Basic Books, 1974).

### peso moral: trunfo

Eu devo a analogia do "trunfo" a Ronald Dworkin, *Taking Rights Seriously* (London: Duckworth, 1977).

### respostas insatisfatórias

1. *Os seres humanos têm direitos porque são humanos.*

Carl Cohen parece manter essa opinião, entre outras. Veja sua contribuição a Carl Cohen e Tom Regan, *The Animal Rights Debate*.

2. *Os seres humanos têm direitos porque são pessoas.*

Esse ponto de vista comum é adotado por Michael Tooley, por exemplo, em *Abortion and Infanticide* (Oxford: Oxford University Press, 1983).

3. *Os seres humanos têm direitos porque são autoconscientes.*

Novamente, Tooley está entre muitos filósofos que adotam esse modo de pensar. Veja seu livro *Abortion and Infanticide*.

4. *Os seres humanos têm direitos porque usam a fala.*

R. G. Frey é um exemplo dos filósofos que acreditam que tem direitos quem consegue se comunicar através da fala. Veja seu livro *Interests and Rights: The Case against Animals* (Oxford: Clarendon Press, 1983).

5. *Os seres humanos têm direitos porque vivem em uma comunidade moral.*

Cohen adota esse ponto de vista em *The Animal Rights Debate*.

6. *Os seres humanos têm direitos porque têm almas.*

O "argumento da alma" é muito comum entre pessoas religiosas.

7. *Os seres humanos têm direitos porque Deus lhes deu esses direitos.*

Uma obra clássica que aborda essas questões é o livro Andrew Linzey, *Christianity and the Rights of Animals* (New York: Crossroad, 1987).



DIREITOS  
ANIMAIS

O que eu tinha aprendido sobre direitos humanos provou ser diretamente relevante para a minha reflexão sobre os direitos animais. Se os animais têm direitos ou não depende da resposta verdadeira a uma pergunta: Os animais são sujeitos-de-uma-vida? Esta é a pergunta que precisa ser feita sobre os animais porque é a pergunta que precisamos fazer sobre nós.

Logicamente não podemos nos colocar diante do mundo e declarar: "O que esclarece o porquê de termos direitos iguais é o fato de sermos todos igualmente sujeitos-de-uma-vida; mas outros animais, que são exatamente como nós enquanto sujeitos-de-uma-vida, bem, *eles não* têm nenhum direito!" Isso seria como se colocar diante do mundo e gritar: "Um Volvo não é um carro porque um Volvo não é um Ford!" Ninguém quer ser, nem parecer, tão idiota.

Então, eis nossa pergunta: entre os bilhões de animais não-humanos existentes, há animais conscientes do mundo e do que lhes acontece? Se sim, o que lhes acontece é importante para eles, quer alguém mais se preocupe com isso, quer não? Se há animais que atendem a esse requisito, eles são sujeitos-de-uma-vida. E se forem

sujeitos-de-uma-vida, então têm direitos, exatamente como nós. Devagar, mas firmemente, compreendi que é nisso que a questão sobre direitos animais se resume.

Não é de surpreender que não exista um fato sozinho, ou um argumento único, que resolva tudo. Em vez disso, uma variedade de fatos relevantes precisa ser considerada, e uma família de argumentos tem de ser explorada. A situação é similar aos procedimentos legais em um tribunal. Raramente existe um fato ou argumento que, sozinho, estabeleça culpa ou inocência. É verdade que às vezes os pilantras são pegos com a mão na massa. Na grande maioria dos casos, entretanto, é a soma de diferentes fatos (onde o acusado estava no momento do crime, evidências de DNA e coisas assim), junto com a força relativa de argumentos concorrentes, que inclina a balança da justiça, para um lado ou outro. Com relação à causa que temos diante de nós, creio que o resultado da ponderação dos fatos relevantes e dos argumentos concorrentes dá sustentação, de forma cabal, a apenas um julgamento conclusivo: muitos animais não-humanos são sujeitos-de-uma-vida.

### **senso comum**

Em um capítulo anterior eu mencionei Gleco, o cão com quem Nancy e eu dividimos nossas vidas antes de as crianças nascerem. Ele era um amigo maravilhoso, um cão inteligente como nunca tínhamos visto, com uma disposição agradável, mas também com um traço de independência. Havia algo de gato nele; estava preparado para nos permitir amá-lo muito, mas não sentia tanta necessidade assim de retribuir nosso amor. Você tinha de admirar isso no Gleco.

Será que Nancy e eu achávamos que o Gleco fosse um sujeito-de-uma-vida? Naquela época, é verdade, nunca tínhamos ouvido a expressão "sujeito-de-uma-vida"; então, não pensávamos nesses termos. Mas se alguém tivesse perguntado: "Vocês acham que o Gleco tem consciência do mundo? Consciente do que acontece com ele? Vocês acham que o que acontece com ele é importante para ele, independentemente de alguém se importar ou não com isso?", Nancy e eu teríamos respondido, sem hesitar: "Você está brincando? Claro que Gleco é tudo isso!".

O que nós pensávamos sobre Gleco, centenas de milhões de outras pessoas pensam sobre os gatos e cães com quem elas compartilham suas vidas. Trata-se de puro senso comum o reconhecimento de que, por trás daqueles olhos, nossos companheiros animais são

criaturas psicológicas complexas, e não menos sujeitos-de-uma-vida do que nós. Está certo que os parâmetros das vidas deles diferem dos nossos em muitos aspectos. Alguns de nós gostamos de *hip-hop* ou passeios no *shopping*, de ler sobre História ou fazer pães, de fazer potes de cerâmica ou jogar *video games*. Gatos e cães não gostam de fazer nada disso. Portanto, sim, não precisamos ter o trabalho de fazer uma longa lista de como nossas vidas diferem das deles.

Mas (e este é um *mas* crucial) existe uma identidade em meio às diferenças. Enquanto sujeitos-de-uma-vida, nós somos, por assim dizer, inteiramente como eles. Se uma pessoa nos dissesse que estamos enganados, que gatos e cães não são, de forma alguma, conscientes do mundo, ou que eles absolutamente não se importam com o que lhes acontece, vamos achar (para usar uma conhecida expressão) que ela deve ter um parafuso a menos na cabeça.

### **linguagem comum**

Imagine que um dos seus vizinhos mantenha muitos cães numa pequena jaula vinte e quatro horas por dia. Sempre que você passa perto, os cães latem e uivam, de tanta excitação ao vê-lo. Quando você pára e faz carinho neles, eles abanam o rabo e lambem sua mão. Quando você vai embora, eles cavam furiosamente o chão e tentam escapar pelas estreitas aberturas criadas com seus esforços. Seu vizinho lhe diz para ficar longe da propriedade dele, "ou então...". Você continua firme. "O senhor não vê que os cães querem sair? Que eles estão carentes de atenção? Que estão mortos de tédio, presos nessa jaula noite e dia?".

Será que alguém tem algum problema para entender o que você quer dizer? Você está usando as palavras de modo a tornar ininteligível o que você fala? Podemos imaginar diferentes circunstâncias em que isso seria verdade. Se você nos dissesse que os cubos de gelo querem sair do *freezer* ou que os paralelepípedos da rua estão carentes de atenção, as pessoas normais, que falam a mesma língua que você, se perguntariam que diabo você está falando. Mas nenhuma pessoa normal, falante da sua língua, teria a menor dificuldade em entender o que você quer dizer, quando diz o que diz sobre os cães do vizinho. Existe *alguém ali*, por detrás daqueles olhos caninos, alguém com desejos e necessidades, memórias e frustrações.



## **comportamento comum**

Parte da razão pela qual podemos falar significativamente sobre o que cães e outros animais querem é que o comportamento deles se parece com o nosso em aspectos relevantes. Se eu estiver numa jaula e quiser me libertar, tentarei sair (por exemplo, tentarei aumentar o espaço entre as barras ou empurrá-las). Se os cães do seu vizinho quiserem sair da jaula deles, também tentarão escapar (por exemplo, cavando o chão com as patas). Nós compreendemos os cães e seu comportamento porque compreendemos a nós mesmos e o nosso comportamento. Assim como meu comportamento "diz" a você que eu quero sair da jaula, sem que eu precise articular as palavras "Eu quero sair!", o comportamento similar dos cães nos "diz" que eles também querem sair da sua jaula, sem que precisem falar isso.

Há limites para o que pode ser significativamente atribuído aos animais. Se um outro vizinho lhe disser que seu gato quer estudar Paleontologia em Harvard e que seu cão decidiu converter-se ao paganismo, você certamente não conseguirá ver lógica nisso, por mais que tente. Sem dúvida nenhuma, algumas pessoas às vezes vão longe demais no que dizem sobre animais. Apesar disso, às vezes, o comportamento dos animais, diferentemente do comportamento de cubos de gelo e paralelepípedos, é tão semelhante ao nosso, em circunstâncias semelhantes, que nós acertamos inferindo que a experiência deles é similar à nossa.

## **corpos comuns**

Se todos os outros animais tivessem corpos radicalmente diferentes dos nossos, seria mais difícil vê-los como sujeitos-de-uma-vida. Por exemplo, suponha que todos fossem destituídos de todos os nossos sentidos (visão, olfato, audição, e o resto), de todos os nossos órgãos (coração, pulmões, rins, etc.), ou de qualquer coisa pelo menos vagamente parecida com um sistema nervoso central, incluindo o mais escasso sinal de cérebro. Poderíamos tentar definir esses animais como indistintas bolhas de protoplasma percorrendo seu caminho gosmento pelo universo.

Pense nessa bolha confinada a uma jaula. Você poderia imaginar um comportamento de bolha tão parecido com o nosso comportamento na jaula, a ponto de se sentir impelido a dizer – e a entender – que "A bolha quer sair da jaula"? É inteiramente possível, eu acho, que pessoas bem informadas e lingüisticamente competentes possam dar repostas variadas.

Independentemente do que possa ser verdadeiro nesse caso teoricamente possível, a situação real é bem diferente. Muitas espécies de animais têm corpos parecidos com os nossos sob vários aspectos. Por exemplo, elas têm os mesmos sentidos e os mesmos órgãos que nós. As semelhanças estruturais (anatômicas) entre os humanos e muitos outros animais são ao mesmo tempo óbvias e impressionantes. Neste sentido, temos nossos corpos em comum.

### **sistemas comuns**

Aqui está uma outra possibilidade que tornaria mais difícil ver outros animais como sujeitos-de-uma-vida. Imagine que, embora existam outros animais que são estruturalmente como nós em todos os aspectos anatômicos relevantes, haja a seguinte diferença. Quando um dano é causado ao nosso corpo, a informação que é transmitida (a qual nos faz conscientes do dano) viaja para o nosso cérebro por um caminho de transmissores nervosos. Em contraste, quando um dano é causado aos corpos de outros animais, a informação que é transmitida viaja por um caminho completamente diferente, chegando a um lugar que não é o cérebro (o pâncreas, por exemplo). Se isto fosse verdade, as coisas seriam mais complicadas. Realmente, se isso fosse verdade, seria mais difícil apoiar a crença de que os animais têm consciência daquilo que acontece com eles (que a informação transmitida é "recebida", por assim dizer).

Acontece que os fatos reais não são esses, de jeito nenhum. Os fatos reais são os mesmos sob os mais importantes aspectos. Quando um dano é causado aos nossos corpos, a informação que é transmitida viaja para o mesmo destino que nos corpos deles. Nos dois casos, ela viaja para o cérebro. No caso deles, não viaja para o pâncreas. Assim como as estruturas físicas nos dois casos são essencialmente as mesmas, também os sistemas nervosos são essencialmente os mesmos.

### **origens comuns**

Um último atributo comum deve ser lembrado.

Quando perguntamos sobre a origem da vida humana, sobre o começo dessa vida, duas possibilidades se apresentam. Primeira: a vida humana poderia ter-se originado de uma criação especial de Deus; caso isso seja verdade, nossa existência pode ser entendida independentemente da origem e do desenvolvimento de outras formas de vida, incluindo outros animais. (Terei mais a dizer

sobre Deus no capítulo seguinte.) Segunda: a vida humana pode ter surgido depois de um longo processo de mudança evolutiva, que Deus, é claro, pode ter controlado o tempo todo; se isso for verdade, nossa existência tem de ser entendida em combinação com a origem e o desenvolvimento de outras formas de vida, incluindo outros animais.

Antes da publicação do trabalho de Charles Darwin sobre a evolução, a crença na criação especial era compatível com a nossa melhor ciência. Desde sua publicação, não é mais. Não apenas *o fato de existirmos*, mas *o que somos*, não pode ser compreendido separadamente das outras formas de vida a partir das quais evoluímos. O mesmo ocorre com relação aos "animais inferiores", que é como Darwin comumente se refere aos outros mamíferos. Embora os detalhes da história sejam complicados, o enredo é simples: nós e esses animais compartilhamos um ancestral comum, cujos vestígios se encontram nas nossas semelhanças anatômicas e sistêmicas, assim como nas nossas capacidades mentais. As mentes desses animais, escreve Darwin, "diferem [das nossas] em grau, não em tipo".

O que significa isso: nossas capacidades mentais "diferem em grau, não em tipo"? Significa que as capacidades que definem a mente humana também são encontradas nos "animais inferiores". Na verdade, *não* encontrar essas capacidades nesses animais, como observa o filósofo contemporâneo americano James Rachels, "seria completamente fantástico", dada a teoria evolucionária. Rachels escreve:

*A teoria evolucionária nos leva a esperar continuidades, não rupturas bruscas. Isso implica que, se examinarmos a natureza com olhos imparciais, encontraremos um complexo padrão tanto de semelhanças quanto de diferenças. Encontraremos, nos humanos, traços de seu passado evolucionário, e em outras espécies, especialmente aquelas com as quais temos parentesco mais próximo pelas linhas de descendência evolucionária, traços de características que podem ser mais bem desenvolvidas, ou menos bem desenvolvidas, em nós.*

Quando Darwin examina o comportamento de outros mamíferos "com olhos imparciais", ele de fato encontra muitas semelhanças. Eles não apenas sentem prazer ou dor. Darwin acredita que outros mamíferos "experimentam (em maior ou menor grau) ansiedade, pesar, melancolia, desespero, alegria, amor, ternura, devoção, mau-humor, amuo, determinação, ódio, ira, desdém, desrespeito, asco, culpa, orgulho, desamparo, paciência, surpresa, perplexidade, medo, horror, vergonha, timidez e recato".

Posso imaginar algumas pessoas alçando uma sobrancelha cética diante de algumas idéias de Darwin (por exemplo, que outros animais possam mostrar asco e recato). Mas, mesmo que um crítico queira ser bem minucioso na avaliação de alguns itens da lista dele, todas as pessoas com bom senso e que falem o português claro hão de concordar que gatos, cães e outros mamíferos se comportam de maneiras que mostram sua ansiedade, alegria, determinação, surpresa, perplexidade e medo, por exemplo.

Uma segunda voz cética também pode ser prevista. Muitas pessoas não acreditam em evolução. Elas acreditam que Deus tenha criado os seres humanos separadamente dos animais, talvez dez mil anos atrás. A evolução darwiniana, a evolução de qualquer tipo, é ficção, não fato. Para essas pessoas, a evidência em favor da mente animal, fornecida pela teoria evolucionária, não é evidência alguma.

Apesar das primeiras impressões, a rejeição da evolução não tem necessariamente de arruinar as principais conclusões de Darwin sobre as mentes dos animais. Todas as religiões do mundo são unânimes quanto a essa questão. Leia a Bíblia, a Torah, o Corão. Estude confucionismo, budismo, hinduísmo, ou os escritos espirituais dos americanos nativos. A mensagem é a mesma em todo lugar. Carneiros e baleias, bodes e bois, gatos e cães, *certamente* são conscientes do mundo. Esses animais *certamente* são conscientes do que acontece com eles. O que acontece a esses animais *certamente* importa para eles. Nesses aspectos, todas as religiões do mundo ensinam a mesma coisa.

Assim, enquanto o argumento que eu dei recorre às implicações da teoria evolucionária, as conclusões a que chego são inteiramente consistentes com as convicções baseadas na fé: as convicções de quem acredita que Deus tenha criado humanos e animais separadamente. E para aqueles que acreditam tanto em Deus quanto na evolução? Bem, essas pessoas têm razões de ambos os tipos para reconhecer a vida mental de outros animais.

### **os animais são sujeitos-de-uma-vida?**

Então voltemos à pergunta feita no começo deste capítulo: os animais são sujeitos-de-uma-vida? Para responder bem e de forma inteligente a essa pergunta, já sugeri, é necessário considerar uma variedade de fatos relevantes e argumentos, não um único fato ou argumento separado de todos os outros. Depois que fizermos isso – e só depois – poderemos

perguntar se a combinação de evidências faz a balança pender para o lado de uma resposta afirmativa ou para o lado oposto.

O senso comum e o significado das palavras na nossa linguagem comum sustentam a resposta afirmativa. Os comportamentos comuns entre nós, assim como nossas estruturas anatômicas comuns, sustentam essa resposta. Nossos sistemas neurológicos comuns e considerações sobre nossas origens comuns, seja através da evolução, seja como uma criação separada de Deus, sustentam essa resposta. Se olharmos a questão "com olhos imparciais", veremos um mundo transbordante de animais que são não apenas nossos parentes biológicos, como também nossos semelhantes psicológicos. Como nós, esses animais estão no mundo, conscientes do mundo e conscientes do que acontece com eles. E, como ocorre conosco, o que acontece com esses animais é importante para eles, quer alguém mais se preocupe com isto ou não. A despeito de nossas muitas diferenças, os seres humanos e os outros mamíferos são idênticos neste aspecto fundamental, crucial: nós e eles somos sujeitos-de-uma-vida. Se o mesmo pode ser afirmado sobre algum animal que não seja mamífero é o que vamos ver em breve.

### **rompendo a barreira da espécie: os direitos dos mamíferos**

Tendo feito todas essas descobertas na minha vida de relutante, havia só mais um passo a dar. Se era para ser consistente, eu precisava reconhecer os direitos de outros animais mamíferos. Eu não queria me pôr diante do mundo e gritar: "O Volvo não é um carro porque um Volvo não é um Ford!" Se era para ser lógico, se era para fazer um julgamento justo e informado, não havia retorno. Já que o que esclarece por que nós temos os direitos iguais que temos é nossa igualdade como sujeitos-de-uma-vida, e já que outros mamíferos são como nós, ao serem sujeitos-de-uma-vida, a conclusão estava bem na minha frente: esses animais têm direitos também, incluindo o direito a serem tratados com respeito.

Que os animais têm direitos não foi uma conclusão que eu tenha ido procurar, posso garantir a você. Lembra-se do meu profundamente original Eu Mais Jovem, o denso pensador que classificava cada animal como "Isso", não "Tu"? O filósofo que colocava os animais na mesma categoria que as outras "coisas", como pepinos e vestidos-sacos? Pois fiquei surpreso como nunca, quando eu – antigo comedor de carne,

pescador, dissector, açougueiro, comprador de chapéu de *mink*, defensor de pesquisas em animais, freqüentador de circo, etc. – cheguei à conclusão de que alguns animais não-humanos têm direitos.

### **definindo o limite**

As considerações que sustentam que os mamíferos são sujeitos-de-uma-vida não excluem a possibilidade de a mesma coisa ser verdadeira para outros tipos de animais. É especialmente difícil entender que os pássaros não possam ser sujeitos-de-uma-vida. Uma vez mais, o senso comum e o significado das palavras na nossa linguagem comum sustentam esse juízo. Os comportamentos comuns entre nós, assim como nossas estruturas anatômicas comuns, sustentam essa resposta. Nossos sistemas neurológicos comuns e considerações sobre nossas origens comuns, seja através da evolução, seja como uma criação direta de Deus, sustentam essa resposta. Além do mais, estudos recentes do mundo inteiro têm demonstrado, repetidas vezes, ricas e diversificadas habilidades cognitivas aviárias. Os pássaros aprendem com a experiência; eles podem ensinar uns aos outros; podem pensar de forma lógica; podem até ajustar seu comportamento, se acharem que outros pássaros os estão observando. Por exemplo, o gaio voltará sozinho ao lugar onde escondeu seu alimento e o mudará para outro local, se outros gaios tiverem observado onde ele o escondeu originalmente. (A confirmação adicional da cognição aviária é apresentada no capítulo 6; esse capítulo e outros subseqüentes também incluem confirmações adicionais das habilidades cognitivas de outros animais.)

Os pássaros estão no mundo? Conscientes do mundo? Conscientes do que acontece com eles? E o que lhes acontece é importante para eles, quer os outros se preocupem com isso, quer não? O ônus da prova ficará, certamente, a cargo dos que derem respostas negativas a quaisquer dessas perguntas. Quando São Francisco falou com os pássaros, ele não estava falando consigo mesmo.

Pássaros têm direitos? Estamos obrigados a não tirar suas vidas nem sua liberdade? Devemos tratá-los com respeito? Logicamente, nenhuma outra conclusão é sustentável. Uma vez que pássaros são como nós, nos aspectos moralmente relevantes (nós e eles somos sujeitos-de-uma-vida), e uma vez que nossa igualdade humana, enquanto sujeitos-de-uma-vida, esclarece porque temos os direitos iguais que temos, conclui-se que os pássaros também têm esses direitos.

Deveríamos ir mais longe? Deveríamos dizer que todos os vertebrados, incluindo os peixes, têm uma psicologia? A base para se incluir os peixes não é fraca, de maneira nenhuma. Como os humanos, os peixes têm a fisiologia, a anatomia, o cérebro e a medula espinhal complexos. Além disso, eles têm terminações nervosas altamente desenvolvidas perto da superfície de seus corpos, especialmente perto da boca. No espírito de Voltaire, não seria um capricho excêntrico da biologia dotar os peixes de todos os meios para sentir dor, e então negar-lhes essa sensação? Isso não é um desvio antropomórfico. A veterinária Thelma Lee Gross, ao resumir o conhecimento atual, afirma que a "experiência clínica direta e pesquisas científicas levaram [especialistas que trabalham com peixes] a compreender que esses animais sentem dor".

Outros especialistas mostraram que peixes que vivem em grupos estáveis ("famílias") se reconhecem uns aos outros, pela visão ou pelo som. Eles podem se lembrar de como membros da mesma espécie se comportaram no passado e alterar o próprio comportamento de acordo com o deles. A memória dos peixes se estende a traços do ambiente, incluindo o reconhecimento de territórios ou dos limites da área onde eles vivem. Em outras palavras, os peixes sabem onde estão e para onde estão indo. Os peixes mais velhos ensinam aos mais novos o que comer e o que evitar, e peixes de qualquer idade podem aprender onde encontrar comida observando o comportamento de outros peixes. Além do mais, os peixes demonstraram o que os etólogos cognitivistas chamam de raciocínio associativo, ou a capacidade de aplicar o que se aprendeu no passado a novas situações no futuro. Existe alguém ali, por trás daqueles olhos que nunca piscam? Alguém com direitos?

Algumas pessoas, tenho certeza, pensarão que estamos indo longe demais ao atribuir mentes e direitos a peixes. Elas vão nos dizer que o cérebro deles é primitivo demais e que seu sistema nervoso central é rudimentar demais para carregarem uma bagagem psicológica tão pesada. Deve prevalecer o bom senso. Precisamos "traçar o limite" num lugar da escala filogenética que exclua os peixes.

Bem, talvez sim. E de novo, talvez não. Ainda que minha posição seja clara, estou disposto, para fins de argumentação, a limitar as conclusões sobre minha discussão aos casos *menos controversos*, quero dizer, os mamíferos e os pássaros. (Refiro-me aos "menos controversos" porque alguns filósofos afirmam que animais não-humanos, incluindo mamíferos e pássaros, não têm mente. Respondo a esse ponto de vista na objeção 8, adiante). São os direitos dos mamíferos e dos pássaros que defenderei, ao responder às objeções aos direitos animais ainda

neste capítulo. E exceto por uma seção sobre o abate dos peixes no capítulo 6, o que me preocupará nas páginas adiante será o modo como aqueles animais são tratados nas grandes indústrias de exploração animal.

## **jaulas vazias**

O reconhecimento dos direitos desses animais tem conseqüências de longo alcance. As grandes indústrias que usam animais os exploram aos bilhões. Esses são os animais cujas vidas são tiradas, cujos corpos são feridos e cuja liberdade é negada pela indústria de peles e de carne, por exemplo. Tudo isso emerge como moralmente errado, uma vez que tomamos conhecimento de seus direitos morais. Tudo isso emerge como algo que precisa parar, e não ficar mais "humanitário". A tarefa que os DDAs têm diante de si é assombrosa: temos de esvaziar as jaulas, não deixá-las maiores.

Mas ainda há mais coisas a serem feitas, além dessa tarefa, uma vez que reconheçamos os direitos desses animais. Nas discussões sobre direitos humanos dos capítulos anteriores, vimos como as pessoas que têm seus direitos violados não entendem, às vezes, a injustiça que estão sofrendo. Isso pode acontecer no caso das crianças, por exemplo. Por causa da sua vulnerabilidade, elas são presas fáceis de quem quiser tirar vantagem pessoal ou pública da sua exploração.

Que deveres temos nós, quando seres humanos impotentes são usados como meios para esses fins? Acho que a resposta não só é clara, como também exige que tomemos uma posição. Nós temos o dever de intervir, o dever de nos manifestar em sua defesa. Nós devemos assistência a essas vítimas; ajuda é algo que lhes é devido, não algo que seria "superlegal" lhes dar. Justificavelmente, quanto menos capazes esses humanos forem de defender seus direitos, maior é nosso dever de fazê-lo por eles.

O mesmo vale quando as vítimas são animais não-humanos. Temos o dever de intervir em seu nome, o dever de nos manifestar em sua defesa. Nós devemos assistência a essas vítimas animais; ajuda é algo que lhes é devido, não algo que seria "superlegal", da nossa parte, lhes dar. A própria falta de habilidade delas para defender seus direitos torna ainda maior, e não menor, o nosso dever de ajudá-las.

No capítulo anterior também observei que existe um limite para o que podemos fazer em nome da defesa das vítimas da injustiça. Nós simplesmente não podemos fazer tudo por todas as vítimas. Mas eu

também observei que esse limite não é zero. O fato de não podermos fazer tudo em defesa daqueles que são incapazes de se defender não significa que devamos nos contentar em não fazer nada. O que podemos fazer? O que deveríamos fazer? Eu ofereço respostas parciais a estas grandes questões nas partes IV e V. Por enquanto, termino a presente discussão com algumas palavras que resumem onde cheguei na vida.

Levou muito tempo (quase dez anos, na verdade) e foi preciso "ponderar" muito, mas finalmente chegou o dia em que, como outros relutantes que completam a jornada, eu olhei para o espelho e mal pude reconhecer a pessoa que vi. Eu tinha chegado a um ponto do meu desenvolvimento moral em que minha sensibilidade não se distinguia mais da dos vincianos e damascenos. Para minha grande surpresa, a pessoa que eu vi olhando para mim era um Defensor dos Direitos Animais. Foi quando o verdadeiro trabalho da minha vida começou. Havia tantas perguntas para responder, especialmente aquelas levantadas por críticos dos direitos animais.

### **objeções aos direitos animais**

Às vezes, críticos dos direitos animais discutem a questão, em vez de simplesmente se contentarem em falar mal dos defensores dos direitos animais. E nós preferimos esse tipo de diálogo aos xingamentos, apesar de termos reputação de extremistas irracionais. Acreditamos que nossa posição vença com a maior facilidade, desde que haja um debate justo. Toda vez que os críticos querem fazer suas objeções e concordam em ser justos, dizemos com a maior alegria (para usar uma expressão apreciada pelo presidente Lyndon Johnson): "Venham, vamos raciocinar juntos".

Antes de dar a devida atenção às principais objeções levantadas contra os direitos animais (objeções significativas, feitas por filósofos acadêmicos, são examinadas no capítulo 7 do livro *Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction to Moral Philosophy*), quero repetir uma coisa dita no início deste capítulo, quando perguntamos se os animais são sujeitos-de-uma-vida. A situação foi comparada aos procedimentos legais em um tribunal. Naquele contexto, é raro que um e somente um fato, um e somente um argumento, estabeleça culpa ou inocência. Na grande maioria dos casos, entretanto, é a soma de diferentes fatos, juntamente com a força relativa de argumentos concorrentes, que inclina a balança da justiça, para um lado ou outro.

O mesmo pode ser dito sobre os direitos animais. Não existe um fato único, um argumento sozinho que seja conclusivo, a favor ou contra. Direitos animais é uma questão complicada. Ninguém, partidário ou oponente, deve esperar uma resposta simples. O princípio que nos guia deveria ser o seguinte: que todas as vozes sejam livres para falar, e falar sem interrupção (o que não acontece na maior parte da mídia de hoje). Afinal, às vezes leva tempo para se decidir onde está a verdade.

Fatos e argumentos que sustentam a crença nos direitos animais foram expostos antes. Fatos e argumentos que contestam essa crença serão considerados no resto deste capítulo. Onde está a verdade, os leitores, como jurados, vão ter de decidir depois que os dois lados tiverem sido ouvidos.

### 1. "E as plantas?"

Na minha experiência, a objeção mais freqüentemente levantada contra os direitos animais vem na forma da pergunta: "E as plantas?" Se as pessoas que fazem esta objeção se distinguissem como incansáveis defensoras de um tratamento decente para as plantas, talvez conseguíssemos entender que poderiam achar que as plantas sejam tratadas injustamente pelos defensores dos direitos animais. Na verdade, tais pessoas não guardam, em seu coração, um cantinho especial para as plantas. Para elas, não é o aspecto botânico que está em questão: pretendem fazer uma consideração simplesmente lógica.

Pensam assim: se os DDAs acham que animais (como gatos e cães, leões e rinocerontes) têm direitos, então estão logicamente comprometidos a dizer que as plantas (como tomates, jabuticabas, alcachofras e alecrins) também têm direitos. Mas (assim continua a objeção), é falso que alcachofras tenham direitos e, por isso, deve ser falso que rinocerontes tenham direitos.

Embora bem-intencionada, esta objeção erra o alvo. Pense nas várias considerações já apresentadas que sustentam o reconhecimento de que os animais que acabo de mencionar são sujeitos-de-uma-vida. Por exemplo: as considerações relacionadas ao senso comum e à linguagem comum, aos corpos comuns e sistemas comuns. Como uma alcachofra se encaixaria nessas considerações? Os tomates têm a nossa estrutura anatômica e fisiológica? As jabuticabas têm um sistema nervoso central como o nosso, e um cérebro? Se alguém disser: "O alecrim quer passear um pouquinho", será que temos a mais nebulosa idéia do que essa pessoa esteja falando? Não; acho que não. O modo como nós argumentamos em favor dos direitos animais não nos compromete, pela lógica, a advogar direitos para alcachofras.

Por acaso isto quer dizer que os defensores dos direitos animais detestam plantas? Que nós nutrimos uma hostilidade reprimida contra elas, achando que a única planta boa é a planta morta? Claro que não. Existem muitas razões para andarmos com leveza sobre o planeta; há muitos valores que honramos, tentando minimizar o dano que causamos a todos os seres vivos. A objeção "E as plantas?" não tem sucesso como desafio aos direitos animais.

## 2. "Os animais não são seres humanos."

Isto certamente é verdade, dado o significado usual das palavras. Lobos e golfinhos, camundongos e porcos não são seres humanos. Embora verdadeiro, este fato não fornece mais razão para pensarmos que animais não têm direitos do que a alegação complementar – "Seres humanos são humanos" – fornece para pensarmos que temos.

A interpretação mais generosa que podemos fazer da objeção "Animais não são humanos" é que animais não têm direitos porque animais não são membros da nossa espécie – a espécie humana, a espécie *Homo sapiens*. Mas, conforme foi observado numa discussão anterior, verdades como esta (verdades biológicas) não têm importância moral. Tudo que elas nos dizem é que alguns seres (seres humanos) pertencem a uma espécie biológica, enquanto outros seres (seres lupinos, por exemplo) pertencem a uma outra espécie biológica. Mas quem pertence a qual espécie não é relevante para as reflexões sobre a moralidade. Se achamos que os seres humanos têm direitos, mas lobos não, isso não é porque pertencemos a espécies diferentes.

Observe isto também: direitos morais nunca podem ser negados, justificadamente, por razões arbitrárias, preconceituosas ou moralmente irrelevantes. Raça é uma dessas razões. Sexo é outra. Resumindo, diferenças *biológicas* são razões desse tipo. Como, então, poderemos acreditar que *ser membro de uma espécie* marque um limite defensável entre os animais que têm e os que não têm direitos? Logicamente, isso não faz sentido. Moralmente, isso indica um preconceito *do mesmo tipo* que o racismo e o sexismo, o preconceito conhecido como especismo.

## 3. "A idéia dos direitos animais é absurda!"

Às vezes, os críticos partem para a ofensiva com a acusação de *absurdo*. Por que é absurda a idéia dos "direitos animais"? Frequentemente, as pessoas que fazem a acusação não ficam por perto o tempo suficiente para explicar o que querem dizer, nem por que alguém deveria acreditar nelas.

Quando a base da acusação é explicada, geralmente o que vem à tona é o fato de esses acusadores pensarem que é tolice dizer que gatos têm (ou deveriam ter) o direito de votar, ou que cães têm (ou deveriam ter) o direito de praticar a religião da sua escolha. E então? Aceitas essas afirmações, pedem-nos para concluir que é tão tolo quanto absurdo pensar que animais tenham quaisquer direitos.

Esse argumento não dá certo. Ele supõe que os animais não têm direitos, a menos que tenham *todos* os direitos. Nenhum defensor sério dos direitos humanos acredita nisso. Por exemplo, não acreditamos que as crianças devam ter o direito de votar, antes de poderem ter o direito de ser tratadas com respeito. Está claro que seres humanos não precisam ter *todos* os direitos para poder ter *algum* direito. Mas (vamos raciocinando juntos) se nós não insistimos nesse requisito no caso dos seres humanos (e não insistimos mesmo), não podemos, consistentemente, insistir nele no caso dos seres animais.

#### 4. "Os animais não entendem o que são direitos."

Isto certamente é verdade. Nenhum outro animal que não seja humano compreende o que são direitos. Considere o mais inteligente entre eles. Primatas não-humanos, por exemplo. Não há absolutamente razão alguma para se crer que grandes antropóides ou bonobos entendam que direitos são "trunfos", ou que invocar um direito é fazer uma exigência em vez de pedir um favor. Sem dúvida nenhuma, os críticos estão corretos ao negar que animais compreendam o que são direitos.

Então qual a consequência disso? Que inferência se espera que façamos? A resposta é: "Nenhum animal tem direitos". Em outras palavras, a partir do fato de que animais não compreendem os direitos, pedem-nos para concluir que eles não têm direitos.

Ninguém acredita nisso de verdade. Ninguém acredita que, antes de você ter uma coisa, você tem de entender o que ela seja. Considere o que este modo de pensar provaria. Os bebês não têm fígados e rins. Por quê? Porque eles não entendem o que são esses órgãos. Bilhões e bilhões de nossos antepassados não tinham genes ou DNAs. Por quê? Porque eles não compreendiam o que são genes e DNAs. E por aí vai. Obviamente, alguma coisa está errada aqui. Em geral, não exigimos que algo deva primeiro ser entendido, antes de poder ser possuído. Por que deveríamos aceitar um padrão diferente, quando se trata de perguntar se animais têm direitos? Ninguém nunca deu uma resposta satisfatória a esta pergunta.



Observe, também, para onde este modo de pensar nos leva, quando se trata de dizer quais humanos têm direitos. Bebês não compreendem os direitos. Na verdade, pode ser que muitos adultos (isto certamente foi verdade no meu caso durante muitos anos) também não entendam o que são os direitos. Havemos de dizer, então, que faltam direitos a todos esses humanos? A pergunta responde a si mesma. Um modo de pensar que é tão deficiente quando se trata de direitos humanos não pode ser melhor quando se trata de direitos animais.

#### 5. "Os animais não respeitam os nossos direitos."

Eu chamo a isso de Objeção Planície do Serengeti. Vamos imaginar que um grupo de filósofos, digamos, esteja andando pela Planície do Serengeti quando, sem aviso nenhum, é atacado por um bando de leões famintos. "Parem já com isso!", dizem os filósofos, "Nem pensem em violar nossos direitos." Coitados. Seus protestos não conseguem acalmar as feras e eles terminam virando o seu almoço. E a objeção, qual é? A objeção é: se os animais não respeitam nossos direitos, eles não têm nenhum direito a ser respeitado por nós.

Muitas são as respostas a esse modo de pensar. Só vou mencionar duas. Nós observamos, primeiro, que não exigimos que as pessoas respeitem nossos direitos antes de reconhecermos os direitos delas. Por exemplo, nós não exigimos isso no caso das crianças pequenas. Segundo, mesmo que uma criança faça algo que fira alguém (por exemplo, acione uma arma causando a morte de uma pessoa), nós não dizemos "Pronto, agora está estabelecido: esta criança não tem direito nenhum!" Claro que ninguém diz isso. Nem deveríamos nós, quando o mal for causado por leões – ou por qualquer outro animal, aliás.

#### 6. "O que seria de nós?"

Esta objeção se elabora a partir da anterior. Nós imaginamos os filósofos sendo atacados por leões no Serengeti. Se os leões têm direitos (os filósofos argumentam), então eles (os filósofos) não podem fazer nada para se defender, a menos que violem os direitos dos leões. E pior: o mesmo deve ser verdadeiro, de um modo geral. Suponha que uma praga de ratos esteja espalhando a peste bubônica por Paris. Claro que devemos deixar que os ratos a espalhem, se quisermos honrar seus direitos! Então o que seria de nós, se não pudéssemos nos defender dos animais? Como os filósofos no Serengeti, morreríamos; é isso que aconteceria!

Eu chamo isso de Objeção do Dia do Juízo Final. Pode funcionar como uma sátira, mas não tem qualquer base lógica. Nenhum defensor coerente dos direitos humanos acredita que devemos ficar parados diante de todo e qualquer ataque às nossas vidas, nossos corpos e nossa liberdade. Ao contrário, todo defensor coerente reconhece o direito à autodefesa, ajustado por outras considerações, incluindo a proporcionalidade (ou seja, não devemos usar mais força, se menos força já for suficiente). Assim, estaremos agindo perfeitamente de acordo com nossos direitos se usarmos a força suficiente para machucar um agressor humano que viole nossos direitos e ameace nos causar sério dano físico.

Moralmente, a situação não muda se um ser animal, em vez de um ser humano, nos atacar. Nenhum defensor coerente dos direitos animais acredita, e nenhum deve acreditar, que os filósofos (por exemplo) não devam levantar um dedo para se defender do ataque dos leões.

7. "Os animais não respeitam os direitos uns dos outros."

Às vezes os críticos fazem objeções aos direitos animais por causa de como os animais se tratam uns aos outros, em vez de como eles tratam os seres humanos. Por exemplo, os críticos lembram que leões comem gazelas, não apenas filósofos, e daí perguntam como é que nós podemos estar errados quando comemos um bife. A diferença mais óbvia nos dois casos é que leões *têm de* comer outros animais para sobreviver. Nós não. Portanto, o que um leão *tem de* fazer não se traduz, pela lógica, no que nós *podemos* fazer.

E tem mais. Vale a pena notar o quanto essa objeção diverge da nossa prática normal. A maioria das pessoas que fazem esse desafio guia carros, veste roupas, usa computadores e assina cheques. Os outros animais não fazem nada disso. Deveríamos portanto, parar de viver como vivemos, parar de fazer o que fazemos, e começar a imitar os animais? Será que as pessoas que levantam essa objeção estão preparadas para virar selvagens? Eu não conheço nenhum crítico dos direitos animais que defenda qualquer coisa remotamente parecida com isso. Por que, então, colocar o que os animais carnívoros comem numa categoria única, como sendo a única coisa feita por eles que nós deveríamos imitar? Sem exceção, toda vez que fiz essa pergunta, nenhuma resposta convincente me foi dada.

8. "Os animais não têm consciência de nada."

O filósofo francês René Descartes (1596-1650) é famoso pelo seguinte ensinamento. Ele argumenta que seres humanos têm mentes

que são imateriais e corpos que são materiais. Em contraste, os outros animais só têm corpos; eles não têm mentes. Para Descartes, os animais não são conscientes de nada. Coloque um cachorrinho no fogo. Arranque a pele de uma foca viva. Nenhum deles sente nada. Os animais do mundo são desprovidos de mentes da mesma forma que o coelho da pilha Energizer.

Seria um alívio dizer que os filósofos abandonaram o cartesianismo às traças. Infelizmente, isso não é verdade. Mesmo hoje em dia existem professores de filosofia que endossam alegremente a idéia de que todos os "brutos" são desprovidos de mentes. E qual seu argumento? Não varia: os animais não são *conscientes* de nada porque eles não podem *dizer* nada. Ou (para ser mais preciso) os animais não têm consciência de nada porque lhes falta a habilidade de usar uma linguagem, como o inglês ou o português.

Alguns DDAs respondem a essa objeção lembrando o aparente sucesso de alguns animais (chimpanzés, por exemplo) em aprender a se comunicar usando a Língua Americana de Sinais, para surdos. Embora uma resposta desse tipo seja relevante, concede demais. É só refletir: é óbvio que ter consciência do mundo não depende de ter habilidade para usar alguma linguagem.

Pense em como ensinamos as crianças a falar. Apontamos para vários objetos e pronunciamos seus nomes. Seguramos uma bola e dizemos: "Bola". Apontamos para o cão e dizemos: "Cão". E assim por diante. Se ter consciência do mundo fosse impossível para quem não fosse capaz de usar uma linguagem, as crianças jamais aprenderiam a falar. Por quê? Porque para aprender a falar, elas precisam primeiro estar *conscientes* daquilo que dizemos ("bola") e daquilo para que apontamos (a bola). Em outras palavras, as crianças têm de estar *pré-verbalmente* – e, portanto, *não verbalmente* – conscientes do mundo, antes de aprenderem a usar um idioma; se não fosse assim, elas nunca poderiam aprender a usar um. Entretanto, uma vez que reconhecemos a consciência não verbal nas crianças, o mesmo tipo de consciência não pode ser sumariamente negado aos animais. A objeção cartesiana não se sustenta.

#### 9. "Os animais não têm almas."

Entre as objeções feitas contra os direitos animais, algumas são de natureza religiosa. Aqui está uma que, como as outras objeções consideradas até agora, não suporta o peso que seus proponentes lhe conferem.

Se os animais são desprovidos de almas, não existe "vida além-túmulo" para eles. Quando seus corpos morrem, o alguém que eles foram é totalmente aniquilado. Vale notar que nem todas as religiões concordam com isso. O hinduísmo e muitas tradições americanas nativas são contra-exemplos óbvios. Mesmo os teólogos cristãos influentes (como John Wesley) encontram argumentos baseados na Bíblia em favor das almas dos animais.

Mas vamos supor, para fins de argumentação, que os animais não tenham almas imortais. Duas considerações têm de ser feitas: a primeira, lógica; a segunda, teológica. A lógica: quem possui ou não possui alma imortal não tem relação lógica com quem possui ou não possui direitos. Quem tem ou não tem uma alma é relevante para se responder à pergunta: "O que acontece com X quando X morre?" Perguntas para se descobrir quem tem direitos, em contraste, não têm nada a ver com o que acontece depois que alguém morre; estas perguntas tratam do *status* moral dos indivíduos enquanto estão vivos. Perguntar quem tem uma alma imortal é tão logicamente irrelevante para se saber quem tem direitos quanto perguntar quem tem olhos verdes ou dentes encapados.

Teologicamente, seria perverso ensinar que, já que os animais não têm uma vida depois da morte, estamos livres para fazer qualquer coisa que quisermos com eles, enquanto estiverem vivos. Uma teologia digna de credibilidade só poderia ensinar exatamente o oposto. Já que os animais não têm uma vida depois da morte, deveríamos fazer tudo que estivesse ao nosso alcance para assegurar que esta vida, a única que eles têm, fosse tão longa e boa quanto possível.

Pense nisso: às vezes, coisas terríveis acontecem com gente bondosa. O desemprego, por exemplo. A safra de alguém é ruim. Sua família morre. Sua reputação é destruída. Mesmo assim, já que essa pessoa tem uma alma imortal, chegará o dia em que todas estas agruras terrestres serão mais do que compensadas pelo êxtase que a espera no céu. Isso nunca poderá acontecer aos animais, se lhes faltarem almas imortais. Para eles, não há nenhum êxtase celestial, nenhuma compensação futura. Para eles, existe só esta vida, e nada mais. Será que então diríamos: "Temos a liberdade de fazer qualquer coisa que quisermos com eles, enquanto eles estiverem vivos"? Ou diríamos: "Devemos fazer tudo que estiver em nosso alcance para assegurar que esta vida, a única que eles têm, seja tão boa e tão longa quanto possível"? Se o objeto da crença de alguém for um Deus amoroso, não um Deus sádico, essas perguntas responderão a si próprias.

A objeção "os animais não têm almas", ao invés de minar as metas abolicionistas que todos os defensores dos direitos animais compartilham, tem implicações que na verdade colaboram para a realização dessas metas. O melhor modo de garantir que os animais tenham uma vida tão boa e longa quanto é da sua natureza ter é agir de forma a respeitar seus direitos. Às vezes, quando nós, ativistas, e as outras pessoas pensamos calmamente juntos, acabamos descobrindo que temos mais coisas em comum do que supúnhamos.

#### 10. "Bem, pelo menos Deus nos deu o domínio!"

Pessoas com inclinações religiosas, especialmente os cristãos que levam a Bíblia a sério, normalmente concordam que os direitos não são a moeda moral de sua ética baseada na fé. Você simplesmente não encontra direitos morais na Bíblia. O que você encontra, sem ambigüidade, é que Deus nos deu o domínio sobre os outros animais, dito celebradamente com as seguintes palavras:

*E Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança: e vamos deixá-lo ter domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre o gado e sobre toda a Terra, e sobre todas as coisas rastejantes que nela vivem." Então Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou; macho e fêmea, Ele os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: "Sejam férteis e se multipliquem, e povoem a terra e a subjuguem: e tenham domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todas as coisas vivas que se movimentam na Terra". (Gênesis 1:26–28, versão do rei James).*

O que poderia estar mais claro do que a idéia de que os outros animais foram criados para o nosso uso? O que poderia estar mais claro do que a idéia de que não fazemos nada de errado ao limitar sua liberdade, ferir seus corpos ou tirar suas vidas para atender às nossas necessidades e saciar nossos desejos?

Não é assim que eu leio a Bíblia. Ser contemplado por Deus com o domínio sobre tudo não significa receber uma carta branca para atender às nossas necessidades ou saciar nossos desejos. Pelo contrário, significa ser incumbido da imensa responsabilidade de ser o representante do criador na criação; em outras palavras, nós fomos chamados por Deus para sermos tão cheios de amor e de zelo por aquilo que Deus criou quanto o próprio Deus foi cheio de amor e zelo ao criar tudo. De fato, conforme meu modo de entender a idéia, é isso o que significa ser "criado à imagem de Deus".

Eu mesmo não sei como alguém pode ler o relato inicial da criação no Gênesis (ele pode ser levado a sério sem ser tomado no sentido literal) e acabar entendendo de forma diferente os planos e a esperança de Deus para a criação. Deus, você deve lembrar, criou os outros animais no mesmo dia (o sexto) que Adão e Eva. Nessa representação da ordem da criação, eu vejo um reconhecimento antecipado do parentesco vital que os humanos têm com outros animais. Além disso, nessa saga inicial eu encontro uma mensagem mais profunda. Deus *não* criou os animais para o nosso uso – não para nosso entretenimento, nossa curiosidade científica, nosso esporte, nem mesmo para nossa alimentação. Ao contrário, os animais não-humanos atualmente explorados dessas maneiras foram criados para ser justamente o que eles são: expressões *independentemente bondosas* do amor divino que, de uma forma que provavelmente continuará sendo misteriosa para nós, se mostrou na atividade criadora de Deus.

"Nem mesmo para nossa alimentação?", posso ouvir o resmungão cético perguntar. "Será que isso é um erro de impressão?" Minha resposta é: "Não, não é um erro de impressão. É o que a Bíblia ensina". A "carne" que recebemos de Deus para nosso alimento não é a carne dos animais. Eis o que ela é: "E Deus disse 'Vejam, eu lhes dei todas as ervas com sementes sobre a terra, e todas as árvores, nas quais estão os frutos com sementes; para vocês, isso será a carne'" (Gênesis 1:29). A mensagem não podia ser mais clara. Não há caçadores no Éden, mas só coletores. No mais perfeito estado da criação, os seres humanos são *veganos*; não comemos carne de animais nem qualquer produto de origem animal, como leite ou ovos. Portanto, se perguntarmos o que Deus esperava de nós "no início", em se tratando de comida a resposta não está aberta a discussões: Ele não esperava Big Macs nem omeletes de queijo.

Para os cristãos, a pergunta feita a cada dia é simples: "Será que estou tentando dar uma virada na minha vida para começar a minha jornada de volta ao Éden – de volta a uma relação mais amorosa com essa dádiva da criação? Ou eu continuo a viver de maneira a aumentar a minha distância daquilo que Deus esperava?" Esta pergunta é respondida de várias maneiras, não só uma. Sobre isso, não há o que argumentar. Tampouco devemos discutir se as escolhas que os cristãos fazem quanto à comida no seu prato é uma das maneiras de responder a essa pergunta. Os animais do Jardim do Éden viviam no paraíso *precisamente porque* ninguém violava seus direitos – e é isso o que, na minha opinião, os cristãos deveriam querer para os animais, hoje.

"Defensor cristão dos direitos animais" não é um oxímoro. É verdade que é o amor, e não os direitos, o que está no cerne da ética cristã. Ainda assim, "Defensor cristão dos direitos animais" é uma forma adequada de expressar um ativismo baseado na fé, que trabalha pelos mesmos objetivos que os DDAs: jaulas vazias, não jaulas mais espaçosas. O mesmo vale para o defensor judeu dos direitos animais, defensor muçulmano dos direitos animais, defensor hindu dos direitos animais, defensor budista dos direitos animais, e assim por diante. Se fizermos um retrato familiar dos defensores dos direitos animais, ele incluirá pessoas de todos os credos. Elas têm tudo a ver, ali. O fato de muita gente de fora da comunidade dos defensores dos direitos animais achar difícil acreditar que crentes possam ser DDAs só vem a mostrar quão bem-sucedidas são as grandes indústrias de exploração animal em criar e manter uma imagem errada de nós.

#### 11. "Vamos resolver os problemas humanos primeiro!"

Uma última objeção a se considerar não desafia a verdade dos direitos animais; ela só pretende nos colocar no "nosso devido lugar", lugar esse que fica "lá no final da fila". "Há tantos problemas humanos terríveis diante de nós", diz a objeção, "da fome à guerra, da assistência à saúde ao analfabetismo. *Depois* que resolvermos esses problemas, *daí sim* é que poderemos voltar nossa atenção para os direitos animais".

Você não precisa ser um cínico para ver que essa é a receita para a negligência perpétua dos direitos animais. Se formos realistas, saberemos que sempre haverá *alguns* problemas humanos para serem resolvidos. (Por exemplo, não é verdade que "os pobres estarão sempre conosco"?) Assim (supondo a objeção), nunca chegará o dia em que poderemos voltar nossa atenção para os direitos animais. Será que sou só eu, ou outras pessoas também têm a impressão de que quem levanta essa objeção simplesmente não quer ouvir o que os defensores dos direitos animais estão dizendo?

Minha experiência me ensinou duas coisas sobre as pessoas que pensam dessa forma. Primeira: elas (nem todas, mas quase todas) quase nunca estão ativamente envolvidas, seriamente, com esforços para resolver qualquer problema humano. Em vez disso, passam a maior parte do seu tempo livre jogando golfe ou vendo seu programa favorito na televisão. Esses indivíduos são falsos ativistas que restringem sua militância à doação de dinheiro (normalmente uma ninharia) para ONGs como a Save the Children ou a Oxfam. Em outras palavras, a maioria deles, na maior parte do tempo, sofre de um sério caso de má fé.

Segunda: os DDAs não vêem esses problemas como uma disjunção: *ou* você ajuda a resolver os problemas humanos *ou* ajuda os animais. Nós os vemos como uma conjunção: vamos ajudar a resolver os problemas humanos *e* ajudar os animais. Por exemplo, as pessoas podem fazer sérios esforços para ajudar as vítimas da fome e praticar uma dieta vegana, ou podem ajudar a aliviar o fardo do analfabetismo e não comprar peles, couro ou lã. Os direitos animais não precisam tomar conta da vida inteira de uma pessoa para serem parte dela.

### **olhando para frente, olhando para trás**

São muitas as objeções aos direitos animais. Embora não nos tenha sido possível considerar todas, conseguimos ver as principais. (Outras serão consideradas em capítulos subseqüentes). Se avaliadas de forma justa, nenhuma obtém êxito. Todas têm sérias falhas, por uma razão ou outra. Então, em que é que havemos de acreditar, sobre os direitos animais? E por que temos de acreditar neles?

Lembre-se de como nossa situação foi comparada aos procedimentos legais em um tribunal. Nenhum fato isolado ou argumento único é conclusivo. O que nós temos de fazer é pesar os fatos relevantes e considerar com equidade os argumentos concorrentes. Quando fazemos isso com relação aos direitos animais, creio que o efeito cumulativo sustente uma única e esmagadora conclusão: bilhões e bilhões de animais, incluindo mamíferos e pássaros (no mínimo) têm direitos.

Era a isto, então, que eu tinha chegado na vida, depois de uma jornada de relutante que durou muitos anos. O espaço moral que acabei ocupando não foi uma coisa que eu tivesse ido procurar. Na realidade, às vezes penso que foram os direitos animais que me acharam, e não eu quem os achou. Lembra-se do sorriso furtivo e sarcástico que eu imaginei no rosto de Gandhi, quando ele conversou comigo, através das páginas da sua autobiografia? Quando olho de novo para aquele encontro imaginário, fico pensando que sei o que seu sorriso enigmático queria dizer. Um homem tão sábio provavelmente soubesse, antes que eu, para onde eu estava indo.

Uma coisa estava clara. Muito trabalho precisava ser feito. Eu me atirei à causa com a dedicação dos recém-convertidos. Profissionalmente, escrevi uma infinidade de ensaios e alguns livros sobre todos os aspectos dos direitos animais. Um livro em particular, *The Case for*



*Animal Rights* [A Defesa dos Direitos Animais], é mais importante para mim do que os outros. Embora eu reescreva compulsivamente todos os meus textos (conforme contei para muita gente, muitas vezes, nunca escrevi uma sentença que eu não pudesse melhorar, com uma mexidinha aqui ou ali), só levei dez meses para terminar um original que se tornou um livro de mais de quatrocentas páginas. Foi uma experiência surpreendente. Eu escrevia de manhã, de tarde e de noite. Escrevi sem esforço, sem voltar atrás nem mudar de direção. Pela primeira vez em minha vida, o processo criativo tomou vida própria. O livro se escreveu praticamente sozinho, me levando a lugares que eu não previra. As conclusões às quais cheguei, no final, estavam em desacordo com as convicções que eu tinha quando comecei a jornada. Eu parecia um estenógrafo, ia com a onda.

Além dos meus escritos, uma série de oportunidades de dar palestras (em universidades, manifestações, ou para políticos eleitos, por exemplo) começou a aparecer. Às vezes, quando meu público consistia de colegas filósofos, eu tinha algumas experiências inesquecíveis. Eis um exemplo.

Todos os filósofos passam por momentos marcantes. Nosso primeiro trabalho como professor. Nosso primeiro artigo publicado. Nossa primeira apresentação em uma grande conferência internacional de filosofia. Para mim, essa conferência foi o Congresso Mundial sobre Filosofia do Direito e Filosofia Social, na Basileia, Suíça, anos atrás. Na minha cabeça, era uma grande coisa. Ali estava eu, ombro a ombro com filósofos famosos do mundo inteiro. Os convocadores deviam ter pensado que eu tivesse algo importante a dizer. Que ingenuidade.

Fiz amizade com outro filósofo americano. Disse-lhe que estava pasmo com o tamanho e o alcance da conferência. Ele foi gentil o suficiente para tentar aliviar minhas apreensões. Ele já tinha estado em muitas conferências como aquela. Eu não deveria me preocupar demais com o modo como minha apresentação seria recebida. O critério usado para a admissão dos artigos tinha deteriorado, com o correr do tempo. "Imagine", ele disse, "tem até um artigo sobre os animais e a lei!" Sua voz era uma polida combinação de desdém e incredulidade.

Eu não tive peito para contar ao meu viajado colega que eu era íntimo do autor, mas, pelo que ele me disse, tive certeza de estar no lugar certo. Nem uma única alma, ali, tinha gasto sequer um minuto com idéias como as que estavam começando a dominar minha vida. Quem melhor para dividi-las comigo? Quem melhor para eu desafiar? Posicionar-me diante do meu incrédulo auditório, explicar minha posição, enfrentar as perguntas: tudo era um rito de passagem para mim,

um batismo de fogo. Aprendi a não ter medo de dizer aquilo em que acreditava, mesmo em um ambiente hostil. Trago essa lição até hoje.

E o filósofo que tentou me ajudar? Ele sentou na primeira fila e ouviu atentamente a minha palestra. Depois, admitiu o quanto "teria de pensar sobre" o que eu dissera. Tivemos um rápido convívio e demos boas risadas lembrando a gafe dele. A vida é cheia de surpresas. Eu lhe agradei por me ajudar com minha educação.

Outras vezes, em meu aprendizado, fui um observador, não um agente. Eu sabia de algumas coisas que estavam sendo feitas com os animais, mas não de tantas quanto eu achava que deveria saber. Eu precisava olhar diretamente para o mal ao qual me opunha, em toda sua feia realidade. Eu precisava resistir ao desejo de desviar o olhar. Era como se eu fizesse um silencioso pacto com os animais de todo lugar. Eu mergulharia em seu sofrimento e morte em muda homenagem àqueles que sofreram e morreram, na fazenda, na selva ou no laboratório, por exemplo. Lembra-se do DDA alemão? Aquele que encontrou a égua disparando rua abaixo, com o corpo todo em chamas? "O que foi que eu fiz para merecer isto?", ela perguntou ao passar por ele. "Por que você não está me ajudando?" Eu me comprometi em aprender o máximo sobre as coisas terríveis que as pessoas faziam com os animais, acreditando então, assim como acredito agora, que esse horrível conhecimento me ajudaria a ajudá-los. Do capítulo 6 ao 10, faço um resumo do que aprendi nessa parte da minha jornada.

Como todo mundo, toda vez que tento explicar o que penso, aprendo uma coisa nova. O tempo gasto para escrever este livro não é exceção. Entre as muitas coisas que aprendi, uma se destaca. Trata-se do significado de algumas palavras importantes, palavras como "humanitário" e "bem-estar", palavras que, dependendo de quem as use, podem esconder ou revelar a verdade. Talvez eu tenha sido filósofo demais todos esses anos, com minha cabeça nas proverbiais nuvens (ou areia), acreditando que o debate sobre os direitos animais seja uma batalha travada no campo das idéias abstratas, não no mundo dos fatos cotidianos. Todo esse tempo, talvez eu tenha sido tolerante demais com as pessoas do outro campo (os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal), ao admitir que elas pudessem estar dizendo a verdade sobre o que essas indústrias fazem.

Ao escrever esse livro, mudei de idéia. Não faço mais essa concessão. Passei a acreditar que essas pessoas dizem falsidades, quando descrevem o que as indústrias fazem. Mais do que isso, eu creio que, depois que eu ilustrar a desconexão sistemática entre o que esses porta-vozes dizem e o que essas indústrias fazem, relutantes de todos os lugares vão concordar comigo.

## NOTAS

### origens comuns

Charles Darwin, "The Descent of Man", no livro de Tom Regan e Peter Singer, eds., *Animal Rights and Human Obligations* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1976), 72.

James Rachels, *Created from Animals: The Moral Implications of Darwinism* (Oxford: Oxford University Press, 1990), 133, 166.

### definindo o limite

Thelma Lee Gross, DVM, DACVP, "Scientific and Moral Consideration for Live Animal Practice", *Journal of the American Veterinary Medical Association* 222, no. 3 (Fevereiro de 2003 ): 285-88.

O resumo da cognição dos peixes foi tirado do texto de Redouan Bishary, Wolfgang Wickler, e Hans Fricke, "Fish Cognition: A Primate's Eye View", *Animal Cognition* 5 (2002), 1-13. Os autores apresentam suas descobertas como "puramente funcionais".

### objeções aos direitos animais

2. "Os animais não são seres humanos."

Para uma discussão mais completa a respeito do especismo, veja o capítulo 8 de *Animal Rights, Human Wrongs*.

8. "Os animais não têm consciência de nada."

As opiniões de Descartes sobre os animais podem ser encontradas em seleções de seu trabalho na edição de Regan e Singer, *Animal Rights and Human Obligations*, 13-19.

10. "Bem, pelo menos Deus nos deu o domínio!"

Para uma discussão mais abrangente, veja meu texto "Christians Are What Christians Eat", in *The Thee Generation: Reflections on the Coming Revolution* (Philadelphia: Temple University Press, 1991), 143-57.

**Dizendo e Fazendo**

PARTE III



## capítulo 5

# O QUE APRENDEMOS COM ALICE

Alguns adversários dos direitos animais dão o devido crédito a certas coisas. Eles não concordam com a idéia de jeito nenhum, e nem mortos seriam flagrados usando as palavras "tofu" e "vamos comer" na mesma sentença. No entanto, reconhecem que os direitos animais precisam ser considerados pelos seus méritos. Apesar dos estereótipos contrários, os argumentos dos defensores dos direitos animais (DDAs ou ativistas) não se baseiam em *slogans* brilhantes, no que dizem as folhas do chá ou no que sugerem indecifráveis encantamentos de haicais. Os adversários dos direitos animais que jogam limpo compreendem que têm a obrigação de *responder* à mensagem dos direitos animais, ao invés de atacarem seu mensageiro.

Como já vimos, as grandes indústrias de exploração animal acham que têm uma idéia melhor. Para elas, mais vale atacar do que conversar. O público tem de ser encorajado a ver a controvérsia sobre os direitos animais como uma disputa entre, de um lado, moderados que defendem o bem-estar animal, plenamente sensatos, e que são a favor do tratamento humanitário e da guarda responsável, e, do outro lado, lunáticos extremistas defensores dos direitos animais, que se

opõem a quaisquer usos deles e são favoráveis ao emprego de táticas violentas e terroristas. Para alcançar seu objetivo, os responsáveis pelas relações públicas dessas indústrias alimentam, diariamente, os meios de comunicação de massa com seus comunicados positivos sobre elas e informações negativas sobre os DDAs.

Assim recrutada, a mídia faz a sua parte (nem sempre, mas com frequência), mostrando e relatando o comportamento ultrajante ou ilegal de uma meia dúzia de defensores dos direitos animais, e, em seguida, as muitas (supõe-se) coisas boas feitas pelas indústrias. Você não precisa ser o cara que dá as cartas num cassino de Las Vegas para ver que as cartas retóricas estão arranjadas a favor dos grandes exploradores. Quem mais, além dos irracionais, infratores, terroristas e misantrópicos extremistas defensores dos direitos animais, poderia ser contra o bem-estar, o tratamento humanitário e a guarda responsável dos animais?

Essa não é a pergunta que deveríamos fazer. A pergunta que deveríamos fazer é: "Quanta confiança devemos depositar no que os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal dizem, não só sobre os ativistas, como também sobre as indústrias?" Eu já tratei da primeira parte dessa pergunta. O retrato de família dos ativistas feito por esses porta-vozes é um monte de ficção misturado com um pouquinho de realidade. Quanto à segunda parte, espero conseguir explicar a razão pela qual a resposta é uma simples e única palavra: "Nenhuma".

### **a arrogância de humpty dumpty**

Digam o que disserem de nós,  
não escondemos nada. Nossas

palavras refletem exatamente aquilo em que acreditamos. Somos claros e francos. Mesmo quem discorda de nós não tem problema nenhum em entender o que pensamos. O que nós pensamos é que as grandes indústrias de exploração animal estão fazendo coisas absolutamente erradas. Pensamos que a única resposta adequada ao que elas estão fazendo é fechá-las. Jaulas vazias, não jaulas mais espaçosas. É difícil alguém confundir o significado do que estamos dizendo.

O mesmo não pode ser dito daqueles que falam em nome das indústrias. Quando se trata do significado das palavras, essas pessoas aparentemente se inspiram em Humpty Dumpty. Lembre-se do seu famoso diálogo com Alice, no livro *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll:

"Não sei o que você quer dizer com 'glória'", disse Alice.  
Humpty Dumpty sorriu com desdém. "Claro que não – até que

*eu lhe explique. Eu quis dizer [por 'glória'] 'um belo argumento que derruba qualquer um para você!'".*

*"Mas 'glória' não significa 'um belo argumento que derruba qualquer um para você'", Alice contestou.*

*"Quando eu uso uma palavra", Humpty Dumpty disse num tom meio zombeteiro, "ela significa exatamente o que eu quiser que ela signifique – nem mais, nem menos".*

Quando os porta-vozes das indústrias usam palavras como *bem-estar animal*, *tratamento humanitário* e *guarda responsável*, eles devem estar pensando que, como Humpty Dumpty, podem fazer essas palavras significar qualquer coisa que quiserem. Na verdade, conforme lhes diria Alice, eles não podem.

Considere a palavra *humanitário*. Como outras palavras, ela não tem um significado vaporoso, disponível, feito um lugar vazio num estacionamento, esperando que alguém venha a preenchê-lo com uma definição de sua escolha. O *Webster's Unabridged Dictionary* define a palavra *humanitário* assim: "marcado pela compaixão, empatia ou consideração por outros seres humanos ou animais". A definição do *American College Dictionary* é um pouquinho diferente; *humanitário* é definido como "caracterizado por bondade, misericórdia ou compaixão". Quando os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal nos dizem que tratam seus animais humanitariamente, deveríamos esperar encontrar práticas industriais que mostrassem compaixão, empatia, consideração, bondade e misericórdia. Por quê? Porque (a menos que você seja Humpty Dumpty) isto é o que *humanitário* significa.

Mais uma vez, pense no que significa agir de modo a respeitar o bem-estar de alguém. O *Random House College Dictionary* define *bem-estar* em termos de "boa fortuna, saúde, felicidade". A esta lista, o *American Heritage Collegiate Dictionary* acrescenta "conforto, satisfação, situação agradável do corpo ou do espírito". Ninguém terá dificuldade em aplicar essas idéias aos animais.

Por exemplo, se eu digo que trato meu gato e meu cão com o devido respeito ao seu bem-estar, você terá expectativas sensatas quanto ao meu comportamento. Você espera me ver fazendo de tudo para assegurar que as necessidades básicas deles (comida, água, abrigo e exercício) sejam atendidas, e você *não espera* me ver fazendo deliberadamente qualquer coisa que lhes cause dano – como quebrar suas pernas ou queimar seus olhos. Se os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal dizem que tratam os animais com o



devido respeito ao seu bem-estar, teremos as mesmas expectativas. Por quê? Porque (a menos que você seja Humpty Dumpty) isto é o que "respeito ao bem-estar animal" significa.

Os próximos cinco capítulos descrevem algumas das condições em que os animais são criados, assim como alguns dos outros tratamentos que lhes são dispensados rotineiramente, nas mãos das grandes indústrias de exploração animal. No decorrer desses capítulos, veremos como os porta-vozes das indústrias descrevem as condições e o tratamento como "humanitários" e afirmam seu compromisso com o "bem-estar animal". Dado o significado dessas palavras, sabemos o que esperar: condições e tratamento que reflitam compaixão, empatia e misericórdia, por exemplo; condições e tratamento que objetivem promover a boa fortuna, a saúde, a felicidade, o conforto e a satisfação dos animais. Entretanto, nada poderia estar mais longe da realidade. Esses porta-vozes falam maravilhas a respeito de "tratamento humanitário" e "bem-estar animal" (e o mesmo pode ser dito no caso da "guarda responsável"), mas *o que eles fazem não condiz com o que eles dizem*.

Será útil dar um nome à idéia expressa pelas palavras que acabei de escrever em itálico. Vou chamá-la de "dito desconexo". Sempre que encontrarmos uma falta de conexão entre o que as grandes indústrias de exploração animal dizem e o que elas fazem, vou dizer: "Lembre-se do dito desconexo" ou "Impossível achar exemplo mais claro de dito desconexo do que este", e assim por diante. A importância do "dito" para o debate sobre os direitos animais ficará clara na seqüência. Mas seu papel deve ser esclarecido desde já.

Como um alarme, o dito desconexo funciona para chamar atenção para alguma coisa importante que, de outra forma, acabaria nos escapando – neste caso, a retórica empregada pelas grandes indústrias de exploração animal. Essa gente nunca se cansa de dizer que trata os animais humanitariamente, responsabilmente, com o devido respeito ao seu bem-estar, e por aí vai. Mas (como Alice em seu diálogo com Humpty Dumpty), pessoas honestas entenderão que os porta-vozes dessas indústrias não podem simplesmente inventar o significado dessas palavras.

### **"escória de nazistas mentirosos e sádicos"**

Toda vez que os defensores dos direitos animais criticam porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal, estão arrumando encrenca. Essas

peessoas têm enorme poder e influência, que, acreditam, fazem por merecer. Elas se consideram especialistas, e acham os ativistas que as criticam uns... bem, menos do que seus iguais. Os DDAs precisam estar preparados para um monte de ataque e intimidação verbal, se ousarem levantar dúvidas sobre as pessoas que pensam que sabem muito, muito mais do que eles. No decorrer dos anos, muitas vezes eu senti na carne essa (para ser caridoso) falta de hospitalidade.

Por exemplo: em uma certa ocasião, fui convidado a dar uma palestra em uma universidade americana que prefiro não identificar. O pessoal da faculdade que fazia pesquisas em animais estava furioso. Algumas cartas de protesto circularam, me descrevendo como um fanático perigoso, um agitador, um demagogo provocador. Os pesquisadores me compararam a Hermann Göring e a pacientes mentais monomaniacos que pensam ser Jesus Cristo ou Napoleão. Um porta-voz chegou ao ponto de dizer que eu era o Jim Jones do movimento dos direitos animais.

Quanto às minhas palestras, os pesquisadores me acusaram de defender a violência, de espalhar mentiras, de ser anticientífico, anti-racional e antiintelectual; acusaram-me de afirmar que tenho o direito de impor aos outros, de forma violenta, a minha noção de ética; e de instigar o meu público a cometer atos ilegais.

Para esquentar mais ainda as coisas, outro profissional da faculdade se pôs a alardear que eu agia como "batedor" de invasões de laboratórios (eu teria visitado um *campus*, dado uma palestra, feito as malas e, no dia seguinte, a Frente de Libertação Animal teria destruído um laboratório e libertado os animais). Ah, e havia a "sugestão" de que meu convite teria de ser revogado porque eu era o principal suspeito no recente assassinato de um pesquisador que tinha levado um tiro, na entrada da sua garagem. Ainda tem mais, mas acho que já deu para você fazer uma idéia. O pessoal não estava me recebendo com um tapete vermelho.

Nem uma palavra do que eles disseram era verdade; era tudo pura ficção. Então, por que mencionar o episódio? Porque ele ilustra aonde às vezes podem chegar os especialistas que não gostam da idéia dos direitos animais, na tentativa de desacreditar quem ouse discordar deles. Então, como eu digo, nós precisamos estar preparados para receber um belo ataque verbal, se desafiarmos as idéias de quem pensa que sabe muito, muito mais do que nós. E já que não quero ser atacado pelas razões erradas, me dê um momento para esclarecer a natureza da crítica contida no dito desconexo.

Geralmente, quando dizemos alguma coisa falsa, há duas possibilidades. Ou sabemos que essa coisa é falsa, ou não sabemos. Se a



primeira alternativa for verdadeira, não somos sinceros naquilo que dizemos, e contamos uma mentira quando o dizemos; se a segunda for verdadeira, somos sinceros naquilo que dizemos, mas acontece que estamos enganados. Quando os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal dizem uma coisa que é falsa, as mesmas alternativas se apresentam. Ou eles estão mentindo, ou estão enganados.

Muitos ativistas acreditam na primeira. Muitos acreditam que esses porta-vozes sabem muito bem que suas indústrias não tratam os animais como eles dizem. Afinal, essas pessoas são os especialistas, e uma coisa que especialistas sabem é o que palavras simples como *bem-estar* e *humanitário* significam. Não estamos falando de coisas complexas como a ciência dos foguetes – razão pela qual muitos DDAs acreditam que os porta-vozes das indústrias mentem descaradamente quando dizem o que essas indústrias fazem. Então, por que eles dizem essas coisas? Por duas razões. Primeira: eles precisam encenar sua obediência às leis federais que exigem tratamento "humanitário"; segunda: eles precisam tranquilizar o público crédulo, de que "tudo corre bem" naqueles lugares aos quais o público não tem acesso fácil.

Estes são julgamentos duros. Se verdadeiros, levantam sérias dúvidas a respeito do caráter moral dos porta-vozes das indústrias. Se verdadeiros, não se deve confiar nesses especialistas. Se verdadeiros, esses especialistas estão mentindo.

Sobre isto ser verdade ou não, deixo a decisão para os outros. A crítica que eu estou fazendo é diferente; não inclui nenhuma mensagem de "agitador", nenhuma avaliação negativa de caráter. (Não estou dizendo, por exemplo, que os porta-vozes das indústrias sejam "uma escória de nazistas sádicos e mentirosos".) Estou disposto a supor que todos os porta-vozes acreditem sinceramente que suas respectivas indústrias façam o que eles dizem que elas fazem: tratam os animais humanitariamente, com o devido respeito ao seu bem-estar. Supondo que essa sinceridade exista mesmo, minha crítica é, conforme espero demonstrar nos capítulos seguintes, que quando esses porta-vozes dizem aquelas coisas, o que eles dizem não é falso às vezes apenas, mas é falso sempre.

Pessoas de boa vontade que não sejam ativistas acharão difícil acreditar nisto, eu sei. Não existem leis nos livros, para proteger os animais? Não existe uma legião de inspetores para garantir que as leis sejam seguidas ao pé da letra? E os veterinários não estão lá para garantir que os animais recebam um tratamento decente? Além disso, as grandes indústrias de exploração animal muito raramente são

acusadas de violar a lei. As coisas para os animais não podem estar tão ruins como eu estou sugerindo.

Deixe-me fazer três comentários, neste ponto importante da minha exposição. Primeiro, quando os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal usam a linguagem do "cuidado humanitário", eles estão usando as palavras, só da boca para fora, que o governo os mandou usar. As duas primeiras cláusulas da Congressional Statement of Policy,\* dentro da Lei (federal) do Bem-estar Animal são "(1) assegurar que animais que serão usados em estabelecimentos de pesquisa, ou em exposições, ou como animais de estimação, recebam guarda e tratamento humanitários" e "(2) assegurar o tratamento humanitário de animais durante seu transporte para o comércio". Não é por acaso que os porta-vozes das grandes indústrias de exploração animal falam todos da mesma maneira. Todos dizem a mesma coisa porque é isso que o governo quer ouvir.

Segundo, é verdade que as grandes indústrias de exploração muito raramente são pegas violando a Lei do Bem-estar Animal. Em 1990, por exemplo, um ano não atípico, 13.050 inspeções foram conduzidas, e só 27 queixas foram registradas. Isso significa um índice de cumprimento da lei de 98 por cento. Será que essas impressionantes estatísticas não mostram que as grandes indústrias de exploração animal estão realmente fazendo um bom trabalho, providenciando "guarda e tratamento humanitários" aos animais?

Os leitores deverão fazer seu próprio julgamento. Conforme espero ser capaz de explicar, o tipo de proteção legal que os animais recebem é parte do problema, não parte da solução. O fato de existirem tão poucas violações da lei em vigor não mostra que os animais são bem tratados, mas que os padrões legais de tratamento "humanitário" estão abaixo do mínimo, e que o trabalho de assegurar que *pele menos* esses padrões sejam seguidos é deplorável. Com raras exceções, que serão devidamente observadas, o tratamento dos animais que descreverei nos próximos cinco capítulos é *inteiramente legal*, portanto *totalmente de acordo com a cláusula para "guarda e tratamento humanitários"*, uma verdadeira celebração da compaixão e da bondade, da empatia e da piedade. Falar isso seria hilário, se não fosse tão cruelmente falso. Mas, como eu digo, os leitores deverão decidir onde está a verdade, se no que os representantes das indústrias nunca se cansam de falar ou no que eu acabo de escrever.

Por fim, o papel dos veterinários na legitimação das práticas consideradas padrão nas grandes indústrias de exploração animal é uma tragédia indizível. A traição cometida por eles contra os animais é

\*Emenda do Congresso americano (aprovada em 2002) à Lei do Bem-estar Animal (aprovada em 1966) [nota de edição]





brutal. Com poucas exceções, que serão convenientemente observadas, o abuso dos animais que vou descrever nos próximos cinco capítulos é perfeitamente consistente com os procedimentos endossados pela (justo quem!) Associação Médica Veterinária Americana (AVMA, na sigla em inglês).

A imagem que o público tem dos veterinários é a de gente que ama os animais. Foi por isso que eles se tornaram veterinários, em primeiro lugar. Eles nunca ficariam de braços cruzados diante do abuso dos animais. Eles não são todos membros do movimento pelos direitos animais? Bem... na realidade, não. Na verdade, a AVMA se distancia vigorosamente dos direitos animais, afirmando que ela "não pode endossar os pontos de vista filosóficos e os valores pessoais dos defensores dos direitos animais, quando eles forem incompatíveis com o uso responsável dos animais para o propósito humano, como alimento e fibras, e para pesquisas conduzidas para o benefício de seres humanos e animais". Já com o bem-estar animal, é outra coisa. "O compromisso da AVMA com o bem-estar animal é insuperável", nós somos informados, por causa da sua "preocupação e compromisso de longa data com o bem-estar, e com o tratamento e a guarda humanitários".

Vamos ver. "Compromisso com o bem-estar e com o tratamento e a guarda humanitários" dos animais. "Uso responsável". Soa familiar. Por mais difícil que seja para o público acreditar, a retórica da organização animal que representa a maioria dos médicos veterinários nos Estados Unidos – nem todos, em absoluto, e certamente não os membros da Associação dos Veterinários Defensores dos Direitos Animais (AVAR, na sigla em inglês) – é a mesma usada pelas grandes indústrias de exploração. Com amigos como esses, os animais não precisam de inimigos.

## NOTAS

### **A arrogância de Humpty Dumpty**

Peter Heath, *The Philosopher's Alice* (New York: St. Martin's Press, 1974), 193.

### **"Escória de nazistas mentirosos e sádicos"**

The Congressional Statement of Policy [www.aphis.usda.gov/ac/awa.html#2131](http://www.aphis.usda.gov/ac/awa.html#2131).

As diretrizes da American Veterinarian Medical Association sobre o bem-estar animal e os direitos animais [www.avma.org/care4pets/morewelf.htm#rights](http://www.avma.org/care4pets/morewelf.htm#rights).

A Associação dos Veterinários Defensores dos Direitos Animais (AVAR) adota a filosofia dos direitos animais. Para mais informações, consulte o [site avar.org/avar](http://site.avar.org/avar).

**As Metamorfoses**

PARTE IV



## capítulo 6

# TRANSFORMANDO ANIMAIS EM COMIDA

Para a maioria de nós, só pensar em desistir de comer carne já é difícil; na realidade, desistir da carne talvez pareça impossível. Os viciados vêm a coisa de forma diferente. Por eles não comerem seus amigos e pelos animais serem seus amigos, eles não comem carne (a menos que seus pais os forcem). Os damascenos, também, podem fazer a transição para o vegetarianismo sem pensar em seus ganhos e em suas perdas. Rebekah Harp, que dá aula para alunos especiais, em Jacksonville, Flórida, é um exemplo. Embora tenha sempre se achado uma "pessoa que sente compaixão pelos animais", ela comera carne a vida inteira. Então, uns anos atrás, uma coisa aconteceu. Ela escreve:

*Eu estava saboreando meu filé durante um jantar em um restaurante, quando olhei as pessoas em volta. Sempre me lembro desse acontecimento em câmera lenta, feito um filme do Oliver Stone. O som das facas serrando as fatias de vaca aumentou em volume, e os riachos de sangue e gordura formando poças nos pratos me deram enjôo. A imagem de vacas apavoradas, esperando seu abate, passou rápido pela minha*

*cabeça – e aquele foi o último pedaço de carne que eu comi na vida. Aquelas vacas não eram diferentes dos meus cães e gatos, então como é que eu podia justificar comer qualquer animal?*

Uma mudança na percepção ocorreu. Um momento damasceno. Rebekah Harp, que sempre comera carne, tornou-se Rebekah Harp, vegetariana. De uma hora para a outra. Simples assim.

Algo parecido aconteceu a Gary e Gillian Cutick (Gary é fisioterapeuta; Gillian, uma arquiteta: moram em Raleigh). Eles estavam parados no trânsito, bem atrás de um grande caminhão cheio de porcos a caminho do abatedouro. O caminhão tinha buracos ovais no exterior de metal para a passagem de ar. Os porcos na traseira do caminhão olhavam pelas aberturas, alguns apoiados só nas pernas de trás para ver melhor. Então ali, bem na frente de Gary e Gillian, estavam dez ou talvez mais pares de olhos voltados para eles. E ali estavam Gary e Gillian, sem ter como escapar, olhando de volta. Um lugar perfeito para uma mudança na percepção. O que antes eles sempre tinham visto como "algo que vem embrulhado num papel celofane" tornou-se "alguém que ia ser morto". Sem que um dissesse qualquer palavra para o outro, os dois decidiram, naquele lugar e naquele momento, que nunca mais comeriam porco. "Era uma pequena coisa a ser feita, para tornar as coisas melhores", explica Gary. Mais tarde, quando conversaram sobre o que acontecera, concordaram que parar de comer porco era arbitrário. Outros animais eram levados ao lugar de onde nenhum animal volta. Ao chegar em casa, livraram-se de um monte de coisas que estavam no freezer. Uma rara "oferta" damascena, do tipo "dois pelo preço de um", para os animais.

Em contraste com os damascenos, nós relutantes temos muito que "pensar ou resolver", antes de estarmos preparados para desistir da nossa carne. Uma razão é que fica difícil imaginar o que seria se alimentar sem ela. Vejamos: aqui está o bife. Aqui está o arroz. Aqui está a salada. Tire o bife e o que sobra? Um pouco de salada com arroz. Não admira que os relutantes pensem, no início, que virar vegetariano é como fazer um voto de abstinência culinária misturada com pobreza voluntária.

Claro que, com o tempo, os relutantes aprendem que há uma cozinha sem produtos animais incrivelmente deliciosa, colorida e nutritiva a ser descoberta, um menu de possibilidades que inclui comida de todos os países e todas as etnias deste mundo. É a excelente nova comida que ganhamos, e não a rotineira velha comida que perdemos, que é a verdadeira surpresa, uma coisa que nós próprios temos de

descobrir. Não é uma coisa que alguém possa nos ensinar.

Uma coisa que podemos aprender com os outros é a forma como são tratados os animais criados para comermos. Aprender isso trouxe uma importante contribuição à expansão da minha consciência animal. Urbano que sou, tive muito pouco contato com animais criados em granjas e, antes de ler Gandhi, nenhum interesse em aprender sobre eles. Assim que Gandhi entrou na minha veia, entendi que eu precisava tornar visível o invisível. Eu tinha de ir para dentro do estábulo, por assim dizer, para saber o que acontecia lá. Eu gostaria de poder dizer que o que encontrei foi algo alegre, luminoso. Infelizmente, não foi nada disso. Uma solitária vaca preta ainda lança sua sombra na minha memória.

A granja ficava no leste da Carolina do Norte, mais ou menos a uma hora de carro de Raleigh, onde moro. A família que a gerenciava vivia sobretudo da renda conseguida com o tabaco, mas também mantinha um matadouro pequeno. Os granjeiros locais traziam sua vaca, porco ou carneiro de manhã, e voltavam ao fim do dia para pegar sua carne cortada e embalada. Foi assim que conheci a vaca preta, o único animal a encontrar a morte, naquele dia.

Quando cheguei (eu tinha telefonado ao granjeiro uma semana antes e combinado uma visita, explicando que eu era um "professor universitário fazendo uma pesquisa"), a vaca estava em uma baía adjacente ao cercado encoberto onde seria esquarterada. O granjeiro pressionou um rifle de pequeno calibre na testa dela. O tiro ecoou através da paisagem plana. Sem soltar um único som, a vaca desabou no chão, de uma vez só. O ajudante enfiou então um arame duro no buraco feito na testa dela, virando-o vigorosamente ("remexendo seus miolos", foi como ele descreveu o que estava fazendo). Depois disso ele acorrentou uma perna traseira da vaca, suspendeu o animal pela corrente, ao nível dos seus olhos, e meteu-lhe na garganta uma faca muito usada, que ele puxou para baixo e na transversal, com bastante força.

Então o sangue começou a jorrar. E jorrava. E jorrava. Eu não estava preparado para aqueles galões de sangue pulsante fluindo da vaca, que ainda respirava. Era como se um hidrante tivesse sido aberto. Os animais que eu tinha cortado no açougue, anos antes, não sangravam; ao encontrarem minha faca ou serra, já estavam mortos há um bom tempo, e não vivos até minutos antes. E quando mesmo termina a vida? Mesmo depois de a vaca ter sua pele arrancada e ser esquarterada, os pedaços de carne branca e azul estremeciam.

Agradei ao granjeiro e voltei para casa, tentando processar o que vira. Nas semanas seguintes, eu visitaria outros matadores bem

maiores, e veria centenas de porcos e milhares de galinhas darem o último suspiro nas linhas mortais de desmontagem em larga escala – como os lugares onde se abatem porcos, que descreverei mais adiante, neste capítulo. As pessoas que trabalhavam nesses locais de fato os comparavam a "linhas de montagem funcionando ao contrário". Processadores de aves se gabavam de só não aproveitarem "o cacarejo". A história era um pouquinho diferente nas unidades onde os porcos eram mortos; ali, a única coisa que não era usada era o "grunhido". Nunca vou esquecer a carnificina que testemunhei, em números que nunca poderia imaginar. Mas, mais do que tudo, nunca vou esquecer aquela vaca solitária. Novinha, ela era, e toda preta. Confiava em nós; não havia medo naqueles grandes olhos vivos. Só ao cair no chão é que deve ter percebido a finalidade da nossa traição.

Uma última nota introdutória. Por mais duras e perturbadoras que sejam algumas das fotografias disponíveis no *website* [www.tomre-gan-animalrights.com](http://www.tomre-gan-animalrights.com), elas não dão a idéia exata da vida dos animais criados em granjas industriais, coisa que vou explicar em seguida. O que vemos é a vida deles observada de fora. O que nós não vemos, e que só nossa imaginação pode produzir, é a vida deles observada do lado de dentro, pelos sujeitos que a vivem. A verdade nua e crua é que a grande maioria desses animais, literalmente *bilhões* deles, sofrem cada um dos minutos em que estão vivos. Fisicamente, estão debilitados por epidemias e enfermidades crônicas. Psicologicamente, estão massacrados pelos efeitos cumulativos da desorientação e da depressão. Vistos à distância, podem parecer os animais sobre os quais todos lemos nos livros ilustrados da nossa infância. Vistos do lado de dentro, nas presentes circunstâncias, são sombras trágicas e patéticas de seus robustos antepassados. É notável que, apesar de tudo, a integridade dos seus seres permanece, esperando ser libertada. Os santuários para animais de granjas, descritos quase ao fim deste capítulo, nos ensinam isso.

### **a indústria da vitela**

A carne chamada vitela, especialmente a "rosada", de bezerras "alimentados com leite", é o destaque entre os pratos que algumas pessoas consideram os mais refinados, preparados pelos melhores *chefs* e servidos nos melhores restaurantes, principalmente franceses e italianos. Famosa pela maciez, a vitela pode ser cortada com um garfo. Nenhuma cartilagem. Nenhum músculo. Apenas a suavidade sem resistência da

carninha que derrete na boca. Quando se trata de comer bem, algumas pessoas acham difícil imaginar coisa melhor.

A situação é diferente para os bezerros que acabam em vitela. São também conhecidos como "bezerros alimentados de maneira especial", na maioria touros, nascidos de rebanhos leiteiros Holstein. A maioria dos bezerros excedentes, machos ou fêmeas, é criada e vendida como carne, mas aproximadamente oitocentos mil deles, todo ano, transitam num mercado americano próprio. Esse mercado é a indústria da vitela, ou seja, da carne de bezerros bem jovens "alimentados de maneira especial" ou "alimentados com leite". Os bezerros que entram nessa indústria são tirados das suas mães horas ou dias (menos de sete dias é a recomendação da indústria) depois de nascerem, e então são leiloados ou entregues diretamente a compradores com contratos já acertados.

Ao longo de quase toda a História, a demanda por vitela rosada superou a oferta. Os bezerros eram abatidos ainda bem novos, antes de consumirem muito alimento rico em ferro, como o leite da mãe ou grama, o que mudaria sua carne do rosa para o vermelho, reduzindo a demanda do consumidor. É fácil entender porque esses animais não eram grandes, pesando só uns quarenta quilos. Por serem tão pequenos, a oferta de sua carne tenra e rosada era limitada, e o preço, alto. E como seria de se esperar, a melhor vitela passou a ir parar só nos pratos dos ricos.

Com o tempo as coisas mudaram; primeiro na Europa na década de 1950, depois na década seguinte nos Estados Unidos. Foi introduzido um novo sistema de produção que capacitava os bezerrinhos ou vitelos a viverem quatro ou cinco meses, durante os quais o peso que tinham ao nascer mais do que triplicava, sem que sua carne perdesse a palidez e a maciez tão desejadas pelos consumidores. Com o advento dos vitelos maiores, a indústria passou a oferecer vitela a um mercado mais amplo, e a um preço mais acessível.

Para o sistema funcionar, os vitelos ficam permanentemente presos em baias individuais. As dimensões recomendadas para essas baias, nos Estados Unidos, são 61 cm de largura por 1,65m de comprimento. Os estabelecimentos de produção de vitela podem ter entre 50 e mais de 3.000 baias, sendo que a média é 200. Dos mais ou menos 1.400 estabelecimentos existentes nos Estados Unidos, a maior parte se encontra em Indiana, Michigan, Nova York, Pensilvânia e Wisconsin. Só na Pensilvânia há 450.

Como os vitelos lambem as coisas à sua volta, como baias de metal contêm ferro, e como uma quantidade extra de ferro pode ajudar

a deixar a carne deles vermelha, as baias são feitas de madeira. *The Stall Street Journal*, um boletim da indústria da vitela hoje extinto,\* explica: "A cor da carne é um dos principais fatores envolvidos na obtenção de grandes lucros com os sofisticados mercados de vitela... A vitela de 'cor clara' é um item da melhor qualidade, em alta demanda nos melhores clubes, hotéis e restaurantes. A 'cor clara' ou vitela rosada é, em parte, associada à quantidade de ferro nos músculos dos vitelos".

Claro que se o ferro fosse totalmente eliminado da dieta dos vitelos, a vida deles poderia ser posta em risco, assim como os lucros financeiros dos granjeiros. Por isso *um pouco* de ferro é incluído no líquido (uma combinação de leite em pó sem gordura, vitaminas, minerais, açúcar, antibióticos e drogas para promover crescimento rápido) com que os bezerrinhos são alimentados duas vezes por dia, durante suas curtas vidas. É esta – e não a amamentação pela mãe – a história da dieta dos chamados bezerras alimentados com leite.

Subtrair dos bezerras o leite verdadeiro ou outras fontes ricas em ferro faz perfeito sentido para os produtores de vitela. Nas palavras do *The Stall Street Journal*, "os dois objetivos da indústria da vitela são, primeiro, produzir, no menor período de tempo possível, um bezerro que tenha o maior peso possível e, segundo, manter sua carne a mais clara possível para atender à exigência dos consumidores". Para os bezerras, isto significa crescer sofrendo de deficiência de ferro crônica (quer dizer, de anemia crônica).

Quando os bezerras são pequenos e capazes de se virar dentro das baias, ficam presos a uma trava de contenção, por uma coleira de metal ou plástico, para que não se virem. Mais tarde, quando pesam mais ou menos 140 quilos e já estão muito grandes para se virar dentro de seus cercados estreitos, a coleira pode ser retirada. Com ou sem a coleira, os animais estão sempre imobilizados. Os bezerras são famosos por sua vivacidade. Todos nós já vimos os impetuosos filhotes saltitando pelos pastos espaçosos, os tenros músculos se firmando para agüentar o peso que fica cada vez maior. Mas isso não ocorre com os bezerras criados nas baias para produção de vitela. As condições de seu confinamento asseguram que seus músculos permaneçam moles e fracos, para que sua carne obtenha o grau de maciez que, segundo o *Journal*, "atenda à exigência dos consumidores".

O chão das baias de confinamento é feito de ripas de madeira ou metal coberto com plástico. Teoricamente, as aberturas entre as ripas evitam o acúmulo de excrementos e urina. Mas essa teoria não funciona direito na prática. Quando os animais se deitam, deitam-se

(\*) Informativo da Provimi, Inc., uma das corporações que atualmente lideram o mercado mundial de rações para animais. Entre seus produtos, estão substitutos do leite para alimentação de vitelos. [nota de edição]

sobre as próprias fezes. Quando ficam de pé, vacilam sobre as ripas escorregadias. Incapazes de se virar, eles não podem limpar a sujeira que ficou no seu corpo. Incapazes de se mexer sem escorregar, eles aprendem a ficar parados em um lugar só, por longos períodos de tempo. Esse ajuste passivo ao ambiente prejudica sua anatomia, especialmente seus joelhos, que quase sempre estão visivelmente inchados e doloridos.

A observação científica independente confirmou o que as pessoas que têm o mínimo de bom senso já sabem. Bezerros criados para vitela sofrem física e psicologicamente. Sofrem fisicamente porque, na sua maioria, enfrentam a dor e o desconforto causados por joelhos inchados, problemas digestivos e diarreia crônica. Sofrem psicologicamente porque suas vidas de confinamento solitário são caracterizadas pela privação mais abjeta. Nunca lhes é dada a oportunidade de mamar e pastar, de esticar as pernas, de respirar ar fresco e aproveitar a luz do sol, que eles apreciam por natureza.

Em uma palavra, aos bezerros criados nas baias para produção de vitela é negado simplesmente tudo que responda à sua natureza. Não é de surpreender que eles apresentem padrões de comportamento associados a desajustes psicológicos (por exemplo, movimentos repetitivos e rolar da língua). Esses animais não estão bem, nem de corpo, nem de mente. Quando chega o dia de irem para seu abate predeterminado, não como as criaturas brincalhonas que poderiam ter sido, mas como as desamparadas, deformadas e "engenhosas" máquinas de carne em que seus produtores e consumidores os transformaram, a morte justificavelmente lhes oferece uma barganha melhor do que a vida que eles conheceram.

Como era de se esperar, a indústria da vitela usa a máscara da consideração pelo bem-estar animal. "Como os criadores de bezerros para vitela reconhecem que sua sobrevivência depende da saúde e do bem-estar de seus animais", declara a American Veal Association [Associação Americana dos Produtores de Vitela], "a produção humanitária desses bezerros é a nossa prioridade". "A produção humanitária desses bezerros". Isso é o que a indústria diz. Não sou eu que estou inventando. Pedem-nos para acreditar que os produtores de vitela tratam os animais sob sua guarda com compaixão, misericórdia, bondade, e com uma preocupação genuína pelo seu bem-estar. Lembra-se do "dito desconexo"? O que essa produção industrial de fato leva a cabo está desconectado do que seus porta-vozes declaram. É difícil imaginar um exemplo mais claro do dito. "Tratamento humanitário" é só um instrumento retórico usado pelos porta-vozes da indústria da

vitela. Não é baseado na realidade. É lamentável que tanta gente seja crédula demais e realmente acredite nisso. Afinal de contas, se houvesse algo errado, os inspetores do governo e os porta-vozes da Associação Médica Veterinária Americana (AVMA) nos avisariam, não é?

E, ainda assim, nada do que descrevi viola a lei. E nada que eu tenha descrito contraria o apoio ao tratamento "humanitário" dos bezerros criados para vitela que a AVMA tanto insiste em dizer que dá. Deve ser porque está tudo bem.

### **criação intensiva de animais**

Comparado ao dos outros animais criados para consumo humano, o número total de bezerros criados para vitela ("alimentados com leite") que acaba indo parar nos pratos dos americanos é pequeno – uns oitocentos mil, entre os aproximadamente *dez bilhões* de animais de produção abatidos anualmente, mais de vinte e sete milhões todo dia, e mais de um milhão por hora. Um milhão a cada hora, só nos Estados Unidos! Mas, se seu número é "pequeno", o tipo de vida dos bezerros criados para vitela é um microcosmo da realidade mais ampla da produção animal comercial praticada hoje.

O mito da "fazenda do velho McDonald"\*\*\* custa a desaparecer. Quaisquer que sejam os motivos, e mesmo diante dos anos de esforços dos DDAs para educar o público, muita gente insiste em acreditar que os animais criados nas granjas vivem em condições bucólicas. A verdade é bem outra. A vida da grande maioria dos animais que passam pelas portas da indústria animal comercial de hoje não difere muito da vida dos bezerros criados para vitela. Os sistemas de criação intensiva ("granjas industriais") são a regra, não a exceção. Conforme destacarei em seguida, porcos, galinhas, gado e outros animais criados para consumo humano – não só bezerros que viram vitela – transformaram-se em inúmeras máquinas biológicas.

Não é difícil achar as razões por trás da proliferação das granjas industriais. O lucro, auxiliado pelos subsídios do governo e sua política de preços, move a indústria. Afinal de contas, a produção animal é um negócio, e tem o objetivo de maximizar o retorno financeiro, minimizando o investimento. A chave para o sucesso financeiro é uma variação do tema principal, encontrado na produção de vitela.

A criação intensiva requer que os animais sejam retirados dos terrenos ao ar livre para serem criados em locais fechados. Isto é importante. A criação em confinamento completo capacita uma quan-

(\*\*) O mito refere-se à visão bucólica de uma fazenda com animais vivendo soltos e felizes, para a qual contribuiu muito a canção folclórica "Old McDonald had a farm", ensinada há muitas gerações para as crianças. A cada bicho de fazenda lembrado, a letra inclui repetições onomatopéicas de sua voz [nota de edição]

tidade comparativamente pequena de pessoas a criar centenas, às vezes centenas de milhares de animais (como no caso de galinhas poedeiras ou frangos de corte), o que seria impossível se os animais fossem livres para perambular.

Em seguida, os granjeiros precisam fazer tudo que for necessário para colocar os animais no mercado em menos tempo possível. Para isso, costumam tomar medidas como limitar a mobilidade do animal, manipular seu apetite para que ele coma mais do que comeria se vivesse em condições naturais, e estimular o aumento de seu peso com a adição de hormônios para crescimento à sua comida. Nas palavras do *The Stall Street Journal*, é essencial "produzir um bezerro [ou uma galinha ou um porco, por exemplo] com o maior peso no menor tempo possível". Os granjeiros reprovados nesse teste também fracassam no mercado da produção animal comercial. E muitos fracassam. Incapazes de competir com as grandes corporações vizinhas, impotentes contra as economias de escala e a assistência massiva dada pelo governo às multinacionais, fazendas como a do velho McDonald são uma espécie em extinção. De um modo geral (como nos Estados Unidos), em se tratando da criação de animais para consumo humano, o agronegócio substituiu os grandes estabelecimentos agropecuários com pastagens extensivas.

Outras pessoas escreveram detalhadamente sobre as práticas da criação intensiva de animais. Os leitores interessados nesse tipo de informação podem encontrá-lo nos livros pertinentes a que fiz referências nas notas, e no *website* [www.tomregan-animalrights.com](http://www.tomregan-animalrights.com). Recomendo especialmente (já que falo muito pouco sobre o assunto, aqui) os estudos que documentam os incríveis custos que a criação intensiva de animais impõe à saúde humana e à qualidade do ambiente. Aqui, será suficiente sumarizar, como tantos instantâneos fotográficos, exemplos do tratamento dispensado a outros animais criados nas granjas industriais. O tema recorrente é a semelhança do suplício suportado pelos bezerros criados para o comércio da vitela com a vida dos outros animais criados no sistema intensivo. Por serem tão vistos como mercadorias, os animais de granjas industriais não têm direito a um tratamento respeitoso. Por não terem esse direito, a dor e as privações pelas quais passam não precisam de justificativa. E por não precisarem de justificativa, são impostas a eles em proporções muito além do que os humanos conseguem calcular.



## a indústria do porco

Cerca de cem milhões de porcos são abatidos anualmente nos Estados Unidos. A maioria passa os quatro a seis meses que duram suas vidas em pé ou dormindo em superfícies de tela de arame (isto ocorre ao nascerem), e sobre barras de metal ou de concreto com espaços vazios entre elas (isto começa um pouco depois de nascerem). Ferimentos nos pés e nas pernas, escoriações e contusões na pele são a regra – e nunca são tratados. Disenteria, cólera e triquiase são comuns. Porquinhos recém-nascidos têm seus rabos removidos e as orelhas mutiladas sem anestesia. Nos ambientes superlotados em que vivem, esses animais, normalmente dóceis, às vezes recorrem ao canibalismo.

Os porquinhos que não crescem rápido o suficiente (os "raqúiticos" da ninhada) são mortos por meio de pancadas na cabeça contra o chão de concreto. Como o ar fica cheio de amônia, poeira e partículas de pele e pêlo, a maioria dos porcos sofre de doenças respiratórias; por exemplo, estima-se que 70 por cento tenham pneumonia, ao serem abatidos.

As porcas reprodutoras pesando até 180 quilos ficam confinadas em baias de 61 cm de largura durante a maior parte de sua vida de sucessivas gestações, que pode chegar a quatro anos. Prendê-las com coleiras à parte frontal de suas baias, por meio de barras de contenção, diminui mais ainda sua mobilidade. Um behaviorista animal holandês descreve a reação das porcas: elas "moviam-se violentamente para trás, tensionando a coleira. Sacudiam e batiam a cabeça, contorcendo-se na tentativa de se libertar. Muitas vezes gritavam alto; ocasionalmente algumas se chocavam contra as laterais das baias individuais. Como resultado, às vezes, desabavam no chão".

Conforme Matthew Scully descobriu, as coisas são piores ainda para as porcas nos Estados Unidos. Redator dos discursos do presidente George W. Bush, Scully descreve as condições que ele encontrou em uma das melhores instalações para criação de porcos na Carolina do Norte:

*Feridas, tumores, úlceras, bolsas de pus, lesões, cistos, contusões, orelhas rasgadas, pernas inchadas em todo lugar. Rugidos, gemidos, mordidas nos rabos, brigas e outros "vícios", como se diz nas indústrias. Mordedura frenética das barras e correntes; estereotípica mastigação do nada ("do vácuo"); cavação estereotípica da terra à procura de raízes; construção de ninhos com palha imaginária. E "frustração social" de montão: a cada*

*terceira ou quarta baía, algum ser completamente destruído que você só sabe que está vivo porque pisca, porque olha fixo para você... criaturas fora do alcance da ajuda por piedade ou de pior miséria por indiferença. Mortas para o mundo, exceto enquanto amontoados de carne.*

O dono da granja garantiu a Scully que os porcos eram tratados "humanitariamente". De fato, quando Scully lhe perguntou o que os porcos achavam daquilo, a resposta do dono veio cheia de entusiasmo: "Eles adoram!".

Compare essas circunstâncias miseráveis com o tipo de vida para o qual até mesmo os porcos criados no sistema intensivo têm capacidade. Dois cientistas escoceses soltaram, em um pequeno parque, um grupo de porcos criados em granja industrial, e então se afastaram para observar como os animais foram progredindo. Bernard Rollin descreve o que viu:

*Descobriu-se que os porcos faziam uma série de ninhos comunitários de uma maneira cooperativa. Esses ninhos apresentavam certas características em comum, incluindo paredes para proteger os animais contra ventos constantes e uma vista ampla que lhes permitia detectar tudo que se aproximasse. Os ninhos estavam bem longe dos locais onde eles se alimentavam. Antes de se recolherem, os animais traziam mais materiais para as paredes e arrumavam os ninhos outra vez. Ao se levantar pela manhã, eles andavam pelo menos 7 metros antes de urinar ou defecar... Entre certos porcos, formavam-se vínculos sociais complexos, e os novos animais introduzidos na área demoravam bastante para ser assimilados. Alguns tinham relacionamentos especiais – por exemplo, duas porcas que, depois de dar à luz, ficaram sempre juntas, tanto para colher forragem quanto para dormir. Membros do mesmo sexo de uma ninhada tendiam a ficar juntos e prestar atenção ao comportamento exploratório uns dos outros. Jovens machos também observavam o comportamento dos machos mais velhos. Jovens do mesmo sexo exibiram brincadeiras manipulativas. No outono, 51 por cento do dia era dedicado à procura de raízes. Porcas grávidas escolhiam um lugar para seu ninho algumas horas antes do parto, a uma distância significativa do ninho comunitário (6 quilômetros, em um caso). Alguns desses ninhos tinham paredes de madeira. Durante alguns dias, a mãe não*

*deixava outros porcos se aproximar dos filhos, mas finalmente permitia que outra porca com ninhada, e com quem já tivesse estabelecido vínculos anteriormente, dividisse o ninho com ela... Os porquinhos começavam a explorar o ambiente com a idade de mais ou menos 5 dias.*

Ao comentar essas descobertas, Scully fala em nome dos humanos humanitários do mundo todo: "resumindo: esses porcos têm uma semelhança incrível com os porcos... Eles continuam sendo – milagrosamente – seres vivos com uma natureza própria".

É evidente que as condições encontradas por Scully na granja de porcos na Carolina do Norte são exigidas pelo (ou ao menos devem ser compatíveis com o) "cuidado humanitário de suínos". Eis o que afirma o Conselho dos Produtores de Porcos dos EUA, em seu parecer intitulado "Questões da Pesquisa e de Produção": "Os produtores de porcos sempre reconheceram sua obrigação moral de oferecer um cuidado humanitário aos seus animais". O que foi verdade no passado continua sendo verdade hoje, pois "os produtores de porcos se empenham em lhes oferecer cuidado humanitário". É naqueles "ativistas pelos direitos animais e vegetarianos" que não podemos confiar; são eles que estão "desencaminhando pessoas bem-intencionadas que se preocupam com os animais". Graças aos céus nós temos uma "legislação que protegerá [produtores de porcos] da violência dos direitos animais". E graças aos céus também temos nosso Conselho para "resistir vigorosamente a qualquer tentativa de se adotar regulamentações ou uma legislação inspirada nos direitos animais".

Transformar porcos em mercadorias, reduzi-los deliberadamente a meras coisas: é isso que caracteriza a idéia fixa da indústria. "A porca reprodutora tem de ser encarada e tratada como uma valiosa peça de maquinário", aconselha um gerente corporativo da Wall's Meat Company, "cuja função é fabricar porquinhos como uma máquina de salsicha". Diga o que quiser, mas a indústria de porcos é excelente nesse aspecto.

## **a indústria da ave**

A indústria das aves produz mais do que galinhas.

Inclui a produção de patos, gansos, galinhas-d'angolas, faisões, pombos, codornizes e perus. Ainda assim, as galinhas são as mais numerosas, quer sejam criadas por sua carne ("frangos de corte") ou por seus ovos ("poedeiras"). O tratamento que elas recebem exemplifica o recebido pelas outras aves criadas intensivamente.

### **frangos de corte**

Cerca de nove bilhões de galinhas são abatidas anualmente, só nos Estados Unidos. Esses animais são tipicamente criados em chão batido, dentro de galpões de metal de teto baixo, alguns dos quais podendo conter até trinta mil aves. O espaço médio é menor do que 0,1 metro quadrado para cada animal maduro. Como resultado do cruzamento seletivo, os frangos de corte de hoje pesam quase o dobro, no momento do abate, do que seus antepassados. Entretanto, o esqueleto desses animais permaneceu o mesmo, então é comum eles terem vértebras machucadas, ossos quebrados e juntas inflamadas. Além do mais, o excesso de peso prejudica seu sistema cardiovascular, e infartos acontecem todo dia. Centenas de milhões de frangos de corte morrem anualmente por causa do ambiente em que vivem.

O odor opressivo de amônia que impregna as granjas de frango de corte vem das fezes em decomposição. Os vapores da amônia atacam o sistema imune e o aparelho respiratório dos animais; doenças dos olhos e até cegueira não são incomuns.

Em média, os frangos de corte machos vivem seis semanas e as fêmeas, sete, até serem transportados para o abate. Dada a duração natural da sua vida (galinhas podem viver com saúde de doze a quinze anos, e às vezes mais), os frangos de corte são simples bebês, no momento do abate. É pequena a proporção de vida que eles têm – e é inteiramente caracterizada por privação crônica e intenso sofrimento.

### **poedeiras**

Cerca de trezentos milhões de galinhas botam ovos todos os dias nos Estados Unidos. A produção média anual de cada ave? Cerca de 250 ovos. Vida média? Dois anos.

A grande maioria das poedeiras fica amontoada dentro das baterias, que são um enorme conjunto de gaiolas de metal, colocadas umas em cima das outras. As galinhas de baixo vivem sob uma torrente ininterrupta de excrementos produzidos pelas de cima. Qualquer que seja a posição delas na hierarquia do galinheiro industrial, o ambiente em que vivem é superlotado. Num espaço que mal equivale ao de uma gaveta de arquivo de escritório, espremem-se até dez galinhas (a média na indústria é entre sete e oito).

As poedeiras não estão anatomicamente adaptadas a ficarem de pé sobre o arame durante anos. Quase a metade dessas aves tem anormalidades nas pernas ou nas unhas. A maioria tem feridas e contusões causadas pela fricção contra a gaiola. Todas sofrem a dor e o trauma da debicagem.

A "muda forçada" é uma prática comum. Para "encorajar" um novo ciclo de postura de ovos, as galinhas não ganham comida durante dez a catorze dias, período em que elas podem perder até 25 por cento de seu peso. Dez por cento das poedeiras morrem durante o período de muda forçada.

Assim como os bezerros machos nascidos em granjas produtoras de leite, os pintinhos machos nascidos em granjas produtoras de ovos estão no lugar errado. Já que isso acontece 50 por cento do tempo, todo ano são mortos, no mesmo dia em que nascem, uns 150 milhões de pintinhos machos. Os meios usados para isso variam. Às vezes os recém-nascidos são (literalmente) jogados em latas de lixo, e os que ficam no fundo sufocam até morrer; outras vezes, são triturados vivos. Analgésicos nunca são utilizados.

Não surpreende que a indústria da ave seja solidamente a favor do bem-estar dos animais e contra a crueldade com eles. Em suas "Diretrizes sobre cuidados e bem-estar animal", a Associação dos Produtores de Aves e Ovos dos Estados Unidos (USPOULTRY, na sigla em inglês) declara que "o abuso de animais não deve ser tolerado em nenhuma circunstância". De fato, a USPOULTRY "sempre apoiou o tratamento humanitário dos animais". E como é esse tratamento? Bem, ele coincide com o está sendo feito. O sistema usado é "consistente com os critérios do tratamento humanitário aceitos de um modo geral". Isso inclui a muda forçada, que "beneficia tanto o produtor quanto os animais".

A verdade geral vale também para este caso: o "dito desconexo" reina absoluto. O que os porta-vozes da indústria da ave dizem não combina com o que esta indústria faz. Creio que qualquer pessoa que observar, com olhos isentos, as práticas dessa indústria, não deixará de ver as trágicas falsidades endêmicas ao modo como seus "artesãos de palavras" descrevem tais práticas.

## **a indústria do gado**

### **gado leiteiro**

Pelo menos a metade do gado leiteiro dos Estados Unidos é criada permanentemente dentro de instalações, quase sempre sobre o concreto, um tipo de piso ao qual esses animais não se adaptam anatomicamente. Uma consequência é que a maioria deles sente dor para levantar-se e para permanecer de pé. Uma grande porcentagem do gado que não é criado dentro das instalações fica nos "terrenos secos", que são recintos cercados e sem qualquer atrativo, sem um fio de capim para pastar, nem uma cama de palha para deitar-se.

Em média, as vacas leiteiras ficam prenhes uma vez por ano durante três ou quatro anos, depois dos quais muitas são vendidas para serem transformadas em produtos de carne baratos (quarenta por cento dos hambúrgueres vendidos nos mercados e restaurantes vêm da carne de vacas leiteiras descartadas). Como resultado da manipulação genética e do cruzamento seletivo, algumas vacas leiteiras produzem até 44 litros de leite por dia, dez vezes sua capacidade normal. Esse excesso de peso tensiona o úbere e agrava os danos aos joelhos e ancas. Vinte por cento desses animais sofrem de mastite, uma inflamação do úbere. Vacas leiteiras saudáveis, em um ambiente favorável, podem viver até 25 anos.

### **gado de corte**

Gado vendido como carne (acima de 35 milhões de cabeças anualmente, só nos Estados Unidos) é marcado a ferro quente, tem os chifres mutilados e, se for macho, é castrado – tudo sem anestesia. Não é incomum os animais nascerem em um estado do país, ser criados num segundo e abatidos num terceiro. Água, comida e atendimento veterinário não são fornecidos durante o transporte, nem mesmo por centenas de quilômetros.

A maioria do gado de corte passa grande parte da vida em currais de engorda. Alguns dos maiores se estendem por centenas de acres e abrigam mais de cem mil animais. O gado vive permanentemente exposto, sem proteção nem nada sobre o que se deitar, exceto terra seca, lama e esterco. Por natureza, esses animais são ruminantes, preferindo grama, capim e outras fibras. Nos currais de engorda, sua dieta consiste quase que exclusivamente de grãos, que (junto com fortes doses de estimulantes de crescimento) aceleram a engorda e dão à sua carne o "branco marmóreo" característico dos cortes mais caros de carne.

A fim de que ninguém mais se sinta tentado a manter hambúrgueres fora do seu prato e fora do seu corpo devido ao modo como o gado é tratado, a Associação Nacional de Criadores de Gado de Corte pretende nos assegurar que "os criadores de gado estão comprometidos a garantir o melhor cuidado humanitário para seus animais". De fato, eles têm "uma responsabilidade moral" de fazer isso.

### **abate "humanitário"**

Todo mundo deveria ir a um abatedouro, no mínimo uma vez na vida. É uma experiência inesquecível. Eu sei, ainda trago comigo a lembrança de uma solitária

vaca preta. As operações em maior escala são mais anônimas, permeadas pelo barulho dos animais desembarcando, pelos mugidos das vacas, pelos guinchos histéricos dos porcos. Muitos trabalhadores dizem que os animais sabem porque estão lá, e muitos desses animais resistem valentemente, quando forçados a entrar no compartimento do qual não há retorno. Os que mais resistem são os mais punidos, com choques elétricos, golpes de correntes ou pontapés. O desamparo dos animais – e o desamparo que eu senti diante daquela máquina de morte, querendo pará-la, mas incapaz de fazê-lo – é um dos pesadelos de todos os defensores dos direitos animais. No momento em que os animais desembarcam ali, já é tarde demais para se fazer qualquer coisa em seu socorro.

O abate de porcos representa uma variação do tema principal da indústria do abate e preparo de carne para consumo. Os porcos são conduzidos a um estreito compartimento onde o "atordoador" lhes dá um choque elétrico que, supõe-se, deixa-os inconscientes, conforme requer a Lei do Abate Humanitário (HSA, na sigla em inglês), aprovada em 1958. (É notável que as aves, que são, de longe, os animais de granja abatidos em maior número, estejam explicitamente excluídas dos artigos da lei.) Inconscientes, os porcos têm as pernas traseiras presas por correntes, pelas quais são pendurados de cabeça para baixo, e são colocados na esteira rolante, onde encontram o "lanceiro", cuja tarefa é cortar-lhes as gargantas. Depois de sangrarem até a morte, os porcos são submersos em um tanque de água escaldante. Em seguida, são depilados e eviscerados, sem recobrem a consciência. Pelo menos é assim que as coisas devem acontecer, em teoria. Na prática, conforme descobriu Gail Eisnitz na sua investigação secreta sobre a indústria do abate americana, as coisas freqüentemente *não* acontecem dessa maneira.

Nós, americanos, nos sentimos orgulhosos de ser um povo decente. Queremos todos pensar que os animais, mesmo nos matadouros, encontram uma situação boa. Claro que tem alguém garantindo vigorosamente o cumprimento da Lei do Abate Humanitário, pelo bem dos animais! Apesar de eles terem passado a vida inteira em penúria e privação, sua morte será indolor, sem dúvida nenhuma! Talvez, no passado, tenha sido possível acreditar nisso. Mas, desde a publicação do livro de Eisnitz, não é mais. Entre as falhas que Eisnitz documenta, estão as seguintes:

1. As pessoas que trabalham em abatedouros às vezes não sabem que existe algo como uma Lei do Abate Humanitário (HSA).

2. Não se exige que os inspetores encarregados de garantir o cumprimento da HSA visitem as áreas onde os animais são abatidos.

3. Os inspetores que notarem atividades ilegais nessas áreas poderão ser acusados de "descumprimento do dever". O raciocínio é o seguinte: se eles viram o que estava acontecendo, então estavam onde não deveriam estar. E se estavam onde não deveriam estar, então estavam descumprindo seu dever. Conseqüentemente, estavam descumprindo seu dever.

4. Os Inspetores que tentam parar a "linha" (de animais em direção ao abate) por causa de uma violação da HSA "têm sido repreendidos, transferidos, atacados fisicamente pelos empregados do estabelecimento [e então] punidos por terem se metido em brigas, rebaixados na avaliação do seu desempenho, postos sob investigação criminal, demitidos ou submetidos a outras formas de retaliação necessárias para 'neutralizá-los'".

5. É lugar comum, para os porcos, entrar no tanque de escaldagem ainda totalmente conscientes. Como diz um trabalhador: "Acontece o tempo todo".

Quando se trata de garantir o cumprimento da HSA, Eisnitz coloca a questão para alguém que deveria conhecer a matéria. Roberto Macias passou toda sua vida adulta na indústria do abate e empacotamento da carne para consumo. Antigo presidente do National Joint Council of Food Inspection Locals,<sup>\*\*\*</sup> Macias declara sem rodeios: "O cumprimento da Lei do Abate Humanitário não está sendo exigido". De fato, as coisas estão tão ruins dentro dos 2.700 abatedouros americanos que Macias estima que "noventa por cento dos veterinários não estão exigindo, efetivamente, sequer que se cumpra o regulamento sobre a segurança da carne. E [ele diz, frio] eu não consigo conceber um inspetor parando a linha devido a uma violação do tratamento humanitário". Em outras palavras, qualquer idéia sobre "tratamento humanitário" nos abatedouros sai pela janela, assim que os animais estejam lá dentro.

Um símbolo do tratamento "humanitário" que os animais recebem nos abatedouros é a situação terrível dos chamados "caídos". Estes são animais tão doentes ou tão machucados que não conseguem ficar de pé nem andar. Dependendo das condições do estabelecimento, os caídos podem ficar largados no chão por um dia ou mais, sem água, comida nem atendimento veterinário. Mortos ou vivos, finalmente são puxados para dentro do abatedouro por correntes, ou erguidos com uma empilhadeira. Uma pesquisa da Zogby America descobriu

(\*\*\*) Sindicato americano que representa os inspetores federais da produção de carne [nota de edição]

que setenta e nove por cento dos adultos entrevistados se opõem ao abate de caídos.

Mas não a indústria de laticínios, que fez um lobby vigoroso no Congresso, em 2001, para cancelar uma legislação que pretendia proibir a venda de caídos. Por que a indústria de laticínios se oporia a uma legislação tão mínima? Porque "a maioria dos caídos são vacas leiteiras que podem ser abatidas para se aproveitar sua carne, depois que elas não conseguem mais produzir leite".

A indústria do abate e empacotamento da carne para consumo também se opôs vigorosamente à legislação sobre os caídos. Por que desperdiçar um animal? De acordo com a American Meat Institute [Associação Americana da Indústria da Carne], "um tema comum entre todas as fés religiosas tem sido o respeito pelos animais, a responsabilidade de evitar seu sofrimento e a valorização do sustento que eles fornecem. Esses temas permeiam as práticas da indústria do abate e empacotamento da carne para consumo. Independentemente da sua religião, aqueles que trabalham nos estabelecimentos para preparo da carne estão preocupados com o bem-estar dos animais e reconhecem, cada vez mais, os muitos benefícios do manejo e do atordoamento humanitários". Quando o tratamento que os caídos recebem é qualificado como "humanitário", sabemos que estamos no país do "dito desconexo". Seja qual for a explicação de porque os porta-vozes da indústria dizem o que dizem, não devemos acreditar neles.

### **o abate de peixes**

Se os peixes são ou não "sujeitos-de-uma-vida" foi uma questão que colocamos em pauta no capítulo 4. Eles têm consciência do mundo? Têm consciência do que lhes acontece? O que lhes acontece é importante para eles, quer alguma outra criatura se importe com isso, quer não? Eu penso que "sim" seja a resposta correta a todas essas perguntas. Suponha que isso seja verdade. Se for, então é uma exigência moral mínima que desistamos de matá-los por sua carne. Mas, infelizmente para os peixes, muitas pessoas pensam diferente.

A indústria do peixe americana mata aproximadamente sete bilhões de peixes todo ano (este número exclui moluscos ou crustáceos). A proteção mínima concedida pela Lei do Bem-estar Animal (AWA) não se aplica aos peixes. Dessa lei são explicitamente excluídas regulamentações sobre a criação, captura, uso em pesquisas ou abate de peixes. Como eles são mortos? Joan Dunayer descreve

alguns dos métodos usados para matá-los nas criações industriais:

*No abate, a maioria das trutas [em criações industriais] é lançada dentro de uma mistura de água e gelo. Debatendo-se para respirar, elas sofrem até que, depois de uns dez minutos, a falta de oxigênio as deixa inconscientes... A maioria dos salmões é jogada em água infusa com dióxido de carbono, que é doloroso para se respirar. O dióxido de carbono os paralisa, mas a maioria deles continua consciente quando seus arcos branquiais são cortados para o sangramento. Peixes-gatos são, normalmente, paralisados com descargas elétricas aplicadas nos tanques. Como a corrente não é dirigida ao seu cérebro, eles sentem um choque. Se a corrente for fraca demais, eles estarão conscientes quando uma serra de fita ou outra lâmina lhes cortar a cabeça.*

Embora os peixes sejam dispensados da proteção aparentemente fornecida pela legislação federal, a indústria quer que todo mundo saiba que ela mata os peixes humanitariamente. No caso das criações industriais de trutas na Inglaterra, por exemplo, a Humane Slaughter Association [Associação de Defesa do Abate Humanitário] orgulhosamente informa que estão sendo desenvolvidas máquinas elétricas de matar peixes "que [colherão] peixes de uma maneira humanitária, ainda mantendo a velocidade e a eficiência dos métodos atuais". Só porque a indústria mata peixes rapidamente, isso não quer dizer que os mate cruelmente. Certo?

Americanos que matam peixes por "esporte" (245 milhões de mortes todo ano) também advogam métodos "humanitários" de matar, incluindo os seguintes:

### **bastão**

*O bastão pode ser comprado ou feito em casa com um pedaço de cano. O peixe é golpeado atrás dos olhos com o bastão, com tanta força e rapidez que morre na hora. Esse método requer um pouco de prática até se acertar o alvo. Se o golpe for muito suave, o peixe pode ficar só atordoado, e recuperar-se mais tarde; são muitos os relatos sobre peixes ressuscitando de repente na cozinha. Na dúvida, dê dois golpes. Se praticado da forma correta, esse método é humanitário, e é uma das técnicas mais comuns entre os pescadores que usam vara e anzol.*

### **bater a cabeça em superfície dura**

*O peixe é segurado de cabeça para baixo e sua cabeça é batida fortemente contra uma pedra, uma grade, ou a caixa de equipamento etc. Isto é eficaz com peixes pequenos como a pescada e a cavala, mas inadequado para espécies maiores.*

Quando comportamentos como esses contam como humanitários, sabemos que estamos na vizinhança do "dito desconexo". Às vezes, as coisas mais condenatórias que podem ser ditas sobre as pessoas são as coisas que elas próprias dizem sobre si mesmas. Nada disso deveria estar acontecendo, se os peixes tivessem direitos. Mas, por razões já apresentadas, não vou insistir mais nesta questão, limitando-me ao seguinte. As razões para ver os peixes como "sujeitos-de-uma-vida" são tão plausíveis que eu, pessoalmente, ficaria do lado da cautela moral, dando aos peixes o benefício da dúvida – e é por isso que eu acho que nós deveríamos pensar e agir *como se* os peixes tivessem direitos. Os dias do *pisci*-vegetariano estão contados. Pelo menos, deveriam estar.

### **santuário de animais de granja**

Parte da definição de "santuário" do *Random House College*

*Dictionary* inclui as palavras "qualquer lugar que ofereça refúgio". Os santuários para animais de granja fazem isso pelos animais que eram criados para consumo: oferecem-lhes refúgio em um ambiente seguro, onde eles são livres para ser quem são, normalmente pela primeira vez nas suas vidas. É difícil acreditar nas diferenças na aparência, comportamento e saúde dos animais de granja depois de terem sido resgatados dos horrores da criação intensiva. Karen Davis, da ONG United Poultry Concerns (Karen tem sido um exército de uma pessoa só, na sua defesa das galinhas e outras aves), relata a seguinte história – que é típica – sobre duas galinhas em seu santuário:

*Penny e Ervilha tinham uma vida terrível antes de virem para a Companhia Aves Unidas. Elas passaram toda sua vida enfiadas dentro de uma pequena gaiola de arame [em uma granja industrial]... Não lhes era permitido fazer nada, a não ser botar ovos e comer uma comida em pó que se transformava em mais ovos. Penny e Ervilha nunca tinham sequer visto o sol. Até que foram resgatadas num dia de março. Três meses mais tarde, em junho,*

*essas galinhas tristes já estavam completamente diferentes. Em março, suas penas estavam esparsas e irregulares, suas cristas pálidas e seus olhos, sombrios. Elas nunca tinham andado nem aberto suas asas. Mal conseguiam ficar de pé, quanto mais voar!*

*Agora elas correm pelo quintal com suas perninhas fortes, as penas brancas como a neve, cristas vermelhas, olhos brilhantes. Disparam em todas as direções como dançarinas.*

Entre os santuários americanos para animais de granja estão o Animal Place e o Suwanna Ranch, ambos na Califórnia, o último administrado pela Humane Farming Association [Associação para a Criação Humanitária de Animais]. O Farm Sanctuary, um pioneiro nesse campo, com dois santuários (um em Watkins Glen, estado de Nova York, e outro em Orland, Califórnia), descreve o fenômeno crescente dos refugiados da criação intensiva com estas palavras: "O movimento pelos santuários para animais de granja proporciona abrigo às vítimas da produção de 'animal-comida' pelo resto das suas vidas, e educa o público sobre o sofrimento animal associado à produção da carne, de laticínios e ovos. Através de seu trabalho de resgate e educação, o movimento tem um papel indispensável na mudança do modo como a sociedade vê e trata os 'animais-comidas'".

Nossa cultura nos ensina a *não* ver galinhas como Penny e Ervilha como indivíduos distintos. O mesmo vale para os porcos. De acordo com as lentes preconceituosas através das quais nossa cultura os vê, a maioria de nós provavelmente acredita que se tiver visto um porco, viu todos. Mas a maioria de nós (e eu me incluo no grupo) provavelmente nunca conheceu de verdade um porco.

Minha história favorita sobre porcos desfaz o preconceito que se tem contra eles. Tudo começa quando Sue Coe que, por intermédio de suas pinturas e gravuras, tem feito mais para ajudar os animais do que qualquer outro artista na História, encontra Lorri Bauston, co-fundadora com seu marido, Gene, do Farm Sanctuary. O cenário: uma exposição de alguns trabalhos de Sue. Ela havia feito uma de suas gravuras usando a fotografia de um porco. Havia alguns porcos representados nessa gravura, mas só um retratado a partir dessa fotografia.

Quando Lorri viu a gravura na parede, começou a chorar. "A Esperança!", ela gritou. "Sim, sim", disse Sue, "Há esperança! Sempre há esperança!". "Não", Lorri insistiu, "eu quero dizer a Esperança!". "Sim, sim", Sue repetiu, confirmando, "Há esperança". "Não", Lorri insistiu com mais ênfase, em lágrimas, desta vez apontando para o

porco retratado a partir da fotografia. "Eu quero dizer a *porca do quadro*: o nome dela é Esperança. Ela mora com a gente!" E era isso mesmo. Pesquisou-se a origem da foto, e era mesmo a Esperança que estava na gravura da Sue. Em meio aos milhões de porcos no mundo, Lorri reconheceu uma amiga assim que a viu. A moral da história? Se alguma vez *realmente* virmos um porco, saberemos, como Lorri Bauston, que não vimos todos.

"Mas, por que Lorri chorou?", sempre me perguntam quando eu conto essa história. "Ela chorou", eu respondo, "porque, na gravura da Sue, a Esperança aparecia indo para o abatedouro".

Eu não digo nenhuma novidade, quando observo que tendemos a subestimar a inteligência dos animais criados em granjas. É provável que todo mundo já tenha ouvido dizer que os porcos são tão inteligentes quanto (ou mais ainda do que) os cães. O que pode surpreender são resultados de estudos mostrando que os porcos podem desenvolver alguns comportamentos que os colocam no mesmo nível que primatas não-humanos. Por exemplo, como os chimpanzés, os porcos podem usar seu conhecimento daquilo em que outros porcos acreditam, para enganá-los, como uma maneira mais eficiente de conseguir comida para si mesmos.

Então, sim, os porcos são criaturas inteligentes e altamente sociais. Mas carneiros inteligentes? Se fizermos a pergunta às pessoas que estudam esses animais, a resposta é *sim*. Os carneiros já demonstraram ter uma memória admirável. Eles não só aprendem rapidamente a reconhecer rostos (tanto de carneiros quanto de humanos), como também são capazes de se lembrar deles mesmo que não os vejam há mais de dois anos. A pessoa que comunicou essa descoberta, Dr. Keith Kendrick do Instituto Babraham na Grã-Bretanha, disse que "a sofisticada habilidade dos carneiros para reconhecer rostos implica que eles valorizam interações sociais com companheiros de seu rebanho e com alguns humanos". Quando entrevistado, Dr. Kendrick admitiu que, embora não fosse vegetariano, "não comia carneiro há um certo tempo". Um relutante em formação, se eu já tiver visto um.

Vacas têm lembranças? Será que alguma coisa acontece ali, por trás daqueles grandes olhos marrons? Em um outro filme feito por James LaVeck e Jenny Stein (chamado *O Reino Pacífico*), encontramos Harold, um jovem que cresceu em uma granja e que, com outros membros da sua família, criou, cuidou de animais e os abateu. Depois de ver uma palestra de Gene Bauston, Harold decidiu adotar um bezerro chamado Snickers. Ele visita o Farm Sanctuary, passa um tempo com Snickers, e vai embora, achando que ele e Snickers têm um vínculo

especial. Passa-se um ano e Harold volta ao Farm Sanctuary. Eis como ele descreve o que aconteceu:

*Todos bois estão no estábulo, e Snickers está num canto distante, e claro que faz mais ou menos um ano que o vi pela última vez. Então eu ando metade do caminho na sua direção, olho para ele e digo, "Snickers!", e estendo meus braços. Foi incrível. Ele correu para mim, tanto quanto um boi pode correr, pôs a cabeça no meu peito, deu um empurrão no meu peito com a testa, e ficou ali, parado, encostado em mim.*

Não é um estudo científico, sem dúvida, mas Snickers nunca tinha se comportado dessa maneira com outra pessoa. Se raciocinarmos à procura da melhor explicação, a conclusão é óbvia. Snickers se lembrou de Harold e estava contente por vê-lo.

Depois há aqueles proverbiais "desmiolados" do terreiro, as galinhas, certamente os animais mais difamados e maltratados na face da Terra; certamente também, entre as aves mais espertas e sociais que se pode encontrar em qualquer parte. Estudos recentes confirmam o que Karen Davis e os Baustons já sabiam: as galinhas não só são capazes de aprender, como também de ensinar umas às outras. Pois acontece que as galinhas não são tão estúpidas quanto a mitologia popular as faz parecerem.

Os defensores dos direitos animais talvez sejam perdoados por terem a esperança de que o crescente reconhecimento das habilidades cognitivas dos animais criados em granjas apresse a chegada do dia em que suas gaiolas finalmente estejam vazias. Infelizmente, a indústria vê as coisas de modo diferente. Ao comentar evidências de que os porcos se saem tão bem quanto os primatas não-humanos em certos testes de inteligência, o diretor desse estudo, Dr. Mike Mendel, disse aos repórteres que "uma melhor compreensão da inteligência animal poderia ajudar os fazendeiros a enfrentar problemas como a agressão dos porcos, que causa mortes e ferimentos e é responsável por cerca de 20 milhões de libras anuais em perdas de rendimentos na Grã-Bretanha". Em outras palavras, em vez de esses novos *insights* sobre as habilidades cognitivas dos porcos darem a seus exploradores razões para refletir sobre a moralidade do que fazem com os animais, seus exploradores esperam usar os novos conhecimentos para explorá-los de modo ainda mais eficiente. Para eles, existem só vasos, não rostos (ou vice-versa).

## conclusão

Durante a maior parte da minha vida, não tive contato com animais criados em granjas e, antes de ler Gandhi, nenhum interesse em aprender sobre eles. Foi o desafio vegetariano dele que me motivou a ir a granjas industriais e a abatedouros, a ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo ali. Eu queria saber se as afirmações do governo e da Associação Médica Veterinária Americana de que "está tudo bem" mereciam crédito. O que vi e aprendi teve um profundo impacto na direção que eu daria à minha vida. Do que vi e aprendi, um pouco está divulgado nestas páginas. Não é uma leitura agradável. Infelizmente, às vezes a verdade é assim.

Quando se trata da questão ética de transformar animais em comida, a posição dos defensores dos direitos animais é ao mesmo tempo simples e clara. Temos a obrigação de parar de comer corpos de animais ("carne"), assim como temos a obrigação de parar de comer "produtos animais", como leite, queijo e ovos. A produção animal comercial não é possível sem a violação dos direitos dos animais criados em granjas, incluindo a violação do seu direito à vida. Mais fundamentalmente, a produção animal comercial viola o direito dos animais a serem tratados com respeito. Nunca há justificativa para os nossos atos de ferir os corpos, limitar a liberdade ou tirar a vida dos animais por causa do benefício que nós, seres humanos, teremos com isso, mesmo na hipótese de que tenhamos mesmo.

Comer de modo a mostrar respeito pelos animais, embora seja uma coisa rara nesse momento da História, e ainda que possa causar alguma inconveniência de vez em quando, não é difícil. Conforme eu disse no início deste capítulo, há uma cozinha livre de produtos animais, incrivelmente deliciosa, colorida e nutritiva, a ser descoberta por aí, um menu de possibilidades que inclui comida de todos os lugares e etnias. Nancy e eu achamos que descobrir essa cozinha, experimentá-la e apreciá-la nos ensinou mais sobre a diversidade do mundo do que qualquer coisa que já tenhamos estudado em cursos de História ou Antropologia Cultural. Eu já disse isso antes, mas deixe-me dizer de novo: é a ótima comida que nós ganhamos, e não a rotineira e velha comida que perdemos, que é a verdadeira surpresa vegana.

Quanto aos aproximados dez bilhões de animais de granja que serão criados e abatidos este ano, só nos Estados Unidos, é difícil encontrar as palavras adequadas para descrever a crueldade institucionalizada que eles têm de suportar, cada minuto de cada dia, até mesmo nos últimos momentos das suas vidas. Entre as muitas coisas memoráveis ditas por Gandhi, uma parece especialmente apropriada

aqui: "A grandiosidade de uma nação e o seu progresso moral", ele escreve, "podem ser medidos pela forma com que seus animais são tratados". Sinto dizer que, diante deste simples critério, os Estados Unidos, a nação que eu mais amo, não se saem bem.

## NOTAS

Rebekah Harp, "The Sounds of the Knives", em *Voices from the Garden: Stories of Becoming a Vegetarian*, ed. Daniel e Sharon Towns (New York: Lantern Books, 2001), 35-36.

### a indústria da vitela

A estimativa de que oitocentos mil bezerros são mortos anualmente é dada pelo American Meat Institute [www.meatami.com/](http://www.meatami.com/). Outros números estatísticos neste capítulo são dados da USDA [www.usda.gov/nass/pubs/histdata.htm](http://www.usda.gov/nass/pubs/histdata.htm).

As frases do *The Stall Street Journal* são de Peter Singer, "Down on the Factory Farm", cap. 3 no livro *Animal Liberation*, 2nd ed. (New York: New York Review of Books, 1990). Edição brasileira: *Libertação Animal* (Porto Alegre: Lugano Editora, 2004).

Os estudos científicos que mostram as doenças físicas e psicológicas dos bezerros criados para vitela e de outros animais criados em confinamento, incluindo movimentos repetitivos e outros sinais comportamentais de desajustes, foram documentados pela primeira vez na Inglaterra por um comitê governamental independente, liderado pelo zoologista Professor F. W. Rogers Brambell. Veja *Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals Kept under Intensive Livestock Husbandry Systems* (London: Her Majesty's Stationary Office, 1965). Um segundo estudo, *Animal Welfare in Poultry, Pig and Veal Calf Production* (London: Her Majesty's Stationary Office, 1981), enviado pela House of Commons' Agriculture Committee, fez graves críticas aos métodos de criação intensiva que continuam a dominar o atual mercado americano de agronegócio. Uma breve explicação dos estudos científicos do bem-estar animal é apresentada por Joy A. Mench, "Thirty Years after Brambell: Whither Animal Welfare Science", *Journal of Applied Animal Welfare Science* 1, no. 2: 91-102. Um relato mais detalhado abrangendo o mesmo período é feito por Richard Ryder, *The Political Animal: The Conquest of Speciesism* (Jefferson, N.C.: McFarland and Company; 1998); veja, em especial, o capítulo 3, "The Science of Animal Welfare". Ryder inventou a palavra *especismo* [speciesism].

### criação intensiva de animais

Pesquisas abrangentes sobre as granjas industriais estão nos trabalhos de Michael W. Fox, *Farm Animals: Husbandry, Behavior, and Veterinary Practice* (Baltimore: University Park Press, 1984), e no de Jim Mason e Peter Singer, *Animal Factories* (New York: Crown, 1980). Veja, também, Matthew Scully, *Dominion: The Power of Man, the Suffering of Animals, and the Call to Mercy* (New York: St. Martin's Press, 2002).

The American Veal Association [www.vealfarm.com/education/pdfs/special-product.pdf](http://www.vealfarm.com/education/pdfs/special-product.pdf)

### a indústria do porco

O behaviorista animal alemão G. Cronin é citado no trabalho de Singer, *Animal Factories*, p. 25. Matthew Scully, *Dominion*, 258, 267-68, 274.

Bernard Rollin, *Farm Animal Welfare: Social, Bioethical, and Research Issues* (Ames: Iowa State University Press, 1995), 74-75.

National Pork Producers Council [www.nppc.org](http://www.nppc.org).

A frase do gerente da Wall's Meat Company aparece no *National Hog Farmer* (março de 1978): 27.

### **a indústria da ave**

The U. S. Poultry and Egg Association [www.poultryegg.org](http://www.poultryegg.org).

### **a indústria do gado**

The National Cattlemen's Beef Association [www.beef.org](http://www.beef.org).

### **abate "humanitário"**

Gail Eisnitz, *Slaughterhouse: The Shocking Greed, Neglect, and Inhumane Treatment inside the U.S. Meat Industry* (Amherst: Prometheus Books, 1997), 71, 105, 181, 206, 228-29.

Os resultados da pesquisa Zogby foram mostrados pela Reuters no dia 30 de março de 2002; disponível no site [nodowners.org/poll.htm](http://nodowners.org/poll.htm).

A oposição da indústria de laticínios à legislação que proibia a venda de caídos foi relatada por Frederic J. Frommer, para a Associated Press, em 9 de junho de 2002, com o título, "Dairy Groups Spent Generously on Lobbying, Contributions in Winning Farm Bill Battles". Disponível no site [www.farmedanimal.net](http://www.farmedanimal.net).

The American Meat Institute [www.meatami.com](http://www.meatami.com).

### **o abate de peixes**

As estimativas do número total de peixes mortos para a comercialização e por "esporte" foram tiradas de correspondência particular com Bruce Friedrich, "Annual Aquatic Animal Mortality Caused by Fishing Practices in the United States". Os dados referem-se a 1997. Sem dúvida esse número é mais alto hoje em dia.

Joan Dunayer, *Animal Equality: Language and Liberation* (Derwood, Md.: Ryce Publishing, 2001), 137-38.

The Humane Slaughter Association [www.hsa.org.uk/recent%20event.html#link7](http://www.hsa.org.uk/recent%20event.html#link7).

As descrições de como os "esportistas" usam métodos "humanitários" para matar podem ser encontradas em "How to Humanely Kill Fish", [www.geocities.com/tony2kuk/fishkill.html](http://www.geocities.com/tony2kuk/fishkill.html).

### **santuários de animais de fazenda**

United Poultry Concerns [www.upc-online.org/](http://www.upc-online.org/).

Farm Sanctuary [www.farmsanctuary.org/](http://www.farmsanctuary.org/)

Animal Place [www.animalplace.org/](http://www.animalplace.org/)

The Suwanna Ranch [www.hfa.org/refuge/suwanna.html](http://www.hfa.org/refuge/suwanna.html).

O estudo que mostra que os porcos, sob alguns aspectos, são tão inteligentes quanto primatas não-humanos foi publicado pela Reuters em 11 de setembro de 2002, com o título de "Pigs and Chickens Are Smarter Than You Think". Disponível no site [www.enn.com/news/wire-stories/2002/09/09122002/reu\\_48402asp](http://www.enn.com/news/wire-stories/2002/09/09122002/reu_48402asp).

O estudo que mostra que os carneiros têm boa memória foi feito por Margaret Munro, no the *National Post* (Canada) em 9 de novembro de 2001, com o título de "We Should Accord Them More Respect': Signs of Intelligence."

Informações sobre o filme *O Reino Pacífico* [*Peaceable Kingdom*] podem ser encontradas no site [www.tribeofheart.org](http://www.tribeofheart.org).

O estudo que mostra que as galinhas são capazes de aprender e ensinar foi publicado em um informativo da Universidade de Bristol (Reino Unido) com data de 12 de setembro de 2002, com o título "Q. Why Did the Chicken Cross the Road? A. To Take a Lesson in Diet and Social Behavior". Disponível no site [publicrelations@bristol.ac.uk](mailto:publicrelations@bristol.ac.uk).

### **conclusão**

A frase de Ghandi aparece no livro de Jon Wynne-Tyson, ed., *The Extended Circle: A Commonplace Book of Animal Rights* (New York: Paragon House, 1988), 91.



## capítulo 7

# TRANSFORMANDO ANIMAIS EM ROUPAS

A justificativa mais comum para se comer carne é que isso é necessário. Qualquer um sabe que nós temos de comer carne. Sem três ou mais fartas porções diárias, não conseguimos proteína suficiente. E sem proteína suficiente, acabamos doentes ou mortos – podemos escolher. Isso eu aprendi quando era criança, e nisso continuei acreditando até bem depois de ficar adulto.

O mito da proteína (a gente tem de comer carne para obter proteína) já teve ampla aceitação por parte do público em geral. Mas os tempos mudaram. Hoje, é cada vez maior o número de pessoas que começam a entender que toda a proteína de que os humanos preci-sam para uma ótima saúde pode ser obtida sem a ingestão de carne (uma dieta vegetariana) e sem a ingestão de carne ou de qualquer outro alimento derivado de animais, incluindo leite, queijo e ovos (uma dieta vegana). Até mesmo a FDA [Food and Drug Administration; órgão federal americano encarregado do controle de alimentos e medicamentos], que não via o vegetarianismo com bons olhos no passado, hoje sinaliza uma trégua na questão das dietas. Na sua avaliação mais recente, a FDA reconhece que o vegetarianismo e o veganismo oferecem opções de dietas saudáveis e positivas.

Ainda assim, uma coisa que o hábito de comer carne tem tido, historicamente, a seu favor, é sua suposta necessidade para a obtenção de dois bens humanos muito importantes: saúde e sobrevivência. Já no caso de outro capítulo em curso da história da exploração humana dos animais não-humanos – tirar sua pele, lã ou couro para fazer vestuário – a coisa é diferente. É verdade que vestir pele pode ser necessário à nossa saúde e à nossa sobrevivência se formos esquimós e vivermos no extremo norte por opção. Mas pele em Nova York? Nos *shopping centers* de Chicago? Nas estações de esqui de Aspen? Não: nem saúde nem sobrevivência justificam o uso de pele nesses lugares. O motivo para a pele estar presente nesses lugares é a *moda*. E verdade seja dita: quando se trata de ditar uma moda, em alguns círculos nada fala mais alto do que a pele – razão pela qual eu, naqueles anos passados, comprei para Nancy o tal elegante chapéu de *minck*. Ela ficou *na moda*!

Roupas e acessórios feitos de pele ou lã de animais (como casacos e suéteres) são tão triviais para a maioria dos americanos quanto sapatos e cintos de couro, e todos são itens básicos de vestuário. Quero dizer, quem em sã consciência pode ser contra comprar e vestir couro e lã? Eu usei os dois durante a maior parte da minha vida. Se alguém, na ocasião, tivesse me dito que eu estava fazendo uma coisa errada, eu teria pensado que essa pessoa tinha um parafuso a menos. O único problema é que isso foi *antes* de eu saber o preço que os animais pagam para nos "dar" a lã, a pele e o couro dos seus corpos.

O presente capítulo examina algumas das formas como os animais são explorados pelo seu pêlo, sua pele ou sua lã. Começa com uma descrição do tipo de pele que tem origem nos Estados Unidos. Esta seção também inclui uma descrição do abate anual de focas no Atlântico Noroeste (praticado no Canadá e na Groenlândia), informações sobre a pele do carneiro caracul (persa), e fatos do mercado internacional de pele de cão e de gato. Além da indústria da pele, discuto também as de couro e lã. O capítulo fecha com uma declaração geral de defesa dos direitos animais relacionada à ética da transformação de animais em roupas, e dá algumas sugestões (por parte de um leigo em corte e costura, para dizer a verdade) quanto ao que procurar nas lojas da próxima vez que formos ao *shopping* comprar roupas.

## **a indústria americana de pele**

O número de animais utilizados pela indústria de pele tem variado ao longo do tempo. Aproximadamente 4,5 milhões de animais

foram mortos por sua pele em 2001, só nos Estados Unidos. A fonte mais comum é o *mink*, que responde por cerca 80 por cento de toda a venda de peles no varejo.

Qual a origem da produção de pele? Num passado não muito distante, a fonte principal eram os caçadores, mas nos anos recentes houve uma grande mudança nos métodos de obtenção do "produto". Hoje, a maioria dos animais destinados ao comércio de pele (2,5 milhões) é criada naquilo que a indústria chama de "fazendas de pele", palavra que evoca imagens bucólicas associadas à "fazenda do velho McDonald", só que com *minks* e outros animais peludos. Na realidade, uma "fazenda de pele" se parece com uma fazenda verdadeira tanto quanto uma baía para vitelo se parece com um pasto. Um nome mais apropriado é "fábrica de pele", já que esses estabelecimentos produzem animais peludos do mesmo modo como usinas de aço fabricam vigas e pilastras.

### **A pele fabricada**

As fábricas de pele no mundo todo têm a mesma arquitetura básica. Consistem de longas fileiras de jaulas de malha de arame erguidas a 60 cm ou mais do chão. Todas ficam sob um teto, e a estrutura inteira é cercada. A cerca garante que qualquer animal que caia ou fuja de sua jaula não consiga escapar. Uma fábrica de pele contém um mínimo de cem a um máximo de cem mil animais. Entre os animais criados estão o *mink*, a chinchila, o guaxinim, o lince e a raposa. Para o ano de 2001, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos avaliou em 324 o número de fábricas de peles operando no país.

As jaulas para a reprodução de *minks*, em que ficam as mães e seus filhotes, podem conter até oito animais. Em liberdade no seu ambiente natural, os *minks* vivem num território de até quatro quilômetros de extensão e raramente são vistos; deles só conseguimos detectar os rastros. Criaturas noturnas passam a maior parte do tempo na água, e sua reputação de excelente nadadores é mais do que merecida. Mas presos em jaulas, eles são como peixes fora d'água. Durante a maior parte do seu tempo de vigília, ficam andando para lá e para cá sem parar, dentro dos limites de suas vidas apequenadas, definidos pelo caminho que elas repetem, infinitamente, no seu mundinho de malha de arame.

Como se observou na discussão sobre vitelos, esse tipo de comportamento repetitivo é um sintoma clássico de desajuste psicológico. Outras formas de movimentos repetitivos (por exemplo, pular nos lados das jaulas e girar a cabeça) atestam a mesma coisa. Forçados ao

confinamento, e sem acesso a um ambiente onde possam expressar seus desejos naturais de perambular e nadar, os *minks* das fábricas de pele dão todas as mostras de serem neuróticos, ou mesmo psicóticos – e esse tipo de comportamento pode ser encontrado em todos os animais peludos que são criados em jaulas.

Qualquer que seja sua gravidade, o estado mental dos animais das fábricas de pele não tem nenhuma importância econômica direta para as pessoas que os criam. Já a condição da pele deles, ao contrário, tem, e todas as medidas necessárias para se preservar a integridade dessa pele são devidamente tomadas. Por exemplo: estressadas pelo confinamento em espaços superpovoados, as raposas às vezes se agredem, chegando até a se canibalizar (o canibalismo entre raposas é desconhecido na natureza); a resposta dos proprietários é reduzir a população da jaula de oito animais para quatro, ou mesmo dois. Nos casos piores, os "animais problemas" são destruídos.

Os métodos usados para matar os animais também visam a máxima preservação da pele do animal. Nada de cortar gargantas aqui, como quando se abatem vitelos. A norma é o uso de métodos não invasivos – e sem anestesia. No caso dos animais peludos pequenos, particularmente os *minks* e as chinchilas, a prática comum é quebrar seus pescoços. Mas como esse método demanda muito trabalho, mesmo estes pequenos animais, assim como muitos dos animais maiores, são frequentemente asfixiados com dióxido ou monóxido de carbono.

Em alguns casos, escolhe-se o método da eletrocussão anal. Funciona da seguinte forma: primeiro, prende-se uma cinta de metal ao redor do focinho do animal. Em seguida, enfia-se no ânus dele a extremidade de uma haste de metal eletrificada. Depois, liga-se uma chave e ele é eletrocutado até a morte, "frito" de dentro para fora. Pode-se precisar repetir o procedimento algumas vezes, até que o animal morra. Quando usado adequadamente, esse método resulta em peles intactas. O CIC, Chinchilla Industry Council [Conselho Mundial da Indústria da Chinchila], em nome das fábricas de chinchilas espalhadas pelo país inteiro, quer nos fazer crer que a indústria "tem uma conduta humanitária em relação a animais domésticos e procura evitar que eles sofram em todos os estágios de suas vidas". Isso deve explicar por que o CIC considera que quebra de pescoços e eletrocussões sejam métodos aceitáveis de matar os animais.

Em 2002, a Escócia uniu-se à Inglaterra e ao País de Gales na proibição da criação de *minks* e outros animais exclusiva ou principalmente por sua pele. Mas os legisladores americanos não acham necessário fazer mudanças. A opinião de Washington é que as fábricas

de pele são a personificação do humanitarismo. Os próprios representantes dos fazendeiros de pele dizem isso. "Na visão do bem-estar animal", declara a Fur Commission USA,\* "as tradições sociais e as leis existentes a respeito do uso que fazemos dos animais são baseadas na premissa de que o direito humano de usá-los para benefício humano traz no seu bojo a responsabilidade de fazê-lo humanitariamente". De fato, "hoje em dia, os animais peludos de granja estão entre os animais de criação mais bem cuidados de todo o mundo".

Eu não estou inventando nada disso. Essa é realmente a forma da Fur Commission descrever o tratamento dos animais nas fábricas de pele. Eles são tratados "humanitariamente", o que significa que são tratados com compaixão, bondade e piedade. De fato, eles são os "animais de criação mais bem cuidados" do mundo, uma declaração que, tragicamente, pode ser mesmo verdadeira. Comparados aos vitelos, porcos e galinhas criados em confinamento, aqueles *minks* sortudos que passam suas horas de vigília andando para lá e para cá, pulando nos lados das jaulas e girando suas cabeças, estão vivendo uma existência de clube campestre. Que Deus nos proteja.

### **a pele capturada com armadilha**

Se os empresários das fábricas de peles não têm problemas sérios com os danos às peles, o mesmo não acontece com as pessoas que capturam animais peludos nas florestas; para elas, peles danificadas podem ser um pesadelo. As peles desses animais podem ficar tão ensanguentadas e nodosas que se tornam economicamente inúteis. Às vezes, essa "perda" (conforme o jargão) acontece porque o animal preso na armadilha é atacado por um predador natural. Outras vezes, a potencial pele é arruinada pelos frenéticos esforços desses animais na tentativa de se libertar. Em outros casos ainda, os animais roem a própria perna, que está presa na armadilha, até cortá-la, e saem se arrastando, sem deixar pele nenhuma para o caçador. A organização Friends of Animals (FOA), que por muitos anos vem combatendo ativamente o uso da pele, estima que, dos animais capturados pela sua pele, um quarto (aproximadamente 625 mil) arranca a perna com os próprios dentes e escapa das armadilhas. O material impresso da FOA nos leva a crer que os animais capturados nas armadilhas certamente têm tempo suficiente para roer a própria perna até separarem-na do corpo. Segundo a mesma organização, esses animais, qualquer que seja a espécie, podem ficar presos nas armadilhas até uma semana (a média é quinze horas), antes de perecerem ou serem mortos por algum caçador encarregado da área.

(\*) Associação que representa os interesses de centenas de criadores americanos de minks.  
[nota de edição]

Nos Estados Unidos, as armadilhas mais usadas são a dentada e a *conibear*. A *conibear* pega o animal pela cabeça, pelo pescoço ou pela parte superior do tronco; a armadilha dentada, pela perna. O desenho desta última é a própria simplicidade. As mandíbulas de aço da armadilha são mantidas separadas por uma mola. A isca é posta sobre um receptáculo sensível à pressão. Quando o animal tenta alcançar a isca, a mola se solta e a armadilha fecha.

O trauma físico sofrido pelo animal capturado é comparado ao que sofremos quando a porta de um carro bate, prendendo nosso dedo. De acordo com o behaviorista animal Desmond Morris, o choque vivido pelos animais capturados em armadilhas "é, para nós, difícil de conceber, porque é o choque da total incompreensão daquilo que aconteceu com eles. Eles estão presos, não podem escapar; sua resposta é, com frequência, morder o metal, quebrar os dentes ao fazê-lo, e às vezes até roer a perna presa". A armadilha é tão bárbara que mesmo a Associação Médica Veterinária Americana (AVMA) já se pronunciou contra ela. Até agora, entretanto, os esforços legislativos de proibir seu uso em terras da União não têm tido sucesso.

Várias tentativas têm sido feitas para se criar uma armadilha mais "humanitária", uma idéia que faz tanto sentido quanto a do "abate humanitário". No lugar das dentadas, por exemplo, tentaram-se armadilhas com mandíbulas acolchoadas. Nenhuma dessas alternativas vingou nos Estados Unidos. A armadilha dentada que prende a perna continua a ser usada (não está claro com que frequência) pelos estimados 100 a 135 mil caçadores – e isso apesar do fato de até a AVMA ter se comovido a ponto de condená-la por sua crueldade. Nas quinze nações integrantes da União Européia, ao contrário, o uso da armadilha dentada que prende a perna tornou-se ilegal em 1995. Dois anos depois, as nações da União Européia, o Canadá e a Rússia acertaram um Acordo sobre Padrões Humanitários Internacionais para Captura com Armadilhas, um pacto cujo verdadeiro objetivo, apesar de toda a retórica sobre "armadilhas humanitárias", é promover a ficção moral de que algumas armadilhas são bondosas, compassivas e piedosas, enquanto outras não. Temos aqui (de novo) uma aplicação clássica do "dito desconexo". Quando as pessoas vêm com seus discursos sobre "armadilhas humanitárias", devemos interrompê-las educadamente e dizer "Vocês podem estar enganando a si mesmos, mas não a nós".

Qualquer que seja o tipo de armadilha usado, esse equipamento obviamente não consegue distinguir os animais peludos dos chamados "não-alvos", o que inclui patos, aves de rapina e animais de companhia (ou "de estimação"). Os caçadores (mostrando sua compaixão) referem-se

a essas casualidades não intencionais como animais "lixos". Já que não se exige deles que colem e comuniquem esses dados, é difícil produzir-se uma estatística relacionada aos animais "lixos". A FOA estima entre quatro a seis milhões anuais o número total de animais "não-alvos" mortos em armadilhas. Se tirarmos uma média e dissermos que o número é cinco milhões, isso significa aproximadamente catorze mil por dia, ou dez animais "lixos" a cada minuto.

Animais semi-aquáticos, incluindo *minks* e castores, também são caçados na floresta. No caso deles, é comum o uso de armadilhas subaquáticas. Para se libertar, os *minks* podem se debater até quatro minutos; os castores, durante mais de vinte. Esses animais acabam se afogando. Comparativamente falando, no caso de animais capturados sob a água, há muito pouca perna arrancada ou "perda".

Quer sejam feitos de animais criados nas fábricas de pele ou caçados com armadilhas, os casacos de pele requerem muitas criaturas mortas – quanto menor o animal, maior o número necessário. A FOA avalia que um casaco de um metro, dependendo do tipo, requer 16 coiotes, 18 lincos, 60 *minks*, 45 gambás, 20 lontras, 42 raposas vermelhas, 40 guaxinins, 50 zibelinas, 8 focas, 50 ratos almiscarados, ou 15 castores. Claro que o sofrimento e a morte dos animais caçados para se fazerem casacos de pele são apenas parte da história. Temos de somar a isso o número de animais não-alvos, assim como o tempo de sofrimento que os animais caçados em terra enfrentam até morrer (que, como vimos, a FOA estima em quinze horas). No final das contas, um casaco de um metro feito de coiotes, por exemplo, é igual a 16 coiotes mortos, *mais* um número desconhecido de animais não-alvos mortos, *mais* duzentas horas, no mínimo, de sofrimento animal. Cálculos semelhantes podem ser feitos para os outros animais-alvos. Como acontece com quase tudo nessa vida, com relação aos casacos de pele há muita coisa além daquilo que nossos olhos vêem.

Vocês não conheceriam a verdade sobre o sofrimento animal se confiassem nas palavras de Marshall Cohen, co-presidente do NPD Fashionworld, empresa especializada na análise das tendências do varejo, com escritório em Port Washington, New York. Há americanos muito ricos que querem "mostrar ao mundo que os tempos de dificuldades econômicas não os afetaram... Com as peles, você está dizendo "Todo mundo está sofrendo, menos eu!" Talvez dinheiro demais nos faça, a todos, narcisistas. O dinheiro parece ter tido esse efeito em Robert Verdi, o apresentador do programa de televisão a cabo *Full Frontal Fashion*. "Uma vez, andando pela Quinta Avenida em meu casaco de guaxinim, eu topei com manifestantes contra o uso de pele", ele

contou à reportagem do *New York Daily News*. "Eles começaram a mostrar fotos e a gritar para mim: 'Eles eram tão bonitinhos!' Então eu respondi: 'É, eles eram tão bonitinhos; agora estão lindíssimos!'" . E para evitar que alguém se preocupe com a história da pele vestida por Verdi, Keith Kaplan, do Fur Information Council of America (FICA), está a postos para assegurar a todos que "nossa indústria está comprometida com o tratamento humanitário dos animais".

## **o mercado internacional de pele: três exemplos**

### **a caça às focas no Atlântico Noroeste**

Outras formas de abate massivo de animais selvagens também encontram mercado, para os produtos de sua matança, na indústria de pele. Nenhuma é mais repulsiva do que o abate anual das focas no Atlântico Noroeste.

Bem antes de os europeus se estabelecerem onde hoje é o Canadá e a Groenlândia, a sobrevivência dos habitantes originais dessa região dependia das focas que viviam em suas águas. Caçadores de subsistência, eles matavam apenas os animais necessários para sobreviver. Não demorou muito para os novos colonos começarem a mudar as coisas. Algumas partes de focas mortas passaram a ser vendidas, mesmo não se precisando dessa carne para sobreviver, mesmo que as carcaças fossem jogadas fora. (Carne de foca é famosa pelo gosto ruim). O verdadeiro mercado passou a ser e continua sendo a pele da foca. Com o tempo, a indústria da foca substituiu os caçadores aborígenes. Agora, o número de focas mortas anualmente no Canadá e na Groenlândia (500 mil é um número conservador; em 2003, só no Canadá foram 350 mil) representa, de longe, a maior destruição de mamíferos marinhos de todo o planeta. Enquanto escrevo, planeja-se o aumento dessas quotas para o ano que vem, em ambos os países.

Cerca de 95 por cento das mortes ocorrem entre as focas-da-Groenlândia [ou "focas harpa"], sejam recém-nascidas, jovens ou adultas. Observadores independentes estimam que, entre as mortas, 80 por cento das focas têm entre doze dias e um ano de idade. Não há lei exigindo que a foca inteira (isto é, tanto a pele quanto o corpo) seja levada embora, e não é raro os caçadores ficarem só com a pele.

Claro que se referir a esses eventos anuais como "caça" é recorrer à semântica criativa. Imaginem isto: ali estão as focas, muitas recém-nascidas, deitadas no gelo. Não sendo as corredoras mais rápidas deste mundo, elas são encontradas em muitos indefesos bandos de pura

inocência. E lá estão os corajosos "caçadores", matando-as com pançadas de *hakipiks* (porretes de madeira com um gancho de metal numa extremidade), ou com tiros. Alguém consegue ver nisso alguma coisa que lembre, ainda que remotamente, uma caça? Vestígios de Humpty Dumpty: de acordo com esse uso das palavras, sempre que eu estiver tirando pickles de um pote, estarei "caçando pickles".

A caça às focas é outro assunto controverso. Há muita discordância a respeito dos fatos; por exemplo: quantos "caçadores" participam das matanças, ou quão importante é a caça anual para as economias do Canadá e da Groenlândia.

Esses debates são expostos nas notas deste capítulo. Creio que leitores imparciais acharão que relativamente pouca gente participa da caça (cerca de um terço dos 15 mil grupos comerciais e indivíduos que obtêm a licença exigida). Creio também que os leitores descobrirão que quando se somam todos os custos relevantes (inclusive os subsídios diretos do governo e outras formas indiretas de assistência), a caça anual da foca, no Canadá e na Groenlândia, provavelmente acaba perdendo dinheiro. A explicação de porque a caça continua é política, e não econômica.

A caça continua porque muito poucos políticos eleitos estão dispostos a se opor aos poderosos grupos comerciais exploradores da foca e à aliada desses grupos, a ainda mais poderosa indústria pesqueira. John Efford, secretário da Pesca e da Agricultura da Província de Newfoundland, fala por esses grupos: "Eu gostaria de ver 6 milhões de focas, ou quantas houver por aí, mortas ou vendidas, destruídas ou queimadas. Não me importa o que aconteça com elas... quanto mais focas forem mortas, mais eu vou gostar". Enquanto homens como Efford continuarem a ocupar cargos públicos e exercer controle sobre políticas governamentais, continuará havendo abates massivos de focas. É simples assim.

Nos anos 1960 teve início um clamor popular pelo fim das caças. Pouca gente que tenha visto as imagens divulgadas na época vai esquecê-las: caçadores em roupas escuras matando, a porretadas, indefesas criaturas de pêlo branco e olhos grandes, o sangue inocente jorrando sobre o gelo. Em resposta ao protesto público, os legisladores canadenses tornaram ilegal matar bebês-focas com menos de duas semanas (a idade da muda, quando eles começam a perder o pêlo branco). Entretanto, como ocorre com outras leis que aparentam regulamentar a caça, a infração dessa restrição talvez seja mais freqüente do que seu cumprimento. A inspeção governamental da caça canadense é, quando muito, localizada. Pelo menos a Groenlândia é suficiente-

mente honesta para se desassociar da hipocrisia canadense. Na Groenlândia, nenhum crime é cometido quando alguém mata uma foquinha branca com pancadas ou tiros. Pensar o contrário (de acordo com a Suprema Corte do país) seria inconstitucional.

De 1983 em diante, os países da Comunidade Econômica Européia proibiram a importação da pele branca de bebês focas canadenses. Os Estados Unidos têm uma proibição semelhante, anunciada na sua Lei de Proteção aos Mamíferos Marinhos (MMPA), de 1972. O efeito cumulativo desses embargos não foi difícil de se prever: o mercado para essa pele branca caiu vertiginosamente. Hoje, a maior parte da pele de "qualidade" de focas é exportada para a Noruega (que não faz parte da CEE), para ser aproveitada como peles e couro, enquanto o gosto ruim da carne é "enriquecido" no Canadá (com a ajuda de gordos subsídios governamentais) por químicos destinados a deixá-la com sabor de salame ou mortadela. Nunca se deve subestimar o poder político de uma posição idiota como essa. Em 1994, a indústria canadense da foca parecia um barco virando; em 1995, depois de serem instituídos os "subsídios à carne", a caça retornou aos níveis de 1975. Em fevereiro de 2003, o ministro da Pesca canadense, Robert Thibault, anunciou uma "colheita" de 975 mil focas-da-Groenlândia referente a três anos.

Outro fator que ajudou a revitalizar a caça à foca no Canadá foi o mercado de pênis desse animal. Cápsulas contendo tônicos feitos desses órgãos são consumidas pelo seu suposto poder afrodisíaco, especialmente na Ásia. Está precisando de uma boa ereção? A resposta é pênis de foca. Num passado não muito distante, um pênis inteiro de foca era vendido por um mínimo de quinhentos dólares. Hoje, com a introdução do Viagra para tratar disfunções sexuais masculinas, o mercado de pênis de foca é inferior a um quarto do que era há alguns anos.

Quem tem a responsabilidade de garantir o cumprimento das regras pertinentes à caça canadense é o Ministério de Pesca e dos Oceanos (DFO). Entre essas regras está a seguinte: os caçadores têm de fazer o "teste do reflexo da piscada" para confirmar que um animal está morto, antes de arrancarem sua pele. O teste consiste em bater nos olhos das focas para ver se elas piscam. Se piscarem, deduz-se que estejam vivas; se não piscarem, deduz-se que estejam mortas. Os funcionários do DFO insistem que "é garantida a estrita obediência às regras". Mas essa confirmação é infundada, conforme atestam as descobertas independentes da médica veterinária Mary Roberts:

*Acabo de examinar novas evidências em vídeo, obtidas pelo IFAW [Fundo Internacional para o Bem-estar Animal] durante a*

caça comercial à foca de 1998. Mesmo tendo passado um ano inteiro, desde a exibição da gravação de 1997, está claro que o DFO, o responsável pelo monitoramento dessa caça, e a Associação Canadense dos Caçadores de Focas (CSA), que promove essa caça como uma atividade bem regulamentada, não fizeram nada para garantir que as focas não sofram e que as disposições relevantes das *Marine Mammals Regulations* [Regulamentações sobre a captura de mamíferos marinhos] e do Código Penal do Canadá sejam respeitadas.

A dra. Roberts não é uma radical dos direitos animais. Ela é, na verdade, uma profissional altamente respeitada, que já trabalhou como chefe do Conselho de Inspeção do Manejo de Animais, para o Procurador-geral da Província de Ontário, e como Diretora do Bem-estar Animal, para a Associação Médica Veterinária de Ontário. Se indagada em quem confiar – em um porta-voz do DFO ou na dra. Roberts – será difícil imaginarmos como uma pessoa justa possa escolher o primeiro.

O sofrimento ao qual a dra. Roberts se refere é real e trágico. Algumas focas são golpeadas com bastões. Algumas levam tiros e têm uma morte lenta e agonizante. Outras, feridas e ainda conscientes, são arrastadas pelo gelo. Apesar de declarações oficiais em contrário, muitas focas são esfoladas vivas. Seria um alívio saber que isso raramente acontece, embora é claro que não deveria acontecer nunca. A má notícia é que isso acontece  *muito*. Um estudo científico independente, conduzido em 2001 por uma equipe de veterinários, concluiu que 42 por cento das focas foram esfoladas vivas. Isso significa mais ou menos 130 mil animais.

Números podem nos anestesiá-los. Às vezes eles conseguem deixar as coisas menos reais, em vez de mais reais. As pessoas que acompanharam a caça anual sabem, há muitos anos, que as coisas são ruins. Mas foi só depois da publicação de *Over the Side, Mickey: A Sealer's First-Hand Account of the Newfoundland Seal Hunt* [Um Relato em Primeira Mão de um Caçador de Focas Sobre a Caça em Newfoundland], de Mickey J. Dwyer, que os leitores descobriram *quão ruins*. As coisas são na verdade muito piores do que se imaginava. Incentivados pela cultura da crueldade que os cerca, os caçadores descem a níveis a que nenhum humano deveria ir. Eis um exemplo da experiência de Dwyer:

*Eu ouvi os manifestantes contra a caça às focas dizerem que os caçadores são bárbaros. E eles estão certos. Você tem de ser um bárbaro para sobreviver àquilo... Quão bárbaro alguém se torna-*

*va dependia de quanto tempo era submetido àquele tipo de situação. Uma vez, logo depois de um pequeno período na caça, juntei dez cabeças que depois usamos para jogar "cabeçabol" durante duas horas. Era como hockey, só que em vez de usarmos tacos, usávamos nossos hakipiks para tentar atirar a cabeça entre duas carcaças trêmulas que serviam de traves. Todos nós nos revezávamos ao gol. No fim do jogo, globos oculares, dentes, fragmentos de caixa craniana e de maxilares inferiores se espalhavam por todo o rinque. Darrel [um amigo de Dwyer] venceu, mas todos nós nos divertimos um bocado.*

A menos que suponhamos que outros caçadores estejam, de alguma forma, imunes a achar maneiras semelhantes a essa de se "divertir um bocado", nós nos negaremos a acreditar no ministro Thibault quando ele nos garante que "os canadenses dão muito valor às práticas humanitárias de caça. Como ministro, pretendo respeitar esse valor e assegurar que a caça à foca seja conduzida humanitariamente e de acordo com todos as regulamentações apropriadas".

Falar em métodos e tratamento "humanitários" neste contexto é pior do que ser desonesto. Até o governo canadense deve saber disso. Eles estão tão seguros de que as focas são tratadas "humanitariamente" que tornaram um crime, para qualquer pessoa "não autorizada", fotografar ou gravar a caça. Eles não têm nada a esconder. Nada mesmo. Rebecca Aldworth, do Fundo Internacional para o Bem-estar Animal no Canadá, não se deixou deter. Entre as coisas que ela viu durante o abate de 2003:

*Os métodos para abate são cruéis. O caçador dá porretadas na foca, que cai e fica imóvel. Ele começa a cortá-la, mas muitas vezes ela começa a se mexer. A reação dele é dar-lhe nova porretada. Ela fica parada, e ele termina de arrancar sua pele. A foca se mexe outra vez. Normalmente, o caçador desiste, e termina de esfolar o animal enquanto este ainda se move.*

Quanto ao teste do reflexo da piscada exigido, Alworth conta que "quase nenhum caçador o usa".

Num caso clássico de se colocar a culpa na vítima, as focas têm sido culpadas pela diminuição do suprimento de bacalhau no Atlântico Noroeste. Focas demais estão comendo peixes demais – os "nossos" peixes – razão pela qual é "necessário" controlar a população de focas. Esta é a idéia fixa de gente como o ministro da Pesca e da

Agricultura de Newfoundland, mesmo que os fatos lhe digam o contrário. E é mesmo o que dizem os fatos: recentemente, em novembro de 1999, biólogos marinhos mostraram que "o número de focas que os humanos têm matado... excede, entre duas (2) e seis (6) vezes, os níveis que seriam permitidos por um modelo de controle verdadeiramente 'preventivo'". Não é a superabundância de focas que explica o abrupto declínio do bacalhau na região; a explicação está na atividade rapina da indústria da pesca.

Conta-se que os missionários cristãos enfrentaram um terrível desafio ao usar a imagem do "cordeiro de Deus" para tentar converter esquimós. A imagem não repercutiu, já que os esquimós nunca tinham visto um carneiro. No lugar desse animal, os missionários escolheram uma *kotik*, que significa "filhote de foca". É difícil imaginar uma escolha melhor. Como observa Wilfred Grenfell: "Esse animal, com sua perfeita brancura, deitado no berço de gelo, com sua doçura e desamparo, e seus olhos patéticos e inocentes, é provavelmente o substituto mais apropriado... que a natureza pode oferecer". Então, por que não matarmos algumas centenas de milhares deles, todo ano? Criatura encrenqueira, o homem.

Por que a caça à foca continua? O motivo principal é o dinheiro. As pessoas vendem as peles, no final das contas, e alguém faz dinheiro a cada transação. O problema acabaria se os outros parassem de comprar produtos feitos com peles, carne e óleo de foca. Só precisaria disso. Só precisaria haver uma pequena mudança de comportamento por parte de um número relativamente pequeno de pessoas. Ou menos ainda: se os políticos eleitos tivessem a coragem de se colocar contra os obstinados interesses dos capitães da caça às focas, da pesca e da indústria de peles, a caça anual poderia acabar. Visto num contexto político, o destino dos animais depende de quem nós elegemos e quem não.

### **cordeiros persas**

Não podem deixar de ser mencionados, nesta nossa discussão sobre peles, os casacos e outros artigos de vestuário que são feitos, total ou parcialmente, com pele importada das nações da Ásia Central, incluindo Afeganistão e Uzbequistão. Essa pele, chamada astracã, vem do cordeiro caracul (também chamado "cordeiro persa") recém-nascido ou que ainda está por nascer. Quanto mais o carneiro cresce, mais os anéis macios e espessos de seus pêlos se separam. Como os maiores preços são pagos pelos anéis mais densos e sedosos, os carneiros são mortos com um a três dias de idade, ou até quinze dias antes de

nascem. Este último procedimento requer a morte da mãe grávida, o que, à primeira vista, é difícil de entender. Por que é que alguém nesse tipo de negócio mataria uma fêmea, uma reprodutora?

A resposta é o dinheiro. Um casaco de pele de cordeiro caracul abortado é vendido pelo dobro do preço de um casaco do mesmo tamanho, feito de recém-nascidos: este pode custar doze mil dólares; o primeiro, mais de vinte e cinco mil. Ralph Lauren e Karl Lagerfeld estão entre os estilistas que usam cordeiros persas, e Fendi e Neiman Marcus estão entre as lojas que sustentam essa prática.

O *website* da Sociedade Humanitária dos Estados Unidos (HSUS, na sigla em inglês) tem material em vídeo gravado por um investigador clandestino em março de 2000.\*\* São imagens descritivas e chocantes de "uma ovelha grávida presa contra o chão, e sua garganta e seu estômago sendo cortados; o corte do estômago é amplo o suficiente para que um trabalhador possa remover o feto em desenvolvimento – a 'matéria prima' para os casacos, mantos e outros artigos da moda". Depois que a pele é arrancada, os restos dos cordeiros são descartados. O grupo holandês de defensores dos direitos animais Bont voor Dieren dá como quatro milhões o número de cordeiros persas mortos anualmente. Com a pele de sessenta cordeiros se faz um casaco tamanho padrão.

### **Pele de gato e de cão**

Se as pessoas na China comem gatos e cães, não é de surpreender que elas achem alguma utilidade também para a pele deles. Os americanos fazem essencialmente a mesma coisa, ao criarem vacas por sua carne e ao esfolá-las pelo seu couro. Por que pensar que os chineses devam ser diferentes?

Na avaliação da HSUS, dois milhões de cães e gatos, anualmente, têm sua pele arrancada na China e em outros países do sudeste asiático. Essa pele se torna mercadoria exportada para a Ásia, a Europa e a América do Norte. Esses produtos variam; vão desde bichos de pelúcia até adornos de capuzes ou de punhos de casaco. Casacos compridos requerem a pele de mais de vinte gatos ou de doze cães, ou mais animais ainda, se a pele for de filhotes.

Os estabelecimentos são, na maioria, pequenos (no máximo, algumas centenas de animais), mas a privação é cruel e massiva. Gatos de pêlo curto e cães pastores alemães são os preferidos por causa da densidade do seu pêlo. Os animais ficam presos em condições deploráveis, sem que se tenha a menor preocupação com sua qualidade de vida.

Os métodos de matar são horripilantes. Os gatos às vezes são estrangulados pelos donos; outras vezes, são mortos por enforcamento

(\*\*) Uma importante matéria recente (12 de agosto de 2005), "Astrakhan: Hot 'New' Fashion is the Same Old Cruelty", acompanha o vídeo: [http://www.hsus.org/wildlife/wildlife\\_news/astakhan\\_hot\\_new\\_fashion.html](http://www.hsus.org/wildlife/wildlife_news/astakhan_hot_new_fashion.html) [nota de edição]

ou, enquanto estão sendo enforcados, enfia-se água à força por suas gargantas para que se afoguem. Os cães são enforcados com um arame que corta seus pescoços enquanto eles se esforçam, inutilmente, para se libertar; em muitos casos, enquanto pendurados, são esfaqueados e sangram até a morte. O esfolamento ocorre rapidamente, às vezes com os animais ainda vivos. Nessas circunstâncias bárbaras, nem se pensa em usar anestesia. A favor dos chineses, há o fato de que pelo menos eles (e os povos que abatem cordeiros persas por sua pele) não ficam se dizendo preocupados com o bem-estar dos seus animais nem fingem tratá-los humanitariamente.

A partir de 1997, os americanos ficaram indignados quando a HSUS expôs o comércio internacional de pele de gatos e cães, especialmente ao saberem que artigos de vestuário vendidos em lojas americanas tinham adornos ou forros feitos com a pele desses animais, mas rotulada de outra coisa (lobo asiático ou lobo chinês, por exemplo). Os americanos protestaram: não se deve roubar a pele dos corpos dos cães e dos gatos; a pele é *deles, pertence a eles e não a nós*; matar gatos e cães por sua pele não é civilizado nem ético. Os defensores dos direitos animais são totalmente de acordo sobre essa idéia. Só que achamos que o mesmo é verdadeiro quando a pele é roubada de *todo e qualquer* animal.

Pele de gato e de cão. Para todos nós, a oportunidade para uma mudança de percepção é enorme, nesse contexto. É tão simples (e ao mesmo tempo tão difícil) quanto conseguir ver que o *status* moral dos castores, coiotes, *minks* e focas não é diferente do *status* moral dos gatos e cães. Claro que muitos de nós têm, com os últimos, uma relação próxima que não têm com os primeiros. Cães e gatos moram conosco, são membros do nosso lar. Num sentido bem real, eles são nossos familiares. Animais selvagens não. Mesmo assim, existe uma identidade básica. Só nos falta enxergá-la. *Há alguém ali*, atrás daqueles olhos de um castor ou de uma foca, da mesma forma que *há alguém ali*, atrás dos olhos de um gato ou de um cão. À medida que nossa consciência animal se expande, à medida que nossa percepção muda, fica fácil vermos isso tanto num caso quanto no outro, e com a mesma certeza.

## **couro**

Enquanto todos os americanos (tomara!) repudiam roupas feitas de pele de cão e gato, e relativamente poucos compram roupas feitas com a pele de outros animais, vestir couro é tão comum quanto tomar café de manhã. E não apenas couro de vaca. A lista

americana do couro inclui a pele de porcos, cabras, carneiros, cavalos, cobras, porcos-do-mato, veados, rãs, tubarões, bisões, zebras, cangurus, jacarés, lagartos, enguias e elefantes. Mas o uso do couro da vaca – sua pele – supera de longe o de outros animais.

Os países da União Européia são os maiores fornecedores de couro para o mercado mundial. A Itália, de longe a maior produtora, é seguida pela Espanha. Outros países exportadores de couro incluem China, Coréia do Sul, Brasil, Paquistão, Tailândia, Índia, Canadá e Estados Unidos. Conforme os efeitos da globalização continuam a se fazer sentir, a produção de couro começa a encontrar um nicho em novas regiões da Ásia e América do Sul.

Como é feito o couro? Quais as etapas entre o matadouro e a loja de roupas? Elliot Gang oferece o seguinte sumário:

*O processo básico envolve arrancar o couro da carcaça, limpando-o com uma solução de sal e bactericida, e deixando-o de molho para limpeza e reidratação. Em seguida usam-se sulfetos e hidróxido de cálcio para remover pêlos e facilitar a remoção de toda a carne. O couro é então tratado com mais produtos químicos (e sulfetos), neutralizado e conservado em uma solução (normalmente, de ácido sulfúrico) para que os agentes do curtimento possam penetrar na pele. Depois é curtido em sais de cromo e colocado para secar, antes de ser classificado e ainda mais processado, conforme o uso a que se destina.*

Se isso soa como muito químico, é porque de fato o é. E aí está a base para a preocupação legítima que surgiu com o ambiente e a segurança dos trabalhadores envolvidos na produção do couro. Todos esses produtos químicos são tão nocivos às pessoas que trabalham com eles quanto aos córregos e rios para os quais seus resíduos acabam fluindo. Você não precisa ser um defensor dos direitos animais para ver que há algo de errado com o couro. Mas, se for, vai *certamente* ver algo de errado com ele.

Muita gente parece pensar que comprar couro é um direito sem implicações morais. Afinal, o couro vem de animais que foram mortos por sua carne. Se comprarmos alguma coisa de couro, tudo que estamos fazendo é comprar um pouco da pele que foi tirada de um animal morto. O que poderia haver de errado nisso? Vamos ver.

Aqui está um bom caso para testar quão pouco muitos de nós sabemos sobre o couro (e, acreditem, eu pensava que soubesse tudo que há para se saber sobre o assunto, antes de descobrir o que vou

descrever agora). Se alguém nos pedisse para que identificássemos o país que trata as vacas *bem mesmo*, provavelmente a maioria de nós diria: a Índia. Pois a maioria estaria errada.

Um vídeo feito secretamente pela PETA [Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais] da Índia mostra um gado velho, doente e manco sendo forçado a andar por centenas de quilômetros ou sendo metido em caminhões abarrotados que sacolejam, ruidosos, sobre estradas sem pavimento. Muitos animais morrem nas viagens. Muitos mais se machucam. Alguns caem de cansaço e, como outros "caídos", têm de ser arrastados para o matadouro. Aqueles que ainda andam são empurrados e cutucados para encontrarem sua morte; para mantê-los em movimento, os trabalhadores esfregam pimenta malagueta nos seus olhos e quebram seus rabos. Como os cordeiros persas no Afeganistão, que são abatidos por sua pele, e não por sua carne, as vacas mostradas no vídeo – fracas, pouco mais do que pele e osso – são abatidas por seu couro. Tudo isto num país onde, supõe-se, a vaca é sagrada. Se Gandhi pudesse ver como suas queridas vacas são tratadas na Índia hoje em dia, ele viraria o rosto, cheio de horror e desgosto.

A marca especial de crueldade da Índia à parte, tanto fazendeiros quanto economistas sabem que a indústria do couro proporciona, a quem cria gado, uma forma importante e necessária de ganhar dinheiro. Criar animais não fica barato, e os produtores não têm condições de abrir mão dos 10 por cento da sua renda que provêm dos "subprodutos" animais, entre os quais o principal é o couro. Como observa Gang, "o governo e a indústria estimam que o couro cru vale 6-7 por cento do animal vivo, pouco mais de 2 bilhões de dólares por ano, nos Estados Unidos". Sendo de 2 por cento, a margem média de lucro do fazendeiro, muitos seriam forçados a fechar seus negócios se os consumidores boicotassem o mercado de couro. Toda vez que compramos produtos de couro, portanto, nós damos nosso apoio (no mínimo) ao abuso de animais, que é parte inseparável da produção massiva nas granjas industriais de hoje. As vacas e os porcos usados para se fazer sapatos, cintos, jaquetas, casacos e outros artigos de vestuário são os mesmos que foram criados nas deploráveis condições descritas no capítulo 6. Moralmente, comprar couro tem seus custos.

## **lã**

A lã do carneiro merino está presente em todas as lojas americanas de roupas. Luvas, cachecóis, mantôs, suéteres, casacos: qualquer que seja o tipo de roupa, encontraremos produtos de merino tanto nas

prateleiras quanto nos cabides. Mas se os consumidores sabem de onde vem a lã do merino, ou se sabem que ela tem origem na Austrália, são outros quinhentos.

O carneiro merino é a resposta da indústria da lã a uma questão econômica que não quer calar: como maximizar a quantidade de lã produzida por cada carneiro? A resposta da indústria: aumentando a quantidade de pele de cada carneiro. Isto aqui não é um erro de impressão. A resposta da indústria realmente é: aumentando a quantidade de pele de cada carneiro. É aritmética básica. Uma pele lisa oferece uma porção  $x$  de superfície onde possa crescer lã; mas uma pele enrugada, que se dobra sobre si mesma, como as formações de coral no oceano, oferece uma porção  $x + y$  de superfície. E uma porção  $x + y$  de pele garante mais lã por carneiro.

"Ter pele enrugada" descreve o carneiro merino. Ele é produto de anos de intensa reprodução seletiva. Os carneiros merinos têm essa pele porque gerações de fazendeiros australianos de carneiros fizeram-nos reproduzir-se seletivamente para obtê-la. Ter carneiros com pele enrugada pode ser bom para os fazendeiros, que acreditam estar maximizando a produção por carneiro criado. Mas certamente não é bom para os carneiros.

Quando os carneiros merinos urinam ou defecam, as rugas retêm urina e fezes. Nas dobras de sua pele, as moscas varejeiras encontram umidade adequada para ali botarem seus ovos. Os ovos se rompem em menos de um dia e as larvas procuram a fonte mais próxima de alimento. Acontece que essa fonte é o carneiro. Se o problema não for tratado (essa invasão é chamada de "ataque da mosca"), as vorazes larvas podem se espalhar por outras partes do seu hospedeiro e (literalmente) matá-lo em questão de dias. Bodes e mesmo cães, especialmente se forem incontinentes, podem ser vítimas do ataque da mosca. Causa da morte? Perda de fluidos e proteínas do sangue.

Com o tempo, a indústria do carneiro elaborou uma resposta para esse problema. Essa resposta é chamada de *mulesing*, a partir do nome de seu inventor, J. H. W. Mules, um fazendeiro australiano de carneiros do século XX. Com uma faca afiada, os fazendeiros cortam grandes áreas da pele da região da virilha do carneiro. A idéia é que, uma vez curada a ferida, as rugas terão desaparecido e, sem essas rugas, o potencial para o ataque da mosca terá desaparecido também. Em outras palavras: para tratar o problema do ataque da mosca, os fazendeiros tentam desfazer (ao menos em parte) a condição de pele que eles próprios produziram, durante gerações, por meio da reprodução seletiva de merinos.

É claro que a ferida inflamada, que leva de três a cinco semanas para sarar, é também um ambiente úmido tentador para varejeiras. Então, há uma certa dúvida quanto à eficácia preventiva do *museling*, do ponto de vista do fazendeiro. Quanto à resposta dos carneiros, eis uma descrição: "Depois do *museling*, os cordeiros podem ser vistos contorcendo-se e correndo de lado como caranguejos, na tentativa de escapar da dor".

O *museling* é uma parte da genealogia da lã do merino. Outra parte é o desgaste dos dentes, um procedimento que os fazendeiros alegam prolongar a vida do carneiro. O procedimento é o seguinte: amoladores ou cortadoras de disco são usados para desgastar os dentes até a raiz ou cortá-los um pouco acima das gengivas; nos dois casos, os nervos ficam permanentemente expostos. Como o personagem de Dustin Hoffman no filme *Maratona da Morte*, o carneiro não recebe anestésico durante o procedimento. E, assim como quando submetidos ao *mulesing*, os carneiros não recebem analgésicos no período pós-operatório.

Os carneiros merinos também são submetidos a outras formas de ataque físico direto, incluindo a marcação da orelha com entalhe (para identificação), a mutilação do rabo e, no caso de machos, a castração. Todos esses procedimentos são realizados quando os carneiros têm só alguns poucos dias de vida, sem qualquer tentativa de aliviar sua dor. A castração pode ser feita de três maneiras: com o uso da faca, com o uso de um dispositivo que esmaga o cordão espermático, ou apertando-se um anel de borracha em torno do escroto.

Se todos esses ataques à integridade física soam cruéis, é porque eles são mesmo. De acordo com o presidente da Comissão de Reforma da Lei Australiana, M. D. Kirby, na Austrália os carneiros são submetidos a *cinquenta milhões* de procedimentos invasivos que seriam classificados como atos de crueldade, se fossem realizados com gatos e cães. Mas todos esse procedimentos – e cada um deles viola os direitos dos animais à integridade física – são perfeitamente legais quando os carneiros são as vítimas. O sofrimento dos animais não faz a mínima diferença para a lei ou para os fazendeiros de merinos. E por que faria? Do ponto de vista dos fazendeiros, o principal é maximizar a produção de lã por animal; já que a dor animal não aparece na equação econômica, não há necessidade de levá-la em consideração.

A indiferença ao que os animais sentem e sofrem se estende ao próprio processo da tosquia. A maioria de nós, que vive na cidade, imagina cordeiros sendo delicadamente carregados para "cortar o cabelo", como quando nós vamos ao barbeiro ou à cabeleireira.

Deveríamos pensar bem. Delicadeza não faz parte da barganha.  
Jennifer Greenbaum nos conta por quê:

*Os carneiros são derrubados e contidos, enquanto uma navalha corre sobre seus corpos. Quer sejam tosquiados manual ou mecanicamente, cortes na pele são muito comuns. A tosquia descuidada pode machucar tetas, órgãos genitais, outros apêndices ou membros, e ligamentos. Durante a tosquia mecânica, os carneiros ficam amarrados e têm correias apertadas nas suas faces... Pode ocorrer morte quando: o tosquiador é tosco e torce o corpo do carneiro, colocando-o numa posição que lhe danifique algum órgão; quando a saúde do animal já é ruim; ou quando a privação da lã provoca um choque no seu sistema... [Depois da tosquia], nu para o mundo, os carneiros são devolvidos ao pasto, onde podem sofrer queimaduras graves de sol ou congelar de frio.*

Uma última consideração. Chega uma hora, na vida do carneiro merino, em que ele não mais produz lã de boa qualidade. Para os estimados sete milhões de carneiros anuais, isso significa que eles estão destinados a virar carne, no mercado do Oriente Médio. Eles são empurrados e cutucados para dentro de navios enormes, alguns capazes de transportar 125 mil animais. Ali, passam três semanas no mar, às vezes mais tempo ainda, espremidos uns contra os outros em espaços que tornam impossível o movimento mais simples. Quando chegam a seu destino – supondo-se que tenham sobrevivido (muitos não conseguem) – são descarregados, empurrados e cutucados ainda mais um pouco, até encontrarem seu fim terrível e sangrento, pelas mãos de um abatedor ritualístico, no Iraque ou no Irã. Se os dizeres de rótulos e etiquetas das roupas estivessem mesmo de acordo com a realidade, os horríveis dias finais do carneiro merino estariam incluídos. Eis o rótulo que eu proponho: "Esta lã provém de carneiros que passaram toda sua vida de pastagem sendo maltratados porque alguns humanos querem ganhar dinheiro com eles e outros querem se sentir na moda, só para depois serem impiedosamente transportados e cruelmente mortos porque outros humanos querem ganhar dinheiro com eles e comê-los". Quem quer vestir *isso*?

A indústria do carneiro nos Estados Unidos, assim como em todos os outros lugares do mundo, representa uma variação dos temas principais ilustrados pela indústria do carneiro na Austrália. Alguns detalhes podem variar, mas a história geral é sempre a mesma. Carneiros são



criados por comida e tecido, visando o lucro, e quanto maior o lucro, melhor o investimento. O paradigma cultural (os animais existem para satisfazer as necessidades e os desejos humanos) reina absoluto. Dado esse paradigma, os carneiros, assim como outros animais criados em granjas e fazendas, têm só duas razões para existirem: serem comidos e serem vestidos pelos seres humanos.

## **conclusão**

Ninguém precisou me dizer quão sensacional estava

Nancy, no seu chapéu de *mink*. Aquela era a razão para a existência dos *minks*. Elas eram *algo*, não *alguém*. Eram coisas, na mesma categoria moral que pepinos e vestidos-sacos. Naquela época, se alguém tivesse me dito que eu não deveria comprar sapatos de couro ou vestir um suéter de lã, eu teria sentido pena da saúde mental desse sujeito. Mas isso pertence ao passado. Foi antes de eu saber de onde realmente vêm a pele, a lã e o couro. Quando a gente aprende essas coisas, pode haver alguma mudança. Esse conhecimento ajuda alguns relutantes a ver o mundo de maneira diferente.

Os defensores dos direitos animais não encontram justificativa para criar animais peludos em "fazendas", caçá-los nas florestas, matá-los no gelo com porretadas, ou matá-los antes que nasçam. O que os DDAs acham das peles de todos os animais é a mesma coisa que a maioria dos americanos acha das peles do cão e do gato. Da mesma forma, não encontram justificativa para transformar pele ou lã de animais em artigos de vestuário. O tratamento que esses animais recebem das mãos humanas não é "humanitário", e aqueles caçadores e exploradores de peles que dizem que apóiam o "bem-estar animal" são exemplos paradigmáticos do "dito desconexo". Ao dizerem que tratam os animais humanitariamente, nossa resposta tem de ser: "Não, não tratam. O que vocês afirmam é falso".

Tentar justificar o modo como esses animais são tratados alegando benefícios econômicos para os humanos é ilógico. O dinheiro que uma pessoa ganha por meio da violação dos direitos de outro ser nunca é razão moral suficiente para que essa pessoa o faça. Considerações do mesmo tipo também se aplicam aos outros supostos benefícios atribuídos ao comércio da pele, do couro e da lã. O prazer de uma mulher em ter um casaco de aparência luxuosa, ou de um homem em ter uma jaqueta de couro, evidentemente tornam a vida mais gostosa para as pessoas que possuem essas roupas. Mas os prazeres que essas coisas proporcionam não chegam nem perto de justificar a violação

dos direitos de quem quer que seja, humano ou não. O único lugar certo para a pele ou o pêlo do animal é o animal de quem essa pele e esse pêlo são.

Os DDAs não vestem sacos de farinha. Há maravilhosas opções de vestuário no mercado, que não requerem que alguém mate deliberadamente nenhum animal. Por exemplo, muitos sapatos, cintos, carteiras e outros produtos que não sejam de couro estão frequentemente disponíveis nas grandes cadeias do varejo e nas empresas que vendem por reembolso postal. (Algumas estão listadas no *website* [www.tomregan-animalrights.com](http://www.tomregan-animalrights.com).) Roupas feitas com os velhos tecidos de prontidão – algodão e flanela de algodão – podem ser facilmente encontradas. Mas procurem também os novos sintéticos, incluindo a pele de carneiro sintética e o Tencel, um tecido igual à lã em todos os aspectos. Além do mais, os casacos sintéticos de hoje em dia são mais quentes do que as peles, e a lendária proteção que o couro oferece contra o frio (para motociclistas, por exemplo) já está superada pelo calor oferecido pelos modelos feitos de "pleather", mais leves e menos restritivos. E para aqueles que não conseguem desistir da aparência e da maciez das peles? Pele falsa está amplamente disponível, hoje em dia, muito mais barata, e ficando muito mais na moda. Até em Aspen.

## NOTAS

### a indústria americana de pele

A pele fabricada

Os números relacionados às fazendas de pele vêm da Fur Commission USA [www.furcommission.com/who/index.html](http://www.furcommission.com/who/index.html).

Informações sobre o Chinchilla Industry Council (CIC) podem ser encontradas no site [www.chinchilla.com/ranch.html](http://www.chinchilla.com/ranch.html).

### a pele capturada com armadilha

Friends of Animals [www.friendsofanimals.org](http://www.friendsofanimals.org).

A frase de Desmond Morris aparece no texto de Mark Glover "Eye of the Beholder", *The Animals' Voice Magazine* 5, no. 4 (1992): 33. Morris também fala das armadilhas no livro *The Animal Contract: An Impassioned and Rational Guide to Sharing the Planet and Saving Our Common World* (New York: Warner, 1990), 116-18.

A frase de Marshall Cohen aparece em um texto do *New York Times*, de Ginia Ballfante, de 3 de dezembro de 2002, intitulado "Staying Warm and Fuzzy during Hard Times".

A frase de Robert Verdi aparece em um texto do *New York Daily News* de Alev Aktar, de 8 de janeiro de 2003, intitulado "Adventures in the Skin Trade. Used to Be Fur Coats Were for Ladies or Joe Namath. Today, Men Love Their Minks".

A frase de Keith Kaplan aparece em um texto do *Atlanta Journal-Constitution* de Shelley Emling, de 8 de fevereiro de 2003, intitulado "Fashion Trumps Compassion As Fur Makes a Comeback. Bright, Hip Styles and Chilly Temps Fuel Its Return to Favor, But Animal Activists Cry Foul".

## **o mercado internacional de pele: três exemplos**

### **a caça às focas no Atlântico Noroeste**

Informações gerais sobre as caças podem ser encontradas no *site* do Pagophilus <http://pagophilus.org/hunt/index.htm>.

A frase do secretário da Pesca e da Agricultura da Província de Newfoundland, John Efford, aparece no jornal *The Evening Telegram*, de St. John's, edição de 31 de março de 1999.

A frase do ministro da Pesca canadense Robert Thibault aparece num artigo de Jeff Gray do jornal *The Globe and Mail*, de Toronto, edição "atualizada" de 3 de fevereiro de 2003.

A frase do dr. Roberts foi incluída no *Canada's Commercial Seal Hunt, 1998 Investigation*, uma publicação do Fundo Internacional do Bem-estar Animal. Suas palavras aparecem no texto "Seal Song: Canada's Shame", de Rebecca Aldworth, [www.animalsvoice.com/PAGES/features/seal.html](http://www.animalsvoice.com/PAGES/features/seal.html).

Informações sobre os estudos dos veterinários da caça canadense às focas em 2001 podem ser encontradas no *site* da Fur Free Alliance [www.information.com/information.com/press/pres0206.htm](http://www.information.com/information.com/press/pres0206.htm).

Michael J. Dwyer, *Over the Side, Mickey: A Sealer's First-Hand Account of the Newfoundland Seal Hunt* (Halifax: Nimbus, 1998), 140.

"A Cruel Slaughter on Ice" de Rebecca Aldworth, *The Toronto Star*, 9 de maio de 2003. Disponível no *site* [www.thestar.com](http://www.thestar.com).

A descoberta de que a indústria canadense das focas está excedendo "os níveis que seriam permitidos por um modelo de controle verdadeiramente 'preventivo' encontra-se no texto "Harp Seal Population Likely Declining", [www.imma.org/PBR/](http://www.imma.org/PBR/).

A frase de Wilfred Grenfell aparece no livro de Paul Watson, *Seal Wars: Twenty-Five Years on the Front Lines with the Harp Seals* (Toronto: Key Porter, 2002), 29. O livro de Watson é leitura obrigatória para todos os interessados em conhecer um relato dessa tragédia anual.

### **cordeiros persas**

Informações sobre o vídeo da HSUS a respeito dos cordeiros persas podem ser encontradas no *site* [www.hsus.org/ace/a2046](http://www.hsus.org/ace/a2046).

O *site* de Bont voor Dieren a respeito dos cordeiros caracul é [www.bontvoordieren.nl/eglisg/index.php?action=karakul](http://www.bontvoordieren.nl/eglisg/index.php?action=karakul).

### **pele de gato e de cão**

Informações da HSUS podem ser encontradas no *site* [www.hsus.org/ace/12014](http://www.hsus.org/ace/12014).

## **couro**

"The Skin off Their Backs", *The Animals Agenda*, de Elliot Gang de 31 de outubro de 1999 está no site [www.animalsagenda.org](http://www.animalsagenda.org).

Informações sobre o vídeo da PETA a respeito da produção de couro na Índia podem ser encontradas no site [www.petaindia.org/cleath.html](http://www.petaindia.org/cleath.html).

## **lã**

A descrição do comportamento dos carneiros depois do *mulesing* pode ser encontrada no site da Sociedade Vegana [www.vegansociety.com/html/info/info21.html](http://www.vegansociety.com/html/info/info21.html).

A frase de M.D. Kirby aparece em "Horrors on the Sheep Farm", *Agscene*, julho de 1986.

"What's Wrong with Wool?" de Jennifer Greenbaum está no site [www.animalsvoice.com/PAGES/invest/wool.html](http://www.animalsvoice.com/PAGES/invest/wool.html).

## capítulo 8

# TRANSFORMANDO ANIMAIS EM ARTISTAS

Os animais têm sido usados em nome do entretenimento humano por milhares de anos. Não importa onde ou quando esse uso ocorra, sua lógica básica é a mesma. Humanos treinam animais para fazerem vários truques ou números que as platéias acham divertidos. Às vezes há uma estreita conexão entre entretenimento e esporte. O rodeio, por exemplo, é promovido como esporte, assim como a corrida de cavalos ("o esporte dos reis"). Ao mesmo tempo, rodeios e corridas de cavalos são eventos aos quais o público vai para se divertir. Contudo, ambos (entretenimento e esporte) diferem num aspecto crucial. Em geral, os esportes envolvem um elemento de competição em que há vencedores e perdedores; outras formas de entretenimento (como concertos de *rock* ou balé) não. Mas alguns eventos esportivos (futebol ou hóquei, por exemplo) também são considerados formas de entretenimento. Algumas pessoas pensam que isso também vale quando há animais envolvidos. Por exemplo, elas encaram as touradas e as corridas de galgos tanto como esportes quanto como formas de entretenimento. A razão pela qual isso não é verdade será explicada no capítulo 9.

Este capítulo explora algumas maneiras em que animais selvagens são usados com a finalidade de entreter humanos, em contextos nos quais não há vencedores e perdedores, pelo menos não no sentido convencional. A situação de alguns animais selvagens que executam números em circos e em parques marinhos servirá para ilustrar o conflito entre treiná-los para que nos entertainham, por um lado, e respeitar seus direitos, pelo outro.

### **o circo tradicional**

Alguns circos incluem números com animais; outros não. Entre os que usam animais, alguns dos mais conhecidos são o Ringling Brothers and Barnum & Bailey Circus, e o Clyde Beatty-Cole Brothers. Dos que não usam animais, o Cirque du Soleil e o New Picle Family Circus estão entre os mais famosos. A menos que apontemos o contrário, nossa discussão vai se limitar aos circos (frequentemente chamados de "tradicionais" ou "clássicos") que incluem números com animais selvagens.

Os circos tradicionais mostram uma cara feliz. Sua decoração é colorida. A música, alegre. Os figurinos, berrantes e cheios de lantejoulas. Faz-se todo o possível para se garantir o divertimento de "crianças de todas as idades". E muitos de nós se divertem mesmo, inclusive muitos pais e seus filhos. A família Regan sempre se divertiu à beça. No mundo de hoje, não é difícil entender por quê. Duas horas sem linguagem chula, sem sangue, sem vísceras expostas, sem sexo. Duas horas durante as quais os pais se sentem misericordiosamente libertos da necessidade de proteger suas crianças de um montão de coisas que elas ainda estão novinhas demais para precisar saber. Não admira que, para muita gente, circo seja sinônimo de entretenimento familiar sadio. Não admira que os defensores dos direitos animais que criticam circos sejam vistos como "antifamília", como moralistas intrometidos e determinados a evitar que todas as outras pessoas tenham diversão e liberdade de escolha.

Mas do modo como as coisas são, há muito que criticar. Por trás da cara feliz do circo tradicional, esconde-se um mundo de privação sistemática para os animais; um mundo em que, em nome do "treinamento", cometem-se crueldades já documentadas; e um mundo em que a existência de leis e de fiscais do bem-estar animal dá a falsa impressão de estar tudo bem.

## **dimensões da privação**

A privação sistemática sofrida pelos animais selvagens é inerente à própria natureza do empreendimento circense. Circos não são lugares apropriados para esses animais. O lugar certo para animais selvagens é o ambiente onde eles podem expressar livremente aquilo que são, tanto como indivíduos quanto como membros de um grupo social móvel (no caso dos elefantes, por exemplo). Nenhum circo pode oferecer esse ambiente. As limitações de espaço, a perda da estrutura social e o comportamento anormal ajudam a mapear as dimensões da privação sofrida pelos animais no circo.

### **limitações de espaço**

Ninguém precisa ter o conhecimento de uma Jane Goodall para entender que os circos não chegam nem perto de ser como o hábitat natural dos animais selvagens. Não é raro, para os circos, estar na estrada de quarenta e oito a cinquenta semanas por ano. No trânsito entre uma parada para a apresentação e outra, os animais ficam apinhados em caminhões ou vagões. Quando chegam ao seu destino, são submetidos a mais confinamento – leões e tigres ficam enjaulados; elefantes ficam acorrentados.

As regulamentações federais relevantes para tamanhos de jaulas são piores do que vagas; são desonestas. A Seção 3.128 do Artigo 9 do Código de Regulamentações Federais (dos Estados Unidos), intitulado "Exigências quanto a espaço" [para cuidado e tratamento humanitário], afirma: "Os recintos serão construídos e mantidos de forma a oferecer espaço suficiente, permitindo que cada animal faça ajustes posturais e sociais com a adequada liberdade de movimento". O que é "espaço suficiente" ou "adequada liberdade de movimento" não é especificado; é por isso que essas regulamentações são vagas. A desonestidade aparece porque elas implicam que jaulas que tenham "espaço suficiente" *podem* satisfazer essas exigências. Isto é absurdo.

Uma oportunidade de expandir nossa consciência animal se apresenta ao enxergarmos por detrás dos olhos dos animais selvagens treinados para fazer números de circo. Em ambiente selvagem, o território em que os leões moram varia entre 21 e 404 quilômetros quadrados; o dos tigres machos fica entre 21 e 155 quilômetros quadrados (na Índia) e até 1.036 quilômetros quadrados (na Sibéria). Para efeito de comparação, considerem que São Francisco e Boston ocupam 122 e 124 quilômetros quadrados, respectivamente; Chicago, 588; a cidade de Nova York, incluindo todos os seus bairros, 800 quilômetros quadrados.

Nenhuma pessoa sensata pode acreditar que os circos proporcionam um ambiente em jaula com "espaço suficiente" para os tigres e os leões, ou que os circos ofereçam "adequada liberdade de movimento". Num gesto concebido mais para as relações públicas do que para os animais mesmo, o circo Ringling Brothers se gaba de ter jaulas com "seções desdobráveis (conhecidas como 'varandas'), bem parecidas com as dos *trailers* de moradia mais modernos. Quando totalmente aberta, cada jaula mede 11 metros de comprimento e oferece amplo espaço para os sete a nove animais ali alojados andarem, interagirem e se exercitarem". Supor que uma jaula de 11 metros de comprimento ofereça "amplo espaço" para os tigres e os leões serem os animais que são é um evidente absurdo, o que até gente honesta de circo consegue entender. Paul Binder, do circo Big Apple, explica a razão pela qual ele nunca apresentou "um número de felino ou de qualquer outro animal enjaulado"; é porque ele é "incapaz de proporcionar o tipo de acomodação de que esses animais necessitam".

O que vale para tigres e leões vale também para elefantes. O território de um elefante varia entre 13 quilômetros quadrados, numa floresta sobre lençóis de água, e mais de 3.496 quilômetros quadrados numa savana árida – uma área maior do que quatro vezes o tamanho da cidade de Nova York. Não é raro os elefantes andarem 80 quilômetros por dia. "Espaço suficiente". "Adequada liberdade de movimento". Humpty Dumpty não conseguiria descrever melhor essas coisas.

### **perda da estrutura social**

Uma vez no circo, qualquer coisa que se pareça com uma estrutura social para os "grandes felinos" é inexistente. No seu hábitat natural, os filhotes de tigre ficam com as mães durante anos. Mentoras que são, as mães lhes ensinam práticas de sobrevivência. Quando nasce uma nova ninhada, os tigres mais velhos partem para se virar sozinhos. Embora os machos tendam a levar uma existência solitária, eles às vezes cooperam entre si, nas caçadas.

Leões são criaturas sociais que vivem em grupos chamados bandos. Os bandos consistem de até doze fêmeas, todas parentes entre si, e seus filhotes. Os filhotes são criados comunitariamente, mas os laços entre mães e filhas são especialmente fortes e duram a vida toda. No comando de cada bando está um macho dominante ou, às vezes, um grupo de machos. Na cultura dos leões, a fêmeas tendem a ser as caçadoras; os machos, os protetores. Em alguns casos, os machos formam um grupo próprio, vivendo juntos durante anos.

Confinados nas suas espaçosas varandas, os tigres e leões do Ringling Brothers não têm nenhum lugar para ir e nada para ensinar. Qualquer senso de comunidade duradoura, qualquer oportunidade de participar de atividades cooperativas é inexistente ali. Os tigres e leões que fazem números em circos podem ser *parecidos* com seus primos selvagens, mas na realidade seu estado selvagem foi drenado, dia a dia.

E depois há os elefantes. Todo mundo sabe alguma coisa sobre sua complicada estrutura social matriarcal. Elefantes vivem em grupos (manadas) de oito a quinze membros, com uma fêmea dominante no comando. Os machos partem na puberdade, mas as fêmeas permanecem com suas mães pelo resto da vida. Os grupos aparentados entre si tendem a ficar na mesma área geral e se comunicam frequentemente. Em tempos de perigo, juntam as forças de até duzentos elefantes para a defesa comum. Num território que, para os elefantes africanos, se estende até 800 quilômetros, as rotas migratórias das manadas não são conhecidas "instintivamente", mas têm de ser ensinadas pelos mais velhos.

Nada disso faz o mínimo sentido num ambiente circense. Não há matriarcas, grupos aparentados, rotas migratórias, nada que sequer sugira o que seja a vida desses majestosos animais. "Um circo tem de ter palhaços", escreve o entusiasta do circo, Earl Chapin May, "amendoins e elefantes – mas o melhor disso tudo são os elefantes". Infelizmente para os elefantes, o que May diz é bem verdade. Defensores inflexíveis do circo tradicional, como o Ringling Brothers, prefeririam renunciar aos seus amendoins a abrir mão dos "seus" elefantes.

### **comportamento anormal**

Não tendo uma linguagem verbal em comum, humanos e animais se comunicam por meio da observação do comportamento. Qualquer pessoa que observar como os animais que fazem números circenses se comportam aprenderá alguma coisa sobre o que acontece por detrás dos olhos deles. O que vemos é o mesmo tipo de comportamento estereotipado encontrado nos animais enjaulados nas granjas industriais e nas fábricas de peles. Leões e tigres andando para lá e para cá, indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo, nunca se desviando de sua rota circunscrita. Elefantes balançando para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e para cá, ou sacudindo a cabeça, para este lado, depois para aquele, repetidamente. Às vezes o comportamento fala mais alto do que as palavras. Esses são seres mentalmente doentes, psicologicamente derrotados. E para quê? Para que tigres possam



pular por dentro de bambolês em chamas e elefantes possam ficar de pé sobre as patas dianteiras. A que ponto chegamos?

Ver um elefante – *ver* realmente um elefante – foi o que mudou a vida de Gary Yourofsky. Gary tinha 23 anos, na época. Seu padrasto, que era palhaço de circo, conseguiu levá-lo aos bastidores, quando o circo passou pela sua cidade. Foi ali que Gary viu um elefante solitário, acorrentado a um poste, balançando-se para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e para cá. Mais importante: o elefante viu Gary. Quero dizer, ele captou o ser Gary na sua totalidade – penetrou a mente e o coração dele com seus olhos aflitos, inundados de tristeza e desamparo. Conforme a descrição que Gary faz desse encontro, não existia mais nada, só o olhar do elefante e a consciência de Gary de que o elefante estava olhando para ele, olhando através dele. Era como se aquela criatura enorme estivesse lhe perguntando, nas palavras que já ouvimos antes: "O que eu fiz para merecer isto? Por que você não está me ajudando?" Um momento damasceno. Na hora de dizer adeus àquele elefante, Gary Yourofsky já tinha uma nova identidade, uma nova razão para estar no mundo. Ali, naquele instante, ele se tornou um defensor dos direitos animais. Graças àquele elefante, hoje Gary (conforme ele conta a todo mundo que estiver por perto) está entre os mais dedicados porta-vozes dos direitos de todos os animais.

No rascunho deste capítulo, comparei as condições de vida dos animais de circo às dos criminosos atrás das grades. "É uma piada cruel", escrevi, "dizer que prisioneiros humanos confinados em celas de 2m por 2,5m têm 'amplo espaço' para serem humanos. De fato, com o espaço limitado pretende-se constituir uma privação para os prisioneiros humanos, uma parte do castigo pelo seu crime. Para felinos ou animais que atuam em circos, o espaço limitado também constitui privação, só que, no caso deles, nenhum crime foi cometido".

Quando um prestativo DDA leu e criticou o que escrevi, ele me deu uma dura. Ele tinha passado mais de três anos na prisão. O que se faz com os animais de circo, escreveu ele, "é infinitamente pior" do que o tratamento que se dá aos prisioneiros. "O pior que se pode fazer com o prisioneiro é colocá-lo em 'confinamento solitário', mas mesmo aí a lei exige que ele possa fazer uma hora de exercício por dia, e ele ainda tem uma cela grande o bastante para se exercitar, tem televisão e livros, etc. Até mesmo Tim McVeigh e o Unabomber puderam passar uma hora juntos, todo dia". Portanto, sim, deixem-me alertar outras pessoas para que não cometam o mesmo erro que eu. As condições de vida para os leões, tigres, ursos e elefantes de circo são muito piores do que aquelas que nós oferecemos mesmo para nossos criminosos mais violentos.

## **sem sofrimento não há treinamento**

Não há como treinar animais selvagens para fazerem números sem atacar sua integridade enquanto criaturas selvagens. Para cada treinamento bem sucedido, uma parte da natureza selvagem do animal é perdida. Nenhum defensor sério dos direitos animais pode aceitar essa perda; todos darão um passo à frente e gritarão, se for preciso: "Parem com isso! O que vocês estão fazendo? Parem!".

Para piorar as coisas, os treinadores agridem fisicamente e intimidam esses animais, dizendo-se "profissionais". Os instrumentos usados nesse ramo hoje são os mesmos usados por treinadores no passado: chicotes, bastões com um gancho na extremidade, barras de metal, correntes, bastões elétricos, mordanças, punhos humanos.

Ninguém nega que, no passado, os treinadores de animais selvagens tenham tratado cruelmente os animais. Os porta-vozes dos circos de hoje gostariam de nos fazer acreditar que, atualmente, a norma é a bondade. Os métodos contemporâneos de treinamento, eles nos dizem, são inspirados em Clyde Beatty. "Nenhum animal da selva pode ser treinado com sucesso por meio da crueldade", Beatty adverte; em vez disso, os treinadores devem ter "uma abordagem bondosa e uma capacidade para se esforçar muito, além de uma considerável disposição alegre". Isto soa confortador, como se os treinadores convencessem os tigres a pularem por dentro de arcos em chamas sussurrando doces súplicas aos seus ouvidos. A dura verdade é outra coisa.

### **"não toque neles! machuque-os!"**

O circo Carson and Barnes excursionou pela América do Norte durante quatro gerações, oferecendo (nas suas palavras) "o maior e melhor espetáculo da América". Além dos elefantes, leões, tigres e cavalos, o circo também alardeia "um imenso zoológico no corredor principal".

Quem explorar o *website* do Carson and Barnes vai ler que os elefantes "só são treinados através de reforço positivo. É importante que tanto os animais quanto os treinadores tenham confiança mútua... Entre o animal e a pessoa que cuida dele cria-se um relacionamento que é muito importante no processo de treinamento. Tem de haver confiança entre os dois, senão surge o pânico. Um animal no estágio do pânico dificilmente conseguirá ser treinado. É importante ter calma, paciência e só usar reforço positivo". Isso soa confortador. Soa suficientemente humanitário. Só há um problema: temos de lembrar

quem está dizendo isso. Não é de surpreender que o histórico do Carson and Barnes não bata com a sua retórica.

Tim Frisco trabalha como diretor de cuidado animal no Carson and Barnes. Seus métodos de treinamento podem ser vistos num vídeo produzido secretamente pela PETA. Esses métodos são tudo, menos "só reforço positivo". Não há palavras que possam descrever o que vemos ali. É difícil se expressar melhor do que as legendas que acompanham o vídeo:

*[Frisco] é visto gritando obscenidades, atacando ferozmente e aplicando choques elétricos em elefantes asiáticos que pertencem a uma espécie em perigo de extinção. Os elefantes emitem gritos agonizantes, ao tentar escapar dos ataques. Frisco instrui outros treinadores a bater nos elefantes usando ambas as mãos e a enfiar um afiado gancho na carne deles, até que eles gritem de dor. Ele diz aos seus alunos que a surra tem de ser eficaz por trás do palco, já que eles, os treinadores, não podem fazer nada daquilo "na frente de mil pessoas".*

Num trecho particularmente horrível desse encontro, Frisco diz a seus alunos: "Não toquem neles! Machuquem-nos! Se tiverem medo de feri-los, não venham para cá!"

Barbara Byrd, co-proprietária do Carson and Barnes, disse à Associated Press que a linguagem de Frisco era "horrível, terrível". Mas não, ao que parece, o outro comportamento dele. Ela nega que a fita "prove que nós já tenhamos machucado algum elefante". Embora ainda esteja empregado no Carson and Barnes, Frisco foi liberado de seus deveres como treinador de elefantes.

Quão comum é esse tipo de treinamento mostrado no vídeo? Frisco é a regra ou a exceção? Lamentavelmente, ele não é a exceção. Em outubro de 2002, David A. Creech, que lida com elefantes no circo Sterling and Reid Brothers, foi declarado culpado em três acusações de crueldade contra animais no Tribunal Distrital de Norfolk, Virgínia. Testemunhas disseram ter visto Creech golpear repetidamente Alegria, uma elefanta de vinte e três anos, com uma vara de aço com um gancho na ponta. Um veterinário que inspecionou Alegria declarou ter detectado três feridas recentes em uma perna.

Portanto, não: Frisco evidentemente não é a exceção. Sem acesso fácil às sessões de treinamento, que são mantidas em sigilo e normalmente com entrada proibida ao público, quem pode dizer a frequência com que os animais de circo são maltratados? Diante da

grotesca disparidade entre o que os circos dizem e o que alguns treinadores fazem, é claro que o ônus da prova tem de ficar com os circos, e não com os defensores dos direitos animais que os criticam.

## **ilusões legais**

A garantia do cumprimento da Lei do Bem-estar Animal, juntamente com as regulamentações federais relevantes, recai sobre o Serviço de Inspeção da Saúde dos Animais e das Plantas (APHIS), uma agência do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA). No caso dos circos, o APHIS é responsável por garantir o cumprimento dos padrões de manejo, tratamento e transporte dos animais. De novo, isso soa mais confortador do que é de fato. A médica veterinária Peggy Larson, que já montou em pêlo [modalidade "bareback"] cavalos xucros em rodeios, e ex-supervisora do APHIS, destaca as falhas crônicas da inspeção governamental, durante seu testemunho em apoio a uma proibição do condado de Riverside (Califórnia) à exibição de elefantes para entretenimento público:

*Os animais de circo são mal inspecionados sob a Lei do Bem-estar Animal por muitas razões. Quando se encontra um problema com um circo, tem de se produzir uma papelada com o registro dos dados e o circo tem de ser visitado por um funcionário. Com frequência, quando esse processo se completa, o exibidor circense já está num outro Estado e numa outra jurisdição veterinária do USDA [Departamento da Agricultura dos Estados Unidos]. Se acontecer de o circo ser inspecionado por um novo veterinário, o procedimento é repetido e o exibidor muda de novo, sem que o problema se resolva.*

*Os veterinários do USDA não recebem treinamento para lidar com doenças que afetam animais de circos e exposições circenses. Eles não sabem diagnosticar doenças de elefantes, nem sabem se elefantes ou qualquer outro animal de circo têm alguma doença que infecte humanos. Eles não sabem como conter esses animais e, além disso, não têm as drogas necessárias para contê-los da forma adequada. Conter os animais de forma adequada é necessário para tirar amostras de sangue ou de tecido que deverão ser mandadas a um laboratório de diagnósticos. Então os veterinários do USDA não fazem estudos de diagnósticos em animais de circo. Eles estão mais preocupados com as condições de moradia e alimentação dos animais do que com as doenças.*

*Além do mais, esses veterinários têm de trabalhar com funcionários das Secretarias Estaduais da Agricultura que têm o controle final sobre o que eles fazem ou não. Muitos desses funcionários estaduais sabem menos ainda sobre doenças de animais de circo do que um veterinário do USDA. Com frequência, interesses políticos estaduais atrapalham a conduta adequada da inspeção do veterinário do USDA... Infelizmente, esses veterinários não trabalham com os funcionários da Secretaria Estadual da Saúde, que têm mais conhecimento de zoonoses [doenças que animais podem transmitir a humanos] do que os funcionários da Secretaria Estadual da Agricultura, mas eles poucas vezes ficam sabendo de um problema com animais de circo. Eles estão "fora da parada".*

Falta de tempo. Educação e treinamento médicos inadequados. Interesses políticos conflitantes. A sensação inicial de conforto ao se pensar que "está tudo bem" no circo, que "todos os animais estão sendo protegidos" porque "nós temos leis", desaparece diante desses duros fatos. Simplesmente não há razão para se acreditar que os inspetores do governo protejam adequadamente os animais de circo de abusos e crueldades. Como eles poderiam fazer isso? Em 2001 havia nove mil estabelecimentos licenciados pelo USDA, de zoológicos de beira de estrada a laboratórios de pesquisa de primeiro nível. E quanto ao número de inspetores? O número total de inspetores, para o país inteiro, encarregados da inspeção de todos os nove mil estabelecimentos licenciados, era... cem. Salvo raríssimas exceções, a "proteção legal" dos animais nos Estados Unidos é uma ilusão.

### **"visões radicais"**

Num esforço para manter o atual estado das coisas, alguns circos tradicionais adotaram a estratégia proativa que foi imaginada, primeiramente, pela Associação Médica Americana. O Ringling Brothers é um líder nesse esforço. Se grupos de defensores dos direitos animais podem distribuir volantes criticando seu circo, o Ringling pode virar a mesa e distribuir volantes criticando seus críticos. E quem são seus críticos? Não as pessoas decentes que apóiam o bem-estar. Não; os críticos são os radicais dos direitos animais. Para citar o volante do Ringling ("Não seja enganado pelos manifestantes"): "Os grupos defensores dos 'direitos animais' apelam ao seu amor pelos animais enquanto, na verdade, estão tentando levantar dinheiro para promover a visão radical deles - 'libertação total' de todos os animais da 'custódia humana'... Não confunda a visão radical deles com o 'bem-

estar animal', que são o tratamento e o cuidado éticos, responsáveis e humanitários dos animais".

Vamos ver: "Bem-estar animal". "Tratamento humanitário e responsável". Já não ouvimos isso antes? E olhem quem está dizendo isso: outro líder de uma grande indústria de exploração animal. Se é que já existiu uma situação à qual se aplique o dito desconexo, é essa. A primeira coisa que as pessoas que se importam real e sinceramente com o bem-estar dos animais de circo deveriam fazer é perguntar: "Como poderíamos tirar esses animais daqui?" E a segunda coisa? A segunda coisa que elas deveriam fazer é lutar para que isso aconteça.

### **"circos com animais? estou fora!"**

Os tradicionalistas não conseguem imaginar circos sem animais fazendo números. Escreve o presidente do conselho de administração do circo Big Apple, Alan Slifka: "Acredito que um circo sem animais seja uma contradição em termos: uma floresta tropical virtual sem árvores, uma verdadeira selva de asfalto. Num mundo cada vez mais moderno, os rituais que nos conectam com nossa essência, como o circo, precisam ser compreendidos".

Mesmo se levarmos em conta o discurso *new-age* sobre os rituais que "nos conectam com nossa essência", a lógica de Alan Slifka está atolada no *status quo*. Não faz muitos anos, as pessoas diziam que era uma "contradição em termos" ter um circo sem as exposições de pessoas deformadas ou deficientes no corredor principal: a Mulher Jacaré, o Bebê de Duas Cabeças e (um verdadeiro sucesso de público) as Irmãs Siamesas. Felizmente, uma nova sensibilidade criou raízes e está florescendo, uma sensibilidade que acha esse tipo de exibição moralmente obscuro e degradante. Ter um "show de monstros" como parte do circo era uma tradição; era isso, e apenas isso. Quando os circos pararam de tê-los, foi uma boa coisa, tanto para os circos quanto para aqueles que os apoiavam. Ter animais fazendo números em circos é uma tradição; é isso, e apenas isso. Quando os circos pararem de usar animais, vai ser uma boa coisa também.

As pessoas que só conhecem o circo tradicional talvez achem a lógica de Slifka atraente por outra razão. Elas talvez pensem que ir a um circo sem animais fazendo números não pode ser nem um pouco divertido. Outras, que experimentaram a alternativa, pensam diferente. Num artigo sobre a apresentação de 26 de julho de 2002 do Circo du Soleil, o *Boston Herald* comenta: "Foram-se os animais... Com essas mudanças, o Cirque redefiniu o circo do século 21... o novo... Barnum and Bailey. E o Cirque cria um entretenimento que pode ser desfrutado

igualmente por adultos e crianças". Até Slifka concordaria com isso. Quando, em janeiro de 2003, nosso jornal local publicou uma matéria sobre a vinda do Cirque à cidade, o Departamento de Visitantes e Convenções da Grande Raleigh disse: "Ter o Cirque no nosso mercado pela primeira vez acrescenta mais brilho à reputação de Raleigh como local para entretenimento de alto nível". Eles nunca falaram isso a respeito do Ringling Brothers – e o Ringling tem vindo a Raleigh por mais de trinta anos. (A propósito, a temporada do Cirque em Raleigh durou vinte e um sólidos dias, com dois espetáculos nos fins de semana. O circo ficou lotado. Na noite em que fui com Nancy, todo mundo aplaudiu de pé no final, ainda em dúvida se tudo que tinha visto acontecera mesmo de verdade. Foi mágico!)

Algumas pessoas que enxergam mais longe não estão esperando que os circos mudem. O Brasil, a Costa Rica, a Finlândia, Israel, Cingapura e a Suécia estão entre as nações em que foram aprovadas leis proibindo o uso de animais em números de circo. Dezoito condados e municípios dos Estados Unidos, incluindo Boulder (Colorado), Hollywood (Flórida), Newport Beach (Flórida) e Orange County (Carolina do Norte) têm decretos proibindo exposições de animais selvagens ou exóticos. O mesmo ocorre com muitas jurisdições por todas as quatro províncias do Canadá. Felizmente, parece que *mais uma* nova sensibilidade está começando a criar raízes e a florescer no nosso novo mundo.

### **exibições de mamíferos marinhos**

Uma variedade de mamíferos marinhos e outros animais é exibida ou faz números em parques marinhos pelo mundo inteiro. Por exemplo, o Sea World de San Diego apresenta orcas (baleias assassinas), belugas, morsas, ursos polares, pingüins e raposas do Ártico. Entre os espetáculos com animais que estão descritos no *website* do Sea World de San Diego estão os seguintes:

*Bobalhões com Ferramentas: [Duas focas, Clyde e Seamore, oferecem] um hilariante episódio próprio do "Bobalhões com Ferramentas", seu programa de televisão sobre concertos domésticos, onde bagunça e travessuras é que mandam nas ondas do ar!... Clyde e Seamore vão diverti-lo à beça ao mostrar concertos básicos do lar, como o ajuste de uma maçaneta, a aplicação de um papel de parede e trabalhos com encanamento e instalação elétrica.*

*Peripécias de Shamu: As "Peripécias de Shamu" apresentam Shamu, a baleia assassina internacionalmente famosa, atuando com o bebê Shamu e Namu... Você vai se deleitar com as baleias interagindo entre si e com seus treinadores.*

*Descobertas Com os Golfinhos: "Descobertas Com os Golfinhos" exhibe golfinhos nariz-de-garrafa num formidável espetáculo altamente energético e com alguns momentos cômicos surpreendentes. É um show de ritmo ágil, no qual nossas estrelas andam sobre o rabo, pulam girando como peões e fazem piruetas de costas.*

Como outras indústrias cuja receita financeira depende dos animais selvagens, a "indústria do cativo de golfinhos", para usar as palavras de Ric O'Barry (terei mais a dizer sobre ele e sua esposa, Helene, depois), enfatiza seu papel de educadora e conservacionista. Se essas indústrias dão uma contribuição conservacionista, é uma contribuição limitada, quando muito. Nenhuma espécie em perigo de extinção é protegida por esses parques. E quanto à educação, não há dúvida que crianças e adultos aprendem *alguma coisa* quando vêem duas focas treinadas consertando maçanetas e aplicando papel de parede. A pergunta é: as pessoas aprendem o quê? Que focas gostam de dizer "iâc! iâc! "? Que golfinhos fazem qualquer coisa para conseguir um peixe morto? Ou será que aprendem (para citar o colunista Dave Berry) como os golfinhos "se comportam naturalmente quando vivem em piscinas de concreto e fazem números o dia inteiro?" Além disso, é difícil ajustar o discurso promocional sobre educação e conservação àquilo que o próprio pessoal do Sea World diz sobre os espetáculos com animais. O verdadeiro objetivo, como vimos, é "bagunça e travessuras", um número com que o público vai "se deleitar", "um formidável espetáculo, altamente energético". O verdadeiro objetivo é um bom entretenimento antiquado.

O uso que se faz de golfinhos nariz-de-garrafa em espetáculos como o Descobertas com os Golfinhos é representativo dos *shows* similares. Todas as considerações que são relevantes para se avaliar moralmente o que é feito a estes animais cativos em particular se aplicam, com a mesma força, para se avaliar o que é feito aos mamíferos marinhos cativos em geral.

### **os golfinhos no seu hábitat**

Os golfinhos nariz-de-garrafa (ou apenas "golfinhos") ocupavam um lugar especial entre os gregos antigos. Qualquer pessoa condenada por ter matado um golfinho era culpada de uma ofensa aos deuses

que tinha como punição a morte. Aristóteles reconhecia que golfinhos são mamíferos, não peixes, e muitos gregos acreditavam em um forte parentesco espiritual e biológico entre humanos e seus "primos marinhos". Numerosas histórias e afrescos mostram como os golfinhos são brincalhões e corajosos, levando crianças para passear nas suas costas e salvando marinheiros de afogamentos. O golfinho era tão venerado pelo pensamento grego que o Oráculo que falava em Delfos, a única divindade capaz de fazer a comunicação entre Zeus e os meros mortais, não era outro senão o deus golfinho Apolo Delfino.

Hoje, talvez conheçamos melhor os golfinhos, mesmo que os apreciemos menos. Sabemos que eles evoluíram por milhões de anos. Com cérebros grandes e altamente desenvolvidos, esses animais marinhos estão entre os mais inteligentes do mundo. Também estão entre os mais ativos. Os golfinhos nadam até sessenta e quatro quilômetros por dia. Mesmo quando estão "dormindo" ficam se movendo, à esquerda ou à direita, para cima ou para baixo. Capazes de prender a respiração por vinte minutos, mergulham, rotineiramente, a uma profundidade de mais de 200 metros.

Os aspectos sociais dos golfinhos não são menos admiráveis. Eles não são criaturas solitárias. Ao contrário, vivem em grupos de vários tamanhos, seus bandos. Ficam com a mãe desde o nascimento até quatro ou cinco anos de idade. A maioria das fêmeas nunca vai embora; no tempo certo, os machos jovens formam seus próprios bandos. Durante os primeiros anos, tanto os machos quanto as fêmeas aprendem, com os mais velhos, como nadar conforme a corrente, onde encontrar comida, e a identidade dos predadores. Velhos e jovens nadam juntos, procuram comida juntos e brincam juntos. Na natureza, os golfinhos vivem, em média, de vinte a cinquenta anos.

Os golfinhos que deixam um bando às vezes retornam, o que significa que, num dado momento, gerações de golfinhos parentes podem estar vivendo juntas, numa grande família aquática. Os laços sociais são tão estreitos que cada bando tem formas únicas de comunicação, só compreensíveis aos membros do próprio bando. É por isso que a remoção de um golfinho de um bando é um evento de grande importância, tanto para aquele que é removido quanto para aqueles que ficam.

### **a captura do golfinho**

Já se escreveu muito, e corretamente, sobre as brutalidades da captura do golfinho. Os barcos perseguem um bando até que seus membros fiquem exaustos demais para tentar escapar. Baixa-se uma

rede, o bando é preso e os golfinhos são jogados no chão do barco. Debatendo-se e protestando (emitindo estalidos e assobios), os espécimes mais desejáveis (normalmente entre dois e quatro anos de idade) são mantidos; os outros são atirados de volta ao mar. Alguns caem mortos no convés, por causa do choque. Muitos são feridos. A unidade social do bando é permanentemente prejudicada. Cada um dos estimados mil golfinhos atualmente mantidos em cativeiro no mundo tem uma genealogia que inclui a captura no mar.

### **o bem-estar dos golfinhos**

As vozes que falam pela indústria do golfinho cativo insistem que ela faz todo o possível para promover o bem-estar de seus animais. Por exemplo, os grandes parques marinhos têm um veterinário na equipe, os animais têm bastante comida, sua água está sempre limpa e a temperatura, sempre certinha. O que mais alguém poderia pedir?

A perversidade dessa lógica tira o fôlego da gente. A gente fica querendo dizer: "Você não pode estar falando sério! Se estivesse – se você realmente estivesse preocupado com o bem-estar desses animais – você não os teria aqui, para começo de conversa! Quem você pensa que está enganando?"

Para que isto não pareça duro demais, teimoso demais, considere o seguinte. Os golfinhos nadam até sessenta e quatro quilômetros por dia e podem mergulhar a uma profundidade de quase meio quilômetro. Em seu ambiente natural, vivem em grupos sociais ampliados e se movimentam, com a ajuda da ecolocalização (eles "vêem" escutando), por um ambiente desafiador que está em constante mudança. Uma vez em cativeiro, esses mesmos animais são confinados em tanques de concreto (às vezes medindo uns míseros sete metros de largura por dois metros de profundidade) ou em pequenas jaulas marinhas. Aqui, não há bandos. Neste mundo desolado, nada muda sob nenhum aspecto significativo. Nenhum desafio natural é enfrentado. Não se encontra nada naturalmente interessante porque não há nada naturalmente interessante para se encontrar.

Francamente, é pior que *uma mentira*; para os defensores dos direitos animais, é *uma vergonha* que qualquer pessoa se ponha na nossa frente e diga, "nós realmente nos importamos com o bem-estar dos nossos golfinhos"; são animais que não têm nada para localizar, nenhuma família com a qual estar, nenhum lugar para mergulhar, nenhum quilômetro para nadar. Como observa o professor Giorgio Pilleri, diretor do Instituto da Anatomia do Cérebro da Universidade de Berna: "não importa quanto esforço seja feito, a manutenção dos

cetáceos em cativeiro vai sempre enfrentar a contradição inerente em que essa prática se baseia; a manutenção em condições restritas de criaturas acostumadas a vastos espaços... Mesmo os próprios padrões [para o alojamento de cetáceos cativos]", lamenta o professor Pilleri, "foram formulados tendo como base a ignorância humana".

### **desamparo impotente**

Ric O'Barry, que citei anteriormente, é um ex-treinador de golfinhos; de fato, é provavelmente o mais famoso treinador de golfinhos de todos os tempos, tendo sido responsável pelo treinamento dos golfinhos que atuaram na série de televisão de enorme sucesso *Flipper*. Houve um tempo em que O'Barry era a favor de manter golfinhos em cativeiro. De fato, quando ele trabalhava no Miami Seaquarium, ele não só treinou golfinhos como também participou da sua captura no mar.

Ric O'Barry não é hoje a mesma pessoa daquela época. Seu momento damasceno aconteceu em 1970, quando Cathy, um golfinho-fêmea que ele havia treinado para o programa de televisão, morreu nos seus braços. Ao olhar para Cathy morta na água, ele alcançou uma consciência animal ampliada. Ocorreu-lhe uma mudança de percepção. Ele viu o que os golfinhos são e o que estava fazendo com eles. Daquele momento em diante, a razão para Ric O'Barry estar no mundo passou a ser libertar todos os golfinhos do cativeiro.

O'Barry e sua mulher, Helene, encabeçam o Dolphin Project. Helene conhece de perto a realidade do treinamento desses cetáceos. Ela descreve a situação dos animais como de "desamparo impotente" porque eles "dependem totalmente de seus tratadores para serem alimentados. Quando os golfinhos famintos se rendem a comer peixe morto, o treinador lhes ensina que apenas se atuarem conforme ele deseja... é que receberão sua recompensa: um peixe. É assim que comportamentos anormais são reforçados nos golfinhos". Com esse tipo de poder, os treinadores podem induzir os comportamentos que o público pagante aprecia.

Citando Helene de novo (e na íntegra, por causa da importância do que ela escreve):

*Disfarçar o controle alimentar sob a comunicação é obviamente uma parte essencial do espetáculo do golfinho cativo. E é irônico como os truques que os golfinhos fazem seguindo códigos tornam-se, eles mesmos, a base mais convincente para a ilusão. Só alguns exemplos. Quando os golfinhos "andam" sobre sua*

cauda e "jogam" basquete, os espectadores, previsivelmente, interpretam o comportamento desses cetáceos como brincadeiras de quem adora se divertir. E quando os golfinhos "beijam" seus treinadores, aplaudem os próprios truques com suas barbatanas peitorais e movem ansiosamente a cabeça em sinal de sim para perguntas como "nós estamos nos divertindo?", eles ganham traços muito humanos, deixando o público com a falsa noção de que existe realmente uma linguagem comum entre os golfinhos e seus treinadores. Claro que, para os golfinhos que apresentam os números, o comportamento treinado não carrega outro significado senão o de ser a chave para se conseguir um peixe.

Falar em "ilusão", aqui, é correto. Esses animais não apreciam "jogar basquete". Eles não têm sequer a mais nebulosa idéia sobre o jogo. De fato, pensar o oposto contradiz um dos ensinamentos mais importantes do Sea World: "Quando estudamos o comportamento animal", seus treinadores avisam no *website* do Sea World, "*podemos talvez atribuir, erroneamente, características ou motivações humanas a eles.* [itálicos meus]. Atribuir características humanas aos animais chama-se antropomorfizar. Cuidado com essas suposições incorretas quando você observar o comportamento animal!". Mas de que outra forma as crianças e os adultos da platéia deveriam entender as "brincadeiras de quem adora se divertir" dos animais que apresentam os números, a não ser "*atribuindo características humanas*" a eles? Não é aí que está o verdadeiro objetivo do número, a razão para a ilusão? O sucesso da atuação contradiz as razões alegadas para que ela se realize.

É difícil dizer o que é mais degradante: os golfinhos cativos serem treinados para atuar como palhaços, as pessoas serem pagas para treiná-los para fazer isso, ou as pessoas que lucram com isso nos dizerem que aprenderemos algo importante sobre os golfinhos vendo-os bancar os palhaços. Até mesmo o melhor entre os melhores parques marinhos (os de beira-de-estrada e outras exibições de golfinhos, todos perfeitamente legais, são ainda piores) é uma prisão de concreto para esses animais, sentenciados a uma vida de privações disfarçada de "diversão". Essas prisões não se prestam a nenhum propósito educacional legítimo, nem a qualquer propósito conservacionista legítimo. O propósito a que se prestam é econômico. Como observa Jean-Michael Cousteau, parques marinhos não são nada mais do que "empreendimentos comerciais lucrativos – circos do mar".

## conclusão

Vários animais são treinados para realizarem variados "truques" ou "números" para fins de entretenimento. Este capítulo descreveu a situação de apenas uns poucos animais que atuam em circos e parques marinhos. Muita gente gosta de assistir a esses números, especialmente os pais e suas crianças. Esses animais nos fazem rir e às vezes gritar de surpresa e admiração. Você tem de se maravilhar com o que eles conseguem fazer e aplaudir a habilidade de seus treinadores. Para a maioria das pessoas, é difícil ver o que poderia haver de errado com isso.

Tendo já feito parte da "maioria das pessoas", eu compreendo esse ponto de vista. Sem uma mudança de percepção, a maioria de nós nunca vai ver nada de errado com os animais que apresentam números. Como poderíamos? Se achamos que circos e parques marinhos são lugares para leões, tigres, elefantes e golfinhos, como podemos ver qualquer coisa de errado quando eles *apresentam números*? Por qual outro motivo eles estariam ali?

Nós, defensores dos direitos animais, não vemos as coisas dessa forma. Nossa percepção é enxergar os animais selvagens como selvagens, e não como artistas. Em primeiro lugar, eles nunca deveriam estar em circos ou parques marinhos. Treiná-los para fazer vários "truques" só aumenta o dano que lhes causamos. Os direitos animais nunca devem ser violados para que algumas pessoas possam se divertir, ou para que outras possam ganhar um bom dinheiro com isso. Os benefícios que nós humanos podemos ter – sejam poucos, muitos, ou cada vez maiores – nunca justificam a transformação de animais em artistas. Do ponto de vista dos DDAs, somente quando todas as jaulas e todos os tanques estiverem vazios – somente quando todos os animais que "apresentam números" estiverem livres – é que haverá justiça. Nós realmente somos extremistas quanto a esse problema.

De Boulder ao Brasil, algumas pessoas estão tomando providências para proibir números de animais selvagens ou exóticos. O mesmo tipo de processo está em andamento com relação aos espetáculos de mamíferos marinhos cativos. A gente boa da Inglaterra é um modelo para o resto de nós, neste aspecto e em tantos outros. Essa gente ficou tão desencantada com parques marinhos que parou de frequentá-los. Simplesmente parou de ir. Verdadeiros terroristas dos direitos animais, os britânicos. O resultado? Coletivamente, eles fecharam todos os parques marinhos ingleses.

E depois há as pessoas boas da Carolina do Sul. O legislativo de lá teve a visão e a coragem (apesar de a área estar localizada na costa

atlântica, com todas as possibilidades lucrativas que isso acarreta) de aprovar uma lei que proíbe todas as exibições de baleias e golfinhos em qualquer parte do "Palmetto State" ["Estado das Palmeiras"].

Quando uma mudança abolicionista dramática se concretiza em lugares tão diferentes, com tantas heranças distintas, e usando tão variadas abordagens, nós só podemos acreditar que, com a combinação certa de boa estratégia e trabalho duro, os defensores dos direitos animais podem produzir mudanças semelhantes em qualquer parte do mundo.

## NOTAS

### limitações de espaço

Informações sobre a rotina diária e a estrutura social de leões, tigres e elefantes podem ser encontradas (por exemplo) no site [www.oaklandzoo.org/atoz/atoz.html](http://www.oaklandzoo.org/atoz/atoz.html).

As frases são de Ernest Albrecht, *The New American Circus* (Gainesville: University of Florida, 1995), 207, 218.

### perda da estrutura social

Earl Chapin May, *The Circus from Rome to Ringling* (New York: Dover Publications, 1932), 109.

### sem sofrimento, não há treinamento

Clyde Beatty é citado no livro de Wilton Eckley, *The American Circus* (Boston: Twayne Publishers, 1984), 75.

### "não toque neles! machuque-os!"

Carson and Barnes [www.carsonbarnescircus.com/](http://www.carsonbarnescircus.com/).

People for the Ethical Treatment of Animals (PETA) [www.peta.org/](http://www.peta.org/).

Um resumo da entrevista de Bárbara Byrd para a Associated Press pode ser encontrado no site [www.impactpress.com/articles/junjul02/circus6702.html](http://www.impactpress.com/articles/junjul02/circus6702.html).

Informações sobre o processo de David A. Creech podem ser encontradas na edição de 19 de outubro de 2002 do *The Virginian-Pilot*. "Circus Trainer Convicted, Fined for Cruelty to Elephant", por Matthew Roy.

### ilusões legais

O testemunho de Peggy Larson foi apresentado ao Corpo de Supervisores, condado de Riverside, Califórnia no dia 1 de maio de 2000. Está disponível no site [www.api4animals.org/doc.asp?ID+806](http://www.api4animals.org/doc.asp?ID+806).

O número de 100 inspetores do APHIS é dado por Michael Satchell no artigo "Cruel and Unusual", *US News*, 5 de agosto de 2002, 31.

### "visões radicais"

Ringling Brothers and Barnum & Bailey Circus [www.ringling.com/](http://www.ringling.com/).

### "circos com animais? estou fora!"

Alan Slifka é citado no *The New American Circus*, 206.

*The Boston Herald*, 26 de julho de 2002. Citado no People for the Ethical Treatment of Animals, "State of the Circus", [www.circuses.com](http://www.circuses.com).

Melissa Draper escreveu a história sobre a apresentação do Cirque du Soleil em Raleigh no *The News and Observer*, 17 de janeiro de 2003.

### exibições de mamíferos marinhos

Sea World-San Diego [www.buschgardens.com/seaworld/ca/](http://www.buschgardens.com/seaworld/ca/).

Dave Barry, "Theme Park Fever: You'll Know When You Go", *The News and Observer*, Raleigh, N.C., 4 de abril de 2003.

Informações gerais sobre os golfinhos podem ser encontradas no site do Dolphin Project [www.dolphinproject.org/](http://www.dolphinproject.org/).

A frase de Giorgio Pilleri pode ser encontrada no livro de William Johnson, *The Rose Tinted Menagerie* (London: Heretic Books, 1990), 168.

A frase de Jean-Michael Cousteau pode ser encontrada no site do Dolphin Project.

## capítulo 9

# TRANSFORMANDO ANIMAIS EM COMPETIDORES

Ninguém sabe a data exata em que um ser humano se entregou pela primeira vez a uma atividade envolvendo animais e a chamou de "esporte". Nós bem sabemos que as Olimpíadas, nos idos de 680 a.C., apresentavam corridas de carroças e que as tribos nômade da Ásia Central tinham corridas de cavalos já em 4500 a.C. Mas quando e como os humanos começaram a usar animais nos esportes, em competições humanas ou como competidores, é uma informação que permanece desconhecida.

Seja lá quando isso tenha começado, o fato é que hoje centenas de milhões de animais são explorados nos esportes. Que a maioria desses animais se machuque ou morra parece não incomodar os esportistas participantes. É verdade que, como veremos, os esportistas estão ávidos para falar sobre "bem-estar animal" e sua responsabilidade de tratar os animais "humanitariamente". A seriedade dessa preocupação pode ser medida com justeza, penso eu, perguntando-se quando foi que os participantes de qualquer esporte pararam ou mudaram o que estavam fazendo por causa de considerações com o bem-estar animal. A resposta diz muito sobre a profundidade e a sinceridade da

sua professada consideração. Até onde eu saiba (e estou pronto para ser corrigido, se estiver errado), a resposta é uma só palavra: nunca.

Como acontece com outras formas de exploração animal, a história completa da violação dos direitos animais em nome do esporte não pode ser contada nestas páginas. Nossa conversa pode constituir-se de apenas umas poucas sentenças de uns poucos capítulos de uma história muito maior. Mesmo assim, os esportes discutidos (caça, rodeio e corrida de galgos) são representativos e deverão ajudar a explicar porque os defensores dos direitos animais são extremistas quando se trata de transformar animais em competidores, em um esporte ou em outro, de uma forma ou de outra. Os defensores dos direitos animais são realmente contra isso, o tempo todo.

### **caça**

Gente que caça por esporte é uma raça em extinção. Hoje, menos de 5 por cento dos americanos têm licença para caçar. Esse número é a metade do das pessoas que compravam licenças não faz muito tempo (na década de 1970), e significativamente menor que o das pessoas que caçavam na época em que eu invejava os meninos mais velhos da minha vizinhança porque eles podiam praticar esse "esporte". Ainda assim, a caça esportiva continua sendo um grande negócio. A ONG Fund for Animals estimou que, no ano 2000, a despesa total com todos os custos (armas, munição, roupas, etc.) foi de 21 bilhões de dólares. Dinheiro nessas proporções se traduz em uma grande quantidade de animais mortos. A Fund for Animals avalia em 134 milhões o número de animais mortos anualmente, apenas nos Estados Unidos, incluindo 35 milhões de pombos selvagens, 13 milhões de coelhos, 26,5 milhões de esquilos, 12 milhões de codornizes, 7 milhões de faisões e 16,5 milhões de patos.

Enquanto aqueles que caçam por esporte querem sempre restringir o "debate sobre a caça" à caça ao veado (a Fund for Animals diz que o total de vedados mortos é de seis milhões), a vasta maioria dos animais que eles matam não é parente do Bambi. Espécies regulamentadas (animais selvagens que só podem ser mortos em determinada época) incluem aves aquáticas, pombos selvagens, e pássaros do planalto e regiões montanhosas. Espécies não regulamentadas (animais selvagens que podem ser mortos em qualquer época e em qualquer quantidade) incluem coiotes, porcos-espinhos, corvos e marmotas.

Uma razão pela qual a popularidade da caça esportiva está declinando é simples: a maioria de nós não consegue ver onde é que está

o esporte nisso. Tradicionalmente, a caça por esporte é defendida com fundamento na perseguição justa. Imaginemos os corajosos caçadores de hoje, armados com seus conhecimentos e habilidades superiores, lá no mato, passando a perna nas suas presas, num cenário que oferece aos animais (que estão munidos de seus conhecimentos e suas habilidades) ampla oportunidade para escapar. Não importa que os caçadores de hoje estejam paramentados com armamentos e tecnologia que valem centenas ou milhares de dólares – dispositivos que emitem sons imitando a voz de perus, veados, sapos ou alces; gel com odor de corça para atrair veados; gel com odor de antílope-fêmea para atrair o macho; roupas com bloqueador de odor humano; um aparelho GPS V marca Garmin com configuração horizontal ou vertical e avançadas capacidades de roteamento; ou (meu favorito) o sistema tridimensional de camuflagem *Shaggie* (vendido pelo Rancho Safari, [www.ranchosafari.com](http://www.ranchosafari.com)). É difícil entender como embrenhar-se na floresta vestindo um *Shaggie* não faz você levar um tiro. Quanto aos ferozes gansos, patos, esquilos, pombos selvagens, veados e outros animais: com que eles estão armados? Só com seus sentidos. Mesmo assim, eles têm muitos meios para escapar, razão pela qual tentar matá-los é um esporte.

### **reducionismo humpty dumpty**

Pensar que o fato de os animais terem meios de escapar torna sua caça um esporte distorce a realidade, em vez de descrevê-la. Como diz Humpty Dumpty, as pessoas podem dizer que as palavras significam qualquer coisa que elas quiserem que signifiquem.

O que "esporte" significa não é exceção. "Perseguição justa" por si só não constitui um esporte. Não importa o que os caçadores digam em contrário (e o mesmo se aplica àqueles que se referem a pescarias, rodeios e corridas de cavalos ou galgos como "esportes"), participar de um esporte no seu verdadeiro sentido requer uma participação voluntária por parte daqueles que competem. É por isso que beisebol, futebol e golfe são esportes, e é por isso que (em parte) o banho de sangue dos cristãos no Coliseu não era.

A caça esportiva não é como o beisebol, o futebol e o golfe. É como os "jogos" de Roma. Os cristãos que foram forçados a enfrentar os leões no Coliseu não se ofereceram para competir num episódio do *Survivor*. Os milhões de animais que são mortos anualmente por caçadores na América também não. Chame isso de "caça recreativa" se quiser, mas caça "esportiva" não é esporte.

### **caça "humanitária"**

Os caçadores não gostam de ser tidos como cruéis. Ao contrário, eles se vêem entre as pessoas mais humanitárias do mundo. Ann S. Causey explica por quê:

*Devido ao sério respeito que tem por sua presa, o caçador esportivo genuíno em geral é altamente sensível à dor e ao sofrimento do animal, e faz todos os esforços para minimizá-los. O armamento apropriado e o treinamento de caça podem minimizar o trauma do animal. Levando em conta todo o humanitarismo envolvido, uma vida livre do confinamento, com uma morte rápida pelas mãos de um caçador esportivo habilidoso, é melhor do que qualquer coisa que a indústria da criação de animais pode oferecer e certamente é melhor do que a maior parte das cenas de morte que a Mãe Natureza dirige.*

É isso aí. Gente que estoura o cérebro de um esquilo ou de um coiote é um modelo de humanitarismo, exibindo sua clemência, compaixão, simpatia, consideração e bondade. Pelo menos eles se saem melhor, nesses aspectos, do que os granjeiros industriais, sem falar nos outros exploradores de animais.

Comparações como essa não provam nada. Caçadores não demonstram seu humanitarismo mostrando que outras pessoas tratam os animais de um modo pior do que eles. Logicamente falando, o que Causey diz é inteiramente comparável a dizer que estupradores que atacam apenas mulheres inconscientes (e assim são "sensíveis à dor e ao sofrimento da sua vítima", fazendo o que podem para "minimizar o trauma") são "mais humanitários" do que estupradores que gostam de ferir suas vítimas. Qualquer pessoa acharia a expressão "estuprador humanitário" uma cruel contradição. Os defensores da caça esportiva como Causey não oferecem razão para pensarmos que "caça humanitária" seja diferente.

### **caçadores colecionadores**

No topo da tabela dos "caçadores humanitários" estão os chamados caçadores colecionadores. Eles colecionam as cabeças dos animais mortos da mesma forma que outras pessoas colecionam selos ou revistas de história em quadrinhos. Caçadores diferentes tentam completar coleções diferentes. A coleção dos "Big Five" [cinco maiores animais africanos] inclui o leopardo, o leão, o elefante, o rinoceronte e o búfalo do Cabo. A "Artic Grand Slam" [grandes vencedores do

Ártico] consiste do caribu, o boi almiscarado, o urso polar e a morsa. Durante a maior parte do século XX, a morsa era uma espécie protegida. Isso mudou em 1994; desde então, uma onda cada vez maior de caçadores colecionadores se dispõe a pagar entre 6 mil e 6.500 dólares pelo privilégio de completar sua "Artic Grand Slam".

O repórter C. J. Chivers, do *New York Times*, descreve uma dessas caçadas, praticada por Peter Studwell, um homem de negócios bem-sucedido de Connecticut. Guias esquimós escoltaram Studwell pelo gelo, até onde estava um par de morsas. Os homens se aproximaram e as morsas os encararam mais como uma curiosidade do que como uma ameaça. Quando estavam a quatro metros e meio dos animais, o guia-líder disse a Studwell que atirasse. Studwell atirou. O animal foi morto com um único tiro.

Segundo Studwell, ele matou 45 espécies diferentes de animais, incluindo 11 ursos, 13 alces, 6 caribus, 2 bois almiscarados, um bisão, um puma e talvez uns 300 veados. As paredes da sua sala exibem 147 de seus troféus. A morsa vai completar 148. Studwell não poderia estar mais orgulhoso. "É a maior coisa que eu já matei", disse. "Ou ela ou o bisão".

Sempre a observar as coisas, Chivers coloca a caça de Studwell em perspectiva. "É uma conquista que não surpreende, considerando que a caça à morsa, sob a supervisão esquimó, equivale a fazer uma longa viagem de barco para atirar em um pufe bem grande". Exceto, é claro, que pufes não estão vivos e não podem ser mortos "por esporte".

### "caça cercada"

Relativamente poucos caçadores (menos de mil, estima Chivers) acrescentaram uma morsa à sua "Artic Grand Slam". Muitos mais (ninguém sabe o número exato) participam entusiasticamente de uma ainda menos exigente irmã do "tiro aos pufes bem grandes".

Estimativas dão como cerca de mil o número de estabelecimentos que oferecem caças cercadas nos Estados Unidos. Encontradas na maioria dos estados (só catorze as proíbem), esses estabelecimentos são freqüentemente anunciados como "áreas preservadas para caça".

Os animais "caçados" nas caças cercadas incluem os antílopes da Ásia e da África, os bisões, os ursos, as zebras e os alces. Esses animais, muitos dos quais foram criados por humanos e passaram a confiar em nós, ficam confinados em terrenos cercados. Depois de decidir qual animal matar, os clientes vão a pé ou são levados de carro até o local apropriado. Eles vão se aproximando e os animais não se perturbam: é só mais um visitante humano... Mas em seguida os caçadores apontam suas armas e matam suas presas.

"Perseguição justa" é pura ficção, aqui. A caça cercada é como atirar em peixes que estão dentro de um barril; foi criada para a conveniência dos caçadores "esportivos" que querem um troféu para o seu gabinete, mas não querem investir tempo ou trabalho em se embrenhar nas matas para consegui-lo. O que vem a seguir é a descrição de uma caça cercada que foi gravada em vídeo por investigadores secretos da Sociedade Humanitária dos Estados Unidos (HSUS):

*O carneiro da Córsega parou de repente, levantou a cabeça para farejar o ar e tentou observar através da folhagem. O caçador, camuflado da cabeça aos pés, ergueu, lentamente, até os ombros, uma moderna maravilha tecnológica em alavancas, rodas e roldanas, e soltou sua flecha. Ao som agudo da corda do arco, o carneiro virou a cabeça – exatamente quando a lâmina afiada rasgou seu flanco esquerdo. Soltando um berro de dor e terror, ele investiu contra a cerca de arame que o mantinha cativo. O caçador, a não mais do que dezoito metros dele, recarregou o arco e flechou. Outro golpe no flanco e outro berro, enquanto, mais uma vez, o carneiro se arremessava contra a cerca. Uma terceira flecha atingiu-o de lado; uma quarta, nas costas. O caçador estava deliberadamente mirando fora da cabeça e dos ombros para evitar qualquer risco de estragar seu troféu. "Se você cair", ele gritou ao carneiro, "caia direito. Não quero que você entorte a minha flecha". O animal morria lentamente contra a base da cerca. Depois de seis flechas, o guia livrou, com uma bala, aquele ser condenado da sua agonia.*

A 350 dólares por animal, os carneiros da Córsega estão entre as escolhas mais baratas. Abater um rinoceronte, por exemplo, custa 20 mil dólares. E isso não inclui o custo com viagem, acomodações, refeições e os serviços de um taxidermista.

### **"os animais vêm de onde?"**

De onde vêm esses animais? Afinal de contas, antílopes e rinocerontes africanos não são exatamente nativos dos Estados Unidos. Como é que eles vão parar em "áreas preservadas para caça" do Texas, digamos? Bem, às vezes eles vêm de criadores privados, que estão no ramo do suprimento de animais-troféus, e que têm muito pouco a dizer sobre o "bem-estar animal" e o "manejo humanitário e responsável". Mas às vezes os animais-troféus vêm de dois dos mais ostensivos defensores desses valores. Refiro-me aos circos e zoológicos, incluindo alguns dos mais conhecidos.

O papel representado pelos zoológicos é especialmente instrutivo. Os melhores zoológicos do país pertencem à Associação Americana de Zoológicos e Aquários (AZA), que tem por escrito um programa de ação que proíbe, explicitamente, a venda direta dos animais de zoológicos "excedentes" (que nasceram num zoológico, mas para os quais não há lugar). Entretanto, nada impede que os zoológicos vendam seus animais excedentes a negociantes de animais, que por sua vez os vendem a estabelecimentos de caça cercada. Depois de uma investigação que durou dois anos, o *San Jose Mercury News* descobriu que "dos 19.361 mamíferos que deixaram os zoológicos reconhecidos do país, de 1992 até meados de 1998, 7.420 – ou 38 por cento – foram parar nas mãos de negociantes, leilões, fazendas de caça, indivíduos não identificados, zoológicos não reconhecidos ou fazendas de caça". É notável que muitos dos "animais-troféus" (gazelas, zebras e mesmo rinocerontes) que atraem os adeptos "humanitários" das caças cercadas já tenham morado em circos ou zoológicos. A hipocrisia dos administradores dos zoológicos (e dos circos) é tão vergonhosa que não dá para ser expressa com palavras.

### **caçadores "verdadeiros"**

Alguns caçadores (eles se têm como os "verdadeiros") repudiam a caça enlatada e a caça de lista como a de Studwell. Atirar num animal enjaulado ou numa morsa cochilando sobre o gelo está tão longe da caça verdadeira quanto comprar salmão no balcão de peixe está da verdadeira pescaria. É difícil achar defeito nessa lógica. Nesse ponto, os caçadores "verdadeiros" estão certos. Eles erram é ao pensarem que o que fazem seja um esporte. Pelo menos é aqui que eles erram conceitualmente: não há esporte verdadeiro onde não haja voluntários.

Os caçadores "verdadeiros" não apenas acreditam que têm o direito de caçar; eles acreditam que caçar esteja certo. Por quê? Caçadores "verdadeiros" não são nem um pouquinho reticentes quando se trata de justificar o que fazem. Ao contrário, eles obviamente sentem uma necessidade de se explicar, e deveriam mesmo. Examinando bem as coisas, acredito que podemos entender melhor suas tentativas de se justificar se as encarmos como mais um monte de histórias entre tantos pedaços de ficção que eles contam uns aos outros e a nós, enquanto a realidade pura e simples nunca é mencionada. Podemos ouvir apenas algumas das histórias mais importantes aqui. (De outras, trato mais do que adequadamente nos recursos *online* disponíveis em <http://tomregan-animalrights.com/resources.html>).

1. *"Meus genes me obrigaram a fazer isso."*

"A razão pela qual os humanos caçam é genética. É a natureza humana. Matar outros animais é parte do que é ser humano". Provavelmente todo mundo já ouviu essa explicação, alguma vez. Se os únicos caçadores que contam essa lorota fossem tipos do mato como aqueles que Burt Reynolds encontra no filme *Amargo Pesadelo (Deliverance)*, talvez pudéssemos deixar isso para lá. Todavia, o fato é que os pesos pesados intelectuais da caça esportiva (Aldo Leopold, Ortega y Gasset, Ted Nugent) apóiam esse modo de pensar.

Pensem em Leopold, um influente perito em reflorestamento, famoso pelo seu *A Sand County Almanac*. Por ele, nós acreditaríamos que "a febre da caça é própria da raça". Ortega y Gasset vai mais longe, ao declarar que o desejo de caçar "é um anseio profundo, permanente na condição humana", algo que está "enraizado em todas as fibras da raça humana".

Só há um problema com essa hipótese genética. A evidência é fortemente contra ela. Como explicar os 95 por cento dos americanos (e as estatísticas comparáveis a essa, para muitos outros países) que não caçam? Será que estamos ignorando um gene, em algum lugar? Em particular, será que nós, os defensores dos direitos animais, estamos reprimindo nosso ímpeto natural de matar animais toda vez que vamos à caça de uma salada, no restaurante? É difícil levar a sério essa idéia. Gente que caça não pode colocar a culpa nos seus genes.

2. *"O amor me obrigou a fazer isso."*

Outra justificativa a favor da caça tem nuances orgiásticas. Ortega realmente escreve nesses termos. O sangue (de preferência o dos outros) tem um "poder orgiástico sem igual". Aqueles que substituem a caça pela fotografia da natureza, segundo Ortega, talvez também substituam o amor verdadeiro pelo platônico. Como declara Randall Eaton (um estridente defensor da caça esportiva), "o sentimento do caçador pela sua presa é de profunda paixão [e] êxtase... O caçador ama o animal que ele mata".

Há alguma coisa errada aqui. Eu amo Nancy e meus filhos. Sou feliz em dizer que eles também me amam. Ainda assim, não temos a prática de tentar matar uns aos outros. Quanto a isso, não posso crer que a família Regan seja uma exceção. De jeito nenhum. É claro que existem casos trágicos em que, devido a uma psicopatologia estranha, esse tipo de coisa acontece; por exemplo, uma mulher afoga seus filhos porque, diz ela, "eu os amava tanto". Mas todo mundo reconhece essas ocorrências como aquilo que elas são: aberrações trágicas envolvendo

peessoas que não compreendem as próprias ações. Por que pensar diferente, quando caçadores esportivos nos dizem que amam os animais mortos que estão na carroceria de suas caminhonetes? Por quê?

### 3. "É uma coisa espiritual."

Muitos são os louvores espirituais escritos para celebrar a caça. Ao matarmos animais, havemos de acreditar, uma porta se abre para o divino. Nas palavras de David Petersen, caçar "é a coisa mais próxima de uma experiência espiritual que eu já conheci". James A. Swan descreve a situação com mais detalhes. "Qualquer um pode dizer que um animal é especial ou mesmo sagrado. Mas uma coisa pode tornar-se verdadeiramente sagrada apenas se alguém souber, do fundo do coração, que esse objeto ou essa criatura pode, de algum modo, servir como um condutor para um campo de existência que transcenda o temporal". É para isso que servem animais selvagens mortos: servem como (ou pelos menos podem servir como) um "condutor [para o caçador] para um campo de existência que transcenda o temporal".

É difícil saber o que dizer sobre essas reflexões. Jim Motavalli, editor da *E Magazine*, apenas balança a cabeça quando escuta (estas são palavras dele) "essa patacoada espiritual". Talvez isto seja tudo que precise ser dito, tudo que deveria ser dito. Mas talvez valha a pena tentar traçar uma analogia para se chegar a uma conclusão lógica. Então suponhamos que alguém dissesse o seguinte: "Qualquer um pode dizer que um *ser humano* é especial ou mesmo sagrado. Mas uma coisa se torna verdadeiramente sagrada apenas se alguém souber, do fundo do coração, que esse objeto ou essa criatura pode, de algum modo, servir como um condutor para um campo de existência que transcenda o temporal".

Se adotarmos um certo modo de ver o mundo, será difícil discordar de algumas das coisas ditas aqui. Não há razão para se pensar que seja impossível que os humanos possam ser "especiais ou mesmo sagrados". Mas se, logo em seguida, nos disserem que *matar seres humanos* pode servir como "um condutor para um campo de existência que transcenda o temporal", todos nós (espero!) vamos objetar. Nós não justificamos matar uns aos outros porque fazer isso seja uma fonte de elevação espiritual. Mas (e aqui chegamos à conclusão lógica) se matar humanos por razões "espirituais" é errado, como pode ser certo matar animais selvagens por razões do mesmo tipo? Aqueles que baseiam sua ética da caça em coisas espirituais têm muito que explicar.

#### 4. "Nós estamos lhes fazendo um favor."

Uma das histórias que os caçadores mais gostam de contar pinta-os como os melhores amigos que um animal selvagem morto jamais teve. O enredo é o seguinte. O inverno é muito duro com os animais. Muitos vão morrer, ou por causa dos fenômenos atmosféricos ou por causa da fome; ambos são modos lentos e agonizantes de retornar à terra. Felizmente para os animais, os caçadores estão à mão e ávidos por ajudar. Os animais baleados por atiradores peritos são os mais sortudos. Eles morrem rapidamente, sem sentir nada. Quando se trata de ser humanitário, de promover o bem-estar animal, é difícil fazer muito melhor que isso.

"Hipocrisia" é a melhor coisa que pode ser dita sobre essa história, conforme explicam as razões a seguir. Primeiro, a grande maioria dos animais mortos por caçadores não pertence a espécies que estejam com a perspectiva de congelar ou morrer de fome durante o inverno: inclui os 50 milhões de pombos selvagens, os 25 milhões de coelhos e esquilos, as 25 milhões de codornizes, os 20 milhões de faisões e os 10 milhões de patos, para citar apenas alguns dos exemplos mais óbvios.

Segundo, entre os animais que de fato estão diante daquela perspectiva, quem corre mais risco são os jovens, os velhos, os doentes e os defeituosos. Terceiro, se os caçadores estivessem sendo sinceros ao dizer que matando animais eles estão tentando evitar que morram em agonia, então os animais que eles matariam seriam... os jovens, os velhos, os doentes e os defeituosos. Mas, quarto: esses são precisamente aqueles que os caçadores *não* querem trazer para casa depois de um dia de caça. Os animais que eles querem trazer para casa são os maiores e mais saudáveis, exatamente aqueles com a melhor chance de sobreviver no inverno. Portanto, sim, "hipocrisia" é a melhor coisa que pode ser dita sobre essa história.

#### 5. "É divertido!"

Por baixo de toda essa conversa a respeito de amor e espiritualidade, há um fato simples e indisputável. Quem caça por esporte curte caçar. Essas pessoas gostam de se embrenhar na floresta, de ficar sentadas durante horas, de tocaia, sob as árvores, ou de olhar o vapor da sua respiração contra o ar gelado, à espreita de patos. Além disso, é divertido sair com os caras ou as minas, em comunhão com a natureza. Tudo isso é verdade, sem dúvida. Mas assim que a poeira retórica assenta, o grande "barato" para o caçador esportivo é o ato de matar. Quem duvidar, que dê uma olhada em qualquer revista sobre caça

numa banca de jornal. Os caçadores retratados naquelas páginas, exibindo seus produtos mortos, sorrindo de orelha a orelha, não poderiam estar mais felizes. Se lhes pedíssemos que posassem com pufes, não seria a mesma coisa.

Aqui, acho eu, está a verdadeira explicação do porquê os caçadores caçam. *A mera possibilidade de matar animais* é excitante. Um estudo conduzido no Hospital William Beaumont de Michigan descobriu que "o batimento cardíaco de alguns caçadores quase dobrou à visão de um veado, embora eles [os caçadores] estivessem parados". Imagine a onda de prazer que eles devem sentir quando realmente matam (e não apenas vêem) um animal – algo que, se você parar para pensar, é uma coisa bem horrível de se dizer sobre si mesmo. Imagine dizer: "Sim, estou planejando me divertir à beça este fim de semana matando uns animais!" Talvez haja alguns caçadores que não tenham problema em dizer isso, mas meu palpite é que a maioria tem. É por isso que eles contam as histórias que contam, sobre porque caçar está nos genes ou porque animais deveriam ficar agradecidos quando os caçadores são suficientemente bondosos para lhes estourar os miolos. As histórias funcionam para desviar a atenção da verdade. Ter prazer em matar alguém não é algo de que humano algum possa se orgulhar. Quem dentre nós gostaria de insistir na frase "Pode me chamar de qualquer coisa, mas não se atreva a me chamar de humanitário!"?

### **"que venham os vândalos!"**

Organizações favoráveis à caça, como a Associação Nacional do Rifle (NRA), não ficam nada felizes toda vez que os DDAs antiamericanos e inclinados à violência se enfezam com a caça. A resposta da NRA é previsível. "A nossa herança da caça está sob o ataque de pessoas desinformadas e desencaminhadas que querem impor seus valores à sociedade de qualquer maneira. Os ativistas anticaça atacam a caça por meio de campanhas publicitárias enganosas, programas educacionais disfarçados nas escolas, acossamento físico de esportistas respeitadores da lei e vandalismo contra propriedade privada."

Espero que esteja claro que a NRA não consegue tratar da mensagem dos direitos animais e, em vez disso, recorre à tão familiar tática de atacar o mensageiro dos direitos animais. Embora falte lógica a essa tática, não lhe falta poder. Na política americana, a NRA é o rabo que balança o cachorro. Nós DDAs entendemos isso. Sabemos da influência que o dinheiro pode comprar. Mas também acreditamos que a grande maioria dos americanos pensará muito além das coisas negativas que os outros falam sobre nós. Tudo que nós queremos, no

presente contexto, é a chance de ter uma conversa, de raciocinar em conjunto. Nem mesmo a NRA pode evitar que isso aconteça.

Em um artigo do *New York Times* sobre a caça à morsa, C. J. Chivers conta ter ouvido um jovem guia esquimó dizer a outro: "Às vezes eu não sei por que eles chamam isso de caçar por esporte. Nós os levamos e eles ficam lá sentados. Nós encontramos a morsa para eles, nós os guiamos até ela e lhes dizemos quando atirar. Nós a esquitejamos e a carregamos até o barco. Daí eles chegam à costa e dizem: "Eu peguei uma! Eu peguei uma!"

Há sabedoria nessas palavras. Nessa caça não há esporte. Nem em nenhuma outra. Hoje eu compreendo porque nunca deveria ter invejado os meninos mais velhos da minha vizinhança, aqueles que conseguiam ir caçar. Quando meus pais diziam não, eles estavam me educando direito.

## rodeio

A Associação dos Peões Profissionais de Rodeio dos Estados Unidos (PRCA) se coloca a favor do bem-estar animal e contra os direitos animais. A filosofia dos direitos animais diz que devemos parar de usar animais em rodeios e muito mais. A PRCA não quer nada disso. Ao contrário, a filosofia do bem-estar animal está "baseada em princípios de cuidado e uso humanitários. As organizações [como a PRCA] que apóiam os princípios do bem-estar animal buscam melhorar o tratamento e o bem-estar dos animais. Apoiar as premissas do bem-estar animal significa acreditar que os humanos têm o direito de usar os animais, mas junto com esse direito vem a responsabilidade de lhes oferecer manejo e tratamento apropriados e humanitários". A PRCA apresenta-se como quem faz tudo isso e algo mais. Ela não apenas tem regras estritas para o bem-estar animal, como também exige que um veterinário esteja presente em todas os torneios que ela patrocina.

Os torneios patrocinados pela PRCA são apenas a ponta do *iceberg* do rodeio. Dos estimados cinco mil rodeios realizados a cada ano nos Estados Unidos, 85 por cento não são patrocinados pela PRCA; para estes rodeios, as regras da PRCA não se aplicam, e não se exige nenhum veterinário no local. Mesmo que fosse verdade que os rodeios associados à PRCA são inatacáveis, isso não significaria que a esmagadora maioria dos rodeios também o sejam.

O rodeio é tido como "esporte", e alega-se que os "torneios" opõem a coragem e a habilidade dos competidores humanos (quase sempre homens) à força e à velocidade dos animais. Dinheiro e outros

prêmios são dados aos que conseguem mais pontos nos eventos individuais ou no conjunto de eventos. A popularidade dos rodeios está aumentando. Mais de vinte e cinco milhões de pessoas assistiram a rodeios em 2003. A Wrangler, o "outro" fabricante de jeans, foi a empresa patrocinadora dos campeonatos nacionais de 2002. Outros grandes patrocinadores incluem a cerveja Coors, os caminhões Dodge e o uísque Jack Daniels. Os campeonatos nacionais vêm sendo transmitidos ao país inteiro pela ESPN desde 2001.

O rodeio é menos "esporte" ainda do que a caça esportiva. Na maior parte do tempo, os animais perseguidos por caçadores pelo menos têm alguma oportunidade de escapar. Já os bezerros e touros (e às vezes os cavalos) usados nos rodeios não têm chance. Os únicos meios de esses animais escaparem são a morte na arena ou o transporte para o abatedouro.

### **"por que aqueles cavalos dão pinotes?"**

Montar um cavalo xucro e selado é o evento "clássico" do rodeio, um que, conforme a PRCA, remonta aos tempos em que vaqueiros competiam entre si para ver quem exibia o melhor estilo de montar cavalos não domados. Hoje exige-se que os peões esporeiem seus cavalos, e eles ganham pontos conforme a sua habilidade para isso. Outros fatores em competição são o tempo em que os peões permanecem sobre o animal, o controle que exercem sobre ele e o esforço que o animal faz. De fato, 50 por cento dos possíveis pontos são dados com base na violência com que o cavalo (ou o touro) dá os pinotes. Compreensivelmente, os competidores e mesmo os organizadores podem ir bastante longe no intuito de encorajar pinotes.

Os cavalos que atuam nesses torneios não são "xucros" (ou *não domados*). Veteranos, eles são arrastados de espetáculo em espetáculo. Se deixados só com seus próprios recursos, eles não têm muito que pinotear. Esse comportamento é induzido por meio de uma variedade de intervenções humanas, incluindo o uso de cutucões elétricos, administrados assim que o cavalo é solto do cercado para o ringue, e a forte pressão de uma correia de couro que aperta seu flanco, presa por trás das costelas, onde não há proteção para essa região do corpo. A correia fica apertada perto dos intestinos grosso e delgado e de outros órgãos vitais, e alguns críticos dizem que ela belisca a virilha e os órgãos genitais.

Peggy Larson, médica veterinária de animais de grande porte, e que já participou de rodeios montando, em pêlo, cavalos não domados, acha que a dor é causada, na maior parte, pelo esporeamento. "É uma

enganação da PRCA exigir que as esporas estejam cegas... de modo que o cavalo não seja cortado. O problema não é o corte. O dano ao tecido é causado pelo ferimento cego repetitivo. Normalmente o cavalo é esporeado para dar pinotes de novo, antes que as contusões tenham sarado, então o dano é cumulativo. O bom senso diz que quando o aço encontra a carne, quem sai perdendo é a carne."

Então, por que os cavalos dão pinotes? Porque eles sentem medo e dor. Por que alguns dão mais pinotes do que outros? Porque eles estão mais amedrontados e sentindo mais dor. É esta a lógica perversa do "esporte" que dá pontos em proporção direta à intensidade do medo e da dor de um cavalo.

### laçando bebês

Além dos eventos que envolvem montar, outros pilares do rodeio são o laço de bezerro e a *steer wrestling* ["luta livre com um novilho"]\*. A PRCA novamente traça a origem do laço de bezerro ao Velho Oeste, quando caubóis laçavam bezerros que precisavam de cuidados veterinários.

O laço de bezerro não dura muito. Assim que se solta o bezerro na arena com uma vantagem inicial, cavalo e peão arrancam fogueiramente em sua perseguição. Uma vez laçado, o animal primeiro tem de ficar em pé, depois tem de ser derrubado no chão e em seguida tem de ter quaisquer três de suas pernas amarradas. Assim que isso se completa, o peão ergue as mãos, monta seu cavalo, e a corda fica frouxa. Se o bezerro ficar livre antes que se passem seis segundos, a operação não valeu. Os participantes empregam horas de treino para se aprimorar – e aprimorar-se significa repetir a mesma coisa muitas e muitas vezes, geralmente com o mesmo bezerro, fora do alcance de qualquer lei.

Como os outros animais usados em rodeios, os bezerros não têm voz no processo. Eles *vão* atuar, quer queiram, quer não. E eles *vão* ser submetidos às mesmas táticas de medo e dor (uma torção de rabo aqui, um cutucão elétrico ali) que outros animais. No caso dos bezerros, entretanto, existe um tipo especial de insulto.

Bezerros podem atingir velocidades de até quarenta e oito quilômetros por hora, antes de serem laçados; freqüentemente sofrem solavancos para trás e são atirados com força contra o chão. (Embora esse resultado seja tecnicamente ilegal, as penalidades raramente são aplicadas). Quanto maior a velocidade em que eles estão correndo, mais forte é o puxão que eles sofrem para trás. E quanto mais forte esse puxão, mais intensa é a torção sofrida pelos seus pescoços, e

(\* ) O peão persegue velozmente o touro jovem até o momento em que salta do cavalo e o agarra pelos chifres, e tem que derrubá-lo torcendo sua cabeça. No chão, o animal deve ser imobilizado numa certa posição. [nota de edição]

maior é a força com que eles batem no chão. Alguns bezerros não dão bis. É uma apresentação só e pronto. Ou morrem na poeira do chão ou morrem logo depois.

Então temos aqui o bravo vaqueiro de hoje, curvando-se para amarrar um bebê amedrontado, confuso, desorientado (todos os animais têm quatro a cinco meses de idade), com ferimentos no pescoço ou nas costas, contusões, ossos quebrados e hemorragia interna. Será que aqueles que estão trabalhando para abolir o rodeio em geral, e o laço de bezerro em particular, não passam de pessoa histéricas e emocionalmente desequilibradas, que gostam de ficar abraçando bezerrinhos?

Antes de responderem, considerem os seguintes trechos de uma carta do médico veterinário E. J. Finocchio aos legisladores estaduais de Rhode Island, em apoio à proibição do laço de bezerro naquele estado. "Como veterinário de animais de grande porte durante 20 anos... testemunhei, em primeira mão, a morte instantânea de bezerros, depois que sua medula espinhal foi rompida por causa de uma parada brusca, pela ponta de uma corda, quando eles corriam a 48 quilômetros por hora. Também testemunhei e cuidei de bezerros que ficaram paralisados... e cujas traquéias foram total ou parcialmente rompidas... A pancada contra o chão causou a ruptura de alguns órgãos internos, levando alguns deles a uma morte lenta e agonizante". E chamam isso de "esporte".

Peggy Larson pensa diferente. "Baseada na minha ampla experiência com animais de grande porte, cheguei à conclusão de que os rodeios são inerentemente desumanos. Os eventos mais cruéis são os de laços."

A dra. Larson cita outra autoridade, C. G. Haber, um veterinário com trinta anos de experiência em inspeção de carnes no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. "O pessoal do rodeio manda seus animais para os matadouros, onde... eu vi gado tão contundido que a cabeça, o pescoço, as pernas e a barriga eram as únicas áreas em que a pele se ligava [ao corpo]. Vi animais com seis a oito costelas separadas da espinha e às vezes perfurando os pulmões. Vi dois, três galões de sangue acumulados sob a pele solta". Isso é que é promover o bem-estar animal! Num esforço para tentar mudar a realidade dando-lhe outro nome, os artistas da palavra da PRCA agora chamam o laço de bezerro ["calf roping"] de "laço amarrado" ["tie-down roping"]. De uma hora para a outra, as vítimas – os bezerros – desapareceram.

A maioria dos grupos nacionais de defesa animal, assim como muitos grupos regionais e locais, tem campanhas contra os rodeios. A entidade SHARK (**SH**owing **A**nimals **R**espect and **K**indness; literalmente,

Mostrando Respeito e Bondade para com os Animais], sob a liderança de Steve Hindi, está chamando a atenção para a crueldade oculta dos rodeios, usando câmeras de longo alcance e até mesmo câmeras que podem gravar no escuro. Qualquer pessoa que duvidar de que os rodeios sejam culpados pelas agressões descritas aqui pode confirmar a exatidão da descrição consultando o arquivo de vídeos da SHARK.

### **não ver para não crer**

Quem conhece a crueldade oculta dos rodeios sabe que o que se vê na televisão não é o que de fato acontece nos eventos. Nada de espetadas elétricas nem puxões de rabo nas transmissões do ESPN. Nenhuma discussão sobre o que seja a correia no flanco e por que ela está presa onde está. Tudo isso é previsível, dadas as empresas patrocinadoras e a necessidade de se apresentar o rodeio como um "entretenimento familiar" salutar. Há algo pior ainda, e mais profundo. Tem a ver com a decisão de cortar, na edição, a morte e os ferimentos.

Na *Extra*, a revista da organização americana Fairness & Accuracy in Reporting (FAIR), Karen Chapman conta como um cavalo morreu nas finais do rodeio de 2001. "Um cavalo não domado de 14 anos, chamado Great Plains [Grandes Planícies], quebrou as costas enquanto dava pinotes e teve de ser carregado sobre uma maca para animais, diante de uma multidão de 17 mil pagantes. Embora o evento fosse levado ao ar pela rede a cabo ESPN, que operava com um atraso de sete segundos na transmissão das gravações, o público da televisão não teve a mínima idéia do que aconteceu. A câmera cortou antes que o cavalo caísse por causa da virada brusca, e nenhum dos locutores disse uma palavra sobre o incidente. O animal foi sacrificado uma hora mais tarde."

E depois há o problema da *falta de cobertura* do laço de bezerro pela ESPN. Sem exceção, as coberturas televisivas desse evento nunca deixam que o público veja o que acontece ao bezerro quando o laço o puxa para trás e para o chão. Sem exceção, esses momentos são excluídos na edição. Se perguntarmos o porquê, não é difícil responder. A resposta do comissário Steve Hatchell, da PRCA, é esta: "Nós somos realmente sensíveis às pessoas que talvez tenham um problema com o laço do bezerro. Só queremos mostrá-lo do melhor ângulo possível. Queremos que o espetáculo seja bem apresentado a um público mais amplo do que o do rodeio".

Mas como (perguntamos nós) as preferências da PRCA se traduzem em política editorial? Será que não existe uma fronteira clara entre o que cabe ao organizador do evento e o que cabe aos

profissionais da tevê? "Nós [isto é, a PRCA] determinamos o que vai para o ar", Hatchell disse ao *Wyoming Tribune-Eagle*. "A ESPN não decide coisa alguma nisso".

É difícil não ficar profundamente cínico diante de tanto poder, não só o que é exercido sobre outros animais, como também o de controlar o que o público vê. A PRCA entende muito bem que os telespectadores não se levantarão contra aquilo que não lhes permitem ver. E daí que a dolorosa verdade lhes seja negada? O que importa mesmo é ter um espetáculo "bem apresentado para um público mais amplo do que o do rodeio".

### **corrida de galgos**

Ninguém sabe a origem do nome *greyhound* [ao pé da letra, *cão cinzento*; em português, *galgo*].

Alguns supõem que no passado todos os galgos tivessem o pêlo cor de cinza; outros, que o nome seja uma corruptela de "Greek hound" (*cão grego*), remontando às origens da raça na Grécia.

Qualquer que seja a verdadeira etimologia, sabemos que os galgos tiveram um lugar especial na história humana. No Egito antigo, por exemplo, os galgos eram associados à realeza; conforme as práticas honoríficas daqueles tempos, seus corpos eram mumificados junto com os dos seus zeladores humanos. Homero celebrizou o cão Argus porque este foi o único ser que reconheceu Odisseu quando o herói voltou para casa depois de ficar fora durante anos. Argus era um galgo. E a raça era tão venerada quando o rei dinamarquês Canuto governou a Inglaterra no século onze, que qualquer acusado de matar um galgo pagava pelo seu crime com a própria morte.

Entre as mais antigas raças caninas, os galgos são, de longe, a mais veloz. Com o corpo magro e longas pernas, eles são excelentes corredores. No auge da sua forma, podem alcançar velocidades superiores a sessenta e quatro quilômetros por hora em distâncias curtas, e uma média de quase cinquenta quilômetros por hora quando correndo até um quilômetro e meio. Infelizmente para os galgos, sua grande velocidade tem sido explorada pelos seres humanos que se preocupam mais em ganhar dinheiro do que em respeitar direitos.

### **bem-estar x direitos animais**

A National Greyhound Association (NGA), que registra oficialmente os galgos corredores na América do Norte, articula a filosofia desse "esporte". É uma variação de um tema familiar.

*A filosofia do bem-estar animal sustenta que é apropriado e necessário, para nós, humanos, usar animais para comida, roupa, pesquisa, educação, esporte, recreação e companhia, contanto que o façamos responsável e humanitariamente. Em contraste, a filosofia dos direitos animais rejeita todo o uso de animais, não importa quão humanitário... Os defensores do bem-estar animal aceitam a responsabilidade pelo tratamento humanitário dos animais de que estão encarregados.*

O quanto isso está distante da realidade ficará aparente a seguir.

### **e eles chamam isso de humanitário?**

Os galgos correm no mundo inteiro. Há pistas operando na Austrália, Nova Zelândia, por toda a Ásia e a Europa, na América do Norte e na América do Sul. Nos Estados Unidos, há quarenta e oito pistas em quinze Estados; um terço delas fica na Flórida. De acordo com a American Greyhound Track Owners Association [Associação Americana de Proprietários de Pistas para Corrida de Galgos], a corrida de galgos é o esporte com o sexto maior público espectador da nação, atraindo anualmente mais de trinta milhões de entusiastas pagantes.

A cada ano são gerados cerca de trinta e quatro mil galgos para a indústria. Os cães mais velozes e em melhor forma começam a correr aos dezoito meses de idade. Uns poucos correm até a aposentadoria obrigatória, aos cinco anos; a maioria "se aposenta" entre três e quatro. Ferimentos (ossos quebrados e ataques cardíacos, por exemplo) são um infeliz custo econômico que precisa ser assumido pelos treinadores e proprietários humanitários.

Aproximadamente um terço dos cães nunca corre, porque os animais são defeituosos, doentes ou apenas insuficientemente velozes. Estima-se que o número de mortes incidentais de galgos na indústria da corrida seja maior que vinte mil por ano. Os métodos usados para matá-los são tiros, porretadas e eletrocussão.

Talvez o ultraje mais cruel dessa nobre raça ocorra quando os cães são vendidos a laboratórios de pesquisa. Esses animais dóceis, que confiam nos humanos, e com sua linhagem pura, são "modelos" ideais para uma variedade de experimentos. Os números não são de se desprezar. Entre 1995 e 1998, pesquisadores da Universidade do Estado do Colorado usaram 2650 galgos doados por criadores locais. Cifras das outras universidades, para a mesma época: Universidade do Estado do Kansas, 111; Universidade do Alabama, 254; Universidade do Estado de Iowa, 595.

O dia-a-dia dos galgos de corrida é caracterizado por uma privação crônica. Os cães ficam confinados em pequenos engradados, alguns medindo 90 cm por 90 cm. Nos dias em que não correm, os animais podem ficar presos nos engradados por até vinte e duas horas, às vezes empilhados uns sobre os outros. Estão sempre de focinheira, menos na hora de comer.

Perguntamos à Greyhound Lovers League qual a razão para um confinamento tão longo nos engradados. De novo (repito, eu não estou inventando) somos informados que "os cães são animais basicamente ociosos. Ao atingir a maturidade, os cães de companhia passam quase todo seu tempo deitados pela casa. O engradado é a cama do galgo". Quanto à razão para ficarem de focinheira, a explicação é uma expressão do compromisso da indústria com o tratamento humanitário. Afinal de contas, se suas focinheiras forem removidas, os cães poderão machucar a boca, os dentes ou as gengivas, ao morderem o arame de seus engradados. Em outras palavras, o remédio da indústria para um tipo de privação (manter os cães em jaulas) é impor outro tipo de privação (mantê-los de focinheira), a melhor forma de tratá-los humanitariamente. Na comunidade da corrida de galgos, o dito desconexo reina absoluto.

### **requintes de crueldade**

Relatos de requintes de crueldade (cães morrendo de fome, abandonados ou espancados) são inúmeros, e não se restringem aos Estados Unidos, de jeito nenhum. No verão de 2000, defensores dos direitos animais do mundo inteiro ficaram horrorizados ao saberem das atrocidades cometidas em Medino del Campo, uma cidadezinha a noroeste de Madri. Loles Silva, que escrevia para a revista *Interviú*, contou que centenas de galgos que não eram mais capazes de competir com sucesso foram encontrados enforcados em árvores, num pinheiral vizinho. Evidentemente, seus donos acreditavam que os cães tinham merecido uma morte "humanitária". Pior ainda, por incrível que pareça, os cães lentos demais para competir foram encontrados pendurados de forma que suas patas traseiras tocassem mais ou menos o chão. Ninguém sabe quanto tempo essas criaturas abandonadas se esforçaram para continuar vivas, até que, exaustas, finalmente desistiram e, respirando com dificuldade pela última vez, morreram.

A fim de não pensarmos que nada remotamente parecido com isso possa acontecer nos Estados Unidos, a edição do *New York Times* de 22 de maio de 2002 trouxe uma matéria sobre a descoberta de covas massivas com milhares de galgos nelas enterrados, em uma descuidada

propriedade rural nos arredores de Lillian, Alabama. Considerados lentos demais para competir, eles foram vendidos a um certo Robert L. Rhodes, que os matou "humanitariamente" com uma única bala na cabeça. "Eles não sentiram nada", ele disse às autoridades que investigavam o massacre.

David Whetstone, o procurador distrital do Condado de Baldwin que estava supervisionando a investigação, contestou a afirmação de Rhodes, dizendo que os cães não morreram instantaneamente. Whetstone admitiu ter ido a corridas de galgos no passado, mas agora estava pensando duas vezes, com a descoberta do que ele descreveu como um "Dachau para cães".

"Já vimos isso antes", disse Whetstone. "Um louco chamado Hitler fazia isso, tentando criar uma super-raça. Bem, eles estão fazendo os galgos se reproduzirem exageradamente, porque tentam obter supercães. Aqueles cães não eram doentes. Eles eram apenas lentos". Quão "limpa", quão "salutar" é a corrida de galgos? Em quem podemos confiar mais, para responder a esta pergunta, do que no procurador distrital do Condado de Baldwin?

Felizmente, alguns defensores dos direitos animais estão tentando achar lares para os galgos "indesejados". Organizações especializadas em adoção de galgos podem ser encontradas por todas as partes dos Estados Unidos e em muitos outros países. (Para mais informações, consulte os *links* nos recursos *online* deste capítulo, em <http://tomreagan-animalrights.com/resources.html>). Mas mesmo sendo importantes e admiráveis, esses esforços chegam tarde demais para os cães submetidos à crueldade inerente à indústria. A verdadeira solução para o "problema do galgo" é o fim da realização das corridas de galgos. Os defensores dos direitos animais não ficarão satisfeitos com menos que isso.

## **conclusão**

Como se notou no início deste capítulo, a história completa da violação dos direitos animais em nome do esporte não pode ser contada nestas páginas. Nossa conversa consistiu de apenas umas poucas sentenças de uns poucos capítulos daquela história, que é muito maior. Mesmo assim, os esportes discutidos são representativos e deverão ajudar os leitores a entender porque os defensores dos direitos animais são extremistas quando se trata de transformar animais em "competidores", em um esporte ou em outro, seja de que modo for.

Não há "esporte" na caça, no rodeio, na corrida de galgos, ou em qualquer outra atividade comparável a estas, incluindo a corrida de cavalos, a briga de galos, a tourada e a corrida "Iditarod" (competição de cães puxando trenós na neve), por exemplo. O que existe é a dominação humana, exploração humana, ganância humana, crueldade humana. Numa vida com lugar para o respeito aos direitos animais não pode haver espaço para essas barbaridades.

É só uma questão de tempo, acreditam os defensores dos direitos animais, até o mundo civilizado evoluir ao ponto de todos esses "esportes" serem proibidos. Como observa Albert Schweitzer, "Chegará o dia em que a opinião pública não vai mais tolerar diversões baseadas em maus tratos e na morte de animais". Os defensores dos direitos animais acreditam profundamente nisso. Mas também estamos atentos às palavras finais de Schweitzer: "Chegará o dia. Mas quando?".

## NOTAS

### caça

Os números referentes à caça podem ser vistos no site <http://www.fund.org/library/documentViewer.asp?ID=85&table=documents>.

#### caça "humanitária"

Ann S. Causey, "On the Morality of Hunting", *Environmental Ethics* 11 (Inverno de 1989): 334-35.

#### caçadores colecionadores

C. J. Chivers, "A Big Game", *New York Times*, 25 de agosto de 2002.

#### "caça cercada"

Humane Society of the United States [www.hsus.org/ace/12017](http://www.hsus.org/ace/12017).

#### "os animais vêm de onde?"

O papel desempenhado pelos principais zoológicos dos Estados Unidos que fornecem animais para as caças cercadas está documentado por Michael Satchell em "Cruel and Unusual", *US News* (5 de agosto de 2002): 29-32.

O número de animais-troféus vendido pelos zoológicos aparece na reportagem de Linda Goldstein, "Animais Once Admired at Country's Major Zoos Are Sold or Given Away to Dealers", *San Jose Mercury News*, 11 de fevereiro de 1999.

#### caçadores "verdadeiros"

1. "Meus genes me obrigaram a fazer isso."

Aldo Leopold, *A Sand County Almanac* (New York: Baltimore Books, 1970), 227.

Jose Ortega y Gasset, *Meditations on Hunting*, tradução de Howard B. Wescott, com prefácio de Paul Shepherd (New York: Scribner, 1985), 29.

## 2. "o amor me obrigou a fazer isso."

Jose Ortega y Gasset, *Meditations on Hunting*, 92.

Randall L. Eaton, "The Hunter as Alert Man: An Overview of the Origin of the Human/Animal Connection", em *The Human/Animal Connection*, ed. Randall L. Eaton (Incline Village, Nev.: *Carnivore Journal* and Sierra Nevada College Press, 1985), 9.

## 3. "é uma coisa espiritual."

David Petersen, *A Hunter's Heart: Honest Essays on Bloodsport* (New York: Henry Holt, 1996), 161.

James A. Swan, *In Defense of Hunting* (New York: HarperCollins, 1995), 35.

Jim Motavalli criticou "essa patacoada espiritual" defendida por caçadores como Petersen e Swan em uma palestra que ele deu no The Seventeenth Annual Compassionate Living Festival, patrocinado pela Culture and Animals Foundation, de 4 a 6 de outubro de 2002.

## 5. "é divertido!"

Informações sobre o aumento da frequência cardíaca entre os caçadores parados podem ser encontradas no texto *Energy Times: Special Heart Issue* (3 de fevereiro de 2003): 48.

**"que venham os vândalos!"**

National Rifle Association [www.nrahq.org/hunting/hunterimage.asp](http://www.nrahq.org/hunting/hunterimage.asp).

**rodeio**

Professional Rodeo Cowboys Association [www.prorodeo.com/](http://www.prorodeo.com/).

**"por que aqueles cavalos dão pinotes?"**

Essa e a última frase de Peggy Larson são citadas no texto de Merritt Clifton, "Anti-rodeo Vet Was Performer", *Animal People* 3, no. 6 (julho-agosto de 1994), disponível no site [www.animalpeople.Org/94/6/antirodeo\\_vet.html](http://www.animalpeople.Org/94/6/antirodeo_vet.html).

**laçando bebês**

A frase do dr. Finocchio está disponível no site do Animal Protection Institute, [www.api4animals.org/doc.asp?ID=1276](http://www.api4animals.org/doc.asp?ID=1276).

A frase da dra. Larson aparece no texto de Merritt Clifton, "Anti-rodeo Vet Was Performer".

C. G. Haber, DVM, de uma entrevista concedida em 1979 para a Humane Society of the United States.

Showing Animals Respect and Kindness, [www.sharkonline.org/](http://www.sharkonline.org/).

**não ver para não crer**

Karen Chapman, "Riding, Roping – and Editing", *Extra!* (maio/junho de 2002): 25.

Frase de Steve Hatchell ("We're really sensitive...") no texto de Thomas Mitchell, "Giving Credence to the Rodeo Banner", *Las Vegas Review-Journal* (16 de dezembro de 2001).

Frase de Steve Hatchell no *Wyoming Tribune-Eagle* edição de 24 de dezembro de 2000, citada por Karen Chapman, 25.

### **corrida de galgos**

As informações gerais sobre os galgos apresentadas aqui têm base no material disponível no *site* da Grey2K USA : [www.grey2kusa.org](http://www.grey2kusa.org).

### **bem-estar x direitos animais**

The National Greyhound Association [www.ngagreyhounds.com/](http://www.ngagreyhounds.com/).

### **e eles chamam isso de humanitário?**

Greyhound Lovers League [www.geocities.com/greyluvrsleague/myths.htm](http://www.geocities.com/greyluvrsleague/myths.htm).

### **requintes de crueldade**

A história sobre a matança de galgos em Lillian, Alabama ("Dismal End for Race Dogs, Alabama Authorities Say"), foi escrita por David M. Halbfinger.

### **conclusão**

A frase de Albert Schweitzer aparece no livro de William Johnson, *The Rose-Tinted Menagerie* (London: Heretic Books, 1990), 150.



## capítulo 10

# TRANSFORMANDO ANIMAIS EM INSTRUMENTOS

Quando nos perguntam o que pensamos sobre o uso de animais em pesquisas científicas, a maioria de nós diz alguma coisa sobre os importantes benefícios médicos decorrentes desse uso. Cirurgias que salvam vidas (transplantes de coração, rim e outros). Drogas que prolongam vidas (de pacientes com câncer, diabetes, hipertensão). Onde estaríamos nós, se não usássemos animais? De volta à Idade Média, isso sim.

Será que isso é verdade? Será que todos os grandes avanços na saúde pública, ou mesmo a maioria deles, se devam ao uso dos "modelos animais"? E mesmo que sim, como é que fica a pergunta moral: Os benefícios para os humanos justificam os danos aos animais?

Eu costumava pensar que as respostas a ambas as perguntas fossem fáceis e iguais. Sim, à primeira pergunta. Sim, à segunda. Mesmo depois de começar minha jornada em direção a uma consciência animal ampliada, eu defendi pesquisas usando animais. Se os pesquisadores da General Motors dissessem que tiveram de usar babuínos em testes de colisão para fazer cintos de segurança mais seguros, quem era eu para discordar deles? Contanto que não se causasse nenhum

"sofrimento desnecessário" aos animais, eu concordava. Como nenhum pesquisador jamais negou isso (nenhum jamais disse "Eu sempre faço questão de assegurar que meus animais sofram desnecessariamente"), era difícil, para as pessoas que compartilhavam meu ponto de vista, ser contra muitas dessas pesquisas.

Então eu comecei a fuçar, primeiro perguntando uma coisa, depois uma segunda, e uma terceira. Com o tempo, acabei rejeitando minhas crenças de antes. Hoje, não penso mais que a maioria dos grandes avanços na saúde pública se deva ao uso dos "modelos animais". Hoje, penso que é errado usar animais como instrumentos em pesquisas, mesmo que seu sofrimento seja "necessário". Hoje, penso inclusive que é errado dissecar animais mortos, causar danos a animais vivos para fins educativos, ou usá-los para conduzir testes de segurança em produtos. De fato, conforme espero ser capaz de explicar, usar animais para esses propósitos não é apenas arcaico; há maneiras superiores de alcançar o que procuramos, sem usar animais.

### **"cuidado humanitário"**

A utilização de animais como instrumentos na ciência geralmente é dividida em três categorias: educação, testes e pesquisa. Não será nenhuma surpresa descobrir que aqueles que são a favor do uso de animais para esses fins abraçam a filosofia do bem-estar animal. A título de ilustração: a National Association for Biomedical Research (NABR) se descreve como "a única organização nacional sem fins lucrativos dedicada exclusivamente a defender uma sólida política pública que reconhece o papel vital do uso humanitário do animal na pesquisa biomédica, na educação superior e em testes de segurança de produtos". Os membros da NABR incluem "mais de 300 universidades públicas e privadas, escolas médicas e veterinárias, hospitais-escola, agências voluntárias de saúde, sociedades profissionais, companhias farmacêuticas e outras firmas relacionadas à pesquisa animal". A NABR é, segundo nos dizem, "a voz unificada da comunidade científica para questões de legislação e regulamentação que afetam a pesquisa com animais de laboratório". E o que a NABR e seus membros apóiam? Eles apóiam "o uso responsável, assim como o manejo e o tratamento humanitários de animais de laboratório na pesquisa, na educação e nos testes de segurança de produtos". Em outras palavras, a NABR e os interesses que ela representa são solo fértil para a aplicação do dito desconexo.

## **usando animais como instrumentos na educação**

Os animais são usados rotineiramente em ambientes educacionais. Por exemplo, os estudantes americanos do ensino médio e das universidades dissecam, anualmente, mais de seis milhões de animais. A dissecação não era uma prática padrão, até 1920. Talvez, em parte, como resposta ao movimento antivivissecação que se fortalecia naquela época, as autoridades científicas estabelecidas orquestraram mudanças que tornaram normal, e mesmo obrigatório, aos estudantes, dissecar animais mortos como parte de seus cursos de anatomia, fisiologia e (como no meu caso) biologia.

Os animais para dissecação são capturados nas florestas, ou adquiridos em abrigos de animais, ou roubados, ou gerados em estabelecimentos especiais, ou comprados de abatedouros. A maioria deles passa por uma empresa de suprimentos biológicos antes de terminar na sala de aula. O fornecimento de animais para dissecação não está à margem da lucratividade; hoje, nos Estados Unidos, trata-se de uma indústria multimilionária.

Nos estabelecimentos de suprimentos biológicos, o manejo e o tratamento dos animais destinados à dissecação normalmente são procedimentos escondidos do público. Não se admite a entrada de "pessoal não autorizado". Um vídeo obtido por um investigador secreto que trabalhou para a PETA nos possibilita dar uma rara espiada naquele mundo proibido.

O vídeo mostra gatos chegando à empresa de suprimentos biológicos, dentro de engradados. Os gatos estão tão espremidos nos engradados que não conseguem ficar em pé. Alguns estão visivelmente doentes; outros parecem estar morrendo. Em seguida, "os amedrontados gatos ficam cara a cara com um funcionário", escreve o investigador, "que os golpeia violentamente com um gancho de metal, forçando-os a sair de dois ou três engradados já lotados e entrar em um. Daí eles vão para a câmara de gás. Muitos dos gatos ainda se movem quando os funcionários injetam formol nas suas veias. Eles encolhem suas patas à medida que o produto químico avança por dentro de seus corpos. Depois eles são armazenados e embalados e, finalmente, enviados a escolas de todo o país".

Será que é este o procedimento padrão das empresas de suprimentos biológicos? É com essa brutalidade que são tratados os milhões de animais destinados à dissecação? Até que as paredes dessas empresas sejam feitas de vidro, quem poderá responder?

### **"estudantes têm de dissecar para aprender anatomia"**

Por que são dissecados animais na sala de aula? "É o único (ou o melhor) modo de se aprender anatomia". Esta é, de longe, a resposta mais comum. Acontece que também é uma resposta falsa. Qualquer pessoa que tenha se mantido a par de como os estudantes realmente aprendem anatomia vai concordar.

Jonathan Balcombe, que fez um estudo preciso da literatura relevante, conclui que estudantes que usam alternativas, incluindo demonstrações computadorizadas de alta tecnologia, tiram notas tão boas quanto ou mais altas ainda do que estudantes que praticam a dissecação. Balcombe cita mais de trinta estudos acadêmicos que chegam à mesma conclusão. Está claro, então, que a dissecação não é necessária, se julgada em termos daquilo que os estudantes aprendem.

Talvez se diga que o verdadeiro objetivo da dissecação é ajudar os estudantes a se tornarem habilidosos no uso de vários instrumentos científicos (bisturis, suturas e coisas parecidas). Se este for o objetivo, não está claro por que se pretende que todos os estudantes participem da dissecação, já que apenas uma pequena porcentagem deles continuará seguindo carreiras que exigem o uso desses instrumentos. Além do mais, mesmo que seja desejável que todos os estudantes tentem usar esses instrumentos pelo menos uma vez, há maneiras melhores de fazê-lo. Programas de vídeo interativo prontamente disponíveis permitem aos estudantes repetir os procedimentos muitas vezes, sem machucar permanentemente o "espécime" em que eles estão praticando. Programas desse tipo estão sendo cada vez mais usados nas medicina veterinária e humana. Qualquer pessoa que insistir que alternativas de alta tecnologia podem ser suficientes para estudantes de medicina, mas que somente animais reais, apesar de mortos, podem servir aos interesses de alunos do ensino fundamental, médio e superior, corre o risco de fazer papel ridículo, e com toda razão.

### **os ventos da mudança**

Hoje, um número crescente de professores de biologia, anatomia e fisiologia está rompendo com o passado e se voltando para alternativas de alta tecnologia. A tendência a se afastar da dissecação está aumentando no mundo inteiro. A Argentina, Israel, os Países Baixos, a República Eslovaca e a Suíça eliminaram a dissecação do ensino fundamental e do médio, e a prática foi completamente eliminada na Grã-Bretanha, Alemanha e Suécia. Ao mesmo tempo, um número cada vez maior de estudantes, reivindicando sua integridade pessoal, está exercendo seu direito constitucional de "Simplesmente dizer não!" à

dissecção e à vivisseção compulsórias. Como eu admiro a coragem deles! Como eu gostaria de ter tido sua sensibilidade, quando me foram dados o bisturi e as suturas nas minhas aulas de biologia! Esses jovens deviam servir de inspiração a todo mundo. Como defensores dos direitos animais, eles estão determinados a manter sua posição, mesmo que isso signifique questionar a autoridade e se arriscar a ser punidos. Verdadeiros terroristas, esses juvenzinhos. Eles estão tão "fora da realidade".

### **a vivisseção do cão**

Bolsões de resistência continuam existindo, mesmo nos mais altos níveis da educação. A Escola de Medicina da Universidade do Colorado (CSMD) é um exemplo gritante. Os administradores e o professorado dessa escola batem o pé contra as forças da mudança progressista. E eles lutam com unhas e dentes para preservar o quê? A infame "vivisseção do cão".

A vivisseção do cão tem sido um rito de passagem para gerações de médicos americanos e, durante todo esse tempo, nem a Associação Médica Americana nem a Associação Médica Veterinária Americana ergueram um dedo para tentar acabar com ela. É tipicamente conduzida durante o primeiro ano do curso médico. Primeiro, um cão é anestesiado; depois, seu peito é cortado e fica aberto para que os estudantes possam observar as batidas do coração e como a administração de várias drogas afeta o comportamento desse órgão. A anestesia usada nem sempre é a adequada. Os próprios registros da CSMD indicaram que alguns cães (os animais às vezes ficavam sendo usados por até sete horas) exibiram "resposta à dor". Ao final da demonstração, o cão é morto. Desta forma, acreditam os defensores da vivisseção do cão, os estudantes adquirem conhecimentos importantes sobre fisiologia e farmacologia. Dúzias de cães foram mortos a cada ano para esse fim, só na CSMD.

Não importa o que tenha sido dito em defesa da dissecção do cão no passado (e devemos observar que as escolas médicas britânicas, incluindo Cambridge e Oxford, *nunca* realizaram essas vivisseções como parte da sua instrução médica); o fato é que muito pouco pode ser dito em sua defesa hoje. Alternativas superiores (CD-ROMs, programas de computador interativos, aulas práticas com cadáveres e observação direta de cirurgias humanas) estão prontamente disponíveis e já são amplamente usadas. Alguns *softwares* representam graficamente a fisiologia humana e mostram como vários agentes farmacológicos afetam o coração, seu batimento e a pressão sanguínea.

Dito isso, mais cedo ou mais tarde alguém vai falar: "É um direito do professor decidir como ensinar! É uma questão de *liberdade acadêmica*. Então (conclui esse conhecido protesto) não pensem vocês, DDAs extremistas, que podem nos dizer o que nós devemos fazer!"

Na falta de leis proibindo práticas como a *visissecção* do cão, os professores certamente agem dentro dos seus direitos legais, ao continuarem disponibilizando a seus alunos tais práticas. Mas qualquer tipo de liberdade, incluindo a liberdade acadêmica, está sempre associado à responsabilidade. A questão não é se os professores podem oferecer *visissecções* de cães este ano, e no próximo, e no seguinte. A questão é se eles deveriam estar fazendo isso, não só por causa do desperdício das vidas dos animais, mas também pela consideração com a educação dos alunos. Todas as evidências disponíveis apontam para a mesma conclusão: a *visissecção* do cão não é o melhor modo de os estudantes aprenderem aquilo que a participação no laboratório deveria ensinar. Três entre quatro escolas de medicina americanas, incluindo as melhores (Columbia, Harvard, Johns Hopkins, Stanford e Yale, por exemplo) não usam mais animais vivos, de nenhum modo e para nenhum fim. Sob a bandeira da liberdade acadêmica, professores de medicina recalitrantes podem escolher manter viva uma tradição arcaica nos seus cursos. Entretanto, estudantes, administradores, curadores e patrocinadores deveriam saber que é a teimosia pessoal de uns poucos, e não o compromisso de oferecer oportunidades educativas superiores a muitos, o que está dando uma reputação ruim a essas escolas de medicina.

Durante anos, os defensores dos direitos animais do Colorado fizeram uma agressiva campanha para acabar com a *visissecção* do cão (e com todos os outros usos danosos de animais) na escola médica. Em janeiro de 2003, os administradores surpreenderam todo mundo, ao anunciarem que cancelariam a *visissecção* do cão para os estudantes que iriam ingressar no outono. Por quê? Não por "considerações éticas", Deus nos livre. As razões eram financeiras; a decisão foi tomada "por causa do custo" (17 mil dólares por ano). E se a escola gozasse de tempos econômicos mais felizes, no futuro? "A decisão não é permanente", informam. "Os funcionários da universidade vão reconsiderar o assunto no final do ano". Com administradores de escolas de medicina pensando dessa forma, os DDAs extremistas vão ter de exercitar algo parecido com uma eterna vigilância. Felizmente, a comunidade da grande Boulder está entrando em ação. Um editorial do *Boulder Daily Camera* de 31 de janeiro de 2003, após caracterizar a *visissecção* do cão como "potencialmente cruel e obsoleta", pediu à universidade

que "faça a coisa certa e acabe permanentemente com as vivissecações de cães" – coisa que os ativistas vêm pedindo há anos. Aqueles que não têm persistência nunca mudam nada.

### **seu animal de companhia poderá terminar num laboratório**

É importante se dar conta de um fato simples: seu animal de companhia poderá parar num laboratório. Apesar das declarações, por parte dos porta-vozes da indústria de pesquisa em animais, de que isso nunca acontece, não se engane: acontece sim.

*Abrigo* é uma palavra com um significado confortador. Significa "um lugar para proteção", "um refúgio", "um porto seguro". Portanto, "abrigos de animais" devem ser lugares onde os animais encontram refúgio, devem ser portos seguros onde eles são protegidos. Dado seu natural significado, a última coisa que os abrigos fariam seria entregar animais a alguém que eles sabem que causaria danos a esses animais. Um abrigo que fizesse isso seria uma contradição em termos. Infelizmente, alguns abrigos não têm nenhum problema em serem contradições.

"Apreensão em abrigo" é o nome de uma prática insidiosa que faz dos abrigos de animais, parceiros de negócios da indústria de pesquisa com animais. Em jurisdições em que a prática é legal, isto é, na maioria dos lugares (apenas treze estados americanos a proibem), a apreensão em abrigo funciona assim. Um intermediário ("negociante classe B" é a designação usada pelo governo americano) compra animais de fontes aleatórias. Essas fontes incluem pessoas oferecendo filhotes de cães e gatos "grátis para um bom lar", abrigos que cumprem uma exigência legal de "cedê-los" e abrigos que apenas desejam cedê-los. O intermediário, por sua vez, vende os animais para laboratórios de pesquisas biomédicas, companhias farmacêuticas e universidades, onde eles podem ser usados para fins educacionais (na vivissecação do cão, por exemplo). Não é necessário ter treinamento especial nem perícia para ser um "negociante classe B". Até criminosos sentenciados estão qualificados. Tudo de que se precisa é pagar cinquenta dólares pela licença emitida pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e estamos prontos para abrir um novo negócio.

Eis um exercício de imaginação que podemos fazer. Faça de conta que somos "negociantes classe B". Nós nos perguntamos: "Quais os cães que procuraríamos nos abrigos? Com quais deles teríamos mais facilidade de lidar? (e as mesmas considerações se aplicam aos clientes". Não os animais grandes, fortes e agressivos. Não os animais que reagem. Não. Os animais que preferiríamos são os de tamanho

pequeno e médio, mais dóceis, que tenham sido totalmente socializados, que gostem de ficar com as pessoas. Em outras palavras, os animais que nós compraríamos *são exatamente os mais adotáveis*, os que têm mais chance de sair vivos de um abrigo.

Há uma outra coisa sobre esses animais que nunca deveria ser esquecida. Eles aprenderam a confiar em seres humanos, algo de que os negociantes e os pesquisadores podem tirar vantagem. Nada de briga. Nada de mordida. Só o comportamento calmo e confiante, completado com um amistoso abano de rabo ou, no caso dos gatos, um sutil arqueamento das costas. Perdoem-me se eu parecer cínico demais ao perguntar: Não há limite para o grau de traição que nós, humanos, somos capazes de cometer?

O que acontece com esses animais depois que eles se tornam propriedade da indústria biomédica? Ninguém sabe realmente, porque ninguém está prestando muita atenção. Investigações clandestinas e pesquisas na literatura sobre experimentação animal são dois modos de tentarmos aprender mais. Uma dessas investigações, conduzidas por outro investigador da PETA, documentou o tratamento recebido por cães apreendidos em abrigos e usados na pesquisa da sarna, na Wright State University, em Dayton. Eis um resumo do que se descobriu:

*Os cães estavam infectados com sarna, uma doença da pele causada por acarinos microscópicos que se espalham pelo corpo inteiro do animal, causando coceira intensa e prolongada, feridas expostas e, por fim, a morte. Uma cadela chamada Genesee estava tão seriamente infectada que ficava girando constantemente em círculos, incapaz de descansar por causa da coceira intensa. Ela gritava quando manuseada, não comia nem tomava água, e perdeu o equilíbrio; seus uivos angustiados podiam ser ouvidos através das portas fechadas. Ela finalmente morreu, sem tratamento veterinário, porque isso "interferiria" no experimento.*

Quem gosta de cães espera que essa pesquisa não tenha ocorrido, de tão horrível que é. Mas ocorreu e temos de acreditar nisso. Com base na investigação, na qual o Serviço de Inspeção de Saúde Animal e Vegetal (APHIS) não teve a mínima participação, a Universidade Estadual Wright foi multada em vinte mil dólares por violação da Lei do Bem-estar Animal.

O trabalho de Robert Eckstein oferece um exemplo daquilo que pesquisas da literatura sobre experimentação animal podem revelar.

Ao fazer uma pesquisa aleatória na literatura relevante, Eckstein rastreou protocolos de pesquisa e verificou o que acontecera a cinquenta e dois cães "cedidos" por abrigos. Resumindo as descobertas, o dr. Neal Barnard, fundador e presidente do Physicians Committee for Responsible Medicine (PCRM) [Comitê dos Médicos pela Medicina Responsável], escreve que "a duração média dos experimentos era de cerca de dez dias. Trinta e dois por cento dos experimentos duravam mais do que um mês. O estudo mais longo durava cinco anos e meio. Sessenta e seis por cento dos experimentos envolviam uma dor significativa. Treze por cento envolviam dor forte em animais não anestesiados. Um em cada dez cães morria acidentalmente no decorrer dos experimentos".

É importante saber o que aconteceu a Genesee e aos outros cães acompanhados pela pesquisa de Eckstein. Embora esse conhecimento seja ínfimo, ele nos ajuda a abrir a porta do laboratório, ainda que só um pouquinho. Ele nos permite dar uma espiada dentro daquele mundo normalmente proibido. E também nos dá uma base para responder a alguém que venha defendendo a apreensão em abrigos com frases como "os animais iram morrer logo, mesmo..." Para esses animais, a morte é preferível aos dias ou meses ou anos de confinamento numa jaula, em muitos casos vivendo com dores nunca aliviadas.

Os porta-vozes da indústria da pesquisa com animais desprezam frívolamente o problema que acabo de descrever, e o tratam como "outra história exagerada dos ativistas pelos direitos animais". Os DDAs, segundo eles, "rapinam as emoções dos donos de animais de companhia, fazendo-os acreditar que esses animais sejam roubados para a pesquisa biomédica". E qual a evidência que sustenta essa descoberta? Um desses porta-vozes, a Americans for Medical Progress (AMP), cita um estudo mostrando que "simplesmente hoje não há uma demanda, para uso em pesquisa, que sustente um grande mercado para animais de companhia roubados". Desta constatação, a AMP conclui que "sem demanda, não há negócio".

Com todo o respeito pelos representantes da AMP, só nos resta esperar que eles entendam mais de medicina do que de lógica. A ausência de um "grande mercado para animais de companhia roubados" não significa que não haja mercado para esses animais roubados. É totalmente falacioso deduzir que "não há demanda" e, portanto, "não há negócio" porque "não há um grande mercado", mesmo pressupondo que de fato não haja um grande mercado. Pense nisso da seguinte maneira. Suponha que o *seu* cão tenha sido roubado, vendido a um "negociante classe B", e ido parar no mesmo experimento que matou Genesee de sarna. E suponha que algum representante da AMP diga:

"Todas as evidências mostram que não há, no ramo da pesquisa com animais, um grande mercado para animais de companhia roubados". Bem, não precisa haver um "grande mercado" para que isso aconteça ao seu cão. Tudo que precisa haver é um mercado para um cão: o seu. Quem duvidar de que isso aconteça deveria contatar Chris DeRose, da organização Last Chance for Animals [Última Chance para os Animais], algo que os funcionários da AMP nunca se preocuparam em fazer. Se eles tivessem feito isso, saberiam que há uma longa lista de pessoas cujos animais de companhia acabaram indo parar em um laboratório ou outro, e que nem todos foram encontrados a tempo de serem salvos.

### **usando animais em testes de toxicidade**

O teste de toxicidade é uma das muitas maneiras em que os animais são usados em nome da ciência. Esses testes visam estabelecer os prováveis efeitos prejudiciais de determinada substância aos seres humanos; para tanto ela é administrada primeiro em animais. A substância varia, desde drogas potencialmente terapêuticas (receitadas por médicos) até xampus, desodorantes, loções para a pele, perfumes, desentupidores de ralos e esgotos, detergentes para máquina de lavar pratos, pesticidas e solventes industriais. As drogas prescritas por médicos serão discutidas abaixo, na seção sobre pesquisa em animais. A presente discussão sobre toxicidade se aplica a cosméticos e produtos domésticos.

Testes de toxicidade diferentes usam métodos diferentes. Às vezes, alguns animais são forçados a ingerir a substância testada; às vezes, são forçados a inalá-la; em outros casos, a substância é aplicada na sua pele ou no seu olho. Embora o número exato não seja conhecido, não há dúvida de que milhões de animais sejam usados nesses testes e que seu número continuará a crescer. Por exemplo: planos em andamento requerem que a indústria química conduza cinco tipos de testes de toxicidade em animais para três mil químicos, nos próximos seis anos. Sozinhos, esses testes (supondo-se que sejam feitos da mesma forma que no passado) demandarão o uso de centenas de milhares de animais. E este é só um dentre os muitos estudos de toxicidade usando animais que já estão em andamento ou que estão planejados para o futuro. Numa avaliação geral dessa área, o número de animais usados chegará a dezenas de milhões.

Os testes de toxicidade são executados em nome da segurança do produto, visando minimizar o risco conhecido para os consumidores.

Os regulamentos federais são, quando muito, vagos. Na linguagem da FDA, os fabricantes "devem confirmar adequadamente a segurança" antes de colocarem seus produtos à disposição dos consumidores. Decidir *como* a segurança é "confirmada adequadamente" fica a critério do fabricante. Apesar da crença disseminada no contrário, para cosméticos e produtos domésticos não se exigem testes de toxicidade em animais em geral, e não se exige, legalmente, teste algum, em particular.

### "DL<sub>50</sub>"

Ao longo dos últimos sessenta anos, um teste de toxicidade em animais comumente feito é o DL<sub>50</sub>. DL quer dizer *dose letal*, e 50 significa *50 por cento*. Como sugerem as palavras, o DL<sub>50</sub> busca estabelecer a dosagem em que a substância do teste demonstra ser letal para (isto é, mata) 50 por cento dos animais testados. Há uma versão oral e uma cutânea do teste. Aqui só vamos considerar a oral.

O DL<sub>50</sub> oral funciona da seguinte maneira. A substância é ministrada oralmente aos animais. Alguns deles a ingerem em formas mais concentradas, outros, em formas menos concentradas. Em teoria, toda e qualquer coisa tem uma dose letal. Como observou Paracelso (1493-1541) séculos atrás, "Todas as substâncias são venenos; não há nenhuma que não seja um veneno. A dose certa diferencia um veneno de um remédio". Foi demonstrado que até a água é letal a 50 por cento dos animais de teste, se consumida em grande quantidade, em um período muito curto. A fim de controlar variáveis, e como os animais não se oferecem como "voluntários" para engolir coisas como solvente para tintas ou *spray* para árvore de natal, uma quantidade medida é passada pela garganta deles através de um tubo. As variáveis também são controladas por meio da supressão de anestésicos. São usados entre dez e sessenta animais. A observação da condição deles pode levar até duas semanas, e durante esse tempo os 50 por cento requisitados normalmente morrem; depois, os animais que sobram são mortos, e seus corpos dissecados são examinados. Dependendo dos resultados, a substância do teste é rotulada como mais ou menos tóxica se engolida pura ou diluída. Testes como o DL<sub>50</sub> oral são a história invisível por trás do rótulo "Nocivo ou fatal se ingerido" em latas de produtos como fluidos para freios, lubrificantes domésticos e solventes industriais.

Que os fabricantes tenham a responsabilidade de informar os consumidores sobre a segurança de seus produtos é uma idéia que nenhuma pessoa sensata vai contestar. Como nação, os Estados Unidos progrediram para além dos dias do "Consumidor, cuidado!"

Mas pessoas sensatas fariam muito bem se pensassem em duas coisas: se confiar no teste  $DL_{50}$  oral empurra a responsabilidade dos fabricantes para os consumidores; e se usar animais para se livrar dessa responsabilidade compensa moralmente o custo para os animais.

Cientistas que criticam ambos os tipos de  $DL_{50}$ , inclusive muitos que fazem parte da indústria reguladora da toxicidade, acham o teste muito falho. Mostrou-se que os resultados variam de um laboratório para o outro, e até dentro do mesmo laboratório, de um dia para o outro. Mostrou-se que o sexo, a idade, a dieta e a espécie dos animais testados afetaram a exatidão do resultado. E mesmo que os resultados pudessem ser reproduzidos regularmente no caso dos animais de teste, sua utilidade para os humanos é, na melhor das hipóteses, insignificante. Os médicos e o pessoal do hospital que trabalham nos pronto-socorros, onde se lida com a maioria dos envenenamentos acidentais, não consultam os resultados do  $DL_{50}$  antes de tratar seus pacientes. Sugerir o contrário reflete uma profunda ignorância da prática da medicina de emergência.

As coisas só ficam piores quando descobrimos que os resultados dos testes de toxicidade em geral, o  $DL_{50}$  em particular, não protegem os consumidores. Mindy Kursban, que trabalha como advogada para o PCRMA, observa que "em vez de considerar os produtos químicos perigosos até prova em contrário... [a política do governo] permite o uso de produtos químicos tóxicos conhecidos na maioria dos produtos domésticos, incluindo sabões, xampus, tintura para cabelo, perfumes, acetona, detergentes, alvejante, tintas, colas, óleo para motor, pincéis atômicos, giz de cera, gasolina, cosméticos, velas, carpetes e lustrador de móveis". Neste caso, a "proteção ao consumidor" é mais ficção do que realidade.

As conseqüências da utilização de animais nos testes de toxicidade, quando consideramos os animais, estão muito longe de ser insignificantes. Para eles, a vida no laboratório pode ser o próprio inferno. No caso dos testes  $DL_{50}$ , por exemplo, os animais freqüentemente ficam muito doentes, antes de morrerem ou serem mortos. Os sintomas incluem diarreia, convulsões, e perda de sangue pela boca, pelos olhos e pelo reto. Richard Ryder, ex-psicólogo experimental que usou animais em sua pesquisa nas universidades de Cambridge e Columbia, caracteriza a situação dos animais usados em testes  $DL_{50}$  para cosméticos da seguinte maneira:

*Como a maioria dos produtos cosméticos não é especialmente venenosa, o que acaba acontecendo, necessariamente, é que, se um rato ou um cão deve ser morto dessa forma, quantidades*

*muito grandes de cosmético têm de ser forçadas para dentro dos seus estômagos, bloqueando ou arrebatando órgãos internos, ou matando o animal devido a outra ação física – e não devido a algum efeito químico específico. Claro que o procedimento de ingerir algo à força – mesmo que seja uma comida saudável – é, em si, um procedimento notoriamente desagradável, conforme testemunharam as pioneiras da luta pelo voto feminino e outros prisioneiros em greve de fome. Quando a substância forçada para dentro do estômago não é, absolutamente, alimento, mas grandes quantidades de pó facial, maquiagem ou tintura líquida de cabelo, o sofrimento é muito maior, sem dúvida nenhuma. Se, para garantir que o teste seja burocraticamente correto, usam-se quantidades grandes o suficiente para matar, então é claro que a morte em si deve ser, freqüentemente, prolongada e agonizante.*

E para não pensarmos que, na maioria dos casos, os animais usados sejam "apenas ratos" ou "apenas camundongos", devemos notar que nem camundongos nem ratos são capazes de vomitar; portanto não podem sequer encontrar o alívio temporário que esse mecanismo proporciona.

Os defensores dos direitos animais acreditam que o teste  $DL_{50}$  seja errado. Nós acreditamos que ele seja errado porque viola os direitos animais. Como poderia ser diferente? Seus corpos são gravemente feridos, sua liberdade negada, suas vidas tiradas. E para que finalidade? Para que se conduza um teste irrelevante, no qual não se pode confiar, que dá aos fabricantes cobertura legal, no caso de alguém se machucar ou morrer por causa de um envenenamento acidental. Afinal de contas, está escrito bem ali, no rótulo: "Nocivo ou fatal se ingerido".

### **alternativas**

Em resposta ao crescente coro de críticos, alguns laboratórios estão se afastando do  $DL_{50}$  e usando testes "limites" – o  $DL_{10}$ , por exemplo, que só usa dez animais. Entretanto, as mesmas objeções científicas e morais se aplicam aqui, qualquer que seja o número de animais usados. O teste é impreciso e imoral.

Se os fabricantes estivessem genuinamente interessados em proteger os consumidores, eles nunca usariam testes de segurança menos confiáveis, quando testes mais confiáveis estão disponíveis. Se eles seguissem essa regra simples, abandonariam o  $DL_{50}$  e outros testes de toxicidade em animais e, no lugar deles, empregariam uma

bateria de metodologias sem animais (*in vitro*). Cientistas suecos demonstraram que usar quatro testes *in vitro* prevê a toxicidade de uma substância para humanos 80 por cento das vezes, enquanto o índice de sucesso do uso do DL<sub>50</sub> é só 65%. Uma diferença de 15 por cento não é nada desprezível.

Onde está nosso governo, quando precisamos dele? Aqui temos um resultado simples, em que todo mundo sai ganhando, uma forma de aumentar a proteção ao consumidor e, ao mesmo tempo, respeitar os direitos animais. Proíba o DL<sub>50</sub>; não o permita. Os defensores dos direitos animais não têm autoridade para fazer isso. Nem qualquer outro grupo de cidadãos comuns. Somente nossos representantes eleitos e nomeados têm o poder necessário, e nós DDAs estamos determinados a fazer com que eles usem esse poder da maneira certa, para o bem de todos.

Representantes eleitos da União Européia estão liderando a reforma dos testes de produtos. Em 2003, eles aprovaram a proibição dos testes para cosméticos (acabando com o DL<sub>50</sub>, por exemplo), fabricados nas nações da UE, e a proibição da venda de produtos de outros países nos quais esses testes são feitos. Isso ainda não é o fim de todos os testes de toxicidade, nem mesmo dentro da UE. Mas pode representar o começo do fim.

### **cabelo sujo e mau hálito**

"Já não basta", eu posso imaginar alguém dizendo, "os defensores dos direitos animais querem que a gente pare de comer carne e usar lã. Agora eles querem que a gente pare de lavar o cabelo e escovar os dentes!" Não é verdade. Não é verdade mesmo. Existem cosméticos e artigos de toucador maravilhosos no mercado, que não foram testados em animais – muitos deles disponíveis na farmácia do bairro ou no salão de cabeleireiro, nas várias lojas especializadas ou nos *shopping centers*. Você não pode detectar um DDA pela sujeira do cabelo e o mau hálito. Na verdade, nós podemos manter até nossos lares limpos, do piso aos vasos sanitários, usando produtos de qualidade e livres de crueldade. Você encontrará informações sobre esses produtos no *website* [www.tomregan-animalrights.com](http://www.tomregan-animalrights.com).

### **usando animais como instrumentos na pesquisa**

"Pesquisa" ou "experimento" (usarei as palavras alternadamente) podem ter um de dois importantes objetivos. Na pesquisa terapêutica, a

intenção é beneficiar os sujeitos nos quais os experimentos são conduzidos. Por exemplo, se eu concordar em me submeter a uma cirurgia experimental no coração, tanto o cirurgião quanto eu esperamos que eu me beneficie com ela. Em contraste, na pesquisa não terapêutica, os sujeitos da experiência são prejudicados sem que se pretenda qualquer benefício para eles; em vez disso, a intenção é obter informações que, no fim das contas, proporcionem benefício a outros. O estudo de Tuskegee sobre a sífilis ilustra esse tipo de pesquisa. A menos que eu indique o contrário, nossa discussão ficará limitada ao uso de animais em pesquisa médica não terapêutica e prejudicial (à qual, para simplificar, vou às vezes me referir simplesmente como "pesquisa" ou "vivassecção").

### **tipos de pesquisa**

Quando nos perguntam o que achamos do uso de animais na pesquisa, a maioria de nós (fiz esta mesma observação antes) pensará no uso deles para a pesquisa médica, o tipo de pesquisa que traz avanços importantes no combate a doenças como o câncer e o diabetes. Entretanto, a pesquisa relacionada a progressos desse tipo é apenas parte do cenário. Não devemos deixar de levar em conta a pesquisa que raramente aparece na mídia, conforme documentou Jeff Diner. Eis um resumo de alguns dos exemplos que ele descreve:

*Pesquisa sobre o olho: São usados macacos, coelhos, cães, gatos e outros animais. Os olhos dos animais são queimados ou feridos de outras maneiras; às vezes, as pálpebras são fechadas com suturas, ou os olhos são removidos.*

*Pesquisa sobre queimaduras: Os animais (cobaias, ratos, camundongos e cães, por exemplo) são queimados usando-se químicos ou radiação, ou então sofrem "queimaduras térmicas", desde amenas até de terceiro grau. As queimaduras térmicas são causadas imergindo-se todo o corpo do animal, ou parte dele, em água fervente, ou pressionando-se uma chapa quente contra sua pele, ou usando-se vapor.*

*Pesquisa sobre radiação: Todo o corpo de um animal, ou parte dele, é submetido à radiação; em alguns casos, os animais de teste são forçados a inalar gases radioativos. Entre os animais usados estão cães, macacos, ratos, camundongos e hamsters.*

*Pesquisa sobre o cérebro: A atividade e o comportamento do cérebro são estudados em gatos, cães, macacos, coelhos e ratos, por exemplo. Os animais sofrem o trauma experimental (normal-*

*mente produzido por um ferimento físico direto na cabeça), são submetidos à manipulação cirúrgica, ou são estimulados eletricamente (por exemplo, depois de sofrerem um implante cirúrgico).*

*Pesquisa sobre choques elétricos: As reações fisiológicas e psicológicas ao choque elétrico são estudadas em vários animais, principalmente ratos. Choques elétricos em graus e intervalos variados são administrados principalmente pelo pé ou pelo rabo. Pesquisa sobre agressão: São investigados os efeitos, no comportamento agressivo, de fatores como isolamento social, disfunção cerebral induzida e privação do sono.*

*Pesquisa sobre estresse: Os animais de teste são expostos ao frio e ao calor extremos, privados do sono REM, imobilizados ou malnutridos, por exemplo, para se investigar fisiologia e comportamento.*

*Pesquisa militar: Com verba do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, vários animais, incluindo primatas não-humanos, são submetidos a armas convencionais, biológicas e químicas, assim como a radiação nuclear, raios laser e microondas de alta potência.*

Nenhuma pessoa razoável vai negar que os animais sofram danos devido a essas pesquisas. Quando (para citar outros procedimentos) os animais são afogados, sufocados e deixados sem alimento até morrerem de fome; ou quando eles têm seus membros amputados e seus órgãos esmagados; ou quando lhes são causados ataques cardíacos, úlceras, paralisia e convulsões; ou quando são forçados a inalar fumaça de cigarro, beber álcool e ingerir várias drogas, como heroína e cocaína – quando os animais estão na extremidade receptora desse tipo de tratamento, nenhuma pessoa razoável dirá: "Sim, mas será que eles sofrem danos?"

É importante reconhecer que tudo que acabei de descrever é rotina. Da remoção dos olhos às queimaduras térmicas, do sufocamento ao esmagamento de órgãos, nada que eu tenha descrito é incomum. Nenhuma lei é transgredida, nenhum código é violado. Todos os procedimentos experimentais citados estão perfeitamente de acordo com "o uso responsável e o manejo e tratamento humanitários dos animais de laboratório na pesquisa". Estas são palavras da NABR. Trata-se de um exemplo clássico do dito desconexo. Quem afoga animais, sufoca-os ou os mata de fome, dizendo que acredita estar proporcionando "manejo humanitário", não merece o mínimo crédito.

### **"a lei do bem-estar animal (para alguns, não para todos)"**

Nos Estados Unidos, várias leis federais e estaduais se aplicam ao uso de animais na pesquisa. Em âmbito federal, a Lei do Bem-estar Animal trata apenas do manejo e do tratamento dos animais fora da pesquisa em si; ela exclui explicitamente o governo federal de qualquer participação no "projeto, esboço, diretrizes e execução da experimentação ou pesquisa por parte de um estabelecimento de pesquisa, enquanto determinados por esse estabelecimento". Além do mais, a Lei do Bem-estar Animal define "animal" como "qualquer cão, gato, macaco, primata [não-humano], cobaio, hamster, coelho, vivo ou morto, ou outro animal de sangue quente que o Secretário [do Departamento da Agricultura] determinar, que esteja sendo usado, ou que se pretenda usar, com os propósitos de pesquisa, teste, experimento ou exibição". É flagrante a ausência, na lista, de ratos, camundongos, aves, animais de criação e peixes, que, juntos, compõem, no mínimo, 90 por cento dos animais usados em pesquisas.

Em 2000, propôs-se uma legislação federal para se incluir roedores e aves dentro do significado da palavra "animal". A emenda foi derrotada (o NABR estava entre seus opositores mais tenazes), para grande alívio e prazer da comunidade da pesquisa com animais. Não importa que a falsidade do compromisso do governo americano com o "bem-estar" e o "uso humanitário e responsável" nunca tenha ficado tão evidente.

Ninguém sabe realmente quantos animais são usados para propósitos científicos. Ainda assim, todo mundo concorda que sejam milhões. Então a discussão fica em torno de quantos milhões. Quinze? Cinquenta? Qualquer coisa entre quinze e cinquenta? Qualquer coisa entre quinze e cinquenta: talvez uma estimativa razoável seja entre vinte e cinco e cinquenta milhões.

### **a garantia do cumprimento da lei pelo governo federal**

O Serviço de Inspeção de Saúde Animal e Vegetal (o APHIS, a mesma agência que tem um histórico notável de assegurar que os animais de circo sejam tratados "humanitariamente") mais uma vez é requisitado para garantir que se cumpra a Lei do Bem-estar Animal (AWA) nos laboratórios americanos. Aos estabelecimentos que não usam nenhuma das espécies regulamentadas não se aplica a lei, assim como àqueles que não recebem fundos federais e utilizam animais que eles mesmos criam. Apesar dessas limitações, grosso modo nove mil estabelecimentos de pesquisa, negociantes e expedidores de animais, além de outros, estão legalmente sujeitos à fiscalização. Estima-se

que os inspetores do APHIS, cuja principal responsabilidade é evitar que se façam remessas interestaduais de plantas e animais de criação doentes, dediquem um máximo de 6 por cento do seu tempo para garantir o cumprimento da lei.

Como resultado dos sempre crescentes cortes de orçamento, a primeira metade dos anos 90 viu um declínio de mais de 20 por cento no número de fiscalizações feitas pelo APHIS. Em 2001 (vejam nossa discussão anterior sobre animais atuando em circos), somente cem inspetores do APHIS permaneciam no emprego. Auditorias internas, conduzidas em 1992 e 1995 pelo Gabinete do Inspetor Geral, descobriram que "o APHIS ainda não era capaz de fazer todas as visitas de fiscalização exigidas" aos estabelecimentos já denunciados como violadores da AWA. A resposta dos fiscais do APHIS foi observar que "algumas das visitas de acompanhamento não foram feitas devido às limitações de pessoal e cortes orçamentários". Assim, violadores do passado puderam continuar tratando os animais de uma forma que [nas próprias palavras do APHIS] poderia "pôr em perigo a saúde e a segurança de seus animais, sem a intervenção do APHIS".

Considerando-se tudo, portanto, a proteção obrigatória e garantida por lei que é dada aos animais em laboratórios é, quando muito, modesta. Por certo seria ingênuo ao extremo presumir-se que "está tudo bem" atrás das portas trancadas que escondem as atividades diárias dos laboratórios americanos das vistas do público. Até os funcionários do APHIS, que não se qualificam exatamente como DDAs extremistas, negariam a credibilidade desse "está tudo bem".

### **"cara", os pesquisadores ganham; "coroa", os animais perdem**

A lei exige que a maioria dos estabelecimentos de pesquisa tenha Institutional Animal Care and Use Committees (IACUCs).<sup>\*</sup> Os IACUCs têm a tarefa de rever os protocolos das pesquisas antes que elas sejam levadas adiante. Dependendo da avaliação do comitê, a pesquisa será feita conforme proposta, ou terá de ser modificada, ou, teoricamente, poderá ser rejeitada. Dentre os critérios usados pelos IACUCs, alguns dizem respeito ao grau de invasão da pesquisa proposta e à intensidade da dor que ela causará. O princípio básico é o do custo-benefício. Os animais não deveriam sofrer "desnecessariamente". Grosso modo, a pesquisa invasiva que causa dores fortes ou morte só deveria ser permitida se ela promettesse resultados importantes.

A ilusão da proteção dada aos animais pelos IACUCs foi desfeita por um estudo publicado em julho de 2001 no prestigioso periódico *Science*. O estudo mostrou que, na maioria dos casos, propostas que

(\*) Comitês Institucionais de Cuidado e Uso de Animais. No Brasil, CEUA's - Comitês de Ética no Uso de Animais [nota da revisora Sonia Felipe]

tenham sido aprovadas por um IACUC foram rejeitadas por outro. Isso não contribui em nada para inspirar confiança no "uso humanitário" e no "cuidado responsável". Como observou um dos autores do estudo, "a credibilidade das revisões dos IACUCs fica no nível da sorte – na base do 'cara ou coroa'". Para os animais, tudo depende de eles estarem ou não no lugar errado, no momento errado. Se estiverem, então: "cara", a pesquisa ganha; "coroa", os animais perdem.

### **o argumento do benefício**

Só existe uma defesa moral séria da vivisseção. Essa defesa procede do seguinte modo. Os seres humanos vivem melhor por causa da vivisseção. Realmente, nós estamos vivendo *muito* melhor por causa dela. Se não todos, pelo menos a maioria dos mais importantes avanços na saúde e na longevidade humana deve-se à vivisseção. Dentre os avanços freqüentemente citados estão a cirurgia do coração, as vacinas (para poliomielite e varíola, por exemplo), as cirurgias da catarata e para implante nos quadris, e os avanços nas técnicas de reabilitação de vítimas de derrames e de danos à medula óssea. Sem esses e muitos outros progressos atribuíveis à vivisseção – insistem os proponentes do argumento do benefício – a incidência de doenças humanas, deficiências permanentes e mortes prematuras seria muito, muito maior do que é hoje.

Os defensores do argumento do benefício não são indiferentes (pelo menos eles dizem que não são indiferentes) ao modo como os animais são tratados. Eles concordam que os animais usados na vivisseção às vezes sofrem, tanto durante a própria pesquisa quanto por causa das condições restritivas da vida no laboratório. Esses danos são lamentáveis – reconhecem os defensores da vivisseção – e deveria ser feito todo o possível para minimizá-los. Por exemplo, para se evitar superpopulação, os animais deveriam ser alojados em jaulas maiores. Mas (segundo a argumentação) não há nenhuma outra forma de se garantirem os importantes benefícios à saúde humana que a vivisseção oferece com tanta abundância, benefícios que justificam enormemente qualquer dano sofrido pelos animais.

### **fugindo da questão principal**

Uma coisa teria de ficar óbvia, logo de cara. O argumento do benefício não tem, em absoluto, nenhum suporte lógico no debate sobre os direitos animais. Está bem claro que tudo que o argumento do benefício *poderia*, possivelmente, mostrar, é que a vivisseção feita nos animais não-humanos beneficia os seres humanos. O que

esse argumento *não pode* mostrar é que vivissecionar animais para esse propósito se justifique moralmente. Se os animais têm direitos não é uma pergunta que possa ser respondida dizendo-se o quanto a vivissecção beneficia os seres humanos.

Além de fugir da questão principal, o argumento do benefício convenientemente omite muito e inclui pouco. Até que se trate dessas omissões, o argumento não tem sustentação lógica.

### **o que o argumento do benefício omite**

Qualquer argumento que se baseie em comparar benefícios e danos tem de declarar com precisão não só os benefícios, como também os danos relevantes. Os defensores do argumento do benefício falham nas duas estimativas. Independentemente de sua lamentável tendência a minimizar os danos causados aos animais, e da sua firme determinação em marginalizar as alternativas que não os usam, esses defensores superestimam os benefícios humanos atribuíveis à vivissecção e praticamente ignoram os massivos prejuízos humanos que são uma parte essencial do legado da vivissecção. E, mais fundamentalmente ainda, eles nunca conseguem oferecer uma metodologia inteligível para se comparar benefícios e danos entre espécies. Vou tratar dessas três falhas, uma de cada vez.

### **superestimação dos benefícios**

Os proponentes do argumento do benefício gostariam de nos fazer crer que a maioria dos avanços realmente importantes na área da saúde humana não teria sido obtida sem a vivissecção. Os fatos contam uma história diferente. Estudiosos da saúde pública mostraram que os experimentos com animais deram, quando muito, apenas uma modesta contribuição à saúde pública. Em contraste, a grande maioria dos avanços mais importantes resultou de melhorias nas condições de vida (no saneamento, por exemplo), de mudanças na higiene pessoal e no estilo de vida – e nada disso tem a ver com a experimentação animal.

### **subestimação dos danos**

Os defensores do argumento do benefício convenientemente ignoram as centenas de milhões de mortes e as incontáveis doenças e deficiências que ocorrem por causa da dependência do "modelo animal" na pesquisa. Às vezes, os danos resultam daquilo que a confiança na vivissecção torna disponível; às vezes, resultam daquilo que essa confiança impede. Os nocivos efeitos dos remédios que são receitados pelos médicos são um exemplo do primeiro tipo.

As drogas que os médicos receitam são testadas extensivamente em animais, antes de serem colocadas à disposição dos consumidores. Como se sabe muito bem, há problemas em se extrapolar, para os seres humanos, os resultados obtidos com estudos em animais. Em particular, muitos remédios que não são tóxicos para animais de teste acabam se mostrando altamente tóxicos para humanos. Quão tóxicos? Isto talvez surpreenda vocês, mas estima-se que cem mil americanos morram e uns dois milhões sejam hospitalizados, anualmente, por causa dos efeitos colaterais danosos dos remédios, receitados pelos médicos, que eles estão tomando. Isto faz dos remédios prescritos *a quarta entre as principais causas de morte* nos Estados Unidos, atrás apenas das doenças cardíacas, do câncer e do derrame – um fato que, sem exceção, não é mencionado pelos defensores do argumento do benefício.

O pior é que a FDA, a agência federal encarregada de regulamentar as drogas receitadas, estima que os médicos comuniquem apenas 1 por cento das reações adversas provocadas pelas drogas. Em outras palavras, para cada resposta adversa de um remédio que é comunicada, noventa e nove não são. Está bem claro que, antes de os defensores da vivisseção poderem alegar racionalmente que os benefícios humanos excedem bastante os danos humanos, eles têm de reconhecer, com honestidade, a grande frequência com que o modelo animal leva a terapias prescritas que são qualquer coisa, menos benéficas.

Enquanto os porta-vozes da vivisseção nos Estados Unidos insistem que os negócios devem ser feitos sem mudanças, pesquisadores da União Européia estão desenvolvendo testes de drogas que usam células sanguíneas humanas. Os testes não são apenas mais fáceis e menos caros; eles também estão provando ser mais sensíveis do que os feitos em coelhos, os animais que estão entre os "modelos" favoritos da indústria da vivisseção.

Os danos massivos aos humanos também ocorrem por causa daquilo que a dependência da vivisseção impede. O papel do hábito de fumar na incidência do câncer é um exemplo. Já na década de 1950, estudos epidemiológicos em humanos revelaram uma ligação causal entre fumar cigarro e o câncer de pulmão. Entretanto, repetidos esforços feitos durante mais de cinquenta anos raramente conseguiram induzir, em animais, cânceres relacionados ao tabaco. Apesar do alarme acionado por defensores da saúde pública, os governos do mundo todo se recusaram a promover uma campanha educativa para informar os fumantes sobre os graves riscos que eles estavam correndo. Hoje, uma em cada cinco mortes nos Estados Unidos é devida aos efeitos do fumo, e 60 por cento do dinheiro que se gasta com a saúde no país vão

para o tratamento de doenças relacionadas ao tabaco.

Quanto desse prejuízo humano massivo poderia ter sido evitado, se os resultados da vivisseção não tivessem orientado a política de saúde do governo? Não está claro que alguém tenha a resposta certa, além de dizer: "Muito. Mais do que jamais saberemos". Uma coisa que realmente sabemos, entretanto, é que os defensores do argumento do benefício violam a lógica de seu argumento quando, em defesa da vivisseção, omitem, para sua conveniência, esses danos.

### **a ideologia da pesquisa**

Por fim, nenhum dos defensores da vivisseção consegue explicar como é que devemos pesar os benefícios e os prejuízos entre espécies. Antes de podermos concluir que os benefícios da vivisseção para os humanos superam enormemente os danos causados aos outros animais, alguém precisa explicar como é que as comparações relevantes deveriam ser feitas. Por exemplo: quanta dor animal é igual a quanto alívio humano proporcionado por uma droga que tenha sido testada em animais? Não é suficiente dizer, para citar o filósofo americano Carl Cohen (o líder mundial dos defensores do argumento do benefício), que "o sofrimento da nossa espécie realmente parece ser, de alguma forma, mais importante do que o sofrimento das outras espécies". Além de não conseguir explicar quão mais importante o nosso sofrimento deve ser, essa frase também não oferece razão nenhuma para se pensar que o sofrimento humano seja mesmo mais importante.

Evidentemente, a menos que – ou até que – aqueles que apóiam o argumento do benefício ofereçam uma metodologia inteligível para se comparar benefícios e danos entre espécies, a alegação de que os benefícios humanos derivados da vivisseção superam enormemente os danos causados aos animais está mais para a ideologia sem fundamento do que para o fato demonstrado.

### **conclusão**

Seres humanos, e não somente os animais não-humanos, têm sido usados em experimentos não terapêuticos danosos. Não é de surpreender que a maioria das "cobaias" humanas não tenha vindo do grupo rico e educado, da raça dominante, do grupo com o poder de afirmar e garantir seus direitos. Não, a maioria das vítimas humanas da vivisseção tem sido recrutada de modo coercivo entre as crianças (especialmente órfãs), os idosos, os insanos, os pobres, os ignorantes, os membros das raças "inferiores", os homos-

sexuais, os militares, os prisioneiros de guerra, os criminosos sentenciados e os humanos com séria incapacidade mental.

A base racional científica por trás da vivissecção humana precisa de pouca explicação. Usar sujeitos humanos na pesquisa supera o problema da extrapolação dos resultados de uma outra espécie para a nossa. Assim, a vivissecção humana promete benefícios ainda maiores do que qualquer um que possa advir da vivissecção animal.

Nenhum defensor sério dos direitos humanos pode apoiar esse tipo de pesquisa. Este julgamento não é excêntrico ou arbitrário; é uma consequência necessária da lógica dos nossos direitos morais, incluindo nosso direito sumário de ser tratados com respeito. Para usar uma analogia de um capítulo anterior, os direitos individuais são a carta *trunfo* do jogo moral. É errado ferir nossos corpos, tirar nossa liberdade ou acabar com nossas vidas só porque outros irão se beneficiar com isso.

Os defensores dos direitos animais sustentam a mesma posição quando outros animais são vítimas da vivissecção. O fim não justifica os meios. Mesmo se fosse verdade que os humanos colhem grandes benefícios e não sofrem danos com a prática, isso não justificaria a violação dos direitos dos animais cuja infelicidade é se encontrar em uma jaula de algum laboratório num lugar qualquer. Não devemos fazer o mal para que surja o bem. A vivissecção é exatamente o tipo de mal que não deveríamos fazer.

## NOTAS

### "cuidado humanitário"

National Association for Biomedical Research [www.nabr.org/](http://www.nabr.org/).

### usando animais como instrumentos na educação

People for the Ethical Treatment of Animals  
[petacatalog.com/peta/product.asp?dept%5Fid=12&pfUIo5Fid=VP511&mscssid=](http://petacatalog.com/peta/product.asp?dept%5Fid=12&pfUIo5Fid=VP511&mscssid=).

### "estudantes têm de dissecar para aprender anatomia".

Jonathan Balcombe, "Dissection: The Scientific Case for Alternatives", *Journal of Applied Animal Science* 4, no. 2 (2001): 117-26.

### os ventos da mudança

Jonathan Balcombe, "Student/Teacher Conflict regarding Animal Dissection", *The American Biology Teacher* 59, no. 1 (2000): 22-25.

### **a vivisseção do cão**

Colorado dog lab *website* [www.stopcudoglabs.org/](http://www.stopcudoglabs.org/).

"CU Halts Last Dog Vivisections. Decision Made for Fiscal Reasons, Official Says", *The Boulder Daily Camera*, by Katy Human, 30 de janeiro de 2003.

Editorial, *Boulder Daily Camera*, "Saving Dogs and Money. CU Should Make Dog Lab Ban Permanent", 31 de janeiro de 2003.

### **seu animal de companhia poderá terminar num laboratório**

PETA [peta.org/mc/facts/fscl5.html](http://peta.org/mc/facts/fscl5.html).

PCRM [www.pcrm.org/issues/Animal\\_Experimentation\\_Issues/pound\\_seizure.html](http://www.pcrm.org/issues/Animal_Experimentation_Issues/pound_seizure.html).

Americans for Medical Progress [www.amprogress.org/](http://www.amprogress.org/).

Last Chance for Animais [www.lcanimal.org/](http://www.lcanimal.org/).

### **usando animais em testes de toxicidade**

"DL<sub>50</sub>"

Para ver uma clássica crítica das variações nos resultados de DL50 devido a fatores ambientais entre outros, leia o texto de R. Loosli, "Duplicate Testing and Reproducibility", em Regamay, Hennessen, Ikic, e Ungar, *International Symposium on Laboratory Medicine* (Basel: Karger, 1967).

Mindy Kursban, Esq., "PCRM Brings EPA to Court over Cruel and Useless Tests", *Good Medicine* (Inverno de 2003): 11.

Richard Ryder, *Victims of Science: The Use of Animals in Research* (London: Davis-Poyter, 1975), 36.

### **alternativas**

Para informações detalhadas das alternativas *in vitro* ao DL<sub>50</sub>, veja o *site* [www.pcrm.org/issues/Animal\\_Experimentation\\_Issues/in\\_vitro\\_test.html](http://www.pcrm.org/issues/Animal_Experimentation_Issues/in_vitro_test.html).

Os resultados da pesquisa feita pelos cientistas suíços estão resumidos no texto "In Vitro Acute Toxicity Tests More Predictive Than Animal Tests", disponível no *site* [www.pcrm.org/issues/Animal\\_Experimentation\\_Issues/in\\_vitro\\_test.html](http://www.pcrm.org/issues/Animal_Experimentation_Issues/in_vitro_test.html).

### **usando animais como instrumentos na pesquisa**

A Federal Food, Drug, and Cosmetic Act pode ser encontrada no *site* [www.fda.gov/cvm/index/ffdc\\_act/ffdcacoc.html](http://www.fda.gov/cvm/index/ffdc_act/ffdcacoc.html).

Informações sobre a mudança de política da União Européia a respeito de testes de produtos podem ser encontradas no *website* da British Union for the Abolition of Vivisection: [www.buav.org/campaign.html](http://www.buav.org/campaign.html).

### **tipos de pesquisa**

O texto de Feff Diner, *Beyond the Laboratory Door* (Washington, D.C.: Animal Welfare Institute, 1985), é uma clássica descrição dos tipos de pesquisa a que os animais são submetidos.

### **"A lei do bem-estar animal (para alguns, não para todos)"**

Para ter informações a respeito do número de animais usados em pesquisas, visite o *site* do Serviço de Inspeção de Saúde Animal e Vegetal [www.aphis.usda.gov](http://www.aphis.usda.gov).

### **a garantia do cumprimento da lei pelo governo federal**

Dados a respeito do número de estabelecimentos sujeitos à inspeção do APHIS e os resultados dessas inspeções foram tirados do Office of the Inspector General's Animal and Plant Inspection Service Enforcement of the Animal Welfare Act, Audit Report No. 33600-1-Ch (Washington, D.C.: U. S. Government Printing Office, janeiro de 1995). Um resumo das práticas realizadas pelo APHIS pode ser visto no texto de Michael Budke, "Are Laboratory Animals Protected in the U.S.?", *The Animals' Voice Magazine* (Primavera de 1996): 6-9. Gary Francione fez uma crítica bem sustentada da Lei do Bem-estar Animal e das práticas do APHIS em *Animals, Property, and the Law* (Philadelphia: Temple University Press, 1995).

### **"cara", os pesquisadores ganham; "coroa", os animais perdem**

Scott Plous and Harold Herzog, "Reliability of Protocol Reviews for Animal Research", *Science* 27 (julho de 2001): 608-9. A frase é de Herzog e está em um *press release* sem data definida da Wesleyan University News.

### **superestimação dos benefícios**

Para se ter uma idéia de como os benefícios da pesquisa animal são exagerados, leia o livro de Hugh LaFollette e Niall Shanks, *Brute Science: Dilemmas of Animal Experimentation* (New York: Rowman and Littlefield, 1996). Além disso, leia os livros de C. Ray Greek, MD e Jean Swingle Greek, DVM, *Sacred Cows and Golden Geese: The Human Costs of Experiments on Animals* (New York: Continuum, 2000), e *Specious Science: How Genetics and Evolution Reveal Why Medical Research on Animals Harms Humans* (New York: Continuum, 2002).

### **subestimação dos danos**

As estatísticas a respeito da toxicidade das drogas aprovadas pela FDA podem ser encontradas no U. S. General Accounting Office, *Report to the Chairman, Subcommittee on Human Resources and Intergovernmental Relations, Committee on Government Operations, House of Representatives, FDA Drug Review, Postapproval Risk, 1976-1985* (Washington, D.C.: U. S. Government Printing Office, 1990).

A estimativa de 1 por cento das reações adversas relatadas estão no artigo de D. A. Kessler, "Introducing MedWatch: A New Approach to Reporting Medication and Adverse Effects and Product Problems", *Journal of the American Medical Association* 269 (1993): 2765-68.

A estimativa de 60 por cento dos custos totais com saúde atribuíveis ao fumo aparece em um grande estudo econômico preparado por Robert Shubinski, M.D. Disponível no site [unr.edu/homepage/shubink/smokost1.html#cost2](http://unr.edu/homepage/shubink/smokost1.html#cost2).

Informações a respeito do uso de células humanas para substituir os coelhos nos testes com remédios podem ser encontradas no site [www.euobserver.com/index.phtml?sid=9&aid=11188](http://www.euobserver.com/index.phtml?sid=9&aid=11188).

### **a ideologia da pesquisa**

Carl Cohen, *The Animal Rights Debate*, 291.



**Muitas Mãos em  
Muitos Remos**

PARTE V



## capítulo 11

"SIM..., MAS..."

A idéia dos direitos animais é difícil de vender. Nós, os defensores desses direitos, podemos fazer o máximo para desfazer os mitos sobre quem somos. Podemos raciocinar de modo lógico. Podemos tornar visíveis as muitas coisas terríveis que são feitas aos animais. Podemos desmascarar a retórica enganosa dos porta-vozes das grandes indústrias que usam animais. Podemos desfazer a ilusão de que ter leis e inspetores para assegurar seu cumprimento garante que "está tudo muito bem" na granja e no laboratório, no circo e dentro das fábricas de peles. Podemos fazer tudo isso, e o que conseguimos (não o tempo todo, mas na maior parte do tempo)? O que conseguimos é a resistência de pessoas com uma consciência animal em expansão, pessoas que se preocupam genuinamente com os animais, pessoas que estão abertas a mudanças, pessoas que estão fazendo perguntas e achando respostas – pessoas que são relutantes, como eu as chamo. Mesmo depois de os defensores dos direitos animais lhes dizerem tudo e fazerem de tudo, muitos relutantes simplesmente não conseguem dar o último passo. Sim, o que estava invisível agora está visível. Sim, eles vêem rostos em vez do vaso, ou vice-versa. Mas a imagem tremula;

ela vai e vem; falta-lhe constância, permanência. Às vezes, os animais são vistos como sujeitos. Mas, com maior frequência, por reinarem os velhos hábitos, são vistos como coisas. Resistência. Resistência. Resistência.

Por quê? O que é que impede que se alcance uma verdadeira mudança de percepção, a sólida convicção de que, sim, os animais têm direitos? Não há uma resposta só. Relutantes diferentes têm razões diferentes para estarem onde estão. De fato, os relutantes têm uma longa lista de razões para resistir ao tipo de mudança fundamental que a adesão aos direitos animais acarreta. Essas razões são comumente expressas na forma de "Sim..., mas...". Por exemplo: "Sim, os direitos animais se apóiam em argumentos racionais, mas..." seguido por uma consideração ou outra de quem está falando.

Levando isso em conta, eu fico do lado dos relutantes, em todo lugar. A resistência deles é totalmente adequada, dada a magnitude daquilo que está em jogo (nada menos do que o modo como deveríamos viver nossas vidas). Eu já fui um relutante. Eu sei o que é estar à beira do precipício da indecisão. Os relutantes têm todas as razões para hesitar antes de fazer, dos direitos animais, parte das suas vidas. Neste capítulo final, eu quero explorar algumas das razões mais comuns (eu as chamo de "chega-para-lás") que os relutantes têm para ver os direitos animais com *muito* cuidado, antes de darem o salto. Antes, porém, umas poucas observações preliminares.

Os defensores dos direitos animais enfrentam muitos desafios. Os principais são (1) o pouco número de adeptos e (2) nossa falta de credibilidade junto ao público geral. Como poderemos fazer o movimento pelos direitos animais crescer? Como ir de onde estamos hoje, na margem dos interesses da sociedade, para onde queremos estar, no centro da pauta moral da nossa cultura? Como desfazer alguns mil anos de história e hábito? Em outras palavras, como virar um *iceberg* em uma banheira?

Os DDAs não são ingênuos. Nós compreendemos que o futuro dos direitos animais será nulo, se muito poucas pessoas quiserem tornar realidade os objetivos do movimento. Está certo que o trabalho duro de alguns pode conseguir algumas jaulas maiores para alguns animais, em algum lugar; mas o trabalho duro nunca vai abrir as jaulas se nossos ativistas forem poucos demais e nossa influência, fraca demais. É por isso que eu dediquei este livro aos relutantes, em todo lugar. Os relutantes são o futuro dos direitos animais. O movimento pelos direitos animais não irá para lugar nenhum (exceto, talvez, para trás) se os relutantes que se juntarem a ele forem poucos demais.

Portanto, sim, sem dúvida nenhuma, nós devemos aos relutantes respostas honestas toda vez que os ouvirmos dizer: "Sim..., mas..." Sem nenhuma pretensão de fazer uma abordagem completa do assunto, é isto que eu tento fazer neste capítulo: oferecer respostas honestas.

### **o chega-para-lá do "anti"**

Em um capítulo anterior, mencionei que os defensores dos direitos animais são vistos, freqüentemente, como um bando de gente "anti": anticarne, antilaticínios, antipeles, anticouro, anticaça, anti-rodeios. Esta lista continua. Isso é um convite para o familiar "Sim, mas...": "Sim, eu abraçaria a causa dos direitos animais, mas quem quer ficar rodeado de gente tão negativa?"

Eu não peço desculpas em nome dos DDAs. Nós realmente somos contra todas essas (no nosso modo de ver) abominações, e muitas outras. Mas espero que ninguém se esqueça de que há um outro lado naquilo que valorizamos e em que acreditamos: o lado "pró". Com raras exceções, os defensores dos direitos animais defendem o amor à família e ao país, os direitos humanos e a justiça, a liberdade e a igualdade humanas, a compaixão, a paz e a tolerância, a consideração especial dos que têm necessidades especiais, um ambiente limpo e sustentável, e os direitos dos filhos dos filhos dos nossos filhos – nossas gerações futuras.

Para um relutante que está pensando "Sim, eu abraçaria a causa dos direitos animais, mas quem quer ficar rodeado de gente tão negativa?", eu quero fazer uma modesta sugestão: amplie seu círculo de conhecidos que sejam ativistas. Você provavelmente conhece muito poucos, e não muitos. Nós nos sentimos mais do que felizes em conversar sobre os valores positivos nos quais acreditamos. Se o público não escuta isso, se ele só ouve o lado negativo dos direitos animais, há uma explicação familiar. O lado positivo não "sangra" o suficiente, não é sexy, nem cheio de celebridades o bastante para passar pelos filtros da mídia.

### **o chega-para-lá do "palhaço de rua"**

Outro chega-para-lá para os relutantes vem de algo que eles vêem como palhaçada ou comportamento bizarro. "Sim, a idéia dos direitos animais é nobre", eles dizem, "mas eu não quero ser associado a um movimento que reduz problemas sérios de justiça social a um carnaval de rua – como quando as pessoas se vestem de galinhas ou vacas para protestar contra as granjas industriais, ou ficam saltitando dentro de fantasias de gorila para protestar contra a vivissecação".

Qualquer resposta útil a essa consideração começa com um lembrete sobre a mentalidade da mídia, que constitui um problema para os defensores dos direitos animais, assim como para qualquer outro grupo competindo para fazer com que sua mensagem seja ouvida. Pergunta: Como podemos conseguir a atenção da mídia? Resposta: Façam alguma coisa ilícita ou bizarra. Esses dois tipos de exposição na mídia são um chega-para-lá para os relutantes.

Vou cuidar do tópico dos atos ilícitos mais tarde. Com respeito ao bizarro: a grande mídia quer alguma coisa para mostrar, além de *closes* de pessoas falando. Os defensores dos direitos animais cooperam com ela, fazendo o papel de palhaços. Será que isso é uma má idéia? Eu não acho. Por exemplo, ter gente nua correndo pelas ruas para protestar contra casacos de pele *pode* (notem o itálico) ser uma parte legítima do processo educativo, *contanto que* o barulho gerado pelo evento não ofusque a mensagem, que deveria sempre ser a mesma: Os animais estão nas jaulas, e não deveriam estar lá. Se (como pode acontecer) alguns grupos exageram um pouco no bizarro, a resposta adequada é ou pedir-lhes que sejam um pouco mais discretos ou para que apóiem outros grupos, e não para que abandonem completamente os direitos animais.

Além do mais, os relutantes deveriam notar que a palhaçada não é uma coisa exclusiva dos direitos animais. Outros movimentos que lutam pela justiça social adotaram o bizarro, para melhor atrair a atenção da mídia. Quem duvidar disso, veja ou faça parte de uma Parada do Orgulho *Gay*, em São Paulo ou no Rio, digamos. Em São Francisco, por exemplo, os *gays* que se vestem de uvas, laranjas e bananas ("frutas", uma gíria para "homossexuais") são bizarros. Não há outra palavra para isso. Será que o modo como eles se vestem oferece uma razão boa o suficiente para alguém se recusar a dar apoio aos direitos homossexuais? Acho que ninguém acredita realmente nisso. Bem, o mesmo deveria valer para um relutante que visse um ativista vestido de frango na frente de uma lanchonete da rede KFC (Kentucky Fried Chicken). Nós não deveríamos tomar decisões que alterem toda uma vida, baseados em se estamos ou não ouvindo alguém dizer "Cocoricó".

### **o chega-para-lá da "celebridade"**

Alguns relutantes se sentem desencorajados a apoiar os direitos animais porque seus defensores ficam tentando conquistar o apoio de celebridades. Dê só uma olhada nas publicações das organizações nacionais. Às vezes elas estão tão cheias de fotografias de celebridades

que parece que você está lendo a revista *Caras* ou a *People*. Para qualquer relutante que pense que parte do problema com o mundo de hoje seja o papel representado pela crescente cultura da celebridade, ver os defensores dos direitos animais se atropelando atrás do apoio de músicos de *rock* e estrelas de cinema pode ser um verdadeiro chega-*pra-lá*. "Sim, os direitos animais são uma idéia importante", dirão alguns relutantes, "mas eu não quero me envolver num movimento que depende do apoio de celebridades".

Quando comecei a escrever este livro, eu também pensava assim. Não é um bom sinal quando *quem* diz alguma coisa é visto como mais importante do que *o que* é dito. Agora que estou quase terminando, eu amoleci um pouco. O endosso de celebridades aos direitos animais *pode* (notem o *itálico de novo*) dar uma importante contribuição ao processo educativo. Vamos encarar os fatos. As celebridades abrem portas nas quais o resto de nós pode apenas bater. Que Kim Basinger e Paul McCartney não comam carne nunca será uma boa razão para todo mundo virar vegetariano. Mas algumas pessoas (especialmente os jovens relutantes) talvez se sintam motivadas a repensar a própria dieta, ao descobrirem o que essas celebridades comem e o que não comem. É difícil ser contra isso.

Além do mais, outros movimentos pela justiça social também entraram no jogo da celebridade. O movimento pelos direitos civis não bateu em retirada quando famosos como Burt Lancaster, Quincy Jones, Carmen McRae e Josephine Baker juntaram suas vozes às dos manifestantes, cantando "We Shall Overcome" ("Venceremos"). E nenhum dos ativistas que se opuseram à guerra do Vietnã reclamou quando Joan Baez, Country Joe McDonald e Jane Fonda juntaram-se a todos os outros ativistas, incluindo Nancy e eu, para se manifestarem contra a guerra. O poder da celebridade foi, é e continuará sendo um fato da vida. Como tal, será sempre usado por todos os movimentos pela justiça social, entre os quais o movimento pelos direitos animais. Às vezes temos de aceitar as coisas como são, e não cimentar os pés no chão porque o mundo não é como a gente quer que seja.

### **o chega-*pra-lá* do "mau gosto"**

Os defensores dos direitos animais podem fazer umas coisas de verdadeiro mau gosto. A título de ilustração: uma organização de DDAs cria anúncios que pretendem ajudar os animais capitalizando o sofrimento de pessoas que estão em evidência. Uma família está tentando lidar com a morte de sua filha pelas mãos de um assassino em série. A notícia está em toda parte. Aquela organização usa essas circuns-

tâncias para promover os direitos animais em seus anúncios. "Se vocês acham que é ruim ver meninas serem mortas por assassinos em série, pense nas coisas terríveis que estão sendo feitas aos animais nos matadouros". Você captou a idéia. A mídia cobre o anúncio da campanha feito moscas cobrindo um guacamole de uma semana, e a organização pensa que isso faz do anúncio um sucesso. Essa organização deveria pensar melhor.

Coisas terríveis estão sendo feitas aos animais nos matadouros. Nesse ponto, não tenho o que discutir. Mas existe um fato a respeito do mundo que a maioria das pessoas entende: seres humanos compassivos estendem seus sentimentos de solidariedade a outras pessoas, em tempos difíceis. Pessoas compassivas não tentam se aproveitar das tragédias pessoais dos outros para promover um avanço da própria causa. Evidentemente, os DDAs que criam anúncios como aquele vivem em algum outro mundo, diferente do real. Muitas pessoas consideram esses anúncios um chega-para-lá. *Eu os considero um chega-para-lá. Todo mundo* deveria vê-los dessa maneira. Tudo que essa publicidade de mau gosto consegue é amargura, hostilidade e ressentimento. Esse tipo de cobertura da mídia (cobertura que confirma o estereótipo do ativista misantrópico) não faz nada de bom para o movimento pelos direitos animais, nem para os animais. Você não incentiva as pessoas a se tornarem compassivas com os animais, se mostrar falta de compaixão com os seres humanos, nos momentos difíceis.

Quando os defensores dos direitos animais se comportam desse modo, eles não falam em meu nome. E também não falam em nome da grande maioria. Nós (a grande maioria) nos escondemos, quando isso acontece. Os ataques que recebemos, tanto de amigos como de inimigos, são inacreditáveis. Então, quando os relutantes dizem "Sim, eu me juntaria aos DDAs, mas eles fazem coisas de tão mau gosto", deve ser lembrado que esse "eles" se refere a apenas uns poucos. A falta de consideração com que eles se comportam não é uma boa razão para a resistência de um relutante.

### **o chega-para-lá da "certeza exagerada da própria virtude"**

Alguns relutantes são desencorajados pela certeza exagerada da própria virtude com que se deparam: "Sim, direitos animais é uma nobre idéia", dizem eles, "mas veja o que essa idéia faz com as pessoas; faz com que elas pensem que são *tão* boas, *tão* puras. Quem quer ser assim?" Eu consigo me identificar com essa reação. Conheço alguns defensores dos direitos animais que se acham tão virtuosos que eu até desvio do meu caminho, só para não ter de lidar com eles. Eis um exemplo.

Os DDAs têm excelentes razões para não usar peles, couro ou lã. Pense só na fábrica de peles, no tratamento das vacas na Índia, ou no *mulesing* praticado pelos fazendeiros australianos de carneiros, e você poderá entender essas razões. Nós não queremos nem um pouco desse mal nas nossas vidas. Preferimos algodão e couro falso.

Muito bem, isso é justo. Só que eu conheço alguns desses defensores que *querem que você saiba* o quanto você é mau e o quanto eles são bons, quando se trata das roupas que vestem e dos sapatos que você calça. Quero dizer, eu conheci alguns que podem *soltar fogo pelo nariz* na cara das pessoas que não se vestem direito.

Os defensores dos direitos animais que se comportam dessa maneira não vivem no mundo real. Como os problemas que estão emergindo aqui são importantes, quero gastar mais ou menos uma página para explorá-los.

Veja o algodão, por exemplo. Não se trata de um direito sem implicações morais para os animais. O algodão tem uma das safras produzidas com o uso mais intenso de produtos químicos do mundo. Herbicidas. Nematocidas. Fungicidas. Tudo quanto é tipo de *cidas* (*cida* traduz a idéia de *exterminador, assassino*) é aplicado ao algodão. Quando vêm as chuvas (e elas vêm mesmo), os *cidas* são levados na água para os rios e córregos vizinhos, matando peixes e outros animais. Antes, porém, muitos animais que vivem na terra são mortos quando lavradores mecanizados preparam o solo para o plantio. O resultado? Toda vez que compramos alguma coisa feita de algodão, estamos levando, para casa, roupas manchadas com o sangue de animais.

Quanto aos sapatos e cintos feitos de couro falso: são subprodutos da indústria petroquímica. Isso significa derramamento de óleo, o que por sua vez significa números incontáveis de animais feridos e mortos. Toda vez que calçamos um par de sapatos de couro falso, nós temos o sangue de animais nos nossos pés.

Eis como eu ilustro a difícil situação de um defensor dos direitos animais. Imagine uma teia de aranha grande e intrincada. A teia tem um centro e as bordas. Imagine a teia representando o mal no mundo. As piores coisas estão no centro; as menos ruins, nas bordas.

Onde, na teia, encontramos o mal que aflige os animais pelas mãos das grandes indústrias exploradoras? Vamos pensar. Os corpos de literalmente bilhões de animais são intencional e deliberadamente feridos a cada ano. A liberdade de centenas de milhões de animais é intencional e deliberadamente negada a cada hora. A própria vida de dezenas de milhares de animais é intencional e deliberadamente tirada a cada minuto. Nós acreditamos que o que as grandes indústrias

exploradoras de animais fazem com eles está no centro da teia, ou perto do centro. O que se faz com eles é mau, no nosso modo de ver.

Onde, então, encontramos o mal que aflige os animais pelas mãos da indústria do algodão e a petroquímica? Não na mesma vizinhança. O mal causado aos animais por essas indústrias não é intencional nem deliberado. Isto faz uma diferença, dado o modo como nós pensamos. Nosso primeiro dever é retirar nosso apoio direto às grandes indústrias de exploração animal, recusando-nos a comprar seus produtos. Não falhamos quanto a esse dever ao comprarmos produtos feitos por outras indústrias, embora, mesmo aqui, uma consciência animal ampliada nos aconselharia a viver com menos, em vez de viver com mais. Como bem se diz, nós deveríamos viver simplesmente para que outros possam simplesmente viver.

Portanto, não: os defensores dos direitos animais não têm razão para se considerar perfeitos exemplos de virtude, como se o mundo fosse dividido entre Puros (esses seríamos nós) e Impuros (esses seriam o resto da humanidade). Moralmente, somos todos matizes de cinza. Dito isto, os relutantes precisam se lembrar do seguinte: aquele defensor bufando e cuspidando fogo ao criticar as roupas que você está vestindo é apenas uma pessoa, e nenhuma pessoa sozinha fala em nome de todos os defensores. A certeza exagerada da própria virtude não é uma condição prévia, nem uma consequência necessária, da defesa dos direitos animais. Os relutantes não deveriam deixar de avançar em sua jornada só porque alguém não compreende em que ponto estão na jornada.

### **o chega-para-lá do "outing"**

O *outing* é uma ferramenta educacional que os defensores dos direitos animais estão usando cada vez mais. O sentido de *outing* aqui é ajudar as pessoas a saberem o que os seus vizinhos fazem para se sustentar. Funciona da seguinte maneira. Suponhamos que uma vizinha passe sua vida profissional cegando gatos, enquanto um sujeito no fim da rua ajuda a abater dezenas de milhares de porcos a cada ano. *Outing* significa tomar providências para ajudar as pessoas da vizinhança a saberem que esses dois não estão trabalhando em um supermercado ou em um posto de gasolina.

Há diferentes modos de se fazer isso. O *outing* clássico é assim. Os defensores dos direitos animais conseguem permissão das autoridades para se reunirem mais perto do endereço-alvo do que o limite determinado por lei (vários Estados têm leis definindo esses limites); em seguida, usando megafones ou outros amplificadores, eles comu-

nicam à vizinhança quem está morando "na casa ao lado", por assim dizer. Outras formas de educação incluem a distribuição agressiva de volantes e a colagem intensiva de cartazes (em postes de telefone, murais de informação de lojas e assim por diante). O objetivo é espalhar a mensagem: "Quando seus vizinhos vão trabalhar, eis o que eles fazem aos animais".

Os *outings* podem atingir pessoas que não violam os direitos animais diretamente. Exemplos disso incluem pessoas que escrevem apólices de seguro para grandes indústrias de exploração animal, ou que são grandes acionistas dessas indústrias, ou diretores de relações públicas que pintam de cor-de-rosa o que essas indústrias fazem, ou banqueiros que emprestam dinheiro a companhias ligadas a elas. Num determinado dia ou numa determinada noite, os defensores dos direitos animais podem fazer visitas para comunicar aos outros que o ramo em que seu vizinho trabalha contribui para as coisas terríveis que estão sendo feitas aos animais.

Esse momento não é nada agradável para quem está sendo alvo do *outing*. Eles (e suas famílias) podem ficar envergonhados, frustrados e irritados. Às vezes, não é um momento feliz para a gente boa da vizinhança também. Imagine esta cena: estranhos nas ruas. Barulho acabando com a paz e a tranqüilidade habituais. Trânsito engarrafado. A presença da polícia. Pense só nos efeitos negativos para o preço dos imóveis.

Então (dirão talvez alguns relutantes), "Sim, eu realmente acho que os direitos animais têm uma mensagem importante, mas essa coisa de '*outing*' é muito para a minha cabeça. Eu não posso me envolver em um movimento que tolere esse tipo de comportamento". Ao que uma resposta relevante perguntaria: "Que tipo de comportamento?" Pelo menos até agora, todos os americanos têm tido direitos protegidos por uma coisa chamada Primeira Emenda, que são umas poucas palavras, e uma história magnífica garantindo nosso direito constitucional à liberdade de expressão. Contanto que nenhuma lei seja transgredida (e nenhuma lei precisa ser transgredida), o *outing* é apenas isso: uma forma de liberdade de expressão protegida constitucionalmente. Quem não é DDA talvez não goste de *outings*; eu, pessoalmente, *não gosto*. Mas todo mundo, inclusive quem não é ativista, deveria defender nosso precioso direito à liberdade de opinião. Toda vez que qualquer um de nós perde um pouco da nossa liberdade, todos nós saímos perdendo.

### **o chega-para-lá do "vandalismo e da violência"**

O vandalismo e a violência são primos em primeiro grau. O vandalismo é a forma que a violência às vezes toma quando o objeto direto do estrago ou da destruição são coisas, e não gente. Vândalos vandalizam propriedades, não pessoas. Exemplos disso incluem quebrar mobília ou vidraças, pichar casas ou carros, arrancar plantas e arbustos e destroçar escritórios e apartamentos. O vandalismo envolve violência em pequena escala.

Sem dúvida, alguns defensores dos direitos animais cometem atos de vandalismo. Sem dúvida, muitas pessoas se afastam dos direitos animais quando lêem sobre ativistas quebrando as vidraças de um comerciante de peles ou destroçando o escritório de um vivisseccionista, ou então quando um *outing* se torna violento e casas e carros são pichados. Portanto, deixem-me dizer isto com a maior clareza possível: a grande maioria desses defensores não está interessada em vandalismo. Está bem, nós compreendemos por que ativistas frustrados talvez considerem as vidraças do Ronald McDonald ou o SUV do Ted Nugent alvos extremamente convidativos para um pequeno ativismo extracurricular pelos direitos animais. Mas frustração não é justificativa. Apesar do que algumas pessoas falam de nós, a maioria dos defensores dos direitos animais não é composta de fanáticos fora-da-lei.

Será que os defensores dos direitos animais alguma vez vão além do vandalismo? Será que alguma vez usam violência séria? Se ouvirmos o FBI, a resposta é sim. A agência estima que a Frente pela Libertação Animal (ALF) e a Frente de Libertação da Terra (ELF), juntas, "cometeram acima de 600 atos criminosos nos Estados Unidos desde 1996, o que resultou em prejuízos de mais de 43 milhões de dólares". Isso significa um montão de violência, nas mentes dos agentes do FBI. Mas os porta-vozes da ALF, por sua vez, mostram que o dito desconexo não está restrito às grandes indústrias exploradoras de animais. Eles insistem que o histórico de destruição de propriedades da ALF é parte de uma "campanha não-violenta, com os ativistas tomando todas as precauções para não ferir nenhum animal (humano ou não-humano)".

A violência não é limitada à forma que a ALF ou seus partidários gostariam de nos fazer crer que fosse. Quem causa um incêndio numa clínica de abortos vazia, ou numa sinagoga desocupada, não causa ferimento físico nenhum a qualquer ser senciente; mas supor que esses atos incendiários não sejam violentos distorce o significado de *violência*. Quando o *American Heritage College Dictionary* define "violência" como "força física exercida com o propósito de violar,

prejudicar ou abusar", ele não diz que prejudicar deva envolver um ser senciente. Não precisamos ferir alguém a fim de usar de violência contra algo. Se a ALF usa um artefato incendiário para demolir um prédio, então ela está envolvida em séria violência. "Destruição violenta de propriedade" não é uma contradição em termos. Por que persistir em negar o óbvio? Na minha opinião, a menos que – ou até que – os porta-vozes da ALF reconheçam a natureza violenta de muitas ações da sua organização, tudo mais que eles disserem ao público geral entrará por um ouvido e sairá pelo outro. Nós nunca conseguiremos apoio para as coisas que fazemos se não nos dispusermos a admitir que elas são o que são.

Muitos relutantes tomam um chega-para-lá da violência atribuída aos defensores dos direitos animais. "Sim, eu acho que os direitos animais são uma idéia maravilhosa, e eu realmente gostaria de apoiá-los", eles dizem, "mas eu não posso tolerar a violência". De todos os chega-para-lás, este talvez seja o mais difícil de se abordar. Por esta razão, precisamos gastar o tempo que for preciso para explorá-lo; e mesmo fazendo isso, o que tenho a dizer está longe de encerrar a questão.

Comecemos lembrando a nós mesmos uma coisa mencionada no capítulo 1. Os opositores dos direitos animais arquitetaram uma estratégia que requer notícias de atos violentos cometidos em nome dos direitos animais. E não um pouquinho só; a estratégia deles requer muita violência desse tipo. Eu, pessoalmente, não duvido, em momento algum, que parte da violência atribuída aos defensores dos direitos animais seja, na verdade, cometida por outras pessoas, possivelmente até matadores contratados por gente que trabalha em alguma das grandes indústrias que usam animais. Lembrem-se de Leon Hirsch? Lembrem-se do "Terrorista dos Direitos Animais Tenta Assassinar Líder de Comunidade"? Quanto a esse ponto, eu já disse o suficiente.

Notem, também, como o resultado dessa discussão sempre acaba pendendo para um lado. Do lado de lá, temos todos os maravilhosos respeitadores da lei que trabalham para as grandes indústrias exploradoras de animais. Do lado de cá, temos todos (bem, talvez nem todos) os DDAs violadores da lei. Paragões da não-violência de um lado; incendiários de olhos chispando fogo, do outro. Isso não é apenas absurdamente injusto para com os defensores dos direitos animais; é também uma ocultação da realidade, quanto ao que as grandes indústrias exploradoras de animais fazem. Pensem em algumas das coisas feitas aos animais em nome da ciência, para usar só um exemplo.

Os animais são afogados, sufocados e mortos de fome; têm seus membros decepados e seus órgãos esmagados; são queimados, expostos à radiação e usados em cirurgias experimentais; são submetidos a choques, criados em isolamento, expostos a armas de destruição em massa, levados à cegueira e à paralisia; são induzidos a ter ataques cardíacos, úlceras e convulsões; são forçados a inalar fumaça de tabaco, a beber álcool e a ingerir várias drogas, como a heroína e a cocaína. E dizem que os DDAs são violentos? A violência por eles cometida (e com isso eu quero dizer a destruição violenta de propriedades, conforme foi explicado antes) não é nada, em comparação com a violência cometida pelas grandes indústrias que usam animais; é uma gota comparada ao oceano. Só porque uma profissão é legal, talvez até prestigiada (como no caso da vivissecção), não quer dizer que não seja violenta. No dia a dia, o maior volume de violência no mundo "civilizado" se deve ao que os seres humanos fazem aos outros animais. Que a violência seja protegida legalmente serve somente para tornar as coisas piores ainda.

Eu não sou um pacifista gandhiano. Não acho que seja sempre errado empregar a violência. Em particular, não acho que seja errado empregar a violência para defender os inocentes (por exemplo, a fim de resgatar crianças de um pai alienado, que está ameaçando matá-las). Claro que não deveríamos empregar mais violência, quando menos violência já for suficiente. E não deveríamos usar violência nenhuma, até que tenhamos esgotado todas as alternativas não-violentas, conforme o tempo e as circunstâncias permitirem. Não-pacifistas como eu (e isso inclui quase todo mundo) não precisam ser necessariamente anarquistas de pavio curto. Moralmente, então, os DDAs poderiam tentar satisfazer essas condições argumentando da seguinte maneira:

1. *Animais são inocentes.*
2. *A violência é empregada somente quando for necessária para resgatá-los, de modo que eles sejam poupados de danos terríveis.*
3. *A violência excessiva nunca é empregada.*
4. *A violência é empregada somente depois de esgotadas as alternativas não-violentas, conforme o tempo e as circunstâncias permitirem.*
5. *Conseqüentemente, nesses casos, o emprego da violência é justificável.*



tenha de fechar seu negócio. Neste caso, nenhum animal é resgatado, mas (pode-se argumentar) alguns são poupados dos horrores da viviseccção dentro de um laboratório pelo resto da vida, ou das privações em uma fábrica de peles, por exemplo. Entretanto, é prematuro considerar um argumento desse. Antes que ele mereça ser considerado, os partidários da ALF terão de concordar que essa organização às vezes emprega violência, algo que, como vimos, eles relutam em admitir.

O papel da violência nos movimentos de justiça social levanta questões complicadas que sempre dividiram e sempre dividirão os ativistas em tópicos substanciais – ética e estratégia, em particular. Eu não preciso dividir os defensores dos direitos animais julgando-os pelo caráter. Eu conheço alguns que passaram anos na prisão por terem infringido a lei ao empregarem a violência conforme eu a entendo. Alguns desses ativistas acreditam sinceramente que já esgotaram as alternativas não-violentas, que o tempo de negociação passou e que chegou a hora da ação.

Eu nunca duvidei da sinceridade e do comprometimento – ou da coragem – desses ativistas. Isso me lembra uma observação (não consigo achar a fonte) que Gandhi fez uma vez, querendo dizer que ele tinha mais admiração por pessoas que têm a coragem de usar de violência do que por pessoas que abraçam a não-violência por covardia. Então, sim, os membros da ALF são corajosos nos seus atos e sinceros no seu comprometimento. E, sim, talvez alguns de nós rejeitemos a violência deles por covardia. Entretanto, a violência praticada por eles, na minha opinião, está errada; em vez de ajudar, prejudica o movimento pelos direitos animais.

Os relutantes deveriam continuar ou não sua jornada, tendo em vista a violência atribuída aos ativistas? Essa violência não é uma boa razão para eles resistirem contra os direitos animais, do mesmo modo que o fato de um pequeno grupo de ativistas ter tomado a iniciativa de incendiar o edifício do ROTC [sigla em inglês para Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva das Forças Armadas], no campus da Universidade do Estado de Ohio, não foi uma boa razão para Nancy e eu abandonarmos o movimento antiguerra. A grande maioria dos defensores dos direitos animais (americanos de Norman Rockwell, todos eles) é contra a violência. Foi a máquina de propaganda das grandes indústrias exploradoras de animais que tornou *violência* sinônimo de *direitos animais* na mente de muitas pessoas. São essas máquinas que fizeram (e continuam a fazer) a cabeça dos americanos, para defender interesses específicos. Por que dar a essas máquinas mais poder e influência do que elas merecem? Pessoas que

sabem pensar por si mesmas, com destaque para os relutantes, simplesmente não se prestam a isso.

### **o chega-para-lá do "não tem jeito!"**

A idéia dos direitos animais é tão revolucionária que alguns relutantes resistem a ela por acharem que não seja realista. "Sim, o mundo seria maravilhoso se os direitos dos animais fossem respeitados", eles dizem, "mas isso nunca vai acontecer. Não tem jeito!"

Não é difícil compreender por que alguns relutantes pensam dessa maneira. Vamos fazer um inventário simples. Primeiro, temos vários milhares de anos de civilização ocidental ensinando que os animais existem para satisfazer as necessidades e os desejos dos seres humanos. Em seguida, temos as grandes massas da humanidade aceitando essa sabedoria milenar. Depois, temos as grandes indústrias de exploração animal gastando centenas de milhões de dólares em publicidade, protegidas pelas leis federais, dizendo às grandes massas que sim, é verdade, os animais existem para satisfazer nossas necessidades e nossos desejos. Finalmente, temos as estruturas sociais (o sistema educacional, as instituições religiosas, as tradições legais, os restaurantes, as lojas de roupas, as formas de entretenimento familiar, o complexo industrial biomédico e o que passa por esporte entre os aventureiros da caça-e-pesca, por exemplo). Em face à soma dessas forças poderosas, diz um relutante, "Sim, os direitos animais são uma idéia maravilhosa, e eu gostaria de ajudar, mas essa idéia nunca vai se tornar realidade. Não tem jeito!"

Pois eu direi o seguinte. O movimento pelos direitos animais não cria gente otimista. Ao contrário: é gente otimista que deve criar o movimento pelos direitos animais. Os ativistas precisam trazer uma atitude otimista para o movimento. As pessoas que não acreditam na bondade humana, ou não têm a esperança de um futuro melhor para os animais, ou não são capazes de enxergar longe na luta – essas pessoas não duram muito. Como velas na ventania, elas apagam depressa. A luta pelos direitos animais não é para os medrosos, nem para quem está consumindo o movimento da moda. Para os leais, a luta é um compromisso para toda a vida. Para os engajados, o que nós damos do nosso tempo, talento e esforço não é inútil. Aqueles de nós que permanecem na luta não se vêem contando os grãos de areia no Saara.

Nossa fé em um mundo melhor está profundamente enraizada na história. Houve um tempo em que muita gente pensava que fosse utópico, não realista – que "não tinha jeito" – conseguir direitos iguais

para americanos nativos, afro-americanos, mulheres e deficientes mentais ou físicos, por exemplo. Se nossos antepassados tivessem aceitado as coisas como elas eram, se eles tivessem voltado suas costas àqueles que pediam por mais igualdade, hoje muitos afro-americanos ainda seriam escravos e nenhuma mulher seria autorizada a votar. É verdade que a luta pela igualdade entre os humanos ainda está longe de conseguir os resultados desejados. É verdade que os desafios colocados são imensos, mesmo quando comparados aos desafios com que os defensores dos direitos humanos se depararam no passado. Entretanto, os veredictos da história nos ensinam que práticas sociais firmemente estabelecidas não só *podem* mudar, como também *mudaram*. Mas nunca sem um grande esforço.

### **o chega-para-lá do "eu não tenho nada para contribuir"**

Uma dose adequada de humildade nos ensina que nenhum de nós é a rainha da cocada preta. Há limites para o que qualquer um de nós pode fazer. A partir disso, é tentador, em algumas ocasiões, inferir que nós não podemos fazer nada. A defesa dos direitos animais pode se encaixar em uma dessas ocasiões. "Sim, eu realmente acho que os direitos animais sejam uma idéia maravilhosa", algum relutante talvez diga, "mas eu não tenho nada para contribuir". E daí? O que se supõe que deva acontecer em seguida? O que se supõe é (embora não seja dito): "Conseqüentemente, eu não vou avançar mais nem um centímetro na direção da causa pelos direitos animais".

Esse modo de evitar o desafio apresentado pelos direitos animais é esperto, sim, mas conveniente demais. *Todos* os defensores dos direitos animais contribuem com alguma coisa. Por exemplo, todos ensinam com o poder do exemplo. Tornar-se um ativista nunca implica em tornar-se "puro", absolutamente. Mas cria a oportunidade de se dar um testemunho em favor dos direitos animais por meio do modo como nós nos esforçamos para viver. Quem não acredita nos direitos animais não pode deixar de notar aqueles que acreditam. Só isso já é uma forma de ativismo. Só isso já dá a outras pessoas (especialmente parentes e amigos) alguma idéia para ficar ruminando. Só isso já dá uma contribuição.

Em adição ao testemunho dado por todos os defensores dos direitos animais pelo modo como se esforçam para viver, os relutantes que entram para o movimento podem trazer suas formas especiais de contribuição, quaisquer que sejam elas. O movimento pelos direitos animais avança por causa dos esforços de muitas mãos em muitos remos. A diversidade das contribuições que nós podemos dar, seja na

arte ou no debate, na habilidade para organizar ou para fazer relações públicas, elaborando campanhas ou escrevendo cartas, encontrando um lar para animais socorridos ou atendendo o telefone, contribuindo para uma *webpage* ou *apenas estando lá* para dobrar os boletins informativos, operar a máquina de xerox, ou protestar quando o circo Ringling Brothers vem à cidade – a diversidade das nossas contribuições é um motivo para celebração. Todos têm algo a contribuir para o movimento pelos direitos animais. E não apenas uma coisa velha qualquer. A contribuição de cada pessoa é algo especial, algo de que se precisa.

### **o chega-para-lá do "eu pensei que esse movimento devesse ser radical"**

Enquanto alguns relutantes se desencorajam porque o movimento pelos direitos animais é extremado demais, outros podem se afastar porque o movimento parece muito conservador. Os relutantes do primeiro tipo consideram os ativistas um bando de insubordinados, de malfeitores barulhentos cuja idéia de diversão é encontrar um estabelecimento com animais para incendiar. Os relutantes do segundo tipo acham os ativistas uma tropa de bonzinhos cuja idéia de abrir novos caminhos é vender bolachas veganas aos domingos. Os relutantes que querem fazer parte de um movimento radical (porque acreditam, corretamente, que são necessárias mudanças radicais) estão procurando algo mais do que as atividades costumeiras dos direitos animais, que são distribuir volantes, montar mesas de informação, fazer vigílias, escrever cartas (para políticos, jornais, gente nas grandes indústrias que usam animais), organizar boicotes, realizar demonstrações e levantar dinheiro para campanhas. Estes são empreendimentos valiosos, sem exceção. Ainda assim, eles fazem pouco para identificar o movimento pelos direitos animais como um movimento que clama por mudanças fundamentais, e menos ainda para energizá-lo ou lhe dar um sentido de solidariedade. O mesmo acontece quando celebridades dizem coisas ruins sobre comer carne ou quando ativistas se fantasiam de vacas para protestar contra a indústria de laticínios. "Sim, eu acho que os direitos animais são uma meta revolucionária", dirão alguns relutantes, "mas não admitem meios revolucionários. Algo mais é necessário para que eu passe para o lado deles".

"Algo mais é necessário"? Eu não poderia estar mais de acordo. Vou discutir apenas dois outros tipos de defesa dos direitos, ambos os quais convidarão à sábia participação daqueles mais ousados entre nós.

Minha discussão anterior sobre a ALF talvez tenha dado a impressão de que eu pense que é sempre errado infringir a lei. Este não é meu ponto de vista, assim como não era o de Gandhi nem o de Martin Luther King. Eu infringi a lei no mesmo espírito que eles: no espírito do desobediente civil. O lema do desobediente civil é a franqueza (e não o segredo) e não-violência (e não a violência). Quando são praticados atos de desobediência civil, seus agentes não correm para se esconder. Aqueles que *transgridem* a lei têm de encarar a lei. À medida que os desobedientes civis têm êxito sem usar violência, eles não causam prejuízos nem dão medo. Pensem em Rosa Parks. Quando ela se recusou a sair de seu assento e mudar para a parte de trás do ônibus, ela foi a personificação do desobediente civil. Uma transgressora da lei, sim. Uma transgressora violenta da lei, não. Eu acredito que todos os defensores dos direitos animais deveriam estar dispostos a cometer atos de desobediência civil, mesmo que isso signifique ir para a prisão. Eu acredito, também, que, até que nós estejamos dispostos a fazer isso, não como extravagância, mas como parte de campanhas bem concebidas e bem executadas, não teremos esgotado os métodos não-violentos que têm de ser esgotados antes que táticas violentas possam ser contempladas.

Um segundo modo de abrir caminho é seguir o exemplo da organização Compaixão Sim, Matar Não (COK, na sigla em inglês). Sua marca especial de transgressão da lei é chamada de "socorro aberto". No socorro aberto, diferentemente da desobediência civil clássica, os participantes infringem a lei roubando a "propriedade" de alguém; entretanto, diferentemente das ações da ALF, o socorro aberto não envolve violência de nenhum tipo.

Um dos casos da COK aconteceu assim. Em abril de 2001, eles ficaram sabendo das condições deploráveis de galinhas poedeiras mantidas em baterias de gaiolas (que são aquelas imensas quantidades de gaiolas empilhadas e enfileiradas). Eles escreveram para a empresa, pediram para fazer uma excursão pelo estabelecimento, e não receberam resposta. Na calada da noite, quatro membros da COK fizeram uma visita não autorizada e descobriram que as coisas eram ainda piores do que haviam imaginado: galinhas mortas estavam nas mesmas gaiolas que galinhas vivas, outras tinham seus pés ou asas enroscados no arame da gaiola, muitas tinham ferimentos de diversos tipos. Tudo isso foi documentado pela COK, com vídeo e fotografias, durante algumas visitas.

Armados com essa informação condenatória, eles pediram uma investigação. "Sinto muito", eles ouviram, "o procurador do Estado só conduz investigações quando os pedidos são feitos por agências que

garantem o cumprimento da lei". Então a COK contactou o delegado local e fez a mesma solicitação. Isso foi há mais de dois anos. O delegado ainda não retornou a ligação.

A COK decidiu cuidar do problema ela mesma. Ao retornarem da visita final, os membros da COK trouxeram consigo oito galinhas, todas necessitando desesperadamente de cuidado médico. E depois a COK fez a coisa certa. Eles disseram, para que o mundo inteiro pudesse ouvir, "Só transgredimos a lei roubando essas galinhas. Prendam-nos, se quiserem". E sabem o que aconteceu? Eles nunca foram presos, e as galinhas que eles socorreram foram adotadas, podendo viver como galinhas de verdade pela primeira vez na vida.

E aqui está outro fato digno de nota: os grandes jornais e programas de televisão deram uma extensa cobertura positiva ao socorro aberto da COK. Centenas de milhares de americanos aprenderam que galinhas estão em gaiolas e não deveriam estar lá. Além do mais, *as matérias foram sobre as galinhas*, do começo ao fim, sem nenhuma competição com o que uma celebridade ou alguns ativistas fantasiados de galinha tivessem a dizer sobre comer ovos. Ah, e sem que ninguém precisasse chamar os bombeiros, também.

Será que esse tipo de transgressão não-violenta da lei pode ser copiado? A COK já mostrou que sim, expondo o mesmo tipo de condições brutais (onze aves espremidas num espaço do tamanho de uma gaveta de arquivo) na bateria de gaiolas de outra granja industrial. Desta vez, membros da COK resgataram dez galinhas e de novo desafiaram o mundo a prendê-los. De novo, não houve quem aceitasse o desafio. Entretanto, Ken Klippen, vice-presidente da United Eggs Producers [União dos Produtores de Ovos], encarregado das relações com o governo, não se acanhou nem um pouquinho na sua defesa dos negócios de costume da indústria do ovo. Ele assegurou aos repórteres (o que a esta altura não nos surpreende mais) que "manter galinhas em gaiolas é a maneira humanitária de produzir ovos". Para qualquer pessoa que ainda esteja procurando uma boa razão para não comer ovos, o senhor Klippen forneceu uma.

Relutantes que querem fazer alguma coisa mais radical do que vender bolachas veganas aos domingos não deveriam sucumbir ao chega-para-lá do "Eu pensei que esse movimento devesse ser radical". Sem ter de tomar o caminho escolhido pela ALF, o movimento pelos direitos animais oferece um montão de oportunidades para a transgressão criativa e não-violenta da lei. Até Gandhi e King aprovariam.

## avançando

Eis outra imagem. Na nossa frente está um grande muro de tijolos. Ele simboliza a opressão dos animais. Os defensores dos direitos animais têm um objetivo maior: tornar esse muro uma coisa do passado. Existe só este pequeno problema: não há meio de fazermos isso de uma vez só, nem logo. O que, então, podemos fazer? Na minha imagem, nós derrubamos o muro, um tijolo de cada vez. Embora não possamos abolir todas as formas de exploração animal hoje, poderemos abolir algumas amanhã. Em vez de meramente mudarmos as condições em que os animais são explorados, em alguns casos podemos acabar com sua exploração.

Eis alguns exemplos específicos do tipo de mudança a que me refiro. Cada uma delas presume que há uma forte colaboração entre os grandes grupos nacionais, e que eles trabalham em colaboração ativa e leal com ativistas individuais da base do movimento. Em alguns casos será necessária uma legislação, o que significa que os defensores dos direitos animais devem estar dispostos a trabalhar vigorosamente na arena política, atentos aos muitos desafios e deficiências dessa área. E poderão ser requisitados a se engajar na ação direta, seja na forma da desobediência civil ou na forma do socorro aberto. Às vezes, alguns de nós talvez tenhamos de fazer alguma coisa ilegal. Eis algumas das jaulas que podem ser abertas:

- . *A eliminação de animais "artistas" dos circos, como o elefante e outros;*
- . *A libertação de golfinhos atualmente aprisionados pela indústria de golfinhos cativos;*
- . *A interrupção total das "caças cercadas";*
- . *O fim da indústria da corrida de galgos;*
- . *Fábricas de peles, nunca mais;*
- . *O fim do abate de focas;*
- . *A proibição da dissecação compulsória;*
- . *Vivissecação de cães nas universidades, nunca mais;*
- . *A proibição do uso de animais em testes de toxicidade, começando pelo LD<sub>50</sub>;*
- . *O fim da apreensão em abrigos;*
- . *A eliminação total dos "negociantes classe B".*

Uma vez eu fui descrito por outro filósofo como um "otimista sonhador", e suspeito que alguns relutantes pensarão a mesma coisa. "Você realmente acredita que isso seja possível?", eles vão perguntar.

Ao que responderei: "Eu realmente acredito. É só uma questão de pegar a energia que está por aí, na pessoa de cada defensor dos direitos animais, incluindo os muitos novos que são necessários, e dar a essa energia o foco que somente um movimento unificado, trabalhando cooperativamente, pode proporcionar. Se fizermos isso, tudo que eu listei – e muito, muito mais, mais do que jamais imaginamos – é possível". Em meio a um mar de incertezas, uma coisa é clara: nunca vamos saber se nunca tentamos.

Será, mesmo, irremediavelmente ilusório imaginar um dia em que os casacos de pele, seguindo a trilha dos corpetes de osso de baleia, cairão no esquecimento da moda? Um dia em que os abatedouros existirão apenas nos livros de história? Um dia em que os laboratórios científicos do mundo terão um aviso na porta, dizendo "Não é permitida a entrada de animais"? Quem é pessimista quanto às possibilidades morais da humanidade responderá que sim. Mas aqueles que, como eu, acreditam na capacidade humana para o bem, responderão que *não*. Não durante a minha vida, talvez, mas algum dia, certamente, os ativistas estarão presentes para testemunhar o triunfo dos direitos animais, o feliz dia em que, depois de anos de luta, todas as jaulas estarão vazias.

## **conclusão**

Mesmo depois de nós apresentarmos os argumentos em favor da nossa posição, e mesmo depois de termos desmascarado as inverdades que são a moeda corrente das grandes indústrias exploradoras de animais, continua a haver resistência por parte dos relutantes. A realidade pura e simples é que os defensores dos direitos animais às vezes fazem coisas que dão um chega-pra-lá nas pessoas. Vaidade pela certeza exagerada da própria virtude. Anúncios de mau gosto. Violência. Nesses três itens, estou do lado dos relutantes. Mas os relutantes não deveriam desistir de crescer em direção a uma consciência animal mais ampliada só porque não concordam com tudo que esses defensores fazem, nem com tudo em que eles acreditam. Isso seria impossível, em todo caso. Eles também não deveriam se sentir desencorajados porque são "uma pessoa só" com "nada para contribuir". Como observei antes, o movimento pelos direitos animais avança por causa dos esforços de muitas mãos em muitos remos. Para cada relutante que fica na margem, um remo fica parado na água.

Dediquei este livro aos relutantes de todos os lugares por duas razões. A primeira foi declarada anteriormente. Os relutantes são o

futuro dos direitos animais. A pura verdade é simples: o movimento pelos direitos animais não irá para lugar nenhum (exceto, talvez, para trás) se os relutantes que aderirem a ele forem poucos demais. Os relutantes têm realmente essa importância.

Minha segunda razão é pessoal. Tendo sido, eu mesmo, um relutante, sinto uma real afinidade com outras pessoas que estão fuçando, fazendo perguntas, achando respostas, experimentando uma coisa, depois outra; avançando, às vezes depressa, às vezes devagar, em direção a uma consciência animal mais ampla; vendo outros animais, embora fugazmente, como *sujeitos* únicos, merecedores de respeito. O que me motivou a escrever este livro foi a possibilidade de dizer algo que possa ajudar os relutantes – em algum lugar e de alguma forma – a continuar em frente, a continuar crescendo contra a corrente dos paradigmas culturais que dizem respeito aos animais.

Quem sabe você seja um desses relutantes. E talvez chegue o dia em que, para sua surpresa, você olhe para o espelho e (como aconteceu comigo) veja um Defensor dos Direitos Animais olhando para você. Minha esperança é que algumas das palavras que escrevi possam ter lhe ajudado na sua jornada.

## NOTAS

### **o chega-para-lá do "vandalismo e da violência"**

Uma estimativa do FBI dos danos causados pelas ALF/ELF juntas pode ser encontrada no site [www.fbi.gov/congress/congress02/jarboe021202.htm](http://www.fbi.gov/congress/congress02/jarboe021202.htm).

Os incêndios criminosos e outras ações da ALF são descritas, pelo Grupo Norte-americano de Apoio à ALF, como parte da "campanha anti-violência" [www.hedweb.com/alffaq.htm](http://www.hedweb.com/alffaq.htm).

### **o chega-para-lá do "eu pensei que esse movimento devesse ser radical"**

COK, Compassion over Killing [www.cok.net/](http://www.cok.net/).

O que Ken Klippen disse aparece em uma história da Associated Press publicada em 4 de dezembro de 2002 com o título de "Group Alleges Egg Farms Are Cruel", [www.cok.net/camp/inv/rb/article\\_ap.php](http://www.cok.net/camp/inv/rb/article_ap.php).

## epílogo

# O GATO

Lembre-se daquele gato branco e felpudo que encontramos no prólogo. Inocente de qualquer delito. Impotente diante do desrespeito humano. Mesmo enquanto escrevo estas palavras, quero gritar: "Parem com isso! O que vocês estão fazendo? Parem!"

Por muito que esse pobre gato tenha sido maltratado, as grandes indústrias que usam animais lhes dão um tratamento tão cruel quanto esse, se não mais cruel ainda. Os porta-vozes das indústrias *dizem* que elas tratam os animais humanitariamente; eles *dizem* que sempre mostram a devida consideração pelo seu bem-estar. Mas o que eles dizem não é o que eles fazem. Nós confirmamos isso, muitas e muitas vezes. Devo ousar dizer, como fiz no prólogo, que, em comparação com o modo como os animais são tratados nessas indústrias, o gato branco e felpudo foi um dos sortudos?

Pense nisso. Embora vivesse em uma pequena jaula, e seus últimos minutos tenham sido cheios de terror e dores excruciantes, o gato branco talvez tenha tido uma vida razoavelmente decente, antes. Isso nunca acontece com os galgos explorados pela indústria de corridas. Isso nunca acontece com as porcas confinadas às baias.

Isso nunca acontece com os elefantes, tigres ou leões que nascem dentro da indústria do circo e passam anos sendo "treinados" para fazer números. Isso nunca acontece com os minks e outros animais que ficam confinados a vida inteira em um mundo de malha de arame. Isso nunca acontece aos chimpanzés usados na pesquisa durante vinte, trinta ou quarenta anos. Nem com as galinhas em baterias de gaiolas, ou vitelos criados em pequenos cercados. Nunca acontece com os *bilhões* de animais, somente nos Estados Unidos. O gato foi um dos sortudos? Por mais duro que seja dizer isso ou acreditar nisso, eu penso que sim.

O episódio do gato solicita mais duas observações. Primeira: o cozinheiro no vídeo não tinha a pretensão de dizer que estava tratando o gato humanitariamente, ou que se preocupava com o bem-estar do animal. Ele o tratou insensivelmente, friamente, sem remorso. Dele, entretando, pode-se dizer: pelo menos era um homem honesto. Segunda: ninguém estava fingindo que os funcionários do governo estivessem assegurando que o gato fosse tratado "humanitariamente", conforme a equivalente chinesa da Lei do Bem-estar Animal americana. Não se via nenhum equivalente aos inspetores do Serviço de Inspeção de Saúde Animal e Vegetal (APHIS) ali. Sobre o modo como as coisas foram feitas nessa cidadezinha chinesa, entretanto, poderíamos dizer a mesma coisa: pelo menos eles foram honestos.

Será que podemos dizer o mesmo sobre as grandes indústrias que usam animais? Será que podemos dizer: "Pelo menos eles são honestos"? Muitos defensores dos direitos animais dão uma resposta negativa. Eles acreditam que os porta-vozes das grandes indústrias exploradoras de animais estejam mentindo descaradamente. Eu não fiz essa acusação. Eu acuso esses porta-vozes apenas de estarem dizendo o que é falso. Quanto à questão da honestidade: estou preparado para deixar o histórico dessas indústrias falar por elas e a convidar todas as pessoas justas para as julgarem adequadamente.

Como aquele gato branco e felpudo tem me assombrado, durante todos estes anos! Acho que é porque seu sofrimento tornou-se, para mim, o símbolo da situação de todos os animais presos nas garras da exploração humana. Todos os inocentes de qualquer delito. Todos impotentes diante do desrespeito humano. Isso talvez explique por que eu sempre senti necessidade de uma outra variação dessa história – esta, com o final que deveria ter.

Variação final: A equipe de vídeo da HBO passou o dia todo se preparando para gravar o episódio no restaurante. Na manhã seguinte, quando eles chegam, o cozinheiro está fora de si, e os clientes, perplexos. "Qual é o problema?", a equipe lhes pergunta. E é levada para o lugar onde os animais sempre foram mantidos. Todas as jaulas estão vazias. Todos os cães se foram. Todos os gatos também se foram (o branco e felpudo em primeiro lugar). No lugar deles estamos nós dois, eu e você, esperando, prontos para dar explicações, prontos a enfrentar o que o futuro trouxer.



## Agradecimentos

Muitas pessoas tiveram a generosidade de dispor de parte do seu tempo para me ajudar. Devo muito, particularmente, a Jeffrey Masson, pelo seu mais que generoso prefácio. Só me resta esperar que meu livro tenha metade do mérito que ele diz que tem.

Sue Coe, amiga querida de muitos anos, sabe quão agradecido lhe sou, mesmo sem que eu precise lhe dizer. Mas deixe-me dizer, de qualquer maneira. Não tenho a menor dúvida de que a arte de Sue (e o mesmo vale para os escritos de Jeffrey Masson) tenha uma importância histórica. Daqui a cem anos, e mais ainda, supondo que nossa espécie tenha conseguido sobreviver, o trabalho de Sue Coe estará exposto em todos os grandes museus do mundo. Imaginem o barato que é, para mim, ter uma amostra dele na capa.

Laura Moretti, uma entre os poucos vincianos que conheci, criou o *website* [www.tomregan-animalrights.com](http://www.tomregan-animalrights.com), que suplementa estas páginas. *Suplementa* talvez seja a palavra errada. O que Laura criou foi um trabalho de grande mérito em si mesmo. Que sorte termos uma pessoa de talentos tão admiráveis devotando sua vida a usá-los na luta pelos direitos animais. Que privilégio ter esses talentos ajudando

este trabalho a alcançar um público maior. *Obrigado* diz muito pouco a um presente tão grande.

Eve Dvaro, a editora de filosofia da Rowman and Littlefield, foi incansável na representação dos méritos do livro para o editor-chefe. Este livro não teria visto a luz do dia, se não fosse pelo bom trabalho que ela fez. Muito obrigado a você, Eve. Também tenho o prazer de agradecer a Leslie Evans pelas muitas melhoras que ela fez no texto.

Eu não tive o mínimo acanhamento em consultar especialistas, fazendo-lhes perguntas que eu não sabia responder. Eles foram infatigáveis, mesmo quando tomei mais do seu tempo do que minha boa educação deveria ter me permitido tomar. Meus agradecimentos a Jonathan Balcomb, Teri Barnato, Kim Bartlett, Gene Bauston, Marion Bolz, Andy Breslin, Ned Buyukmihci, Merritt Clifton, Christine Dorchak, Catherine Doyle, Mylan Engel, Lisa Franzetta, Jennifer Lanier, Debbie Leahy, Donna Litowitz, Mike Markarian, Eric Mills, Alisa Mullins, Ric O'Barry, Wayne Pacelle, Kim Stallwood e Paul Watson.

Gary Comstock, Sid Gendin, James LaVeck e Dietrich von Haugwitz leram todo o original, ou grande parte dele, em vários estágios, e fizeram muitos comentários úteis.

Bruce Friedrich, além de ler e comentar alguns rascunhos, chamou minha atenção para informações pertinentes e pôs-me em contato com alguns dos especialistas listados acima. Não consigo me lembrar de ninguém que tenha me ajudado tanto, de tantas maneiras, durante tanto tempo. Espero de alguma forma pagar-lhe esta dívida tão grande.

Também quero agradecer a todos os DDAs anônimos que passaram horas atualizando os muitos valiosos *websites* que consultei, e com os quais aprendi tanto. Meus agradecimentos especiais àquelas corajosas almas que conduziram investigações clandestinas, permitindo ao público dar uma espiada dentro das grandes indústrias exploradoras de animais. Se não fosse pelo risco que correram, nós saberíamos muito menos do que sabemos. Fica para o resto de nós a tarefa de fazer alguma coisa boa e duradoura pelos animais, de forma a eliminar os horrores ocultos que vocês nos revelaram.

Mais que a todos, agradeço à minha querida esposa Nancy, minha companheira constante durante os muitos anos em que dividimos nossas vidas. Não há palavras que expressem adequadamente o que ela significa para mim ou o que ela tem feito para enriquecer minha vida. Não é exagerado dizer que eu não *seria* eu, se não fosse pelo papel dela na formação do meu caráter e da minha perspectiva. Emerson contrasta amigos e amantes dizendo que amantes olham um para o outro, cara a cara, enquanto amigos olham para a frente, seus olhos nos mesmos valores. Como acontece com os amantes, eu olho para Nancy, cara a cara. Com ela, entretanto, eu também olho para a frente. Que bênção, para mim, encontrar nela, em uma só pessoa, aquela que eu mais amo e minha melhor amiga.



## Sobre o autor

Tom Regan (Professor Emérito de Filosofia, Universidade do Estado da Carolina do Norte) é universalmente reconhecido como o líder intelectual do movimento pelos direitos animais. Durante seus mais de trinta anos de profissão, recebeu numerosos prêmios por sua excelente atuação como professor na graduação e na pós-graduação; entre eles, o University Alumni Distinguished Professor; publicou centenas de ensaios profissionais e mais de vinte livros; ganhou grandes prêmios internacionais como roteirista e diretor de filmes; e apresentou centenas de palestras por todos os Estados Unidos e fora do país.

Ao se aposentar, em 2001, recebeu a Medalha William Quarles Holliday, a maior honra que a Universidade do Estado da Carolina do Norte pode conferir a um membro de seu professorado.

Naquele mesmo ano, usando seus ensaios doados e sua extensa biblioteca pessoal, a Biblioteca da Universidade do Estado da Carolina do Norte instalou o Arquivo de Direitos Animais Tom Regan, o melhor centro do mundo de pesquisa acadêmica sobre direitos animais. Informações sobre a carreira de Tom Regan e sobre o arquivo nomeado em sua homenagem estão disponíveis no *site*

<http://www.lib.ncsu.edu/arights/>

Com sua mulher, Nancy, fundou a Fundação Cultura & Animais ([www.cultureandanimals.org](http://www.cultureandanimals.org)).





## Índice remissivo

- abate "humanitário", 117-120
- African Atto*, 20
- A História de Amor de Leonardo da Vinci*, 27
- Aldworth, Rebecca, 142
- Alice (de *Alice Através do Espelho*), 94-95, 96
- Alice Através do Espelho*, 94-95
- almas, e direitos animais, 82-84
- almas, e direitos humanos, 57-58
- "Amar ou Matar: Homem X Animais", 1, 2
- American Greyhound Track Owners Association  
[Associação Americana de Proprietários de  
Pistas para Corrida de Galgos], 192
- American Meat Institute [Associação Americana  
da Indústria da Carne], apóia o manejo  
humanitário, 120
- American Veal Association [Associação  
Americana dos Produtores de Vitela], apóia  
a produção humanitária, 109
- Americans for Medical Progress (AMP), 207-208
- Animal Liberation Front, ALF [Frente de  
Libertação Animal], 13, 14, 24, 97, 236-  
237, 239-240, 244, 245
- Animal People*, 32
- Animal Place, 123
- Animal Rights, Human Wrongs: An Introduction  
to Moral Philosophy*, 4, 76
- Anthony, Susan B., 38
- apreensão em abrigo, 205-208, 246
- armadilhas "humanitárias", 136
- Associação Americana de Zoológicos e Aquários  
[American Zoological and Aquarium  
Association], 181
- Associação dos Peões Profissionais de Rodeio dos  
Estados Unidos [Professional Rodeo Cowboys  
Association, PRCA], 186, 187, 190-191

- Associação dos Peões Profissionais de Rodeio dos Estados Unidos, apóia o tratamento humanitário, 186
- Associação dos Produtores de Aves e Ovos dos Estados Unidos, apóia o tratamento humanitário, 116
- Associação dos Veterinários Defensores dos Direitos Animais [Association of Veterinarians for Animal Rights, AVAR], apóia os direitos animais, 100
- Associação Médica Americana [American Medical Association, AMA], 17, 18, 164, 203
- Associação Médica Americana, apóia o tratamento humanitário e o uso responsável, 15
- Associação Médica Americana, opõe-se aos direitos animais, 14-15
- Associação Médica Veterinária Americana [American Veterinary Medical Association, AVMA], 100, 110, 126, 136, 203
- Associação Médica Veterinária Americana, apóia o tratamento e a guarda humanitários, 100
- Associação Médica Veterinária Americana, opõe-se aos direitos animais, 100
- Associação Nacional de Criadores de Gado de Corte [National Cattlemen's Beef Association], apóia o tratamento humanitário, 117
- Associação Nacional do Rifle [National Rifle Association, NRA], defesa da "herança da caça", 185, 186
- A Testemunha*, 28
- ativistas (dos direitos animais). *Ver defensores dos direitos animais (DDAs)*
- babuíno, usados em testes de colisão, 40, 199
- Balcombe, Jonathan, 202
- Barnard, Neal, 207
- Barry, Dave, 167
- Bartlett, Kim, 32
- Bauston, Gene e Lorri, 123-124
- Beatty, Clyde, 161
- bem-estar animal, contrastado com direitos animais, 14-15, 16, 17-18, 93
- bem-estar, discussão sobre, 93-100
- bem-estar, significado de, 95-96
- Big Apple, circo, 158, 165
- Binder, Paul, 158
- bondade com os animais, 11-12
- Bont voor Dieren, 144
- Brasil, i, ii, 146, 166, 172, 216 (nota)
- Bronte, Charlotte, 38
- Buber, Martin, 26, 34
- Byrd, Barbara, 162
- caça, 176-186
- caça, às focas no Atlântico Norte, 138-143, 246
- caça, defesas espúrias da, 182-185
- caça, papel dos circos e zoológicos na, 180-181
- caça cercada, 179-181, 246
- caça "humanitária", 178
- caçadores "verdadeiros", 181-185
- caçadores colecionadores, 178-179
- cães, como comida, 1, 2, 144
- cães, usados em pesquisas sobre o olho, queimaduras, radiação e o cérebro, 213-214
- cães, usados em vivisseções, 203-205
- cães, usados na prática cirúrgica, 203-205
- "caídos", 119-120
- "caídos", opinião pública sobre os, 119-120
- "caídos", posição da indústria de laticínios em relação aos, 120
- camundongo, 78
- camundongos, usados em pesquisas sobre queimaduras e radiação, 213
- camundongos, usados em testes de toxicidade, 209-211

- camundongos. *Ver DL<sub>50</sub>*.
- carneiros, capacidades cognitivas dos, 124
- carneiros merinos, 147-151
- carneiros merinos, desgaste dos dentes dos, 149
- Carroll, Lewis, 94
- Carson and Barnes, circo, 161-162
- Causey, Ann S., 178
- Chapman, Karen, 190
- Chinchilla Industry Council [Conselho Mundial da Indústria da Chinchila]:  
apóia o tratamento humanitário, 134
- Chivers, C. J., 179, 186
- circo tradicional, 156-166, 246
- circo tradicional, inadequação da proteção legal, 163-164
- circo tradicional, métodos de treinamento de animais no, 161-163
- circo tradicional, privações e sofrimentos dos animais no, 157-163
- Cirque du Soleil, 156, 165-166
- Clifton, Merritt, 32-33
- Clifton, Wolf, 32-33
- Clinton, presidente, 51
- Clyde Beatty-Cole Brothers, circo, 156
- cobaios, usados em pesquisa sobre queimaduras, 213
- Coe, Sue, 123-124, 253
- coelhos, usados em pesquisas sobre o olho e o cérebro, 213
- Cohen, Carl, 220
- Cohen, Marshall, 137
- Compaixão Sim, Matar Não [Compassion over Killing, COK], 244-245
- Comstock, Gary, 254
- consciência animal. *Ver damascenos, vincianos, relutantes*
- Conselho dos Produtores de Porcos dos EUA [National Pork Producers Council],  
apóia o tratamento humanitário, 114
- cordeiros persas, 143-144
- couro, 145-147
- Cousteau, Jean-Michael, 171
- Creech, David A., 162
- criação intensiva, 110-111
- cristianismo, e direitos animais, 84-86
- cristianismo, e direitos humanos, 58-60
- crudeldade com animais, 11-12
- "cuidado humanitário", 200
- Cutick, Gary and Gillian, 104
- Da Vinci, Leonardo, 27-28
- damascenos, 30-31, 33, 76, 103
- Darwin, Charles, 70-71
- Davis, Karen, 122-123, 125
- DDAs. *Ver defensores (ativistas) dos direitos animais*
- defensores dos direitos animais, como americanos de Norman Rockwell, 23, 240
- defensores dos direitos animais,  
estereótipo dos, 4, 21, 23, 93
- defensores dos direitos animais, franqueza dos, 94
- defensores dos direitos animais, mostrados como terroristas, 16, 17-18, 19-20, 22
- defensores dos direitos animais, percepção do público sobre, 14, 22
- defensores dos direitos animais, posições sobre a exploração dos animais, 126-127, 151-152, 172-173, 194-195, 202-203, 211-212, 220-221
- defensores dos direitos animais, representados como extremistas, 12-13, 14-15, 93-94
- defensores dos direitos animais, representados como misantropos, 21, 22, 93-94
- defensores dos direitos animais, tal como caracterizados pela mídia, 13-14, 17, 22
- defensores dos direitos animais, terminologia explicada, 40-41
- defensores dos direitos animais, tipos de. *Ver damascenos, vincianos, relutantes*
- defensores dos direitos animais, valores

- positivos dos, 23-24, 229
- Departamento de Agricultura dos Estados Unidos [United States Department of Agriculture, USDA], 133, 163, 189, 215
- DeRose, Chris, 208
- Descartes, Rene, 81-82
- desobediência civil, 244-246
- Deus, e a origem da vida humana, 69-70, 71, 85
- Deus, e direitos morais, 58-60
- Deus, e o domínio humano, 84-86
- dieta vegana, 126, 131
- dieta vegana, e Jardim do Éden, 85
- dieta vegetariana, 131
- direitos animais, argumento a favor dos, 65-76
- direitos animais, conseqüências dos, 75-76
- direitos animais, contrastados com a anti-crueldade com animais, 11-12
- direitos animais, contrastados com a bondade com animais, 11-12
- direitos animais, contrastados com bem-estar animal, 14-15, 16, 17-18, 93
- direitos animais, idéia simples e profunda, 11-12
- direitos animais, objeções aos, 76-87
- direitos humanos, 45-62
- direitos humanos, e sujeitos-de-uma-vida, 60-62
- direitos humanos, explicações insatisfatórias dos, 53-60
- direitos humanos, natureza e importância dos, 52-62
- direitos humanos. *Ver direitos morais*
- direitos morais, 47-62
- direitos morais, à integridade física, à liberdade, à vida, 45, 51, 52, 55-56, 58, 59, 60
- direitos morais, e assistência, 50-51
- direitos morais, e entrada proibida, 47
- direitos morais, e igualdade, 48
- direitos morais, e justiça, 49-50
- direitos morais, e respeito, 51
- direitos morais, e trunfo, 48-49
- direitos morais. *Ver direitos animais; direitos humanos*
- dito desconexo, 96, 97, 109, 116, 120, 122, 136, 151, 165, 193, 200, 214, 236
- dito desconexo. *Ver Humpty Dumpty*
- DL<sub>50</sub>, teste de toxicidade, 209-211
- Dolphin Project, 170
- domínio, dado por Deus, significado do, 84-86
- Dunayer, Joan, 120-121
- Dwyer, Mickey J., 141-142
- Eaton, Randall, 182
- Eckstein, Robert, 206-207
- educação, dissecação, 202-203, 246
- educação, uso de animais na, 201-205
- educação, vivissecação do cão, 203-205, 246
- Efford, John, 139
- Eisnitz, Gail, 118-119
- especismo, 78, 90, 127
- ESPN, cobertura de rodeios, 190-191
- estudo de Tuskegee sobre a sífilis, 46-47, 213
- evolução, teoria da, 70-71
- exibições de mamíferos marinhos, 166-171, 246
- extremismo, dois sentidos de, 12-13
- Farm Sanctuary, 123, 124-125
- FBI, 236
- Finocchio, E.J., médico veterinário, 189
- Food and Drug Administration, FDA, 131, 209, 219
- frangos de corte, 115
- Frente de Libertação da Terra [Earth Liberation Front, ELF], 236
- Friedrich, Bruce, 254
- Friends of Animais [FOA], 19-20, 135, 137

- Frisco, Tim, 162
- Fund for Animals, 176
- Fundação de Pesquisa Biomédica  
[Foundation for Biomedical Research, FBR], opõe-se aos direitos animais, 16
- Fundação de Pesquisa Biomédica, apóia o tratamento humanitário, 15-16
- Fundo Internacional para o Bem-estar Animal [International Fund for Animal Welfare, IFAW], 140, 142
- Fur Commission USA, apóia o tratamento humanitário, 135
- Fur Information Council, apóia o tratamento humanitário e o manejo responsável, 17-18, 138
- Fur Information Council, opõe-se aos direitos animais, 18
- galgos, confinados pela indústria de corridas, 193
- galgos, corridas de, 191-194, 246
- galgos, criados pela indústria de corridas, 192
- galgos, na história, 191
- galgos, requintes de crueldade com, 193-194
- galgos, vendidos pela indústria de corridas para uso em pesquisas biomédicas, 192
- galinhas, inteligência das, 125
- galinhas. *Ver indústria da ave*
- Gandhi, Mahatma, *ii*, 36-38, 59, 87, 105, 126-127, 147, 240, 244, 245
- Gang, Elliot, 146, 147
- Gates, Bill, 49-50
- gatos, como comida, 1, 2, 37
- gatos, usados em disseções, 201
- gatos, usados na pesquisa sobre o cérebro e o olho, 213
- Gendin, Sid, 254
- Genesee, 206, 207
- Gleco, 33, 37, 66
- golfinhos, método de captura, 168-169
- golfinhos, na natureza, 168
- golfinhos, no pensamento grego, 167-168
- golfinhos, privação no cativeiro, 168-171
- grandes indústrias de exploração animal, 5-6, 14, 17, 19, 20, 21, 86, 93-94, 96, 99-100, 165, 234, 235
- grandes indústrias de exploração animal, porta-vozes das, 14, 15, 16, 17, 23, 89, 93-94, 95, 96-97, 165, 241
- grandes indústrias de exploração animal. *Ver dito desconexo; Humpty Dumpty*
- Greenbaum, Jennifer, 150
- Grenfell, Wilfred, 143
- Greyhound Lover's League, 193
- Gross, Thelma Lee, médica veterinária, 74
- Guerra do Vietnã, 35-36, 45, 231
- Haber, C. G., médico veterinário, 189
- hamsters, usados em pesquisa sobre radiação, 213
- Harp, Rebekah, 103-104
- Hatchell, Steve, 190-191
- Hindi, Steve, 190
- Hirsch, Leon, 19-20, 22, 237
- Humane Farming Association [Associação para a Criação Humanitária de Animais], 123
- Humane Slaughter Association, [Associação de Defesa do Abate Humanitário], 121
- humanitário, discussão sobre o que é, 93-100
- humanitário, objetividade de, 4-5
- humanitário, significado de, 94-96
- Humpty Dumpty, 94-96, 139, 158
- Humpty Dumpty, reducionismo, 177
- Humpty Dumpty. *Ver dito desconexo*
- indústria americana de pele, 132-138
- indústria da ave, 114-116
- indústria da vitela, 106-110
- indústria de laticínios. *Ver indústria do gado*
- indústria do cativeiro de golfinhos, 167-171

- indústria do cativo de golfinhos. *Ver*  
*exibições de mamíferos marinhos*
- indústria do gado, 116-117
- indústria do gado, gado de corte, 117
- indústria do gado, gado leiteiro, 116-117
- indústria do peixe, abate, 120-121
- indústria do peixe, métodos "humanitários", 121
- indústria do porco, 112-114
- indústria do porco, abate, 118-119
- Institutional Animal Care and Use  
Committees (IACUCs), inadequação  
dos, 216-217
- Jardim do Éden, 85
- jaulas vazias, ii, 12, 41, 75-76, 86, 94,  
125, 172, 247, 251
- jaulas vazias. *Ver* *direitos animais*,  
*consequências dos*
- Jesus, conversa com Saulo, 30
- Johnson, presidente Lyndon, 76
- Kaplan, Keith, 138
- King, Martin Luther, 244, 245
- Kirby, M. D., 149
- Klippen, Ken, 245
- Kursban, Mindy, 210
- lã, 147-151
- Lama, Eddie, 28
- Larson, Peggy, médica veterinária, 163,  
187-188, 189
- Last Chance for Animals, 208
- LaVeck, James, 28, 124, 254
- Lei do Abate Humanitário [Humane  
Slaughter Act, HSA], 118-119
- Lei do Bem-estar Animal [Animal Welfare  
Act, AWA], 99, 120, 163, 206, 215,  
216, 250
- Lei do Bem-estar Animal, animais  
excluídos da proteção da, 215
- Leopold, Aldo, 182
- "Lobo que grita", 21
- macacos, usados em pesquisas sobre o  
olho, radiação e o cérebro, 213-214
- Macias, Roberto, 119
- Masson, Jeffrey Moussaieff, 253
- Masson, Jeffrey Moussaieff, prefácio à  
edição americana, iii-v
- May, Earl Chapin, 159
- McCurdy, Edward, historiador, 27
- Mendel, Mike, 125
- Merejkowski, Dimitri, 27
- momento damasceno, 103-104, 160, 170
- momento damasceno. *Ver* *mudança de*  
*percepção*
- Moretti, Laura, 253-254
- Morris, Desmond, 136
- Motavalli, Jim, 183
- movimento dos direitos animais, 19-20,  
22-23, 24, 97
- mudança de percepção, 28, 30, 31, 103-  
104, 145, 170, 172, 228
- mudança de percepção. *Ver* *momento*  
*damasceno*
- Mules, J. H. W., 148
- mulesing*, 148-149
- National Association for Biomedical  
Research (NABR), apóia o tratamento  
humanitário, 200, 214, 215
- National Greyhound Association (NGA),  
opõe-se aos direitos animais, 192
- National Greyhound Association, apóia o  
tratamento humanitário, 192
- negociantes classe B, 205-206, 246
- Nugent, Ted, 182, 236
- O'Barry, Helene, 167, 170-171
- O'Barry, Ric, 167, 170
- O Reino Pacífico*, 124
- Ortega y Gasset, 182
- Ovídio, 38
- pacifismo gandhiano, 36, 238, 239
- pais fundadores, e direitos humanos, 59, 60
- Paracelso, 209
- paradigma cultural, como os animais são  
vistos no, 28, 30, 34, 35, 151, 248

- Parks, Rosa, 244
- pássaros, inteligência dos, 73
- Paulo, o apóstolo, 30
- peixes, capacidades cognitivas dos, 74
- peixes, matança por "esporte", 121-122
- pele, mercado internacional de, 138-145
- pele capturada com armadilha, 135-138
- pele de gato e de cão, 144-145
- pele fabricada, 133-135, 246
- People for the Ethical Treatment of Animals, PETA, 162, 201, 206
- People for the Ethical Treatment of Animals, Índia, 147
- pesquisa (visissecção), argumento do benefício, 217
- pesquisa (visissecção), crítica do argumento do benefício, 217-220
- pesquisa (visissecção), uso de animais em, 212-220
- Petersen, David, 183
- Physicians Committee for Responsible Medicine (PCRM), 207, 210
- Filleri, Giorgio, 169-170
- Plutarco, 38
- poedeiras, 115-116
- porcos, inteligência dos, 123-124
- Primeira Emenda, 235
- Rachels, James, 70
- Rampton, Sheldon, 20
- ratos, usados em pesquisas sobre o cérebro, queimaduras, radiação e choques elétricos, 213-214
- ratos, usados em testes de toxidade, 209-211
- relutantes, 24, 31, 33, 41, 72, 87, 124
- relutantes, chega-pra-lá da "celebridade", 230-231
- relutantes, chega-pra-lá da "certeza exagerada da própria virtude", 232-234
- relutantes, chega-pra-lá do "anti", 229
- relutantes, chega-pra-lá do "outing", 234-235
- relutantes, chega-pra-lá do "vandalismo e da violência", 236-241
- relutantes, chega-pra-lá do "eu não tenho nada para contribuir", 242-243
- relutantes, chega-pra-lá do "eu pensei que esse movimento devesse ser radical", 243-245
- relutantes, chega-pra-lá do "mau gosto", 231-232
- relutantes, chega-pra-lá do "não tem jeito", 241-242
- relutantes, chega-pra-lá do "palhaço de rua", 229-230
- relutantes, rejeição dos direitos animais, 227-248
- Rhodes, Robert L., 194
- Ringling Brothers and Barnum & Bailey, circo, 156, 158, 159, 164-165, 166, 243
- Ringling Brothers and Barnum & Bailey, apóia o tratamento humanitário, 164-165
- Ringling Brothers and Barnum & Bailey, opõe-se aos direitos animais, 164-165
- Roberts, Mary, médica veterinária, 140-141
- rodeio, 186-191
- rodeio, cavalo xucro, montaria em, 187-188
- rodeio, laço de bezerro, 188-189, 190
- Rollin, Bernard, 113-114
- Ryder, Richard, 127, 210-211
- santuário de animais de granja, 122-125
- Schweitzer, Albert, 195
- Scully, Mathew, 112-113, 114
- Sea World de San Diego, ii, 166-167, 171
- Serviço de Inspeção de Saúde Animal e Vegetal [Animal and Plant Health Inspections Service, APHIS], 163, 206, 215-216, 250
- Showing Animals Respect and Kindness, SHARK, 189-190

- Silva, Loles, 193
- Slifka, Alan, 165-166
- Snickers, bezerro, 124-125
- Sociedade Humanitária dos Estados Unidos [Humane Society of the United States, HSUS], 144, 145, 180
- "socorro aberto", 244-245
- Stall Street Journal, 108, 111
- Stauber, John C., 20
- Stein, Jenny, 28, 124
- Sterling and Reid Brothers, circo, 162
- Studwell, Peter, 179
- sujeitos-de-uma-vida, iv, v, 60-62, 65-66
- sujeitos-de-uma-vida, definindo o limite, 73-75
- sujeitos-de-uma-vida, e animais, 66-72
- sujeitos-de-uma-vida, e direitos animais, 72-76
- sujeitos-de-uma-vida, e direitos humanos, 60-62
- sujeitos-de-uma-vida, e ensinamentos religiosos, 71
- sujeitos-de-uma-vida, e evolução, 69-71
- sujeitos-de-uma-vida, e mamíferos, 72
- sujeitos-de-uma-vida, e pássaros, 73
- sujeitos-de-uma-vida, e peixes, 74-75, 120-122
- Suwanna Ranch, 123
- Swan, James A., 183
- teste do reflexo da piscada, 140, 142
- testes de toxidade, 208-212, 246
- testes de toxidade, alternativas ao uso de animais, 211-212
- testes de toxidade, DL<sub>50</sub>, 209-211
- testes de toxidade, proibidos pela União Européia, 212
- testes de toxidade, tipos de, 208
- The Case for Animal Rights*, 87-88
- Thibault, Robert, 140
- Trutt, Fran, 20
- Uma declaração de guerra: matando gente para salvar animais e o ambiente*, 21
- União Européia, 136, 146, 212, 219
- United Egg Producers [União dos Produtores de Ovos], apóia o tratamento humanitário, 245
- United Poultry Concerns, 122
- Universidade do Colorado, Escola de Medicina, 203-205
- U.S. Surgical, corporação, 19, 20
- vacas, capacidades cognitivas das, 124-125
- vandalismo, 185, 236
- Vegetal [Animal and Plant Health Inspections Service, APHIS], 163, 206, 215-216, 250
- Verdi, Robert, 137-138
- vincianos, 25-28, 31, 33, 35, 40, 41, 76, 103, 253
- violência, argumento em defesa do uso da, 238-240
- violência, significado de, 237-238
- vivissecação, ii, 19, 202-205, 213, 217-219, 221, 229, 238, 240, 246
- Voltaire, 74
- von Haugwitz, Dietrich, 254
- Watson, Paul, 13-14
- Wesley, John, 83
- Whetstone, David, 194
- Wright State University, 207
- Wynne-Tyson, Jon, 27
- Yankovic, Weird Al, 38
- Yourofsky, Gary, 160
- zôos, papel nas caças cercadas, 180-181



